

Alterosa



Max Factor

HEDDY LAMARR
Estrela MGM



Lábios de um vermelho puro!
com *Baton Tru-Color*

Só os vermelhos reais, humanos, formam as bocas atraentes. Seis tonalidades de vermelho puro são encontradas exclusivamente no Baton Tru-Color de



Para melhor aplicar o baton use o Pincel para lábios retrátil Max Factor-Hollywood

Max Factor Hollywood

CAPA

Adele Jergens, a fascinante artista da Colúmbia, numa tricromia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

O Suave Milagre	
Eça de Queirós	2
Lillie	
Jules Lemaitre	6
Natal no Saara	
Jean Pommeroy	10
A Justiça das Leis	
Afrânio Peixoto	14
A Lenda da Rosa de Natal	
Selma Lagerlof	18
O Poder da Fé	
Luis Arturo Cunningham	26
Presente de Natal	
Lloyd C. Douglas	34
Inspira, de olhos de amêndoa	
Nóbrega de Siqueira	170

CRÔNICAS

Eterno Soneto de Natal	
Alberto Olavo	41
O Natal de Irmão Francisco	
Oscar Mendes	60

DIVULGAÇÃO

Pequenos por fora	
Olga Obry	46
O Menino Prodígio de Nossos Dias	
Doleta Oxílla	56
Agências de Casamento em Berlim	
David Brown	62
O Rei Escravo	
Lúcia Machado de Almeida	82
Morto Pelas Granadas	
George Maryagem	94
Recordar é Viver	
Abílio Barreto	108

REPORTAGEM

Mande Sua Carta a Papai Noel	154
------------------------------	-----

HUMORISMO

De Mês a Mês	
Guilherme Tell	42
Pinços da História	
Joaquim Laranjeira	52
Quitandinha	
Pinho Madeira	158

RÁDIO

A partir da página	96
--------------------	----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	113
O Cabelo na Beleza Feminina	142

CINEMA

Hoje e Amanhã	134
De Cinema	136
Susana Casou-se de Verdade!	138

DIVERSOS

Sedas e Plumas	44
Enxargos	48
Vitrine Literária	50
Página das Mães	72
Caixa de Segredos	107
O Mês em Revista	150
Arte Culinária	152
Grafologia	182
No Mundo dos Enigmas	184

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO NATAL



Belos moinhos e pelas granjas,
dando às crianças pão e laranjas,
dizem os velhos de uma alqueria
que anda de noite Santa Maria.
Deixa perfumes por todo o lado;
um manto leva todo estrelado;
sopra nos ramos — e brotam rosas,
suspira — e cantam aves maviosas.
Os seus cabelos manam rocio,
e abre-se em rendas de prata o rio
para que passe da água através
sem que se molhem seus niveos pés.
Ronda de noite pelos casais;
de espigas louras enche os trigais,
e com as mãos brancas como o luar
as azeitonas faz madurar.

E quando passa pelos ouleiros,
os cães-de-guarda dos pegureiros
logo se calam e vão, num bando,
as suas largas candas meneando,
lamber-lhe, alegres, os pés desnudos
com seus focinhos negros e rudos.
Ao órfãozinho vai ver no leito,
limpa-lhe os olhos e o achega ao peito,
e o infante dorme feliz — sonhando
que com anjinhos está brincando.
Chega-se ao leito do moribundo
e, na hora extrema do adeus ao mundo,
recolhe a alma — levando-a, pura,
até seu filho que está na altura.
...Pelos moinhos e pelas granjas
dando às crianças pão e laranjas,
dizem os velhos de uma alqueria
que anda de noite Santa Maria.

Villacépeda

ALTEROSA é uma publicação mensal da Soc. Editora Alterosa Ltda. Sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Redator-chefe: Mário Matos. Secretário: Jorge Azevedo. Assinaturas, sob registro postal: Cr. \$40,00 para 1 ano; Cr. \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência, assim como cheques, vales postais e outros valores, devem ser enviados à Soc. Editora Alterosa Ltda.

O SUAVE MILLAGRE



Conto de

EÇA DE QUEIRÓS

Ilustrações de RODOLFO

NESSE tempo Jesus ainda não se afastara da Galiléia e das doces, luminosas margens do lago de Tiberíade: — mas a nova dos seus Milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre oliva's e vinhedos, no país de Issachar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo Profeta, um Rabí formoso percorria os campos e as aldeias da Galiléia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E enquanto descansava, sentado à beira da Fonte dos Vergéis, contou ainda que esse Rabí, na estrada de Magdala, sarára da lepra o servo dum Decurião Romano só com estender sobre ele a sombra das suas mãos e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gérasenos onde começava a colheita do bálsamo, resuscitara a filha de Jaira, homem considerável e douto que comentava os Livros na Sinagoga. E como em redor, asombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha ao ombro, lhe perguntassem se êsse era, em verdade, o Messias da Judéia e se diante d'êlo refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas tôres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o Aqueducto, logo sumindo na espessura das amendoeiras em flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo por tôda a campina que verdeja até Ascalon, o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do logar; as crianças, colhendo ramos de anêmonas, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicomoro, não surgiria uma claridade; e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora, então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, duma família pontifical de Samaria que sacrificara nas aras do Monte Ebal, senhor dos fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio de orgulho como

o seu celeiro de trigo. Mas um vento árido e-abrazado, êsse vento de d-solação que ao mando do Senhor sopra das terças terras d'Assur, matára as rezes mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em tórno dos olmos e pilares despídos, sarmentos, cêpas mirradas, e a parra roída de crespa ferrugem. E Obed agachado à soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, rumilhava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira falar dêsse novo Rabi da Galiléia, que alimentava as multidões, amendrontava os demônios, emendava tôdas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Appolonijs, ou Rabi B-n-Dossa, ou Simão, o Subtil. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrêlas, para eles sempre claras e fáceis nos seus segredos; com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egito; e agarram entre os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galiléia, mais novo, com magias mais viçosas de certo, se êle largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galiléia o Rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Engadin, no país d'Assachar.

Os servos apertaram os cinturões de couro — e largaram pela estrada das Caravanas que, costeando o Lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hermon. Depois na frescura duma manhã macia, o

lago de Tiberiade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergéis, de rochas de porfiro, e de alvos terraços por entre os pomares, sob o vôo das rôlas. Um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca duma ponta de relva, assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O Rabi de Nazaré? Oh! desde o mês de Ijar, o Rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas.

Os servos correndo, seguiram pelas margens do rio, até diante do vau, onde êle se estira num largo remanso, e descança, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Um homem da tribo dos Essênios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, pela beira da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos humildemente saudaram-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e cândido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia êle da passagem do novo Rabi da Galiléia que como os Essênios ensinava a doçura e curava as gentes e os gados? O Essênio murmurou que o Rabi atravessara o Oásis de Engadi, depois se adiantara para além... — Mas onde,

16
1946/12
"além?" — Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essênio mostrou as terras d'Além Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arqueando pelos rudes trilhos, até às fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Makau... No Poço d'Ycabo repousava uma larga caravana que conduzia para o Egito mirra, especiarias e bálsamos de Gilcad; e os camelheiros, tirando a água com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancara sete demônios do peito duma tecedeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo salteador Baradas se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo acoadadamente, pelo caminho dos Peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às Nascentes da Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no Lago, num batel de pesca, e à vela navegara para Magdala. E os servos d'Obed, descoraçoados, de novo passaram o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as san-





DUAS FORMULAS DIFERENTES para dois males diferentes

De acordo com os imperativos da
razão, da ciência e do bom senso:



N.º 1: Regras abundantes, pro-
longadas, repetidas, hemorragias
e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras
atrazadas suspensas, deminuidas
e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

O REMEDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

VAUMART

Gentil leitora: você já pensou que significaria para o futuro de sua Pátria uma campanha espontânea em que cada brasileira ensinasse a ler e a escrever? Por que não inicia desde hoje a parte que lhe compete nessa grandiosa tarefa de brasilidade?



GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÊDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

ARAUJO

PHOTOGRAFIAS
ZINCÓGRAFIAS
TRICROMIAS
DUBLÉS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.

CLICHÉS



RIO DE JANEIRO

dálias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judéia Romana, cruzaram um fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula. Com devota reverência detiveram o homem da Lei. Encontrara ele por acaso esse Profeta novo da Galiléia, que, como um Deus passeando na terra, semeava milagres? A adunca face do Fariseu escureceu enrugada — e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

— Oh, escravos pagãos! Oh, blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora, de Jerusalem? Só Jeová tem força no seu Templo. De Galiléia surgem os néscios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: *Racca! Racca!* e todos os Anatemais rituais. Os servos fugiram para Enganim*. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus da Galiléia.

Por esse tempo, um Centurião Romano, Publius Septimus, comandava o forte que domina o vale de Cesaréia, até à cidade e no mar. Publius, homem áspero veterano da campanha de Tibério contra os Partas, enriquecera durante a revolta de Samaria com presas e saques, possuía minas na Ática, e gozava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaccus, Legado Imperial da Síria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa, como um verme rói um fruto muito suculento. Sua filha única, para ele mais amada que vida e bens, definhava com um mal sutil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculápios e mágicos que ele mandara consultar a Sidon e a Tiro. Branca e triste como a lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo pálidamente a seu pai, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara da Itália, numa opulenta galera. Ao seu lado, por vezes um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flexa, e varava uma grande águia, voando de asa serena, no céu rutilante. A filha de Septi-

mus seguia um momento a ave, torneando até bater morta sobre as rochas: — depois, com um suspiro, mais triste e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Septimus, ouvindo contar, a mercadores de Chorazin, d'este Rabi admirável, tão potente sobre os Espíritos que sarava os males tenebrosos da alma, des-tacou três decúrias de soldados para que o procurassem pela Galiléia, e por tôdas as cidades da Decapola, até à casa e até Ascalon. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandálias fer-radas apressadamente se afastaram, ressoando sobre as lages de basalto da estrada romana, que desde Cesaréia até ao Lago corta tôda a Tetrarquia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das me-das; e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que eles bebiam dum trago, sentados à sombra dos sicómoros. Assim correram a Baixa Galliléia — e do Rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, des-confiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra submissa. A' entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabi, rasgando os seus veus às vir-gens; e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos bur-gos, penetravam nas Sinagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas Thebars, os Santos Armários de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hebron arras-taram os Solitários pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o Rabi; — e dois mercadores Fení-cios que vinham de Joppé com uma carga de malobatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dra-chmas a cada Decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bra-vios pastores de Idumêa, que le-vam as rezes brancas para o Tem-

plo, fugiam espavoridos para as serranias, apenas luziam, em al-guma volta do caminho, as ar-mas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacu-diam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arroja-vam sobre eles as Más-Sortes, in-vocando a vingança de Elias. As-sim tumultuosamente erraram até Ascalon; não encontraram Je-sus; e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandálias nas areias ardentes.

Uma madrugada, perto de Ce-saréia, marchando num vale, avis-taram sobre um outeiro um ver-denegro bosque de loureiros, on-de alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico de um tem-plo. Um velho, de compridas bar-bas brancas, coroado de fôlhas de louro, vestido com uma túnica côr de açafrão, segurando uma curta lira de três cordas, espera-va gravemente, sobre os degraus de mármore, a aparição do sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo Sacerdote. Conhecia êle um novo Profeta que surgira na Ga-liléia, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mu-dava a água em vinho? Serena-mente, alargando os braços, o se-reno velho exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

— Oh, romanos! pois acreditais que em Galliléia ou Judéia apare-çam profetas consumando mila-gres? Como pode um bárbaro al-terar a Ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palá-vras ocas, para arrebatam a es-pórtula dos simples... Sem a permissão dos Imortais nem um galho seco pode tombar da árvo-re, nem sêca fôlha pode ser sacu-dida na árvore. Não há profetas, não há milagres... Só Apollo Delfico conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesaréia. E grande foi o desespero de Septimus, por-que sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Ti-ro — e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos males, cres-cia, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hermon e, através dos hortos, reanima e levanta as açucenas pendidas.

Ora, entre Enganim e Cesaréia num casebre desgarrado, sumido na prega dum cerro, vivia a êsse



HÁ VERDADES essenciais que participam de nossa vida a ponto de renová-la constantemente sem que o percebamos. Assim é a presen-ça do Cristo. Não será num simples mês ou mesmo dia o ano que iremos ressuscitá-lo em nós, já que nos alimentamos de sua própria substância e só por êle vivemos e espera-mos. Mas não se pode negar a doçura do Natal. Doçura ima-nente, que nos conteria ao enunciado dêsse nome miste-rioso: Natal.

Feliz Natal! nos grita o com-panheiro, num encontro de rua. É uma formalidade como outra qualquer. Esse amigo nos diz tal gentileza como nos dirigiria os cumprimentos mais triviais. Contudo, o seu "bom-dia" ou o seu "boa-tarde" se perderiam entre as banalidades que coti-dianamente se acrescentam ao nosso espírito, sem enriquecê-lo. Não assim o seu "Feliz Nat-al".

Lemos no romance "O Ama-nuense Belmiro", do nosso Ci-ro dos Anjos: "A humanidade se transfigura neste dia extra-ordinário. Que elemento se in-troduzirá na essência das coí-sas para que tudo venha, assim, apresentar uma face nova e desconhecida, e para que todos os seres ganhem uma expres-são especial, quase graciosa, de agitada felicidade?" Eis uma pergunta que não nos compe-te responder: o divino ao que é divino. Compete-nos, isto sim, fruir das alegrias do Natal. O que mais perturba não é o sentido profundamente sobre-natural que têm êsse dia, a transfiguração a que nos con-duz e que tão bem fixou o ro-mancista. Perturba-me a sua capacidade de resistir ao tem-po e às contingências, o que lhe atesta ainda a divindade.

Pouco importam as filas, a carestia, os protestos... Vem o Natal e com êle a doçura, a ne-cessidade de nos purgarmos de tôdas as melancolias. As do-ces comemorações domésticas do Natal não serão menos do-ces porque faltem as nozes e as castanhas. O Natal se sobrepõe às dificuldades e um simples copo d'água bebido nesse dia miraculoso tem o sabor de um néctar que jamais encontrare-mos senão em Jesus Cristo, nes-se menino que está sempre nas-cendo em Belém e no coração dos homens. Feliz Natal, leito-res!

GUY D'ALVIM FILHO

(Conclui na página 192)

DEITADA NUM LEITO de púrpura, a princesa Lilite, filha do rei Herodes, achava-se imersa em graves pensamentos, enquanto a negra Noun agitava sobre o seu rosto um leque de plumas e o galo Astarote dormia junto aos seus pés.

Tinha a princesa Lilite quinze anos. Seus olhos eram profundos como uma água de cisterna e sua boca semelhante a uma flor de hibisco.

Ela pensava em sua mãe, a rainhá Mariana, morta quando Lilite era ainda muito pequena. Por isto ignorava que seu pai a tinha matado por ciúmes, porém sabia que ele conservava, no interior de um quarto secreto, o corpo da rainha embalsamado com mel e aromas, e que a pranteava ainda.

Pensava em seu pai, tão atrabiliário e sempre enfermo. A's vezes, via-o encerrar-se em sua alcova onde soltava gritos de pavor. E' que se lhe afigurava, a ele, rever aqueles que mandara matar: seu cunhado Costobar, sua mulher Mariana, seus filhos Aristóbulo e Alexandre, irmãos de Lilite, sua sogra Alexandra, seu filho Antipater, o doutor da Lei bababem-Buta e tantos outros. E, posto que Lilite ignorasse estes fatos seu pai inspirava-lhe terror.

Pensava no Messias esperado pelos judeus, do qual lhe tinha muitas vezes falado sua ama Eglá, já falecida, e, embora devesse o Messias, segundo lhe constava, reinar em lugar de Herodes, ela dizia consigo que havia de vê-lo, e a certeza desse acontecimento maravilhoso desviava-a de imaginar como poderia ele verificar-se.

Pensava, enfim, no pequeno Hozael, filho de sua irmã de leite Zebuda, residente em Betlém. Hozael era um menino de um ano, que mostrava um sorriso cândido e já começava a falar. A princesa amava-o ternamente e, quase todos os dias, fazendo atrelar a carruagem de cedro, ia com a negra Noun visitá-lo.

Lilite pensava em tudo isto e via quão isolada se achava no mundo, só encontrando um pouco de alegria nos momentos que passava perto do pequeno Hozael.

*

Lilite saiu para o jardim, a fim de passear sob os grandes sicomoros. Aí encontrou o velho Zabulão, que fôra outrora capitão dos guardas do rei. Herodes havia substituído sua guarda judaica por soldados romanos, mas, tendo confiança no velho Zabulão, encarregara-o de vigiar a parte do

palácio que a princesa Lilite habitava. Zabulão, valetudinário havia alguns anos, fazia-se aquecer ao sol em um banco de pedra. A idade tinha-o curvado tanto que sua longa barba se dobrava de encontro aos joelhos.

— Estás triste, Zabulão?

— E' que eu soube por um centurião que o rei deu ordem de matar amanhã, a partir da aurora, todos os meninos de Belém que tenham menos de dois anos.

— Oh! — fez Lilite — Por quê?

— Os magos anunciaram que o Messias havia nascido, mas não há sinal por que possa ser reconhecido e os magos não vieram dizer se o acharam. Matando todos os meninos de Belém, o rei está certo de que o Messias não escapará.

— Realmente — disse Lilite — isso foi bem imaginado.

E após um momento de reflexão:

— Será que poderei vê-lo?

— Quem?

— O Messias.

— Para vê-lo seria preciso saber onde ele está, e, se o soubesse, o rei não teria necessidade de matar todos os meninos da vila.

— E' exato — respondeu Lilite.

E acrescentou em voz baixa, como que temendo suas próprias palavras:

— Meu pai é muito malvado.

Repentinamente indagou:

— E o pequeno Hozael?

— Morrerá como os demais, pois os soldados passarão revista a todas as casas.

— Todavia estou convicta de que Hozael não é o Messias. Como querem que ele seja o Messias, se é o filho de minha irmã de leite?

— Intercedei por ele a vosso pai — sugeriu Zabulão.

— Não me atrevo — disse Lilite.

E prosseguiu:

— Irei, com Noun, buscar eu mesma o pequeno Hozael, e escondê-lo-ei no meu quarto. Ali estará a salvo, porquanto o rei quase nunca vai lá.



Lilite mandou pôr as mulas na carruagem de cedro, foi a Btlém com Noun, entrou em casa de sua irmã de leite, Zebuda, e disse-lhe:

— Há muito tempo que não vejo Hozael. De-sejo levá-lo para o meu palácio e conservá-lo comigo um dia e uma noite. A criança está desmamada e já não precisa dos teus cuidados. Vou dar-lhe um "robe" de jacinto e um colar de pérolas.

E não contou a Zebuda o que tinha sabido per intermédio de Zabulão, pois tremia só de pronunciar o nome de seu pai. Contudo, notou que do semblante de Zebuda se irradiava uma alegria poucas vezes observada.

— Por que estás tão contente?

Zebuda hesitou um momento e disse:

— Estou contente, princesa Lilite, porque amais meu filho.

— E onde está teu marido?

Zebuda hesitou ainda e respondeu:

— Foi reunir o rebanho na montanha.

Após ordenar a Noun que escondesse debaixo de suas vestes o pequeno Hozael, Lilite voltou ao seu palácio com a boa escrava, à hora em que o sol lançava sobre Jerusalém os seus últimos raios.

*

Chegando ao seu quarto, Lilite assentou nos seus joelhos o pequeno Hozael, que ria e tentava agarrar os longos brinco da princesinha.

Foi quando Noun, que na sala próxima preparava um alimento para o petiz, acudiu, exclamando:

— O rei! Vem aí o rei!

Lilite apenas teve tempo de esconder Hozael no fundo de uma grande cesta e de cobri-lo com um montão de trapos.

O rei Herodes entrou a passos pesados, o dorso arqueado, os olhos sanguíneos, a face terrosa, sacudindo sobre o peito colares e placas de ouro. Seu queixo estava de tal maneira agitado que fazia estremecer toda a barba entrelaçada.

Perguntou a Lilite:

— De onde vens?

Ela respondeu:

— De Jericó.

E levantou para o rei os olhos tranquilos.

— Oh! Como se assemelha! — murmurou Herodes.

Nesse momento partiu da cesta um pequeno grito.



Pilherias



— Adoro demais a uma médica, meu caro, mas não me atrevo a declarar-me...

— Ora, por quê?!

— Porque receio que, ao pegar-lhe a mão para acariciá-la, ela me tome o pulso...

*

— Meu pai tem contribuído muito para o alevantamento das classes operárias.

— Oh, então ele deve ser um grande socialista...

— Ora, nada disso. É fabricante de despertadores...

*

— Deitaste no correio a carta que te dei?

— Deitei, sim, minha querida. Levei-a na mão para não me esquecer e deitei-a na primeira caixa. Lembro-me, porque...

— Deixa de inventar pelas, homem! Eu não te dei carta nenhuma para o correio...

*

— Esta madrugada entrou um ladrão em minha casa. Eram três horas, justamente quando eu vinha do clube e me dirigia para lá...

— E levou alguma coisa?

— Se levou! Levou uma bordoadada!... Está no hospital. Minha mulher pensou que fosse eu...

*

— Por que não cumprimentas o Soares e nem sequer o olhas?

— Porque foi noivo de minha mulher!

— Ah, tu o odeias...

— Jamais o perdooarei de não haver-se casado com ela, aquele bandido!

*

— Neste quadro — exclamou o pintor modernista — consegui representar todo o horror da guerra!

— Realmente — gritou um dos presentes — é um quadro horroroso...

*

— Teus cabelos, minha filha, estão outra vez despenteados! Aquêlê rapaz beijou-te contra a tua vontade?

— Ele pensa que sim...

*

— Luíza, sabes que te amo há muitos anos e que não posso continuar a viver sem a tua resposta: queres ser minha esposa?

— Mas eu já te disse que não na semana passada!

— Ah, mas... foste tu?!... Bolas!...

*

— Sabes nadar?

— Acho que sim... Tive um tio que por muito tempo manteve correspondência com um pescador...

— Queres calar-te? — disse Lilite ao gato Astrote, que dormia sobre o tapete.

Em seguida disse ao rei:

— Pareceis aflito, meu pai. Quereis que eu vos cante uma canção?

E, tomando a cítara, entou uma canção sobre as rosas.

O rei murmurou:

— Oh! Esta voz!

E afastou-se, como que apavorado, porque os olhares e a canção de Lilite o tinham feito recordar a voz e os olhos da rainha Mariana.

*

Pouco depois a princesa foi ao jardim e viu o velho Zabulão chorando.

— Por que choras, velho Zabulão? — perguntou-lhe.

— Vós o sabeis, princesa Lilite. Choro porque o rei quer matar o Messias.

— Mas — replicou Lilite — se êsse menino fôsse realmente o Messias, os homens não teriam bastante poder para matá-lo.

— Deus quer que alguém o ajude — respondeu Zabulão. — Princesa, vós que sois boa e compassiva, deveis prevenir os pais dessa criança.

— Mas onde os encontrarei?

— Interrogaí os habitantes de Belém.

— Mas devo eu salvar aquêlê que expulsará minha gente dêste palácio, aquêlê que me tornará talvez um dia uma pobre encarcerada ou uma mendiga das ruas?

— Esses tempos estão distantes — disse Zabulão — e o Messias é ainda muito tenro, mais frágil do que o pequeno Hozael. Depois, o Messias terá bastante poder para reinar sem fazer mal a ninguém. E, se algum dia tiverdes uma filha, princesa Lilite, o Messias, quando fôr grande, poderá pedi-la em casamento.

— E tens plena certeza de que êle é o Messias? — perguntou Lilite.

— Tenho — disse Zabulão — pois nasceu em Belém na época marcada pelos profetas, e os Magos viram a sua estrela.

— Ele deve ser belo, embora pequenino, não achas, Zabulão?

— Está escrito que êle será o mais belo dos filhos dos homens.

— Irei vê-lo — disse Lilite.

*

Anoitecendo, Lilite envolveu-se toda em véus negros. Suas pulseiras de ouro, seus colares e suas pedras preciosas reluziam, através dêsses véus, tão suavemente como as estrelas do céu, e assim Lilite era a imagem da própria noite, de que trazia o nome, pois Lilite, em lingua hebraica, significa noite.

Saiu secretamente do palácio com a escrava Noun e ia pensando pelo caminho:

— Eu não queria que o Messias arrebatasse a coroa a meu pai, pois me seria rigoroso não mais habitar um belo palácio e não mais possuir belos tapetes, lindos vestidos, jóias e perfumes. Mas também não quero que se mate êsse pequeno recém-nascido. O melhor é dizer a meu pai que descobri o seu abrigo; e em recompensa dêsse serviço, pedir-lhe-ê que poupe êsse menino e o guarde em seu palácio. Assim êle não poderá prejudicar-nos e, se é verdadeiramente o Messias, até nos associará ao seu poder.

Lilite encontrou Zebuda em oração com seu

(Conclui na página 198)



—Parecia-me um PANELÃO de QUARTEL!

...até que o Vinho Reconstituente Silva Araujo me devolveu o bem-estar e as energias perdidas!

Essa impressão estranha de cansaço pode resultar apenas do sangue fraco, pobre e desnutrido. E se assim é, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, é o tônico indicado para o rea-

justamento de suas energias. Faça esta preciosa experiência e sentirá logo animadores resultados. É que o Vinho Reconstituente Silva Araujo, receitado por nomes ilustres da nossa medicina, é rico em cálcio, quina, fósforo e peptona de carne. E é um valioso restaurador para a sua vitalidade!



sor Renato de Souza Lopes:

A palavra de inúmeros grandes médicos brasileiros, acrescenta-se, também, a do ilustre profes-

"O Vinho Reconstituente Silva Araujo é uma tradição na terapêutica brasileira, até hoje, com justiça, acatada. Tal o motivo por que sempre o aconselho com a maior confiança".

Vinho Reconstituente

SILVA ARAUJO

— O TÔNICO QUE VALE SAUVE!



A febre aumentava as suas pulsações. Eram três no mesmo estado, no acampamento: êle, tenente Deroche, o sargento Tilly e o italiano Pietro. Estavam com "then" (o empaludismo do deserto), que dá uma febre impertinente, que quase não se percebe, mas que dá uma moleza incrível e, algumas vezes, produz o delírio. O pobre Tilly, deitado aos pés de Deroche, cantarolava baixinho; inconciente, Pietro, sentado fora, ao ar livre, tiritava.

Quem era êle? Um pobre homem, um pouco carpinteiro e um pouco pedreiro. Vivia horrivelmente em Biskra e necessitava ir a Gabi, onde tinha parentes; fôra-lhe concedida permissão para acompanhar a coluna do tenente Deroche, na travessia do deserto. Era sempre mais seguro ir com um destacamento militar que com uma caravana.

O tenente Deroche deu alguns passos no solo

de areia endurecido pelo frio. Sentia-se melhor do ataque de "then", mas estava inquieto. Inquieto porque ainda não passara o correio da Tunísia. Moktar, o sargento indigena, que êle mandara até um pequeno "ksar" (acampamento de Berberes), voltara dizendo que ninguém ali vira o correio passar. Isso punha o tenente nervoso. Não se podia confiar naqueles demônios de Berberes. Era provável que seus cálculos estivessem errados... às vezes o correio passa com três e mesmo quatro dias de atraso. Mas, Deroche estava também nervoso. E por quê? Porque nessa manhã, começando as anotações do dia, vira no alto da página em sua caderneta, a data impressa em letras róxas — 24 de dezembro. Véspera de Natal! Surgiu ante seus olhos a jovialidade e tumultuosidade desse dia em Paris ou mesmo em Tarbes — a cidade em que nascera. Quanta animação nas ruas. Quanta alegria nos la-

res! E êle, agora, só, diante daquela paisagem desoladora e com a responsabilidade de comandar aquêles homens bravos e valentes, é verdade, mas rudes, ignorantes e de outra religião. Cristãos, ali, somente êle, Tilly — que estava delirando, e Pietro, o italiano, uma criatura inculta, que talvez nem fizesse a conta dos dias.

Enganava-se. Quando voltou para a sua tenda, Pietro parecia esperá-lo, junto ao alpendre de lona; ao aproximar-se, êle lhe disse timidamente:

— E' a "notte santa", senhor tenente.

Deroche estremeceu. Desdenhoso dos civis, em geral, e dos estrangeiros, em particular, recebera com desagrado a ordem de permitir a presença daquele em sua coluna. Ele, durante todo o percurso, fingia ignorar a presença daquele estrangeiro. Nunca lhe dirigira a palavra e o pobre homem também se mantivera silencioso. E agora, humilde e imóvel, êle estava ali, como um mendigo. E notando o silêncio do tenente, repetiu em voz baixa:

— "La notte santa".

O tenente olhou-o com piedade, e resolveu indagar:

— De onde é você, Pietro?

— De Veneza. O senhor a conhece? E' muito bonita. Muitos "feresturi", vão lá...

— Conheço-a ... de fotografias.

— Deixei-a com vinte e cinco anos, e nunca mais voltei — disse o italiano de cabeça baixa. — Quando eu era pequeno, minha mãe me levava à Igreja, nessa noite, para ver "il Bambino"...

Sua voz alterou-se de emoção e Deroche sentiu um nó na garganta. Aquêles homens estavam ali mais só e mais isolado do que êle naquela imensidão de areia, entre argelinos e franceses, ambos desdenhosos dos estrangeiros.

Devia ser muito grande a saudade de sua Veneza longínqua, a Veneza de suas recordações de infância para que êle se atrevesse a lhe dirigir a palavra, arriscando-se a ser repellido e maltratado.

— "La notte santa".

— Venha cá, Pietro — disse, comovido, o tenente. Vamos tomar um "grog", eu, você, e o sargento Tilly. Já que não é possível fazer mais, ao menos um "grog" e umas tâmaras — para fingir uma ceia de Natal.

Tilly, felizmente, voltara à lucidez e sua febre diminuía.

São assim os acesos do "then": vêm... passam...

Quando o oficial lhe falou no Natal e num "grog", o sargento se ergueu e deu as instruções necessárias a Moktar, enquanto êle mesmo armava, diante da tenda, a mesa dobradiça. Depois, tirando da mala do oficial as canecas e a garrafa de conhaque, perguntou ao sargento indígena:

— Você sabe o que festejamos hoje? E' o "Mulud" dos Runis, o nascimento de Jesus.

O "spahi" mostrou todos os dentes num amplo sorriso.

— Eu sei. Sidna Aissa Jesus, o filho de Maryem — a Virgem. E' um grande profeta e é "idri Allah" (amigo de Deus). Ele é quem presidirá o "julgamento da Hora". E como Pietro e Tilly se mostrassem surpreendidos, o tenente explicou:

— Vocês não sabiam? Os muçulmanos não

NATAL NO SAA'RA

Conto de
Jean Pommeroy
Ilustração de Rocha

admitem a divindade de Jesus e atribuem a Mahomet o primeiro lugar em sua religião mas reconhecem que Jesus é um de seus precursores...

— Ora essa! — exclamou o italiano.

— Sim, a religião dêles é uma mistura de Judaísmo e de Cristianismo, com Mahomet de quebra... Em suas cerimônias, entoam hinos a Jesus, a Abrahão e ao Rei David...

Aquecida a água sobre a fogueira armada entre duas pedras, e como Tilly começasse a preparar os "grog", de pé, como era hábito, o tenente lhe disse:

— Sente-se, Tilly. E' noite de Natal.

E beberam devagar, trocando recordações de noites semelhantes — as barracas dos "boulevards" de Paris, as missas do Galo na Provença e os presepes de Veneza, com as suas alegorias. Cada um contava as delícias de uma noite de Natal, que lhe deixara suaves lembranças. Essas recordações acabaram por se tornar tão fortes que cada um, tomando o "grog" a pequenos tragos, sentia no conhaque o aniz provençal, a champanha de Montmartre, os longos doces de Veneza, escorrendo gordura e mel.

O olhar de Deroche, porém, treinado na vigilância constante, notara em torno um movimento anormal. Era verdade que êle ainda não mandara tocar silêncio; mas nunca vira seus "spahis" assim, em cochichos ou discutindo a meia-voz. Estaria acontecendo alguma coisa?

— Vá ver o que há — disse êle ao sargento.

Tilly voltou pouco depois, acompanhado de Moktar, que, fazendo uma cortetíssima continência, explicou:

— Os homens sabem que hoje é o dia do "Mulud" dos Runis, o "Mulud" de meu tenente... Então, êles querem cantar a "Canção dos Selans"... para alegrar o coração do bom tenente. Allah vê em nossos corações, bendito seja o nome de Allah. Queremos festejar o "Mulud" de nosso tenente, como se fôsse o nosso. Allah sabe que somos fiéis a sua lei e a seu profeta. Mas o senhor é um bom chefe e Sidna Aissa, filho de Maryem, é um grande profeta...

Os "Selans"? Deroche sabia... Eram pequenas velas vermelhas ou verdes que os argelinos acendem para uma espécie de oração cantada que dizem, dando voltas e caminhando em cadência, na noite do nascimento de Mahomet.



*Seu cabelo
é a moldura
de seu rosto!*

O Shampoo Dagelle, feito à base de óleo vegetal, de espuma abundante e perfumada, restaura o brilho do cabelo, renovando-lhe a vitalidade e tornando mais expressivo seu encanto pessoal.

Complete o tratamento de seu cabelo, usando Brilhantina Dagelle.



Para a beleza do cabelo

Shampoo Dagelle

Em todas as perfumarias e farmácias

IA-528

Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ
FINISSIMO E
PERFUMADO**



PERFUMARIA MARCOLLA
FELLO HORIZONTE

Emocionado, o tenente levantou-se e apertou a mão do sargento indígena.

— Vá — disse ele — e diga aos homens que lhes sou profundamente grato pela lembrança.

Pouco depois surgiram as pequeninas luzes e os barbudos "spahis", envoltos em seus mantos enormes, em fileira, descrevendo um grande círculo e cantando uma monótona melodia, profundamente sugestiva no meio daquela imensidade de areia. Cantavam com voz grossa, sérios, como na noite sagrada do "Mulud" de Mahomet.

Quando as minúsculas luzes se apagaram e, com elas, as vozes dos cantores, Deroche enxugou os olhos, tossiu para se reanimar, e declarou com a sua alta e firme voz de comando:

— Obrigado, meus caros amigos. Amanhã será dia de repouso, e todos, pois, poderão ir, em turmas, ao "Ksar", para distraírem-se um pouco. Agora, é tarde. Vou mandar tocar silêncio. Obrigado.

Queria ficar sózinho, para poder chorar livremente, sem que ninguém visse.

*

Agora, tudo é silêncio em torno do tenente Deroche. Não se ouve o menor barulho no céu muito claro, as estrelas brilham pálidamente.

As fumaças que saem das foguetas, quase apagadas, aqui e ali, parecem homenagens ao céu, agradecendo, pelo tenente Deroche, a lembrança daqueles homens rudes e generosos do Saara.

*

UMA DE TWAIN

MARK TWAIN residia há anos em Bufalo, quando vieram instalar-se em frente de sua casa dois casadinhos, em plena lua de mel.

Passados alguns dias, em uma linda manhã, quando Mark Twain escrevia um conto, qualquer coisa estranha chamou a atenção do humorista, que se levantou, dirigindo-se, à casa do casalzinho.

Os jovens abriram a porta; Mark Twain cumprimentou-os, entrou, sentou-se e, com muita calma, disse:

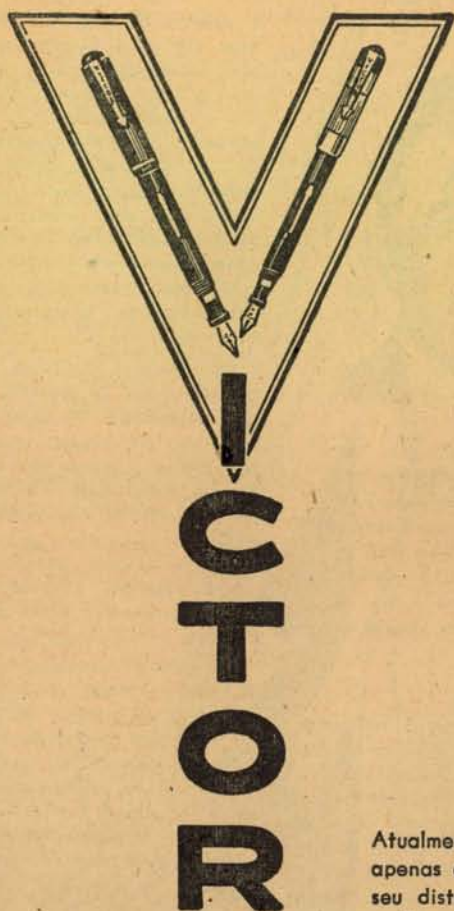
— Senhor e senhora: chamo-me Clemens; eu e minha senhora desejávamos ter vindo há tempo apresentar-lhes as nossas sinceras felicitações. No entanto, não nos foi possível fazê-lo, motivo por que desejo agora pedir-lhes desculpas, por mim e por minha senhora, rogando-lhes que não levem a mal a nossa aparente indiferença, pois desejamos sincera e ardentemente que sejam sempre felizes, um ao lado de outro, e que o anjo da paz esteja, durante toda a vida, as suas grandes asas brancas sobre suas jovens cabeças prodigalizando-lhes uma doirada aurora de bênçãos e carinhos...

Os nubentes ficaram deslumbrados diante daquela manifestação de grande fraternidade humana:

— Oh! nós... nós ficamos muito agradecidos...

— Bem, bem, meus filhos... Já que agora nós nos conhecemos, desejo dizer-lhes que o fundo de sua casa está pegando fogo...

E estava mesmo.



Atualmente, as canetas-tinteiro VICTOR são encontradas apenas em quantidades limitadas. É possível, pois, que o seu distribuidor não as tenha no momento. Nesse caso, pedimos-lhe que aguarde com paciência até que se reabasteça o estoque das utilíssimas canetas-tinteiro Victor, que tão bons serviços prestam tanto na guerra como na paz.

A caneta perfeita

FABRICAÇÃO AMERICANA

MARCAS VICTOR

VICTAPEN-BROADWAY-PENUSCO-VICTOR

U.S.VICTOR FOUNTAIN PEN CO. INC. - 225 LAFAYETTE STREET - NEW YORK - N.Y. - U.S.A.

A JUSTIÇA DAS LEIS

Afrânio Peixoto

ILUSTRAÇÃO DE FÁBIO

SE a lei moral ou social, embora fixada na escrita, para incorruptibilidade, tem no coração humano intérpretes que a amoldam às circunstâncias, para a virtude de Dona Leonor não havia essas transigências, por mais idôneos ou qualificados que fossem os intérpretes. Era o espírito, e a letra.

De uma vez em que, doente, parecia em perigo de vida, quase não conseguiram as filhas que recebesse, em confissão, o jovem pároco da freguezia próxima. Era padre, e, no seu ministério, o vigário de Cristo, Deus portanto.

Não importa, mas não era digno, porque não procedia bem e não seria em virtude sem mácula que se havia de prosternar aos pés dele, para se acusar de pecados veniais.

— Esse do orgulho, redarguíram as meninas, piedosas e instruídas, era o mais grave dos pecados mortais: fôra o do Anjo mau...

— Não era por orgulho, e sim por decência. Aquêlê homem de maus costumes, que ofendia o seu ministério, e perdia almas com o seu exemplo, não merecia o sacerdócio e as suas sublimes prerrogativas...

— Era orgulho, sim, superpôr o seu juízo, ao da Igreja, que o havia investido das funções de padre... Depois, era sabido, no exercício delas, desaparecia o mau homem e só ficava o sacerdote, impoluto, porque, e enquanto, investido de missão divina...

Era a razão mesma; certamente, a razão religiosa. Dona Leonor convinha, mas, talvez menos orgulho de virtude do que pudor de mulher honesta, se magoava à idéia de ser julgada por um rapazinho leviano, sacerdote embora, que ofendia escandalosamente essa melindrosa prenda da castidade. Contudo, refletiu, e fez calar o zêlo ardente das filhas com a submissão à lei.

— Pois sim, mandem buscar o padre... Que não farei por vocês, e mais por meu Deus?

Veiu o padre, e longo tempo permaneceu na câmara da enferma, em confissão. Não se soube do que aí se passara. Ao retirar-se, cabibai-xo, como envergonhado, o sacerdote recolheu-se, e pôs-se a emendar os costumes, como fazendo penitência pública. Não podendo suportar a presença dos que lhe reconheceram,



Afrânio Peixoto é um dos mais eminentes polígrafos brasileiros. Nasceu na Bahia, em 1876. Membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra literária e científica é vasta e valiosa, colocando-o entre as mais representativas figuras da nossa alta cultura.

e talvez lhe facilitassem os erros, pediu remoção, e foi mudado de freguezia. Dona Leonor escapou à doença, mas dos lábios nunca se lhe escapou uma palavra alusiva à cena que se passara na sua alcova. Foi o jovem pároco, mais tarde, quem o referiu a um dos seus amigos, que o visitava na sua nova sede, aí já cercado de todo o respeito devido à virtude.

Acolhera-o Dona Leonor com afabilidade dizendo-lhe que só o mandara chamar para demonstração pública de sua fé, para tranquilidade piedosa dos seus. Era mulher temente a Deus, e à sociedade, de quem a família e os conhecidos poderiam testemunhar, ocupada em cumprir os deveres de cristã. Não podia, pois, ajoelhar-se aos pés dele, insultando os próprios cabelos brancos, e o pudor de mãe e de esposa, — a ele, um jovem que tão mal exercia o seu sacerdócio, escândalo vivo de impureza, que afrontava aos homens e a Deus. Ele é que devia confessar-se, para se arrepender, para emendar-se. Foi por aí, branda, suasória, inflexível na doutrina, conciliante com a pessoa, exortando-o à contrição, ao demais porque assim lhe falava uma moribunda, que ia dar contas a Deus,

e quisesa dele testemunhar. Fôra a cena tão patética pelo fervor de fé, pela unção de piedade, como velha mãe, à hora da morte, que ao demônio disputasse a sua criatura, quase perdida. Sem dizer palavra, a fronte, baixa, envergonhado, comovido, chorava, beijando-lhe as mãos. Uma delas, num gesto materno de sensibilidade, lhe alisara os cabelos, enquanto lhe dizia a voz piedosa: — Vá, meu filho, vá ser o que deve. E o arrependimento trouxera a virtude. Uma conversão.

Essa façanha de Dona Leonor não lhe aumentou os créditos, porque já não tinha, entre os seus, mais aonde subir, no conceito público. Com efeito, sua bondade era irmã gêmea de sua austeridade: o coração bom para a miséria era porém intransigente com o pecado. O pecado rebelde. Se a todas as desgraças procurava remédio, a todas as faltas e crimes promovia o castigo, e a reparação.

No povoado próximo, a sua fazenda, não protegia senão aos casais honestos, diligentes, metidos na lei de Deus, que ela ajudava, pondo na antipatia pública os que, ainda de longe, podiam, mesmo de leve, ofender a lei moral. Afastado o mau vigário da freguezia próxima, agora convertido e removido, edificara uma Igreja e, ao ser benta e entregue ao culto, viera uma missão de Capuchinhos da Bahia para consertar nas redondezas as vidas desleixadas ou escandalosas. Estava edificando um pequeno hospital e uma bonita escola: contratara os serviços de um médico, e acabava de chegar a professora que vinha inaugurar o ensino na Bela Vista.

O marido, os filhos, noras e genros prestavam-se a ajudá-la, como tocados do zêlo, que a fé e o exemplo não deixam de suscitar. Era o coronel Botelho digno da esposa e dos filhos, e tão bom e tão santo, diziam, que não se lhes conhecia, no lar, uma ruga, palavra ou ato descontraído. Chegavam até a comentar, entre sorrisos de condescendência e emoção de respeito devido, a mútua fraqueza do coração, de marido e mulher: quando um doente, o outro cônjuge deitava-se também, e os dois tomavam os mesmos remédios. Os filhos bons e bem criados viviam nessa regra e davam secreta e des-

culpável valdaça a Dona Leonor e ao coronel Botelho: iam ficando retratados pais.

Se os primeiros doentes tardavam ao hospital, tal a má fama dessas casas-pias, porque disciplinam e sofrimento, para a escola houve afluxo de pedidos de matrícula; não comportaria a todos, e havia mister mais mestres e mais edifício. Enquanto isto não era possível, Dona Leonor esteve perplexa, à pergunta da mestra, sobre o que devia fazer. A virtude lhe sugeriu logo a decisão. Primeiro, os que já não pudessem mais esperar. Entre estes, os melhores, como prêmio.

— Mas... como saber quais as melhores crianças?

— As dos melhores pais...

— Os melhores são os que se acham na regra





O nosso concurso de contos

NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um "Concurso Permanente de Contos", premiando com a importância de Cr\$100,00 o melhor trabalho que receba durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2.º — Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral, sadio e honesto.



Além do melhor trabalho do mês, premiado, também serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.



Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.



Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

de Deus... conforme à lei. Os filhos legítimos são as melhores crianças. Depois "os outros", se houver lugar.

Esses "outros" seriam concessão de bondade espontânea, porque logo se retratava, a essa fraqueza.

— Não, professora, não, primeiro os filhos legítimos. Depois, não sobrarão lugares para os outros. Ao menos os pais serão punidos nos filhos. E' a lei divina. E' a lei.

A professora baixou a cabeça ao critério, e assim fez. A' tardinha, ao dar-lhe notícia dos trabalhos, contou que uma rapariga, de certa instrução e boas maneiras, comedida mas firme, quisera reclamar contra a injustiça do critério adotado. Pois que não podiam ser os mais necessitados — eram-no todos — fôsem os mais capazes de aprender. Seu filho dela, não tinha pai vivo, não pudera ter pai legítimo, mas era injustiça, evidente, e clamorosa, que o punissem, sem culpa. Como respondesse a mestra que era a ordem, replicara enigmaticamente:

— Dona Leonor, se soubesse, não faria isso...

Não quis dizer mais. O fato é que estas poucas palavras foram objeto de comentário. Talvez conviesse tirá-las a limpo.

Pareceu a Dona Leonor que a professora se tocara de simpatia pela mãe e pelo filho, repudiados.

— Não lhe soube do nome?

A moça procurou lembrar-se:

— Feliciano, crelo... Maria Feliciano.

Dona Leonor sorriu.

— E' uma orgulhosa. Impertinente. Tem um filho, ninguém sabe de quem, ofendendo a Deus, à pobre mãe que morreu talvez de o saber, e vive aí sem procurar corrigir o seu erro... Tenho pena do pecador fraco, que, por isso, reincide no pecado; mas o insubmisso, que dele faz garbo, não, esse apenas merece castigo. Ainda bem que chegou o desta. Deve ser assim. Então, reclama contra a lei?

— Disse que se a senhora soubesse não faria isso. Não disse mais. Isso mesmo, porém, produziu entre os que o ouviram, curiosidade, de mistério.

— Pois bem, quero saber. Será ocasião de se humilhar. Pode até ser bom. Penitência. Se ela tornar, mande que me venha falar.

A mestra não se fez demorada, tanta simpatia inspira a reivindicação sincera que parece justa. Mandou recado à rapariga.

Foi assim que Maria Feliciano foi ter à presença de Dona Leonor.

Ela se veio aproximando vagarosamente, a cabeça baixa, o gesto humilde, e parou nessa atitude, sem palavra. Houve silêncio constrangido. A saudação, de parte a parte, tacitamente, foi suspensa. Depois de al-

gum tempo, Dona Leonor disse secamente:

— Você... a senhora pode repetir, ou explicar, as palavras que me mandou dizer?

— ... Eu só as disse porque a isso fui obrigada; não por mim, que as não diria nunca, mas por meu filho, que não tenho o direito de sacrificar...

Parecia maior o mistério. D. Leonor compreendeu ainda menos.

— Mas é isso mesmo que eu quero ouvir; não compreendi o seu recado...

A mão trêmula da rapariga enrolava um folho da saia, nervosamente. A custo pôde balbuciar:

— Só disse que, se a senhora soubesse... ele não seria privado de aprender, só porque não tem mais pai...

— Não é a orfandade dele que o afasta; seria até razão para o acelerar... mas tivemos de acolher, de preferência, os filhos legítimos, com ou sem pais vivos. Se houvesse lugar, iriam os outros.

Havia uma nota de desdém para esses outros, os espúrios. Esses "outros"... quisera a rapariga responder com alívio, levantou mesmo o rosto sério, que trazia abaixo, e então, comovida pela represália, uma simpatia de mocidade e de bravura, a tornava quase bela... esses "outros"... — cala-te, boca!

Dona Leonor reparou nesse bom parecer pela primeira vez, tocada de comunicativa emoção. Mas, logo, como adversárias, cada qual retomou a sua primitiva posição: uma não queria ceder, a outra estava decidida a ganhar a sua causa.

Repetiu, pois, a rapariga:

— Eu só disse que se a senhora soubesse...

— Mas é isso exatamente o que eu não compreendo. Se-eu-soubesse... "a quê"? Não gosto de mistérios.

— Se soubesse o que eu não posso, não devo dizer...

— Como hei de advinhar?

— Acreditando-me, sob palavra...

— E' muito boa!

Ria-se a matrona, prosseguindo:

— Por um estratagemas tão simples tudo se obteria...

— Sou incapaz de mentir... balbuciou a rapariga, com firmeza. — Graças a Deus, nem por meu filho, mentiria...

— Ele é, justamente, uma mentira sua, a Deus, à sua mãe, à sua honra...

— Ele é uma prova de amor, como poucas, muito poucas mulheres seriam capazes de dar... Ele é uma prova de desinteresse que outras, no meu lugar, não teriam dado.

Quisera ir-se, chorar à vontade, a tanta humilhação, mas estava resolvida a vencer, embora não dizendo tudo. E ali ficou. A matrona sor-

riu de novo, de alto, com um laivo de emoção na réplica:

— Ainda insistindo nela, nessa mentira, nesse pecado de que você ainda se não arrependeu, dá prova que não tem direito à exceção que pede... Há outras que mereceram mais...

Foi insípida e decisiva. Era, repentinamente, a causa perdida, por uma sentença inesperada. A sua altivez, o seu orgulho, o propósito de silêncio, foram vencidos, e, atônita, estendendo os braços súplices, Maria Feliciano exclamou:

— Perdão, Dona Leonor, eu não quis dizer, eu não devia dizer, mas a senhora me obriga. "Ele" me há de perdoar...

— "Ele" ... quem? Quem pôde ser?

— "Ele" ... seu filho... o finado, Pedro, o pai de Pedrinho...

Houve como espanto íntimo, uma clareira, uma pausa na expressão, como um choque brutal no coração... Como se mão de ferro, no silêncio, lhe batesse no peito... Um momento, de vacilação, mas depois se compôs — um sorriso de ironia ou de dúvida lhe aflorando aos lábios descolorados... "Aquele era forte... era capaz de tudo... até disso!" Dona Leonor pôde falar enfim...

— Meu filho, que Deus haja, era incapaz disso... Não o acuse, para me comover, que me aumenta a resolução a seu respeito. Ao menos, deixe os mortos em paz...

— A senhora não tem mais direito, como eu, ao amor dele... A senhora sacrificou-o... e eu, eu me sacrifiquei a ele...

Era demais! Lívida, quisera Dona Leonor mandar embora a intrusa caluniadora. Entretanto, a consciência acusada como que não tinha defesa pronta, e atarantava-se sem réplica. Os braços lhe caíram. O marido que chegara ao fim da cena e ouvira parte do diálogo, interveio...

— Diga tudo... Veremos se fala verdade.

Abaixou a moça os olhos e começou a sua narrativa, a princípio indecisa, depois fluente. Eram meninos e gostavam um do outro. Nem a condição da riqueza, nem os estudos, a ausência por eles, o afastaram dela, e, nas férias, os elos se apertavam, cada vez mais. Na casa humilde de Bela Vista havia sempre para ele boa acolhida, com um café, uma Jacuba, uma fruta. Era como filho ou irmão. Quando repreendido, lá se desmiar-se e tornar às boas. A mãe lembrava-lhe as virtudes da mãe dele, e lhe exigia suavemente, a submissão ao que exigiam dele. Sala de lá um menino docil, um filho melhor. Foi assim que, à adolescência, não se mudara a confiança e, sem se falarem, se compre-

(Continúa na pag. 54)

A bela esposa de
RANDOLPH SCOTT
o genial ator de Hollywood,
diz:

"O novo baton Tangee GAY-RED
é a sensação de Hollywood!"

NOVIDADE

que "Entusiasma!"

**GAY-RED ... o novo tom
de êxito sensacional!**

Quando experimentar o novo tom GAY-RED dos batons Tangee compreenderá porque é um favorito das mulheres mais belas do mundo. GAY-RED é uma cor nova — um vermelho garrido e ardente... que realça a elegância da sua personalidade. GAY-RED possui o famoso "efeito de pétala", exclusivo de Tangee. Desvende encantos novos, que não se esquecem! Use baton Tangee GAY-RED e recorde... as mulheres mais lindas do mundo usam Tangee, o baton mais fino do mundo!



**BATONS
ROUGES
PÓS DE ARROZ**

Tangee

USE TANGEE PARA
SE VER ... A MAIS LINDA QUE PODE SER!

A LENDA DA ROSA DE NATAL

Conto de Selma Lagerlof
Ilustr. de Rodolfo



A MULHER do saltador que habitava a caverna, lá no alto da floresta de Goinge, desceu um dia à planície para mendigar. Interdito, não ousava ele abandonar a floresta e tinha de se contentar com as emboscadas armadas aos viajantes que se aventuravam pela zona florestal. Naquela época, porém, não abundavam eles no norte da Escânia. Nessas ocasiões, como a caçada do homem era infrutuosa, entrava a mulher em ação.

Levava consigo cinco pimpolhos, vestidos de pele e calçados de cortiça, trazendo cada um às costas uma sacola do seu tamanho. Quando entrava em uma granja, ninguém se animava a lhe recusar o que pedia, porque se era mal recebida, não hesitava em voltar à noite para incendiar a casa.

Eram mais temidos, ela e os filhos, do que um bando de lobos, e não faltava quem lhes desejasse enterrar o chulo no corpo, mas lá em cima, na floresta, ficara o homem, que todos sabiam pronto à vingança se alguma coisa sucedesse à mulher ou aos filhos.

Em seus giros de mendiga através das quintas, chegara a mulher do bandido a Oved, que era naquele tempo um convento. Bateu e pediu. Abriu o porteiro um ralo que havia ao meio da porta e deu-lhe pães re-

dondos, um para ela e um para cada filho. Enquanto estava a mãe parada à porta, afuroavam os filhos ao redor. De repente veio um puxá-la pela saia, chamando-lhe a atenção para alguma coisa que achara, e ela seguiu-o.

Cercava o convento alto e sólido muro, mas a criança conseguira descobrir uma portinhola dissimulada, que ficara entreaberta. Chegando ao pé da porta, abriu-a a mulher do saltador e entrou, sem pedir permissão, conforme seu costume.

Dirigia então o convento o abade Hans, muito entendido na cultura das plantas. Fizera para dentro do muro um jardimzinho, e foi ali que ela fez irrupção.

Ao primeiro lance de olhos, ficou de tal modo estupefata, que se deteve à entrada. Era na força do estio, e no jardim do abade Hans amontoavam-se as flores em tal quantidade que não discernia o olhar mais que uma massa chamejante, azul, rósea, amarela. Logo, porém, iluminou-lhe o rosto um sorriso de satisfação e seguiu por um caminho estreito entre muitos alegretes.

No jardim, a arrancar ervas daninhas, estava o irmão leigo que deixara a porta entreaberta; por ela lançava as cavalinhas que arrancava, ao montão de lixo que se via fora. Ao ver entrar a mulher do saltea-

dor com as cinco crianças, foi-lhes ao encontro, ordenando-lhes que saíssem. A mendiga, porém, continuou a andar, olhava ao redor fitando ora as acúceas rígidas e brancas que desabrochavam num canteiro, ora a hera que trepava no muro do convento, e nem parecia dar pela presença do irmão leigo.

Julgou este que ela não o compreendia e quis pegar-lhe do braço para conduzi-la à saída, mas percebendo-lhe a intenção, deitou-lhe a mulher do bandido um olhar que o fez recuar. Caminhara até então curvada sob o alforje, mas erguia-se agora em toda a estatura.

— Sou a mulher do saltador de Goinge; toca-me agora, se te atreves!

E via-se que depois de dizer isto se sentia tão segura de não ser incomodada, como se fôra a rainha da Dinamarca em pessoa.

Contudo, atreveu-se o irmão leigo a incomodá-la; apenas, sabendo quem era, falou-lhe de mansinho:

— Deves saber, ó mulher do saltador, que isto aqui é um convento de monges, e que nenhuma mulher da região tem o direito de transpor estes muros. Se não te fores irritar-se contra mim os monges por me haver esquecido de fechar a porta e me expulsarão, não só do convento, mas até do jardim.



Eram vãs tais súplicas, porém, diante da mulher do ladrão, que continuava a caminhar para o canto das rosas e contemplava o hissopo de flores azuladas e a madressilva coberta de corimbos alaranjados.

Viu então o irmão leigo que a única solução era buscar socorro ao convento. Voltou com dois monges robustos e a mulher do proscrito compreendeu que agora era sério o caso. Plantou-se então, afastados os pés, no meio do caminho e pôs-se a bradar em altos gritos toda a terrível vingança que exerceria contra o convento, se lhe não permitissem ficar no jardim todo o tempo que quisesse.

Julgando os monges, contudo, que nada tinham a temer, tratavam somente de expulsá-la. Solto então gritos formidáveis e lançou-se aos monges com unhas e dentes, imitando as crianças. Dentro em pouco, viram os três homens que era ela a mais forte. Nada mais lhes restava senão voltar ao convento à procura de reforço.

Na alameda que levava ao interior do convento encontraram o abade Hans, que acudia para saber a causa daquele alarido no jardim. Tiveram de confessar que estava no convento a mulher do saltador de Goinge, e que não tendo conseguido expulsá-

la, eram forçados a procurar outros recursos.

Censurou-os o abade por terem recorrido à violência, e não consentiu que fossem chamar mais gente. Mandou-os dois monges voltarem ao serviço, e, ainda que fosse um fraco velhinho, não levou ao jardim senão o irmão leigo.

Quando lá chegou passeava a mulher do facinora outra vez entre os canteiros.

Grande foi a sua admiração ao vê-la; estava convencido de que ela nunca vira um jardim, contudo passeava entre os alegretes, em cada um dos quais semeara ele uma espécie de flor diferente e desconhecida, olhando-as como se fossem velhas amigas. Parecia conhecer a salva e o alecrim; sorria a algumas flores, a outras sacudia a cabeça.

Amava o abade o seu jardim tanto com podia amar uma coisa terrestre e perecedora. Por mais selvagem e perigosa que parecesse a estrangeira, não podia deixar de a admirar por ter lutado contra três monges para poder contemplar o jardim à vontade. Aproximou-se e perguntou-lhe delicadamente se o jardim lhe agradava.

Voltou-se ela ásperamente para o abade, porque só esperava eladas e ataques, mas vendo-lhe os cabelos

brancos e o dorso curvado, disse tranquilamente:

— Pareceu-me no primeiro instante que nunca vira jardim mais bonito, mas vejo agora que não se pode comparar com outro que conheço.

Certo, o abade Hans esperava outra resposta; quando ouviu que a mulher do saltador vira outro paraíso mais lindo que o seu, subiu-lhe à face engelhada fraco rubor.

Próximo ficara o irmão leigo, que se apressou a pôr a mulher no seu lugar:

— Este, disse ele, é o próprio abade Hans, que com grande perseverança e muitos cuidados reuniu, vindas de perto e de longe, as plantas do seu jardim. Sabe-se que não há, em toda a Escânia, jardim mais rico que o seu, e não parece bem que tu, que vives todo o ano na floresta selvagem, deprecies a sua obra.

— Não me quero arvorar em Juiz, nem diante dele nem diante de ti; digo somente que se vos fosse permitido ver o paraíso de que falo, arrancariéis todas as flores que estão aqui, e as rejeitariéis como jóio.

Ora, o ajudante de jardineiro tinha quase tanto orgulho das flores como o próprio abade Hans, e ouvindo estas palavras pôs-se a rir.

— Compreendo, disse ele, que fales assim para nos enfezar. Gostaria de ver o lindo jardim que podes ter

arranjado entre os zimbros e os pinheiros da floresta de Goinge! Ousaria jurar pela salvação da minha alma que nunca entraste em um jardim até hoje.

Vendo-se assim tão vergonhosamente chamar de mentirosa, ficou rubra de cólera e gritou:

— É possível que eu não tenha jamais entrado em um jardim; mas vós, os monges, que sois homens santos, deveis saber que na noite de Natal a grande floresta de Goinge se transforma em um verdadeiro paraíso para festejar a hora do nascimento de Nosso Senhor. Nós que vivemos na floresta, temos visto isso ano após ano, e nesse jardim vi plantas tão esplêndidas que nem ousei levantar a mão para as colher.

Queria o irmão leigo continuar a responder-lhe, mas fez-lhe o abade sinal para calar-se; porque desde a infância ouvira dizer que na noite de Natal a floresta se veste de gala. Muitas vezes desejara ver o milagre, mas nunca o conseguira. Rogou por isso e implorou à mulher do saltador que consentisse em hospedá-lo na caverna na noite de Natal. Se ela quisesse ao menos mandar um dos filhos para lhe mostrar o caminho, iria sozinho a cavalo e jamais os trairia: ao contrário, recompensá-los-ia o melhor que pudesse.

Recusou a princípio a mulher do bandido, porque pensava nêle, o seu companheiro, e no perigo que correria com a vinda do abade à caverna. Maior, porém, que o temor do perigo foi o desejo de mostrar ao monge um jardim mais bonito que o seu; e aquiesceu.

— Irás só com um companheiro, e não nos armarás ciladas nem laços, à fé de homem santo.

Prometeu êle, e a mulher foi embora. Ordenou ao irmão leigo que a ninguém revelasse o que fora conveniado. Temia que seus monges, sabendo do projeto, não lhe permitissem, naquela idade, ir à caverna do bandido.

Pelo que lhe tocava, prometia a si próprio não divulgar seu plano a nenhum vivente. Sucedeu, porém, que o Arcebispo Absalão de Lund chegou a Oved e ali dormiu uma noite. Quando mostrava o jardim ao seu

hóspede, lembrou-se o abade Hans da visita da mulher do saltador, e o irmão leigo, que trabalhava por ali, ouviu-o contar ao Arcebispo o caso do bandido que vivia há anos interdito na floresta; e pedir-lhe uma carta de absolvição, para que o criminoso pudesse recomeçar uma vida honesta entre os homens.

— A continuar como está, os filhos, crescendo, tornar-se-ão mais criminosos do que êle mesmo, e vós tereis em breve que suportar todo um bando de ladrões lá em cima.

Respondeu o Arcebispo Absalão que não podia deixar o mau saltador lá de cima misturar-se aos homens honestos da planície. Melhor era para todos que êle permanecesse onde estava.

Muito exaltado, contou então o abade Hans ao Arcebispo a história da floresta de Goinge que todos os anos se reveste de seus atavios de Natal.

— Se aqueles bandidos não são miseráveis demais para que Deus lhes mostre o seu esplendor, é que não são também indignos da clemência dos homens.

Sabia, porém, o Arcebispo, como responder ao abade Hans.

— Prometo-te uma coisa, disse sorrindo. Seja qual for o dia em que me trouxeres uma flor do jardim de Natal em Goinge, dar-te-ei carta de absolvição para todos os interditos que quiseres.

Compreendeu o irmão leigo que o Arcebispo acreditava tanto como êle mesmo na narração da mulher do ladrão, mas não percebeu o abade, agradeceu Absalão a promessa, dizendo-lhe que lhe mandaria sem falta a flor prometida.

Executou o abade Hans o seu projeto e, no Natal seguinte, em vez de estar sentado no seu lugar no convento de Oved, ia a caminho da floresta de Goinge.

Corria adiante um dos pimpolhos selvagens da mulher do saltador, e ia como companheiro o irmão leigo, que discutia com ela no jardim.

Sentia-se feliz o abade por poder realizar agora esta viagem, que desejara ardentemente fazer. Com o irmão leigo, porém, era outro caso. Amava muito o abade Hans e não permitiria de boa sombra, que ou-

tro o acompanhasse e velasse por êle; mas não acreditava que lhes fosse dado ver o jardim de Natal. Supunha essa história um laço armado com muita astúcia pela mulher do bandido ao abade para que êste calasse nas mãos do marido.

Caminhando para o norte, para a floresta, notava o abade por toda a parte os preparativos para a festa de Natal. Em todas as granjas estava o fogo da lavanderia acêso para aquecer o banho da tarde. Transportavam o pão e a carne, em grande quantidade, das despensas para a casa, e dos celeiros vinham grandes molhos de palha para forrar o soalho.

Passando pelas capelinhas campestres, via o cura e o sacristão estendendo as tapeçarias mais lindas que possuíam, e quando chegou ao caminho que leva ao convento de Bojo, viu os pobres dos arredores que voltavam carregados de grandes pães e longas velas, distribuídas à porta do convento.

Ao ver todos êsses preparativos, aumentou-lhe a pressa. Pensava na festa que o esperava, maior que a que poderia celebrar qualquer outro homem.

Entretanto, gemia e lamentava-se o irmão leigo, vendo que não havia granja, por menor que fosse, que se não preparasse para celebrar o Natal.

Sentia-se cada vez mais inquieto, e conjurava o abade Hans a voltar e não ir se lançar de propósito nas mãos dos bandidos.

Sem se preocupar com as suas queixas, continuava o abade a andar. Deixou a planície e chegou aos confins da grande floresta. A cada passo tornava-se o caminho pior. Já não era mais que um trilho semeado de pedras e ericado de agulhas de pinheiro; nem pinguela para ajudar o viandante a atravessar as ribeiras e os regatos. Quanto mais avançavam, mais aumentava o frio e em breve alcançaram o solo coberto de neve.

Foi viagem longa e difícil. Enveredavam por caminhos laterais ásperos e escorregadios, percorriam charne-

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

cas e brejos, atravessavam espinheiros e transpunham troncos de árvores derribados pelo vento. Justamente quando declinava o dia, conduziu-o o rapaz dos bandidos a um prado cercado e altas árvores nuas e pinheiros cobertos de agulhas. Por trás do prado erguia-se um rochedo, e aberta nêle viram uma porta guardada de grossas táboas.

Compreendendo que era a chegada, o abade desmontou. Abriu-lhe a criança a pesada porta e ele avistou o interior de uma pobre caverna aberta no próprio rochedo, cujos flancos nus estavam a descoberto. Ao pé de uma fogueira, no meio da caverna, estava sentada a mulher do salteador. Em uma das camas de palhas e musgo que havia ao longo das paredes, dormia este.

— Entrem, e recolham os cavalos também, para os abrigar do frio, gritou a mulher sem se levantar.

Entrando o abade ousadamente, seguiu-o o irmão leigo. Pobre e desnudada, a casa não mostrava preparativo algum para festejar o Natal. A mulher não fermentara cerveja, nem amassara pão; nem sequer areara a casa. No chão espojavam-se os filhos, ao redor de uma grande marmita, pôsto que nada de convidativo tivesse o manjar que ela continha: uma simples açorda.

Falava a mulher do bandido com autoridade e desembaraço, como se fosse esposa de um rico camponês.

— Senta-te aí, ao pé do fogo, abade Hans, e come, se trouxeste cela, porque creio que não queres provar do alimento que preparamos aqui na floresta. E se estás cansado, podes te deitar numa dessas camas. Não receies dormir demais; velarei aqui ao pé do fogo e acordar-te-ei para que possas ver o milagre que te trouxe aqui.

Obedecendo-lhe tirou o abade do saco suas provisões; mas a tal ponto o fatigara a viagem que mal podia comer, e nem bem se estendeu, já adormeceu.

Convidado também a repousar, não se animou o irmão leigo a dormir, julgando que antes lhe cumpria vigiar o ladrão para que não matasse o abade. Pouco a pouco, porém, venceu-o o sono e adormeceu também. Ao acordar viu que o abade abandonara o leito e estava sentado perto do fogo, conversando com a mulher do salteador. O homem interdito, o próprio bandido, estava também assentado ao pé do fogo. Era alto e magro, de ar bronco e melancólico. Dava as costas ao abade, fingindo que não ouvia a conversa.

Falava este dos aprestos de Natal que vira no trajeto, e lembrava à mulher do ladrão todas as festas e



"Hoje vamos brincar do meu jeito, Mamãe!"



BEBÊ - Olhe, eu sou a mamãe e você a filhinha! Que tal?

MAMÃE - Horri-

vel! É assim que se sente um bebê? E como há tantas coisas que tornam sua pele irritada!

BEBÊ - Pois é, mamãe! Eu só queria que você visse como passo mal! Talvez agora você me trate bem — com o Óleo e o Talco Johnson para Crianças!

MAMÃE - Você quer dizer que precisa dos dois?

BEBÊ - É claro que sim, mamãe! Não se lembra do que meu médico

disse? Que o Óleo Johnson para Crianças — puro e delicado — amaciaria a minha pele e a protegeria contra os "irritantes efeitos da urina"? E que nada é melhor do que o suave e refrescante Talco Johnson para evitar as aborrecidas brotoejas e assaduras?

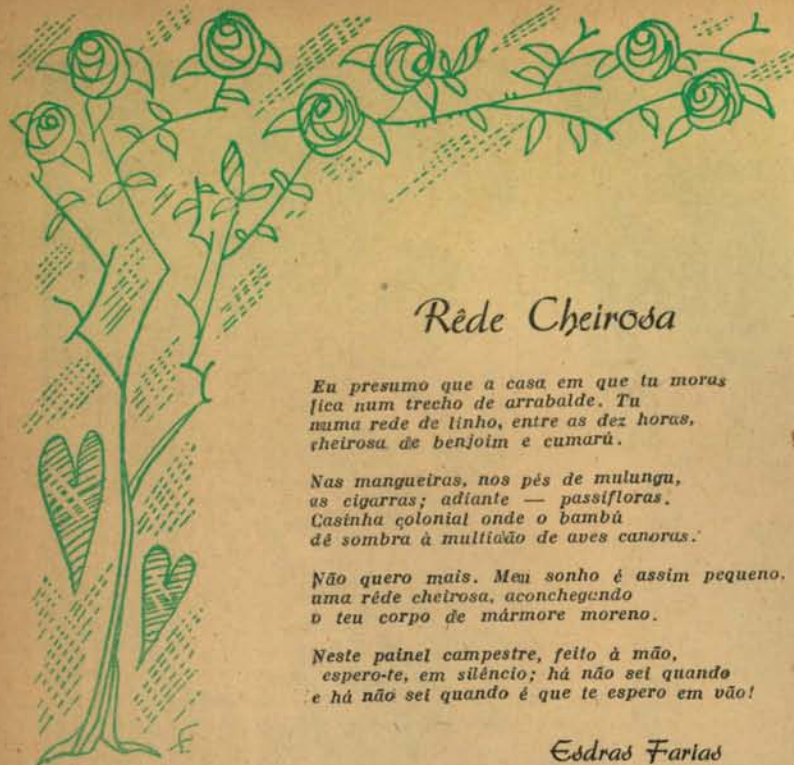
MAMÃE - Meu bem, pelo que vejo tenho andado com a cabeça no mundo da lua!

BEBÊ - Isso, mamãe! Experimente logo e quando você vir o efeito dessas duas maravilhas Johnson na minha pele, você vai ter até inveja de mim!



ÓLEO JOHNSON para Crianças
TALCO JOHNSON para Crianças

Johnson & Johnson



Rede Cheirosa

*Eu presumo que a casa em que tu moras
fica num trecho de arrabalde. Tu
numa rede de linho, entre as dez horas,
cheirosa de benjoim e cumará.*

*Nas mangueiras, nos pés de mulungu,
as cigarras; adiante — passifloras.
Casinha colonial onde o bambú
dê sombra à multiidão de aves canoras.*

*Não quero mais. Meu sonho é assim pequeno.
uma rede cheirosa, aconchegando
o teu corpo de mármore moreno.*

*Neste painel campestre, feito à mão,
espero-te, em silêncio; há não sei quando
e há não sei quando é que te espero em vão!*

Esdras Farias

*

danças de Natal em que devia ter tomado parte na mocidade, quando vivia ainda entre os homens pacíficos.

— Tenho pena de seus filhos, continuou ele; jamais poderão correr as ruas da aldeia mascarados, nem brincar na palha de Natal.

A princípio apenas lhe dava ela respostas breves e secas, mas aos poucos foi-se tornando mais comunicativa, ouvindo-o com mais atenção. De repente voltou-se o salteador para o abade, erguendo o punho fechado:

— Monge perverso! Veste aqui para me arrebatara a mulher e os filhos com tuas lábias? Não sabes que sou interdito e proibido de descer à floresta?

Olhou-o o abade nos olhos, firmemente:

— Minha intenção é alcançar do Arcebispo tua carta de absolvição.

Ouvindo isto, puseram-se a rir o homem interdito e a mulher. Bem sabiam eles que graça podia um salteador das florestas esperar do Bispo Absalão.

— Pois bem, se eu receber uma carta de perdão, prometo-te que não tornarei a roubar, nem sequer o valor de um páto bravo.

Ao irmão leigo não pareceu bem que os salteadores ousassem rir assim do abade Hans, mas este parecia muito satisfeito. Nem o vira nunca mais sereno e mais meigo entre os monges de Oved, do que o via

ali, entre aqueles malfetores selvagens.

De repente ergueu-se a mulher:

— Falas de coisas que nos fazem esquecer a floresta. Agora podemos ouvir daqui os sinos de Natal.

Mal acabara de falar, levantaram-se todos e saíram. Mas na floresta só reinavam ainda a noite negra e o inverno brumoso. Apenas se ouvia o repicar dos sinos, trazidos de longe pelo vento sul e nada mais.

— Como poderá o som dos sinos despertar a floresta morta? — dizia consigo o abade Hans. E agora cercado das sombras hibernais, parecia-lhe muito mais difícil do que pensara a transformação da floresta em jardim.

Mas, mal começaram os sinos a tanger, uma luz atravessou subitamente a floresta. E depois veio de novo a obscuridade, tão profunda como antes e de novo reapareceu a luz, que lutava com um nevoeiro luminoso entre as árvores negras, e ia aos poucos transmutando a noite em aurora nascente.

Viu então o abade que a nave desaparecia do solo como um tapete que se enrola, e a terra começou a reverdecer. Os fetos erguiam os brotos, enroscados como báculos de bispos. Bem depressa um manto verde claro revestiu o tojo da colina e a mirta dos charcos. Cresceram e ergueram-se os tufo de musgo e as flores da primavera rebentavam em botões vigorosos, já estriados de cores.

Quando o abade viu os primeiros sinais do despertar da floresta, seu coração começou a bater descompassadamente.

— Quê! Ser-me-á dado, a mim, tão velho, ver este milagre!

E os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas.

As vezes a obscuridade era tão forte que ele temia vê-la vencer a luz.

Mas logo irrompia nova vaga luminosa, trazendo consigo o murmúrio dos regatos e o fragor das cataratas desencadeadas. E as folhas das árvores brotaram instantaneamente, como se um bando de borboletas verdes se abatesse sobre os galhos. Começaram os pica-paus a martelar nos troncos das árvores, fazendo voar lascas de madeira. Um bando de estorninhos, em viagem para o norte, pousou na folhagem de uma das árvores para descansar. Eram estorninhos maravilhosos. As pontas das penas, de um escarlate brilhante, cintilavam a cada movimento dos pássaros, como pedras preciosas.

Agora era tudo outra vez sombrio, mas logo uma onda de luz apareceu. Soprava brandô zéfiro, que semeava pelo chão todos os grãosinhos que os pássaros, os navios e os ventos tinham trazido dos países do sul, e que, sob o rigor do inverno, não puderam germinar noutros lugares; ali, mal tocavam a terra, deixavam raízes e tocavam-se de rebentos.

Ao clarão da vaga seguinte arandos e murtas desabrocharam flores. Os grous e os patos selvagens gritavam no espaço, os tendilhões começavam a construir os ninhos e os filhotes dos esquilos puseram-se a brincar entre a folhagem.

Sucediam-se agora os acontecimentos com tal rapidez, que o abade Hans não tinha tempo de apreender a grandeza do milagre que se desenrolava. Todo ele era só olhos e ouvidos. A vaga seguinte trouxe o odor das terras recém-aradas. Ao longe as pastorinhas chamavam as vacas e ouvia-se o tilintar das campainhas dos carneiros. Crivavam-se os pinheiros e abetos de pomos vermelhos em tão grande quantidade que as árvores pareciam trajar mantos de púrpura. As bagas do zimbro mudavam de cor de instante a instante. Flores rasteiras cobriam o chão, que era todo um tapete branco, azul e amarelo.

Curvando-se, colheu o abade uma flor de morangueiro. Enquanto se erguia, amadureceu o fruto. A rapôsa saiu da toca com uma ninhada de filhotes de patas negras. Achegou-se à mulher do bandido e tocou-lhe a borda da sala; e a mulher abaixou-se e gabou-lhe os filhos. O mouro, que ia começar a caçada noturna, ofuscado pela luz deslumbrante, voltou depressa à toca e empoleirou-se para dor-

mir de novo. Cantava o cuco, enquanto a fêmea, com o ovo no bico, sorrateira, procurava o ninho dos outros pássaros.

As crianças da mulher do ladrão soltavam gritos de alegria.

Comiam à bôca cheia as bagas, grandes como pinhas, que pendiam dos arbustos. Um brincava com uma ninhada de lebrachos; outro corria carreira com um bando de gralhinhas que tinham abandonado o ninho sem esperar o desenvolvimento das asas; apanhara o terceiro uma vibora e enrolava-a no pescoço e nos braços. O saltador aventurara-se pelo pantanal, para comer amoras silvestres. Erguendo a cabeça, viu ao pé de si um grande animal negro. Quebrou um ramo de salgueiro e bateu-lhe no focinho:

— Vai-te, esta moita é só para mim.

O urso furto o corpo para evitar o golpe e afastou-se docilmente.

Sucediam-se ininterruptamente as vagas de calor e de luz e ouvia-se o chafurdar dos marrecos. Flutuava no ar o pólen doirado do centeto. Vinham chegando borboletas, tão grandes que pareciam lírios volantes. A colmeia instalada no ôco do carvalho estava já tão farta, que escorria mel pelo tronco. Agora abriam também as flores nascidas dos grãos vindos dos países longínquos. Ao lado do espinheiro, subiam pelo rochedo rosas maravilhosas. No prado desabrochavam flores do tamanho de rostos de homens. Lembrou-se o abade da flor que prometera ao bispo Absalão, mas hesitava ainda em colhê-la. A uma flor sucedia outra, qual mais maravilhosa, ele queria colher a mais bela.

Sobrevinham as vagas, e estava o ar tão impregnado de luz que cintilava. Ao redor do abade Hans sorriam toda a alegria, todo o esplendor, toda a felicidade do estio. Pareceu-lhe impossível que a terra pudesse ofertar maior alegria do que a que irradiava a seus olhos; e pensou consigo:

— Já não sei o que poderia a próxima vaga trazer de mais magnífico!

Mas a luz continuava a fluir e parecia trazer agora alguma coisa de um remoto infinito. Sentiu-se cercado de uma atmosfera sobrenatural e agora, que provava já toda a alegria terrestre, esperava trêmulo de emoção, que lhe fôsse revelada a alegria celeste.

Notou que tudo era agora sereno. Emudeceram os pássaros, as raposinhas já não brincavam, e as flores tinham cessado de crescer. A felicidade que se aproximava era de tal magnitude que o coração queria parar; os olhos derramavam lágrimas inconscientes, a alma aspirava ao voo para a eternidade. Vinham sons de harpa de muito longe, e percebia-se um casto sobrehumano, semelhante a um murmúrio muito doce.



CORTINA DE VELUDO

Jacqueline

Escute. O que hoje devo dizer-lhe em resposta à sua carta, talvez não satisfaça à sua sensibilidade, talvez vá de encontro à sua expectativa, ao seu estado de alma. Se assim acontecer espero que você saiba compreender e desculpe e perdôe. E' a verdade. E a verdade, você sabe, é como a luz que, brilhando, fere e faz sofrer os olhos.

Escute, Jacqueline. Eu vinha vivendo calma, tranquilamente, sem que jamais tivesse cogitado se a vida era boa ou má, sem que jamais tivesse sentido a força tempestuosa da minha mocidade, madura como um fruto, mas até então virgem de exaltação, de frêmitos e de emoções, virgem de todos êsses embates, dêsses tremendos conflitos que abalam e perturbam o espírito, que sacodem o coração e castigam a alma.

Um dia você surgiu na minha vida. A sua imagem me fascinou, me embalou como um sonho, o sonho mais bonito que eu poderia ter sonhado.

Um dia nos encontramos casualmente. Um raio, o mais dourado de sol, não me teria proporcionado encantamento maior.

Um dia finalmente nos conhecemos. Só então pude compreender que a minha existência estava vazia, e só você poderia enchê-la com a sua alegria e a sua mocidade.

Confesso que não me lembro as primeiras palavras que trocamos. Lembrou-me apenas do instante, do minuto exato em que você apareceu. Você estava de branco — lembra-se? — com um vestidinho simples e leve, e sorria com um sorriso que punha bem à mostra a alvura e a beleza dos seus dentes.

Você. Somente você, Jacqueline. Quão alto eu soube colocá-la dentro do meu espírito, dentro do meu coração. Você foi para mim o ponto vivo de todos os meus sentimentos, um ídolo verdadeiro, Jacqueline.

Depois... o nosso tête-à-tête, o seu coração dormindo a sono sóto, a viagem, a despedida, a partida.

E se bem que curta ainda a nossa separação — o que prova que no sofrimento vale a intensidade e não a duração — quanto sofri, minha amiga.

Depois... enquanto você se analisava, também eu procurei descer dentro de mim mesmo para conhecer o segredo que devia estar lá dentro.

Admiração, encantamento, ternura, arrebatamento, tudo enfim que você sabia despertar em mim, tudo isso encontrei bem vivo dentro de mim mesmo. Porém, ainda não bastava. Faltava um pouco mais. Faltava aquilo que mais desejava. Faltava o amor, Jacqueline.

Só então compreendi que naquele escaldante fim de tarde eu me enganara e enganara a você também, Jacqueline. E agora que sabe tudo, tudo, minha amiga, não me queira mal! Perdôe e esqueça. Creia que a vida será mais forte. E lhe dará o esquecimento necessário.

Lembre-se com indulgência e um pouquinho de saudades do seu

CARLOS ROBERTO





Proteção duradoura contra o suor

A senhorita pode dançar socegradamente se estiver protegida por Odo-ro-do.

Odo-ro-do não permitirá que a transpiração prejudique sua elegância.

O Odo-ro-do líquido é uma fórmula inofensiva, de resultados positivos. Impede a transpiração axilar até por 5 dias. Não irrita a pele — e não mancha os vestidos. Use Odo-ro-do e esteja tranqüila.

ODO-RO-DO

Dois qualidades: "REGULAR" — para ação prolongada; "INSTANTANEO" — para peles delicadas.

DESENHOS

STUDIO

Rodolpho



AV. AFONSO PENA, 774
2º AND. - S/201-203
ED. CRUZEIRO
TEL. 2-7112-2
BELO HORIZONTE

DESENHOS E CLICHÊS
PELO REEMBOLSO POSTAL

Pondo as mãos lançou-se o abade de joelhos. A beatitude transfigurava o rosto. Jamais ousaria esperar que lhe fôsse dado gozar ainda nesta vida a alegria celeste, e ouvir os próprios anjos cantarem hinos de Natal.

Ao lado do abade Hans estava o irmão leigo, que o acompanhara, e a cujo cérebro perturbavam pensamentos confusos.

— Não pode ser milagre verdadeiro o que se revela até a miseráveis criminosos, pensava ele. Não pode isto ser obra de Deus, mas deve vir do mal. Aparece-nos este milagre pelo artifício maléfico do demônio. É o poder do inimigo que nos enfeiteja e força a ver o que não existe.

Ao longe ouviam-se os sons das harpas dos anjos, e seu canto harmonioso, mas estava ele persuadido de que eram os espíritos do inferno que se aproximavam.

— Querem tentar-nos e seduzir-nos, suspirou; jamais sairemos sãos e salvos de tudo isto. Seremos enfeitados e vendidos ao inferno.

Estavam agora tão perto os coros de anjos, que o abade pôde ver aparições radiosas entre as árvores da floresta. Via o irmão leigo as mesmas coisas, mas só o preocupava a blasfêmia daqueles sortilégios diabólicos feitos na própria noite em que nasceu o Salvador. Escolhera o diabo, sem dúvida, este momento, para mais facilmente encantar os pobres mortais.

Durante todo este tempo, pássaros esvoaçavam ao redor da cabeça do abade Hans, que pôde apanhar alguns. O irmão leigo, ao contrário, amedrontava os animais: nenhum pássaro lhe pousara no ombro, nenhuma vibora lhe brincava aos pés. Nisto, aparece um pombinho trocax, vindo se aproximar os anjos, revestiu-se de coragem e veio pousar no ombro do irmão leigo, acariciando-lhe a face com a cabeça. Pareceu-lhe então que era o perverso inimigo em pessoa, que o vinha tocar para o seduzir e tentar; e bateu-lhe violentamente, gritando em voz alta, que retiniu em toda a floresta:

— Volta para o inferno, de onde saíste!

Justamente neste instante, achavam-se os anjos tão perto, que o abade percebeu o ruído das suas grandes asas, e inclinou-se até à terra, para saudá-los. Ao som daquelas palavras cessou o canto e os hóspedes sagrados voltaram-se para fugir. E assim também a luz e o doce calor, fugiram ao horror indizível do frio e da obscuridade de um coração humano. Como espesso véu, caiu a noite sobre a terra, voltou o frio, encolheram-se as plantas do solo, esconderam-se os animais, deteve-se o mur-

múrio das cascatas, caíram as folhas das árvores, como chuva.

Sentiu o abade o coração, há pouco dilatado de beatitude, cerrar-se-lhe em invencível dor.

— Não, não poderei sobreviver a isto! Virem os anjos do céu tão perto, e serem afugentados; quererem cantar-me hinos de Natal e serem repellidos!

No mesmo instante lembrou-se da flor, que prometera ao arcebispo Absalão; curvou-se a tatear entre o musgo e as folhas para ver se ainda conseguia colher uma no último instante. Mas sentiu a terra resfriar sob seus dedos e espalhar-se no solo a branca neve.

Então despedaçou-lhe o coração uma dor ainda mais viva; não mais se pôde erguer e caiu no chão, onde ficou estendido.

Voltando à caverna às apalpadelas, na noite profunda, a família do salteador e o irmão leigo deram falta do abade Hans. Apanharam achas acesas e saíram a procurá-lo: encontraram-no morto sobre o alto tapete de neve.

Desatou o irmão leigo a chorar e a gemer, compreendendo que fora ele quem matara o abade Hans, arrebatando-lhe a taça de alegria que tão ardentemente desejara.

Quando, em Oved, para onde fora transportado o corpo do abade Hans iam depositá-lo no esquife, descobriram os monges que ele conservava cerrado na mão direita um objeto que deveria ter apanhado no último momento. Conseguiram, com muito trabalho, abrir-lhe a mão e viram que o que assim apertava com tanta força eram tubérculos recém-arrancados do solo cobertos de musgo e de folhas. Ao ver as raízes, o irmão leigo, que acompanhara o abade, apanhou-as e foi plantá-las no jardim.

Vigilou-as todo o ano, na esperança de ver brotar uma flor, mas em vão esperou toda a primavera, e depois no verão, e pelo outono. Sobrevindo o inverno, que mata todas as flores e todas as folhas, deixou enfim de cuidar delas.

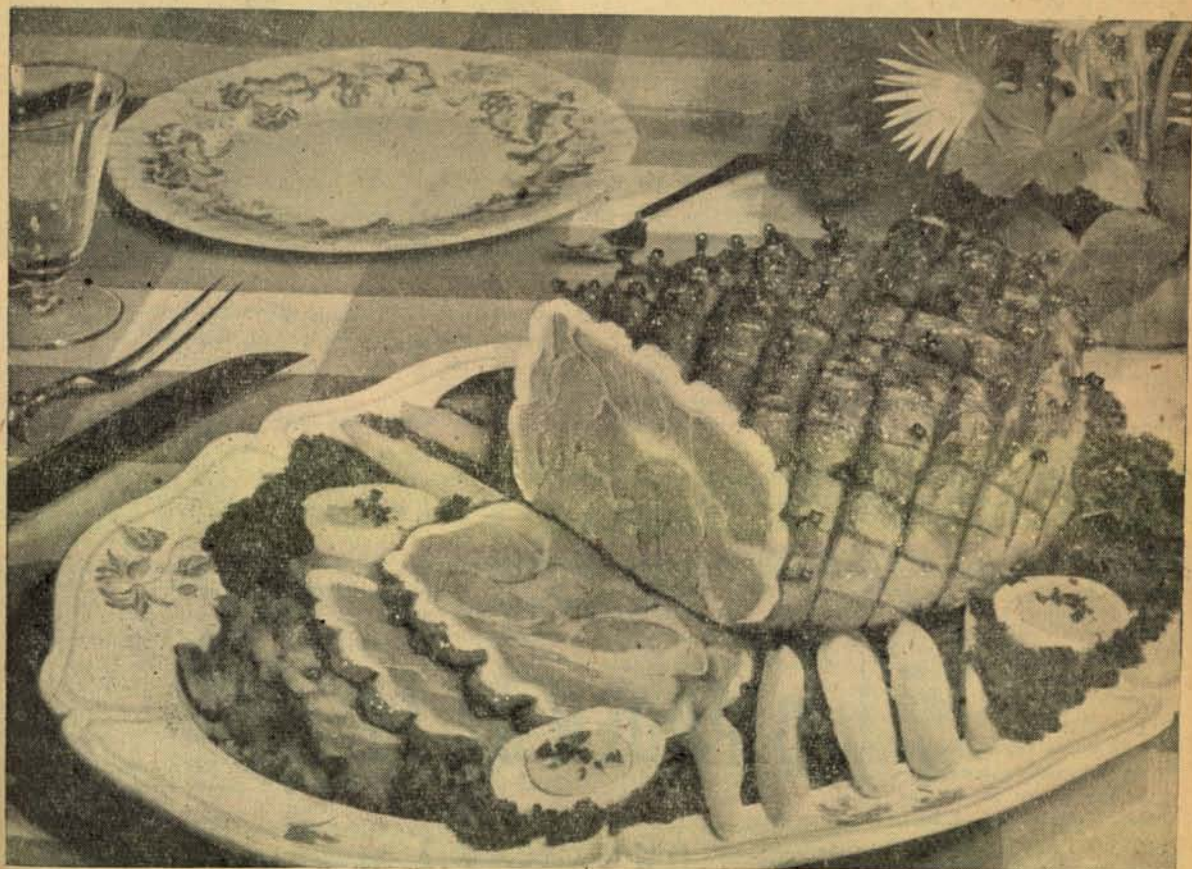
Na véspera do Natal, porém, doía-lhe muito viva a saudade do abade Hans, e desceu ao jardim para pensar nele. E eis que, passando pelo lugar onde enterrara os tubérculos nús, viu que brotavam hastes verdes e vigorosas sustentando belas flores de alvas pétalas.

Chamou todos os monges de Oved; e vendo que a planta florescia na véspera de Natal, quando todas as outras pareciam mortas, compreenderam que o abade Hans a colhera realmente no Jardim de Natal da floresta de Goinge. E o irmão leigo solicitou dos monges permissão para levar algumas daquelas flores ao bispo Absalão.

(Conclui na página 65)



Para Pessoas de GÔSTO REFINADO...



PARA JANTARES que *precisam* agradar... sirva pratos de "bom gosto", feitos com presunto Swift. Tenro, suculento, deli-

cioso, o presunto Swift é preparado com pernil selecionado e saborosamente temperado, como só a Swift sabe fazer.

PRODUTO DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

A TRAVÉS do altíssimo teto da abadia, com todos os cristais dos formosos e antigos vitrais estilhados, a torrente de música do órgão ascendia para o céu estrelado. Como verdadeira avalanche musical, ressoou o glória in Excelsis da Missa dos Anjos; em seguida o ritmo arrebatador do Vilancete de Westminster e, finalmente, o estrondoso triunfo do Regozijo do Mundo, de Handel. Cantava o irmão Hilário, sentado diante do grande órgão.

**Regozijo do Mundo:
O rei é vindo!
Que todos se regozijem!**

O irmão Hilário estava transfigurado. Seus dedos deslizavam pelo teclado, acariciantes. Tinha o rosto erguido e os olhos postos na amplidão azul que, através das largas fendas do teto da Abadia de São Gil, refulgia no extraordinário resplendor das estrelas.

A guerra destruidora havia danificado a abadia, o mosteiro e demais edifícios adjacentes, que exibiam as feridas produzidas pelo canhoneio e a metralha. Vários monges haviam partido, voluntariamente, para as batalhas. Ali, restavam ruínas e a desolação contristadora dos recantos abandonados. A solidão melancolizava as raras criaturas que, à força da fé, ali haviam permanecido, arrostando os perigos da guerra, a fome e a dor.

Era véspera de Natal.

Dentro de poucos instantes, seria cantada a missa da meia-noite, e o sagrado nascimento de Jesus seria celebrado mais uma vez, no mesmo lugar onde tantos séculos fora seu santo nome glorificado.

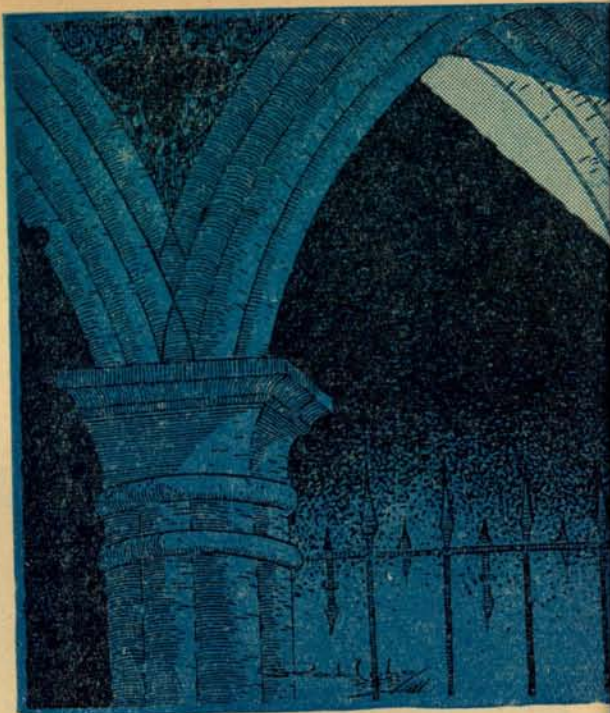
Terminando sua execução o irmão Hilário entoou o final do **Regozijo do Mundo** e o som do órgão, num impressionante crescendo assemelhava-se ao estrondo soturno de revoltas águas marinhas de encontro aos penhascos da costa.

Levantou-se, depois, do banco, e havia nos seus lábios um sorriso sereno, enquanto os seus olhos erguiam-se buscando as estrelas. Sentia o vento gélido que zunia por entre as fendas das velhas paredes. Apurou o ouvido e sorriu tristemente: não ouvia os sons sacrílegos que profanavam o céu da região. Na noite santa, não havia o ronco dos aeroplanos de bombardeio nem o silvo agônico das sirenes de alarme apunhalando o silêncio bom das paragens.

— Sómente reinam esta noite — murmurou para si mesmo o irmão Hilário — a música celestial das estrelas e a divina cintilação da Estrela de Belém. Et in terra pax... ...e na terra, paz aos homens de boa vontade! — suspirou, tateando, indeciso, na obscuridade reinante.

*

Irmão Hilário era um homem jovem, embora já lhe brilhasse nos cabelos a brancura da neve. No seu rosto, a idade sulcára, com a força do so-



frimento, duas rugas profundas, mas sem poder tirar-lhe a doce expressão de bondade que, num halo de mística doçura, parecia envolver quem d'ele se aproximava.

Era querido no Mosteiro de São Gil e amado pelo povo das redondezas. As crianças, quando o avistavam, corriam-lhe ao encalço. Ele adorava-as. Deixava, sorrindo, que se agrupassem ao seu redor como os pássaros em torno de São Francisco de Assis e lhe pedissem, ansiosos:

— Conte-nos uma história, Irmão Hilário! Conte-nos a da carruagem flamejante! Conte-nos a de Deus e seus filhos pequenos.

Então, estranhas e encantadoras histórias brotavam dos lábios incansáveis do irmão Hilário,

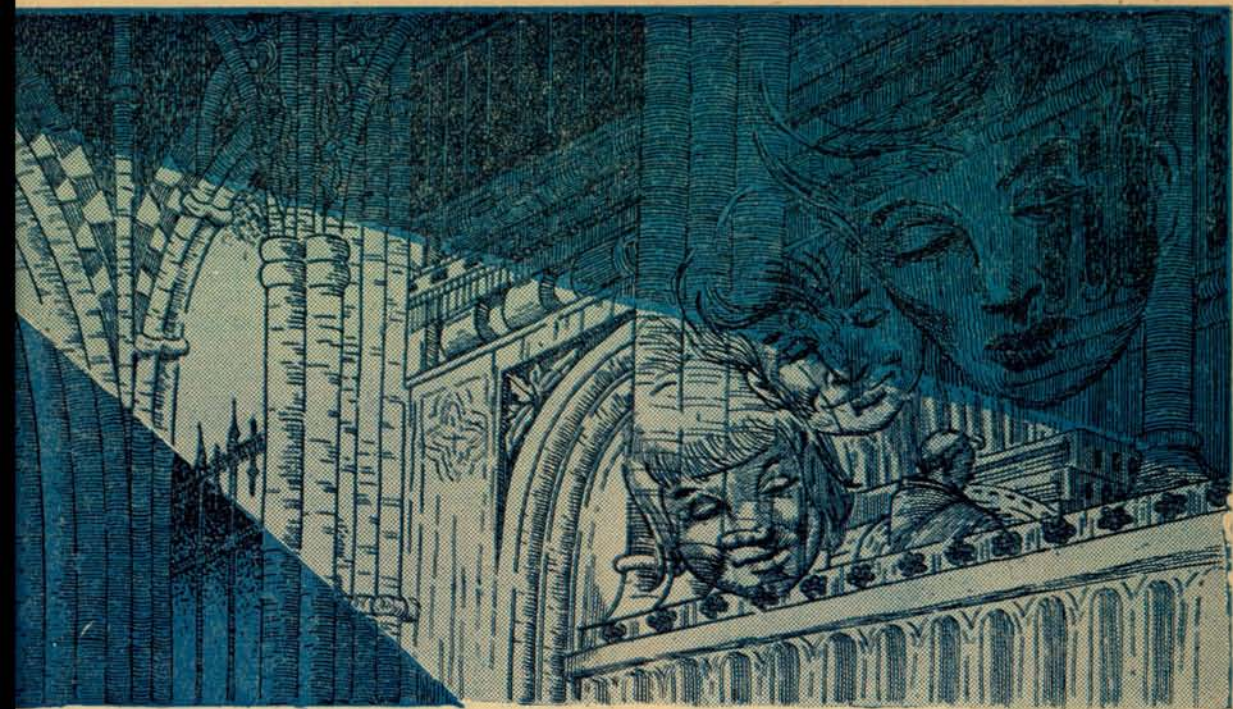
sentado, quando era verão, no jardim do mosteiro, e quando inverno, no abrigo do porteiro, rodeado sempre pelos seus pequenos amigos ouvintes. Se era estimado pelas crianças o era também pelos adultos, que lhe buscavam, nas horas tormentosas da

vida, a palavra reconfortante e amiga. Sua voz confortava, pela firmeza que a caracterizava. Sua palavra encorajava, pela dignidade dos conselhos.

*

Já no pátio, sob a luz das estrelas, irmão Hilário se deteve, fechando os dedos rijos sobre o seu rosário, acariciando-lhe as grossas contas de madeira. Orava.

O vento forte fustigava-lhe o hábito, marcando-lhe as linhas do corpo delgado mas forte. E irmão Hilário lhe oferecia a face sentindo estranho



prazer na sua frialdade que lhe acariciava o rosto escaldante com a penetrante suavidade das minúsculas agulhas de neve provenientes da nevada do dia anterior.

Murmurou, como se rezasse:

— Uma estrela brilha esplendorosa sobre Belém! Uma estrela maravilhosa que os homens que a contemplam saudarão como o signo de Cristo recém-nascido.

[Caminhou lentamente, coxeando um pouco. Percorreu o pátio até a portaria do oeste, onde se encontrava o abrigo do porteiro. Depois de executar músicas sacras ao órgão, o que mais lhe agradava era sentar-se junto ao fogo com o irmão Bredam, o porteiro, conversando sobre os estranhos e inúmeros visitantes que procuravam a Abadia de São Gil, em busca de alimentos, asilo, repouso e, às vezes, até de Deus... Bredam conhecia várias histórias de príncipes, nobres, e plebeus que haviam feito tirar a campainha de sua portaria, solicitando serem admitidos em São Gil! Sim, Bredam, conhecia o coração humano através de uma existência vivida e sofrida durante longos noventa anos. Para ele, o irmão Hilário, com quase trinta anos, era, po-lia-se dizer, um menino...]

O irmão Bredam estava sentado em sua cadeira fitando o fogo, quando Hilário abriu a porta e entrou, deixando passar uma rajada de ar frio.

— Boa noite, irmão!

— Boa noite, — respondeu Bredam. — Sua cadeira está à sua espera... Esta noite sua música rivalizou com o próprio côro dos anjos... Hilário, jamais o ouvi tocar assim! Jamais! Foi algo que se elevou muito alto, até às próprias estrelas...

— Oh, isto não é grande coisa — respondeu, sorrindo, o irmão Hilário — já que as estrelas ficam tão próximas do teto da Abadia e a música acha caminho livre para a amplidão através das fendas dos vitrais profanados... Mas, está, uma encantadora noite de Natal, não está, meu irmão? As estrelas brilham como nunca...

— Jamais estiveram tão brilhantes! — exclamou, num suspiro, o irmão Bredam. — Jamais resplandeceram tanto, meu Deus!

— E a estrela do Oriente, irmão?

— E' a mais cintilante de todas, Hilário!

O irmão Hilário sentou-se e cruzou as mãos sobre as pernas. E murmurou, como falando consigo mesmo:

— Sim, Jesus, a mais brilhante de todas! E assim será, enquanto existir o mundo. Esta é a maior noite do ano, na vida de qualquer homem, Bredam! Esta noite jamais envelhece ou se torna banal! E' a noite divina, em que Deus nos concedeu a graça de receber Jesus, o menino salvador do mundo. Noite de regozijo para o mundo...

— E você concorre, Hilário, com a sua bondade e a sua música, para aumentar, nesta noite sagrada, essa pureza e essa alegria! — exclamou, envolvendo-o num olhar de ternura, o velho porteiro.

— Que Deus o abençoe!

Chegava nesse momento um mensageiro para avisar que precisavam do irmão Bredam na enfermaria.

— Talvez me demore um pouco, irmão Hilário! — disse o velho vestindo a capa. — Quer ter a bondade de atender, em meu lugar, a quem por acaso chegue?

— Com imenso prazer, irmão Bredam! — respondeu Hilário.

— E' Natal... — sorriu o velho porteiro. — Talvez receba alguma visita estranha...

— Darei hospitalidade a quem chegar! — disse Hilário. Não se incomode. A nenhum homem jamais se negou abrigo em São Gil. E, nesta noite santa, quem vier será duas vezes bemvindo...

O porteiro, sorrindo, saiu. Ouvia-se apenas o intermitente crepitar da lenha. Nos vidros da janela o vento batia furioso. Vez em vez, o passarinho

que Bredam havia preso na gaiola, pipilava, medroso. O irmão olhou-o:

— Esta noite, estamos sôzinhos, eu e tu, meu querido Dick

O passarinho pipilou. Possuía uma asa defeituosa. Naqueila gaiola ampla, no abrigo do porteiro, sentia-se feliz.

— Estamos a sós... — prosseguiu o monge.

Mas foi interrompido por forte campainhada. Intensa alegria se lhe estampou na fisionomia. Sorridente, correu à porta e, abrindo-a, saudou:

— Boa noite! Quem é?

Não obteve resposta. No silêncio, a voz ressoou, triste:

— Suponha que eu seja o que o senhor chama uma alma perdida, senhor frade...

E uma gargalhada nervosa acompanhou as palavras.

— Vêlo o amigo ao lugar indicado. — respondeu o monge, sorrindo, à medida que recuava, reverente, abrindo a porta. — Queira ter a bondade de entrar e sentar-se junto ao fogo. Há com o senhor outra pessoa? Uma senhora? Perfumes raramente os sentimos aqui... Sugere-nos jardins... rosas... jasmims...

— Realmente, é a senhorita Howe. Minha secretária. Ela também crê em Deus... no amor... na constância...

Suares mãos procuraram as do irmão Hilário. E uns doces e grandes olhos azuis fitaram o seu rosto na penumbra. O frio havia pôsto delicado rubor nas suas faces e reflexos de ouro na sua cabeleira.

— Boa noite, irmão... — murmurou a jovem. A sua voz era terna e envolvente. E' bom crer em tais coisas, não é? E o senhor crê nelas, eu o sinto! Notei-o pela maneira com que falou sobre jardins e as flores. E' agradável recordar os momentos difusos, não lhe parece?

— Sim, — respondeu o irmão Hilário. E depois num suspiro quase imperceptível. — Todos os meus momentos são felizes...

A moça voltou-se, sentando-se numa cadeira. Permaneceu silenciosa, olhando atentamente para o fogo da lareira. Sua fisionomia refletia imensa tristeza.

— Andamos numa espécie de caçada louca! — exclamou o homem, sentando-se ruidosamente num banco, junto ao fogo. — Esta noite uma linda estrêla nos guiou até aqui... Lembro-me bem, mesmo. Há muitos anos visitei São Gil e passei algum tempo aqui. Foi quando estavam restaurando o presbitério e a torre do Oeste. Meu nome é Inácio Watt...

— Oh! — exclamou o irmão Hilário — Isto é maravilhoso. Sua presença é um verdadeiro presente de Natal. São Gil sente-se honrado. Sou novo aqui, mas nas palestras dos irmãos mais velhos ouço sempre o seu nome, glorificado como o mais famoso construtor de templos, maior mesmo que Wren.

Já tive o prazer de contemplar algumas de suas igrejas em S. Botolph, em Malmsbury.

— Ah!, sim! — assentiu o homem. — Mas tudo isso pertence a outro mundo, e o Inácio Watt que o fez, está morto...

— Morto?! — perguntou, estupefato o Irmão Hilário.

Os olhos negros do arquiteto despediam chispas na penumbra.

— Sim, — afirmou com entonação sombria — morto! Morto nas ruínas das igrejas que êle construiu, nas abadias que restaurou; nas ruínas do seu próprio lar, onde pereceram sua espôsa e seus filhos...

— Oh!

— Irmão, eu perdi tudo, tudo!

— Não! — respondeu, com a voz trêmula, o irmão Hilário, — Não! O senhor sofreu... mas não perdeu tudo...

Os olhos ferozes do interlocutor fitaram Hilário. Havia na sua fisionomia congestionada uma dissimulada expressão de desprezo:

— Que me resta, então, senhor monge?!

— Sua fé em Deus, na sua bondade infinita! Na sua capacidade de fazer grandes obras, restaurando tudo que o senhor construiu e amou...

— E restaurá-las para quê? Para que venha outra geração destruí-las, reduzindo-as a pó? Oh, não, irmão, eu lhe asseguro que isso não acontecerá!

— Outros homens levantaram altas tôrres, encantadoras construções, povoando-as de coisas e seres amados. E também os viram reduzidos a ruínas... Homens que, como artistas, valem menos que o senhor, mas que não perderam a fé!

— Que sabe o senhor dessas coisas dolorosas da vida, neste lugar isolado? O senhor, que nunca teve uma espôsa, filhos pequeninos, um lar enfim, não pode falar assim...

O irmão Hilário sorriu:

— Talvez. Contudo ainda assim mesmo, tenho esperança de que o senhor se liberte, nesta noite, dessa amargura, pelo menos. Esta é a noite purificadora. Não estão hoje as estrêlas mais brilhantes? Não brilha a estrêla do Oriente sobre nós?

NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES

— você pôde ter

MAU HÁLITO!

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargargalos. Odorans não é um simples dentífrico: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!



O olhar ardente do arquiteto suavizou-se um pouco. Fitou, quase com simpatia, o plácido semblante do monge.

— Sim, irmão. Certamente, as estrelas brilham esta noite como nunca...

— Eu o sei, — murmurou o jovem monge — eu o sei...

Após longo silêncio, Inácio Watt dirigiu-se a Hilário:

— Que faz o senhor, aqui?

— Toco órgão.

— E é feliz?

— Sou muito feliz. Dentro em pouco será cantada a missa da meia-noite e terei de ir tocar. — E cantarolou, baixinho: "Regozijo do Mundo"...

A jovem, que permanecera muda durante toda a conversação, começou a chorar. Em seguida, procurou sorrir através das lágrimas que lhe enchiam os olhos grandes.

— Regozijo do mundo... — repetiu Inácio Watt. — Que Deus nos ajude...

— Sim, — repetiu o irmão.

A campainha soou.

O irmão Hilário ergueu-se e, em passos rápidos, dirigiu-se à porta, abrindo-a.

— Boa noite, amigo! — Que podemos fazer pelo senhor?

— Que podeis fazer por mim? Fazei com que eu veja! Fazei com que os cegos, como eu, recuperem a vista...

— Isto é milagre e já foi feito! — respondeu, singelamente, o monge. — Já foi feito há muitos anos... Como se chama o senhor?

— Meu nome é Marcos Raven.

— Marcos! Marcos!

Com estas palavras balbuciadas a meia voz, Hilário, emocionado, tomou pela mão o recém-chegado e o fez sentar-se em sua própria cadeira junto à lareira. E balbuciou:

— Parece-me reconhecer tua voz. E tu, não me reconheces?

— Estou cego!

— Mesmo assim! Eu sou Hilário Blaunt! Lembra-te agora?

— Hilário!

O rosto do recém-chegado se iluminou.

— Quem diria nos encontraríamos de novo! Mas, que fazes aqui? E's monge, sim, eu o percebi ao entrar, quando rocei a mão no tecido espesso do teu hábito. Ouvi também o ruído das contas de teu rosário. Com que então, Hilário... Muitas vezes pensei em ti. Contudo, pensando bem, este era o teu fim lógico, já que sempre foste dado ao misticismo... ao sonho... à poesia...

— Sim, aqui estou, Marcos. E não calculas o quanto me alegro com este encontro, velho amigo! Mas tu... conta-me... que fizeste?

— Nada. E que resta? Hilário, estou inutilizado! Sabes que eu sonhava ser um grande ator... outro Garrick, outro Kean ou Booth! Veja-me!

— Sim, — disse, com doçura, o irmão Hilário. Compreendo, Marcos. Mas tu não estás de nenhum modo liquidado. Tu produzes... Lembro-me de que escrevias também para o teatro. Não tens necessidade de abandonar tal inclinação artística. E's capaz, apesar de tua cegueira, de sentir e criar pensamentos elevados e transportá-los para o papel. — mesmo cego!

— Não, — disse Marcos Raven, sacudindo a cabeça. Não, tudo terminou para mim, aquele dia



Para
SUA CUTISUM PÓ
PARA SEUS CABELOS.....
UMA LOÇÃO
RÊVE D'OR
L.T. PIVER



34

em Trobuk, quando perdi o mais precioso dos sentidos.

— E existia, — falou Hilário — se não me engana a memória, uma linda moça... Creio que se chamava... Margarida! Não é mesmo?

— Margarida! — repetiu Raven, com tristeza. Crês tu, porventura, que eu pudesse desejar para ela tanto mal assim? Sou um inválido, um inútil, um homem alquebrado. Não tenho mais o direito de pensar no amor...

— Será que Margarida te disse tudo isso...

— Nunca lhe dei ocasião para que o dissesse. Não podia permitir que ela admitisse a idéia de vir a casar-se comigo por simples compaixão!

— Se ela te amasse, Marcos, tua desgraça não significaria, para ela, o menor impecilho! — disse o irmão Hilário com convicção.

— Meu Deus, Hilário, como podes pensar semelhante coisa! — exclamou Marcos, que se calou bruscamente, apurando o ouvido.

Inácio Watt, que estivera observando os jovens de sua cadeira, tossiu discretamente, e fez ruído para não continuar assistindo a tão íntima conversação.

— Há alguém mais, Hilário? Por que não me preveniste?

— Sim, Marcos. Aqui está o senhor Inácio Watt e...

Mas não pôde concluir. Sobre os seus lábios, pousou, numa carícia, uma perfumada mão. Por um instante, Hilário permaneceu mudo, sem compreender; mas logo, um clarão iluminou-lhe a mente. Controlou-se. E reatou:

— Ah, sinto-o, Marcos. E' tanta a alegria de

tornar a ver-te, ter-te comigo, que esqueci de cumprir as regras da mais elementar educação. Sr. Inácio! — exclamou, dirigindo-se ao arquiteto — Este é o meu amigo Marcos Raven.

Inácio Watt levantou-se e foi apertar a mão do cego, e disse:

— Veio a um bom lugar, senhor Raven. Nosso amigo, o irmão Hilário, constitui um bálsamo para curar todos os males. Creia-me: tudo o que o senhor sente e sofre — suas amarguras, suas desilusões, seus fracassos — sinto-o e soffro-o também. E' certo que conservo a vista. Mas minha alma tem os seus olhos apagados...

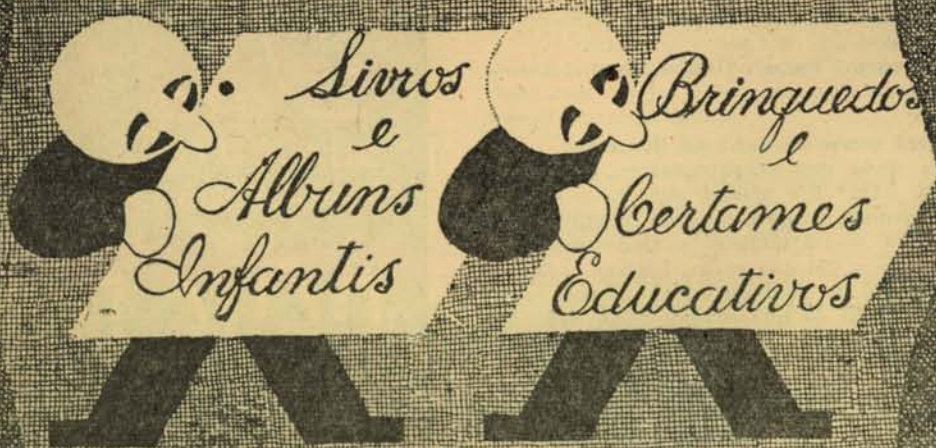
— E eu digo que não! — interveio Hilário. — Eu digo que não, aos dois!

— Não o podes dizer a mim, Hilário! — replicou Marcos com tristeza. Eu adorava as auras e os crepúsculos. Gozava, com a vista deslumbrada, a beleza dos bosques no outono, o rebrilhar das mansas águas dos arroios que correm entre as árvores. Sentia-me feliz contemplando o rosto angelical das criancinhas, as inquietas labaredas da lareira, a neve cobrindo os galhos e as folhas do arvoredo rodopiando no ar... E tudo desapareceu no negrume dos meus olhos! Para mim, somente há e haverá obscuridade e vazio...

— Oh, Marcos! Marcos! Tu eras um bom músico! — exclamou Hilário. — Que fizeste dessa predileção?

— E' certo, — admitiu o cego com amargura. — Amava a música, mas desde que perdi a vista, não tornei a pôr as mãos no teclado de um piano.

— Fizeste mal. Hoje, mais do que nunca, deverias recorrer à música, que é a grande conso-



✠ Em todas as boas casas do ramo, acham-se à venda ✠

Edições Melhoramentos

adora. Segue meu conselho, Marcos: procura a tua Margarida. Estou certo de que ela deve estar à tua espera. Ela deve amar-te como sempre, mais que nunca! Bem podes ser feliz ainda!

— Ah, sempre serás o mesmo Hilário, de coração enorme! — respondeu Marcos, com um sorriso melancólico. E recitou, baixinho, os versos de famoso poeta:

— Pois Hilário pode chegar e partir
Como o passado e o presente.
Mas sou dos que viverão e morrerão
felizes por ter êle passado junto à mim!

Inclinou-se, carinhosamente:

— Estes versos, querido amigo, te retratam de corpo inteiro...

— Obrigado, irmão! — inclinou-se, humilde, Hilário. — Talvez me descrevam com generoso exagero. Mas podes estar seguro de que sempre me alegrei e me alegrarei de ter tomado êste caminho. E também há de sentir-te feliz por tê-lo tomado, como o senhor Inácio... Jamais será preciso esquecer os bons momentos, Marcos! Porque êles foram reais, verdadeiros. Tu costumavas falar-me de um jardim, por onde gostavas de passear com a tua Margarida...

— Com efeito, Hilário. Fôste sempre um paciente e generoso confidente. Aquêlê jardim...

— Sim, Marcos, sim! — interrompeu Hilário, excitado. — Não percebes ainda o suave aroma das rosas, dos jasmims? Esforça-te... Marcos!

Marcos Raven pareceu tornar-se rígido, aspirando agora o ar em longos haustos. Prêsa de grande emoção, exclamou:

— Mas... que é isto?! Aquí há outra pessoa... aquí... aquí está... Meu Deus!

Não prossiguiu, porque a jovem, que se contivera a custo durante longo tempo, murmurou:

— Sim, Marcos, sou eu mesma que estou aqui! Ajoelhou-se junto ao banco do jovem cego e enlaçou-o ternamente Tomando-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-o longamente:

— Eu estou aquí, querido. Procurei-te por toda parte. Esta noite sonhei que havias estado nas imediações de São Gil, e o senhor Inácio Watt, de quem sou secretária, teve a bondade de acompanhar-me. Não me queiras mal, meu amor. Não creio em nada mais, senão que te amo e desejo, como nunca, estar sempre ao teu lado.

— Margarida! — balbuciou Marcos, emocionado até às lágrimas. — Margarida, querida!

O sino da capela repicou.

O irmão Hilário pôs-se de pé. Anunciou:

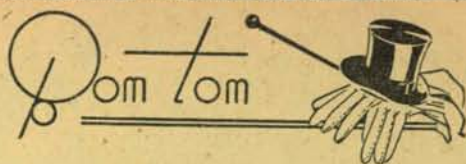
— Aproxima-se a hora santa. Esse é o sino da missa. Devo estar ao meu órgão. Que Deus abençoe a todos, meus amigos. E que tenham uma feliz passagem. Esta noite, para regozijo do mundo, é Natal! Até logo!

Longo tempo decorreu após a saída do irmão Hilário. Todos continuaram mudos, impressionados pela nobreza espiritual daquêlê jovem monge.

Foi Inácio Watt quem perturbou o silêncio, numa voz amargurada:

— Regozijo do Mundo! Ah, para êle é fácil falar! O irmão Hilário não teve um lar destruído, sua esposa e seus filhos mortos...

— Engana-se, senhor! — respondeu Marcos Raven. — Ele sofreu essas desgraças enquanto se achava lutando na África, lutando como poucos ho-



Se deseja que seus filhos sejam corteses para com as suas próprias visitas, trate polidamente os amiguinhos que os procurarem. A civilidade para com os pequeninos pode exigir paciência, mas vale bem a pena.

*

Nestes tempos de racionamento, toda pessoa que se hospeda em casa de alguém precisa ter o maior cuidado para não aumentar as dificuldades da dona da casa, procurando economizar os alimentos racionados, evitando desperdícios de gás, luz, etc.

*

E' pouco recomendável manter uma conversação prolongada sobre assuntos pessoais ou falar em língua estrangeira com um amigo ou companheiro de trabalho, em presença de outros colegas, deixando-os inteiramente de parte.

*

Logo que sentar-se à mesa, apanhe o guardanapo e ponha-o sobre os joelhos. Isso é preferível a tomá-lo às pressas no momento em que fôr servido.

*

Anime sua filha a receber em casa os seus jovens amigos e, quando êles lhe forem apresentados, acolha-os com a mesma cortesia que dispensaria a uma pessoa mais velha. Se deseja ter a confiança de seus filhos, procure conquistá-la.

*

Quando receber, no escritório, uma encomenda para outra seção ou para um companheiro de trabalho que não esteja presente, assuma a responsabilidade da entrega. Não pretenda que a sua responsabilidade termine com a assinatura do recibo. Na verdade, é justamente aí que ela começa.

*

A criança em cuja homenagem se dá uma festa, é quem faz as honras da casa e, com a sua mãe, deve receber os seus pequenos convidados.

*

Numa loja muito cheia de clientes ou caso em que os empregados sejam poucos, espere com paciência a sua vez. Evite fazer perguntas a um empregado que se encontre ocupado em atender a outra freguesa.

*

Não demonstre o mínimo aborrecimento quando, num grupo, tiver a impressão que foi "excluído" da conversação. Simule serenidade se não puder mantê-la e, sempre com um sorriso nos lábios, espere o final da palestra, numa alta demonstração de sociabilidade.

Para as festas...

Natal, Ano Bom, Reis, datas que deixam as mais gratas recordações... Para os que lhe são queridos, assinala a época feliz das festas com um presente útil e delicado. Na sua grande variedade de lindos modelos, NORMA oferece sempre uma sugestão para o presente ideal.

**Relógio
NORMA**

Suíço - 15 rubis.

GRÁTIS!

Peca ao seu relojoeiro ou a C. P. 1.861, Rio - o útil folheto "Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome.....
Endereço.....
Cidade.....
Estado.....

Foyares

mens o sabem fazer... Procure lembrar-se, senhor Inácio! Sem dúvida, o senhor deve ter ouvido falar em Hilário Blaunt! Concedeu-se-lhe, entre outras, a condecoração da Cruz da Vitória.

Quem pode dizer que irmão Hilário julga meu caso um pouco levemente sou eu! Pois, em verdade, trata o meu caso como se não fôsse uma tragédia. E' claro! Ele não sabe, não pode saber o que é a cegueira! Ele não sabe o que é viver numa eterna escuridão!

— Sim, sabe, Marcos, ele sabe... — murmurou chorando Margarida Howe. — Ele sabe...

— Que? Sabe?! Não entendo... — murmurou Marcos Raven.

— Sim, Marcos, ele sabe, porque também é cego...

Marcos pôs-se de pé lívido, num trágico silêncio, estreitando a jovem com a força nascida da emoção brutal.

Inácio Watt ergueu-se também pálido:

— Não havia percebido, Margarida! Agora, sim, creio na existência do amor. Você acaba de não-lo provar...

Distante ecoavam, dolorosamente, os acordes do órgão da abadia. Música gloriosa a que magistral execução tornava mais envolvente e inspiradora.

Ouviram-na, por instantes, de olhos fechados, unidos, espiritualmente, pela unção da fé. E de súbito sem compreenderem, sentiram, todos os três que cantavam a uma voz, acompanhando a música divina que jorrava pelos cristais estilizados da abadia:

Regozijo do Mundo!

O rei é vindo!

Que todos se regozijem!

Era o poder da fé que elevava suas vozes humilíssimas à amplidão celeste em louvor do menino Jesus e como numa bênção àquele servo de Deus, que, humilde e bom, diluía ao órgão a própria alma luminosa numa gloriosa oblata ao seu único Senhor!

*

A ODONTOLOGIA E SUA HISTÓRIA

A HISTÓRIA da Odontologia perde-se na escuridão dos tempos. Era ela considerada como uma arte apenas. Não havia a base científica necessária, nada que pudesse dar à profissão o nome de ciência.

Pouco se conhece a seu respeito antes de Hipócrates e tudo o que se passou era de pouca importância. Os antigos documentos nada revelam sobre a história e a evolução da arte dentária. De Hipócrates para cá, é que esta evolução melhor se documenta.

O pai da medicina citou a carta dentária nos seus escritos; citou também casos de abscessos dentários, gengivites, etc. e as suas respectivas terapêuticas. Podemos dizer que a Odontologia nasceu com a Medicina e até hoje caminham paralelamente.

Galeno também se dedicou ao estudo dos dentes.

A vaidade muito contribuiu para o desenvolvimento de um dos mais importantes ramos da Odontologia: a *Prótese dentária*. Antigamente eram apenas os dentes anteriores os substituídos por outros artificiais; não se cogitava de preencher a mais importante função dos dentes: a mastigação. Por isso não se confeccionavam as dentaduras completas.

O arsenal cirúrgico odontológico era bastante restrito e rudimentar: algumas pinças para extrações, uns instrumentos para extrair o tártaro e nada mais.

Vesale e Paré no século XVI, muito escreveram sobre a cirurgia dentária.

Obtenha e conserve em
sua pele a irradiante

Beleza de Adolescente



Para assegurá-la, não esconda...

Corrija as imperfeições do
seu rosto com **LEITE DE COLONIA.**

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe
sua cutis com Leite de
Colonia. Durante o dia,
use-o como fixador e
como protetor da cu-
tis. Ao deitar-se, para re-
tirar o maquiagem e lim-
par novamente a pele.



A pele jovem e acetinada não é uma dádiva de
beleza exclusiva das adolescentes. Há muitas mu-
lheres que mantem a irradiante mocidade da sua
cutis por longos anos... Com certeza, a sua preo-
cupação é também adquirir e conservar uma pele
sempre linda e sempre jovem. Pois bem... Então,
não artificialize os seus encantos com o excessivo
maquiagem para esconder as imperfeições do rosto.
O mais certo e mais saudável é evitá-las e corri-
gi-las com Leite de Colonia. Produto de toucador,
mas de base medicinal, Leite de Colonia elimina
manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções
da cutis. Além disso, é magnífico fixador do pó
de arroz. E ainda protege a pele. Use sempre Leite
de Colonia. E alvorecerá, diariamente em seu rosto,
uma nova beleza - mais radiante e mais jovem.

Leite de Colonia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE.

Record-LC-6



JIM KEALING, jovem médico interno do Hospital Municipal, estava desolado. Perdera sua caneta-tinteiro e, embora ela não fosse propriamente uma jóia, ele a considerava quase como tal. Era uma boa caneta e isto lhe causava um grande pesar.

Todos os seus objetos de uso pessoal eram simples como ele próprio. Os colegas costumavam trocar de seu relógio barato, porém, eram forçados a verificar que ele marcava as horas tão bem como qualquer relógio de preço. Não é que lhe faltasse dinheiro nem gosto para adquirir coisas belas. Era do seu feitio simples não tolerar exhibições. Ademais, havia tanto em que empregar o seu dinheiro...

Temperamento sóbrio, nada tinha de sentimental, fato já comprovado, pe-

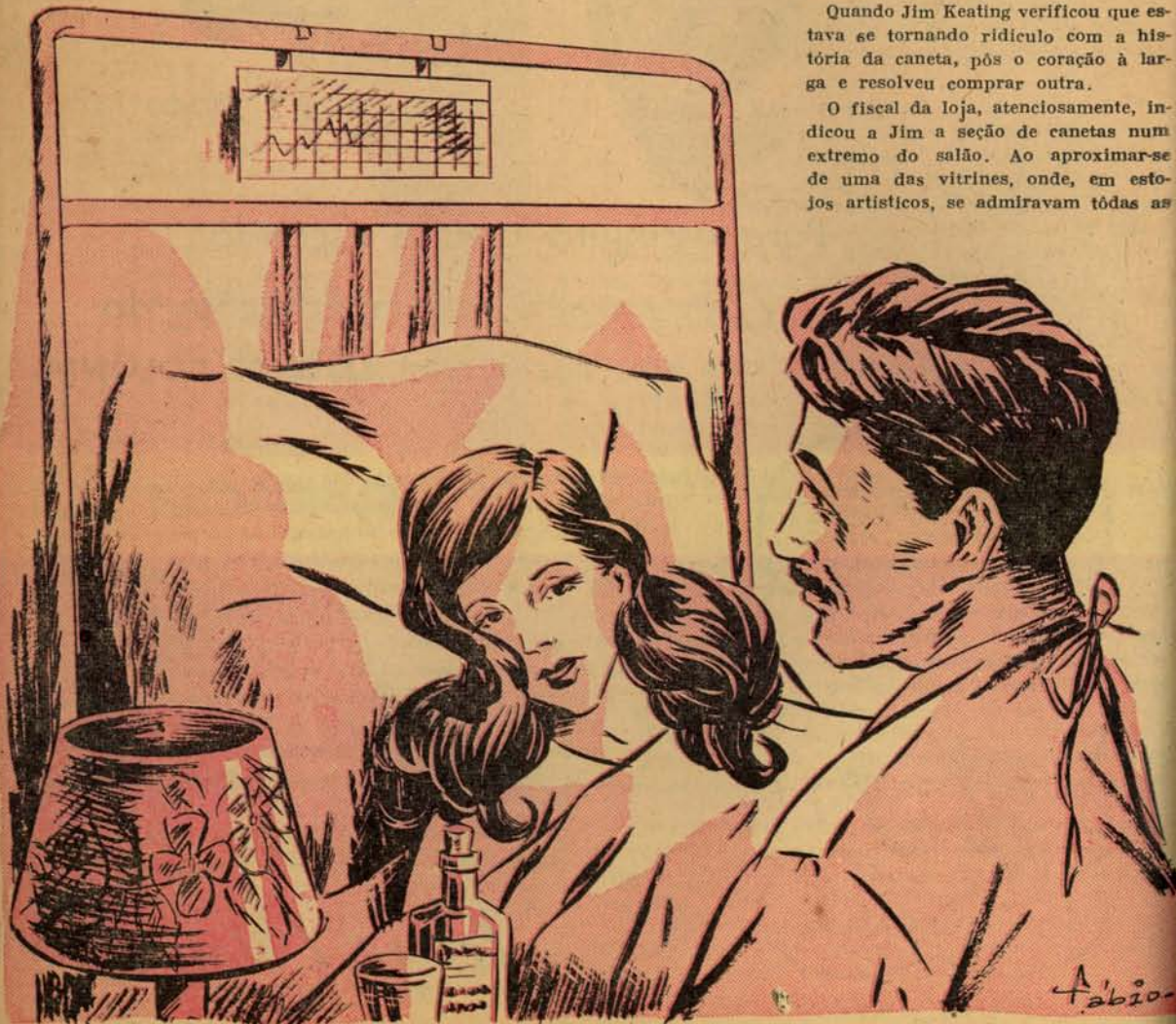
lo menos, por meia dúzia de lindas jovens enfermeiras que com ele trabalhavam. Adquirira a caneta ao começar os estudos secundários, estava habituado a ela e desejava recuperá-la. Por isto, embora houvesse pouca probabilidade de encontrá-la, inspecionou cuidadosamente o apartamento que, em companhia de outros colegas, ocupava no hospital. O quarto foi virado de pernas para o ar, por ele e seus companheiros, que desfizeram camas e despejaram gavetas. Inutilmente! No dia seguinte, foram afixados cartazes pelo hospital, prometendo 50% do valor do objeto perdido, a quem o devolvesse a seu dono.

Isto chegou a causar hilaridade entre os médicos do hospital, que sabiam, perfeitamente, que o Dr. Keating não precisava lastimar, a tal ponto, a perda sofrida.

Modesto por índole, Jim Keating jamais fizera alarde de suas posses. Entretanto, os companheiros o julgavam rico pela facilidade com que socorria os necessitados. Também se dizia, à socapa, que o caridoso médico, exigindo completo sigilo de seus beneficiados, costumava manter contato com os enfermos indigentes que deixavam o hospital, fornecendo-lhes, não só os medicamentos de que necessitavam, com também agasalho e alimento, enquanto não recomeçavam a trabalhar. Isto, entretanto, era difícil de se provar. Toda vez que alguém abordava um dos pretensos beneficiados, este, manelrosamente, mudava de assunto, já instruído por ele. Apesar das troças dos colegas que, pelo seu excesso de economia chegavam a chamá-lo "pão-duro", era sabido ser o Dr. Keating admirado e acatado por todos.

Quando Jim Keating verificou que estava se tornando ridículo com a história da caneta, pôs o coração à larga e resolveu comprar outra.

O fiscal da loja, atenciosamente, indicou a Jim a seção de canetas num extremo do salão. Ao aproximar-se de uma das vitrines, onde, em estojos artísticos, se admiravam todas as



canetas-tinteiro imagináveis, o jovem médico teve sua atenção despertada pela moça encarregada da referida seção, uma moreninha atraente, de cerca de vinte e três ou vinte e quatro anos.

Sua expressão fisionômica despertou o interesse científico do Dr. Jim. Lembrou-se de que quando ginasiano, o professor discorrera longamente sobre o nariz, e exigira dos alunos um belo trabalho a respeito. Desde então se comprazia a estudar, sempre que havia oportunidade, as fisionomias que lhe despertassem algum interesse. Podia não ser infalível a teoria do professor a respeito, porém, ele próprio já tivera oportunidade de, muitas vezes, conhecer algo do caráter dos outros, estudando-lhes a fisionomia apenas.

O nariz, por exemplo, nunca o enganara. Se afilado, demonstrava irascibilidade, desconfiança, hipersensibilidade. O seu portador poderia lutar contra essas tendências tão desagradáveis, porém, corria o risco de se tornar desconfiado e taciturno.

Em se tratando de um nariz de ponta arredondada, o jovem médico previa afabilidade e conciliação nos momentos críticos. Sabia, também, que não era aconselhável brincar, em tais momentos, com uma pessoa de nariz longo. O nariz fino demonstrava desdém. O aquilino era de um valor a toda prova, embora arrogante, valente, detalhe de muita importância quando se tratava, por exemplo, de uma intervenção cirúrgica difícil e dolorosa. As narinas dilatadas demonstravam caráter errante, impressionável, impaciente. Era preciso muito cuidado quando se era obrigado a aplicar injeções de morfina em cliente portador de nariz desse tipo. São sempre pessoas fáceis de viciar.

Não paravam aí as observações do jovem médico. Tinha noção exata da estética e do belo. Por exemplo: — um adorável rosto oval, cabelos pretos, ondulados naturalmente, testa ampla, sobranceiras esculpidas de acordo com as regras clássicas e uma boca suave e rosada, exigiam olhos escuros, profundos e sombreados por cílios espessos. Não tivesse todos esses requisitos e não estaria perfeito.

Os olhos da jovem de tez morena da seção de canetas eram maiores do que deviam ser, talvez; porém, um espectador metucioso o tivesse notado. Outros achariam até que essa pequena anormalidade realçava mais

os encantos daquela a que a natureza tão bem aquinhoara.

Jim Keating sentiu-se como que enfeitado por aquela Venus não mutilada. Não deixava de ser suscetível aos encantos femininos, porém, não dispunha de muito tempo para admirá-las. Trabalhava e as mulheres que passavam por suas mãos, no hospital, eram enfermas e pouco podiam interessá-lo, pelo lado sentimental. Como não fazia vida social, raras vezes tinha desses encantadores encontros. Dai, talvez, a razão de ter se impressionado tanto com a beleza da jovem "vendeuse".

— Deseja uma caneta, cavalheiro? — perguntou gentilmente. Tinha, como já o esperava Jim, uma agradável voz de contralto, porém, notava-se, facilmente, que o seu timbre era ligeiramente forçado, revelando certa tensão nervosa. As faces de "biscauit" estavam acentuadamente vermelhas sem o auxílio de corantes. A única pintura era o "baton", retocando ligeiramente os lábios.

Ao descrever a caneta que desejava adquirir, o rapaz fitava-a embevecido, o que a fez desconcertada. Jim que se sentia inteiramente fascinado pela moça, ao notar o seu embaraço, ficou contrariado. Não desejava, absolutamente que ela o julgasse um conquistador barato.

A jovem trouxe uma caneta e um bloco para que o rapaz pudesse experimentá-la. Foi, então, que ele julgou perceber ligeiro tremor nos seus dedos brancos e delicados. Como ele preferisse uma pena mais fina a moça voltou à vitrine e, enquanto a escolhia, ouviu o rapaz dizer:

— O tempo está desagradável, não acha a senhorita? Bastante frio... A

senhorita está sentindo frio, não é verdade?

— Está frio? — replicou, indiferente. — Não o tinha notado!...

Embora se esforçando para manter a calma, enrubescceu agastada com a insolência do seu interlocutor. Depois de breve pausa, procurando aparentar calma, disse com frieza e dignidade:

— Não sei em que possa interessá-lo saber, cavalheiro! Por favor experimente esse outro tipo de caneta.

Jim rabisçou no papel, porém, voltando ao seu pensamento fixo, disse, olhando-a com carinho:

— Não sente frio, porém, sente sempre fome, não é verdade?

A jovem mordeu os lábios, contrariada; porém, fez um gesto afirmativo.

O médico verificou que acertara. Tomou do bloco e escreveu: — Há enfermidades que, em sua primeira fase não são facilmente notadas. — Passou a caneta e o bloco à moça dizendo: — Agora acho a pena grossa demais.

Ao ler o aviso, a moça corou ainda mais. Jim o notou e lastimou ter cooperado para aumentar as preocupações da jovem. Entretanto, via, claramente, que ela conhecia o seu estado de saúde e que lhe faltava, apenas, a coragem para procurar um facultativo. Certamente não lhe era dado deixar de trabalhar. Isto o preocupava sobremaneira. Não lhe cabiam direitos a esse respeito, porém, como fazer, se aquela jovem o encantava?...

Enquanto esses pensamentos turbilhonavam em seu cérebro, outros sentimentos, os da revolta, se aposavam da moça que, num ímpeto de raiva incontrolada, tomou da pena e do papel e escreveu: — Julgo-o, pelas aparências, um médico. Entretanto não deve ser um grande médico porque... — Interrompeu indecisa. O rapaz, entretanto a animou:

— Vamos! Prossiga, senhorita. Não tenha medo! Não me magoará se me fizer ciente do que pensa a meu respeito...

Ela negou, num gesto de cabeça, porém, após breves momentos de hesitação, escreveu: — "Somos pagas para tratar delicadamente os fregueses da casa."

— Entretanto, nem sempre é cortês, — acrescentou Jim à nota que ela lhe passara às mãos. Apostaria que, há dois meses, não havia menina mais dócil...

Pondo fim ao diálogo, ela o interrompeu, secamente:

FOTOS SOCIAIS

Para Alterosa

A direção desta revista volta a prevenir aos seus estimados leitores que só aceita fotografias para publicação quando compreendidas nas suas seções habituais, isto é: senhoritas, crianças, enlances e rádio. Tais fotos, entretanto, deverão preencher as exigências técnicas e artísticas, copiadas em papel liso e branco, tamanho postal.

Nenhuma outra fotografia, fora dessas condições, será publicada nesta revista, ainda que mediante pagamento.



TAMPAX É UM "TEST" PARA A MENTALIDADE FEMININA!

Porque é um método de proteção diferente!

Um processo absolutamente novo e científico de proteção sanitária das senhoras; é Tampax, usado por milhões de senhoras, nos Estados Unidos.

Qualquer que seja a sua idade e ocupação, a sra. terá proteção, segurança e conforto perfeitos graças a Tampax. Usado internamente, Tampax dispensa o uso de alfinetes, cintos, toalhas, almofadas e desodorantes. Tampax é confeccionado com puríssimo algodão cirúrgico; é fácil de aplicar, e simples de remover. Não se denuncia, não produz fricção nem irritações.

Tampax se encontra à venda nas principais farmácias e drogarias das pais e nas melhores lojas de artigos femininos. Compre Tampax hoje, para este mês. Distribuidores: Hermann Caixa Postal, 247 - Rio de Janeiro.

3 tamanhos
a venda
JUNIOR-REGULAR
+ SUPER

Propaganda aprovada pela Revista da Associação Médica dos EE. UU.



Amostra grátis

Faça uma experiência com TAMPAX! Envie-nos Cr\$ 2,00 para as despesas do correio, e receberá uma caixa contendo 3 amostras e um folheto explicativo. Caixa Postal 247 - Rio de Janeiro.

Nome
Rua
Cidade
Estado FF

— Leva esta caneta, cavalheiro? Ou prefere experimentar outra?

— Sim, respondeu Jim e apressou-se a fazer o pagamento.

No bloco que ficara sobre o balcão, a jovem, ao regressar com a compra já embrulhada, encontrou as seguintes palavras: "Sinto tê-la ofendido. Por nada no mundo, desejaria ferir sua sensibilidade. Atrevo-me entre tanto, a insistir que a senhorita faria bem se procurasse, imediatamente, um médico. O seu caso o exige sem demora."

Ao fitar a jovem, com uma ternura que talvez não tivesse direito, viu-lhe os olhos rasos d'água. O seu esforço para se mostrar natural ao recolher as canetas que estavam sobre o balcão, fez com que Jim, com o desfêcho dessa primeira entrevista, aventurasse ainda:

— Apareça no Hospital Municipal, pavilhão este, consultórios externos, qualquer noite destas, entre sete e nove da noite. Se quiser ir: quarta-feira ou no sábado, procure por Jaime Keating.

Ela nem sequer o fitou. Sua atitude era como se lhe dissesse que não desejava outra coisa senão vê-lo pelas costas.

Jim arrancou a folha do bloco, amarrotou-a, atirando-a em seguida sobre o balcão, fingindo um desinteresse que estava longe de sentir. Despediu-se sem ser correspondido e afastou-se. A moça acompanhou-o com o olhar e, depois de vê-lo desaparecer no meio da multidão, apanhou o papel, alisou-o, guardando-o a seguir, no bolso.

No dia seguinte, Jaime Keating procurou se absorver no trabalho, porém volta e meia se surpreendia inteiramente distraído. Teve raiva de si mesmo ao lembrar o incidente da véspera! Era evidente que a jovem se sentia preocupada com o seu estado de saúde e ele, em vez de lhe prestar os seus serviços, pusera tudo a perder com aquelas demonstrações de interesse pessoal. Ela o interpretara mal e com razão! Por mais que o jovem médico procurasse se convencer de que agira apenas por dever de humanidade, qualquer coisa lhe dizia, no íntimo, que seu coração estava apaixonado. "Impossível!" — pensava. — O amor se baseia na afeição mútua! Se ela me detesta, como poderei amá-la?"

Como aquela noite fôsse a do seu plantão, foi cheio de esperança que assistiu o pôr-do-sol. A moça tivera muito tempo para refletir desde a véspera e, ajuizadamente, com certeza procuraria o seu consultório. Entretanto, duas horas de expectativa se escoaram, lentamente, sem nenhum resultado!

O domingo foi lento e pesado para o jovem médico. Segunda-feira não pôde mais se conter e foi à loja de

canetas. Lá lhe informaram que a moça não trabalhava mais ali; que seu nome era Patrícia Weston e que o enderêgo como era de praxe, a casa não fornecia.

Ficou desolado! Como um sonâmbulo andou pelos quatro cantos da cidade! Dias a fio, nas suas horas de folga, procurou-a. Correu lojas, bairros, sem conseguir o seu objetivo. Começou a se mostrar abatido, desinteressado por tudo. Perdeu o sono e o apetite e se tornou nervoso, distraído... Obscuro, vigiava a porta de entrada da sala de espera, nas suas noites de plantão. Esperava, com fé, que ela lhe aparecesse de um momento para o outro. Nas ruas acompanhava todas as moças por que passava, na esperança de encontrá-la entre elas. Os colegas, acostumados com o seu temperamento sadio, sempre atencioso e caritativo, começaram a estranhar suas atitudes. E se propuseram a distraí-lo, custasse o que custasse. Em vão! O dr. Jim estava gravemente preocupado para lhes dar atenção!

*

Era na semana do Natal! Como nos anos anteriores, fazia já um mês que todos se preparavam para o grande dia. As ruas regorgitavam de gente sobraçando embrulhos. O comércio, com suas vitrines cheias de brinquedos, grandes árvores de Natal e o barbado Papai Noel carregando nas costas o seu saco de presentes, fascinava as crianças e até os adultos. Época de alegrias para uns e de tristezas para outros, mas, religiosamente chamado — Época Feliz.

Para Jim Keating, o dia de Natal era como os demais. Não ia a festas, não tinha família! Os festejos causavam-lhe até um certo mal-estar, fazendo-o verificar quão solitária e triste era a sua vida. Por isto se ofereceu para substituir todos os colegas que tinham deveres sociais a cumprir na Noite Santa. Quanto mais trabalhasse menos pensaria na moça desaparecida.

Três dias antes do Natal, não sabendo mais que alegar para se esquivar aos convites que lhe eram feitos, aceitou o de Ted Lovejoy, para uma ceia em casa de sua família.

Às seis horas da tarde enquanto se preparava para a ceia, foi chamado ao telefone:

— Jim, fala Orloff. Você pode vir fazer uma transfusão agora?

— Não arranjaria você outro doador, Orloff? Vou a uma ceia e estou me vestindo.

— Você é sem sorte, Jim. Não temos mais ninguém no hospital com esse tipo de sangue! Quem o mandou oferecer sangue? Agora aguenta com as consequências!

— Está bem, Orloff; desço já. E alguém que quis experimentar, não pescoço o gume da navalha?

— Nada disto. É uma doente do

Dr. Spellmenn, operada de garganta. Uma hemorragia impertinente dá cabo da pobrezinha!

— Como se chama o doente, perguntou Jim antes de desligar.

— Patrícia Weston! Uma encantadora jovem!

Jim julgou sonhar!... Acabou de se vestir, pôs o avental branco e desceu correndo. Patrícia! Mas seria possível? Procurára-a como um louco sem encontrá-la, e, agora, o chamavam para, com o seu sangue, fazê-la viver...

✱

Fraca, de uma palidez transparente, porém conciente, pois fôra operada com anestesia local, Patrícia repousava no alvo leito do hospital. Arquejava-lhe o peito e de momento a momento brotava-lhe dos lábios uma golfada de sangue. Uma fraqueza imensa se apoderava do seu corpinho débil que uma camisola de cambraia envolvia suavemente. Ao fitá-la emocionado, Jim percebeu que um leve rubor lhe corria as faces e que ligeiro sorriso lhe entreabriu os lábios descorados.

— E's tu? — perguntou ela baixinho.

— Sim, Patrícia! Não te preocupes que tudo acabará bem. Ao murmurar essas palavras, Jim sentia como que uma névoa a lhe perturbar a vista e sua voz tremia um pouco. Dominou-se, entretanto.

Um soluço fêz com que Jim, que já se preparava para ocupar o leito paralelo ao da doente, voltasse a fitá-la. Ela lhe sorriu entre as lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Como a enfermeira se aproximasse, nesse momento, para iniciar os preparativos para a transfusão, ela apenas lhe apertou suavemente a mão, dispondo-se a obedecer.

Uma picada muito sua conhecida já, ao acelerar das pulsações do seu coração, lhe assegurou que tudo corria bem. Sentia, entretanto, um nó na garganta e, mau grado seus esforços, tinha os olhos úmidos. A emoção dominava-o. Enfim, encontrou Patrícia.

Era praxe do hospital o doador de sangue descansar 24 horas após cada transfusão. Jim dispensara o repouso, de bom grado, e, na manhã seguinte, bem cedo, se levantou com a intenção de ir ver Patrícia. Logo após a transfusão o Dr. Spellmenn lhe dissera:

— Entro, amanhã, em gozo de uma semana de férias, Keating. Deixo a senhorita Weston aos cuidados de Orloff e conto com a sua cooperação. De acôrdo, Orloff?

— De acôrdo, Dr. E se entreolhará sorrindo.

Jim olhou-os desconfiado.

— Espero que vocês não tirem uma conclusão errônea a respeito de minha amizade com a senhorita Weston. Nós nos vimos apenas uma vez, au-

CUTEX

UM ESMALTE
INTEIRAMENTE
NOVO!



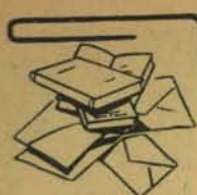
No romântico fulgor
de suas novas tonalidades
estilizadas — At Ease,

Honor Bright e Proud Pink —

CUTEX dará, às suas unhas, a beleza
arrojada de joias raras. Use o novo Cutex
— tem maior brilho, seca rapidamente e
permanece longamente sobre as unhas.



SEMPRE NA VANGUARDA EM NOVAS IDÉIAS!



Miscelânea

HA, nas livrarias, muitas coletâneas de contos do Natal. Lendo-as, a gente verifica, com tristeza, que o tema não é inspirador. São páginas monótonas, fatigantes, sem brilho de qualquer natureza.

Os poetas, por sua vez, não conseguem, dêsse assunto, que à primeira vista parece rico de emoções, fazer um poema imortal. O que temos de melhor, em poesia, sobre o Natal continua ser um velho soneto de Machado de Assis, que, há cinquenta anos, aparece em todos os jornais do Brasil, nos dias 25 de dezembro. "Mudaria o Natal ou mudei eu?"

E' o que temos de melhor. Paciência...

*

NO ano passado uma campanha eleitoral veio perturbar o encanto e a tranquilidade da noite bíblica. Este ano, novas lutas, comícios, oradores virão nos tirar a desejada calma.

Mudar o Natal para outro dia, não nos parece fácil; mas adiar as eleições é coisa simplíssima, bastaria um decreto. Por que não se toma essa medida? Paz aos homens na terra!...

*

O QUE há de bom no Natal é a ternura que envolve todas as almas. Pais com atitudes de S. José. Mães com docuras divinas. Corações duros e impermeáveis amolecidos pela magia da data. Um poeta nosso já fixou essa transformação:

*Natal! que ternuras loucas!
Desejos e anseios vãos
De beijar tôdas as bocas,
De apertar tôdas as mãos!*

*

JORNAIS e revistas estão publicando ótimas receitas de bolos de Natal. Acontece, porém, que não há, no mercado, os artigos que entram no preparo de tais bolos.

E' só para fazer saudade que a imprensa insiste no assunto. Talvez seja uma nova modalidade de oposição ao governo. Quem sabe?...

*

UMA velha beata, ao comprar figuras para o seu presépio, comentava:

— Um rei Baltazar por doze cruzeiros, é caro; mas, enfim, os reis, hoje, são cada vez mais raros. Uma estrela de papel dourado por dois cruzeiros, é um absurdo; mas explica-se, porque as estrelas sempre foram inatingíveis.

Mas por que ha-de um asno custar, agora, vinte cruzeiros, se há tantos no mercado?!...

★ Djalma Andrade ★

tes, e ela se ofenderia por certo com razão, se insinuassem que não somos mais que conhecidos.

— Há camaradas felizes, que conseguem o máximo, no mínimo espaço de tempo! — suspirou Orioff.

— Bem, — disse o professor sorrindo: — agora, escutem: Vocês devem cuidar da enferma para que nada lhe falte. Que ela não sofra emoções! E' preciso muito repouso.

Jim estava disposto a obedecer cegamente ao professor. De modo que, ao chegar pela manhã na saleta do apartamento de Patrícia, indagou da enfermeira como a doente estava.

— Descansa, no momento, — respondeu ela.

Louco de vontade de vê-la, dominou-se, entretanto, e ia se retirar, quando ouviu a voz da doente que debilmente, o chamava.

Atendeu-a prontamente, e foi, emocionado que a ouviu dizer:

— E' admirável tudo o que aconteceu ontem! — Durante a noite sonhei tantas coisas!... Você participou dos meus sonhos... E agora o tenho novamente ao meu lado, mas... na realidade.

— Senti-me tão feliz encontrando-a, Patrícia! Você não calcula como a procurei... Porém, agora não pode falar mais...

— Nunca mais?... — Seus lábios pálidos esboçaram um sorriso.

— Brevemente você estará boa, Patrícia; então...

Ela suspirou profundamente e Jim apertou, com força, entre as suas a mãozinha pálida que ela lhe estendia.

— Por que me chama pelo nome de batismo? — perguntou com os olhos semi-cerrados.

— Não devo fazê-lo? perguntou Jim, carinhosamente.

Não recebeu resposta audível, porém, sentiu em suas mãos escaldantes a pressão suave de seus dedos delicados. Seu coração pareceu querer saltar do peito. Momentos após verificou que ela adormecera.

*

Era na véspera do Natal e todos quantos puderam deixaram o hospital para comemorá-lo. Mesmo os enfermos mais exigentes dispensaram os cuidados do pessoal, visto como teriam a companhia dos parentes durante todo aquele dia.

Jim Keating visitou rapidamente os demais enfermos e correu para junto de Patrícia.

Os quatro dias transcorridos tinham feito maravilhas! A moça já não tinha alucinações nem pesadelos! Senhora já de suas emoções a sua vida retomara o ritmo normal. Mostrava-se cordial, agradecida, porém, um pouco reservada. Contara a Jim alguns detalhes de sua vida, somente

(Continua na pag. 40)



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, si não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colhêr os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com êsse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor—e Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



★
Peço-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

★

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

**ARTIGOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS ?**

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

★

AV. AFONSO PENA, 1050
FONES 2-1607 e 2-3016
BELO HORIZONTE

PRESENTE DE NATAL

CONTINUAÇÃO

o necessário para lhe explicar por
que não podia contar com o auxílio
de parentes. Fizera-o, e entretanto
com simplicidade e satisfazendo à
insistência do médico.

Seu pai, Círculo Weston, — Jim
embora pouco entendesse de arquite-
tura e da vida dos que se dedicavam
a essa arte, passava a maior parte o
ano na Europa. Patrícia e sua mãe
nunca o acompanhavam nessas via-
gens e residiam na Suíça, onde Pa-
trícia estudava.

Ao perder sua mãe a moça contava
desessete anos e já tinha terminado
os seus estudos. Compreendendo o
quanto sofria seu pai com a perda
da incomparável companheira, res-
olveu se dedicar inteiramente a ele.

— Papai tinha muito de criança —
explicou. Caprichoso e cheio de von-
tades. Não tinha queda para negó-
cios. Quando tinhamos dinheiro, gas-
távamos, e quando ele começava a es-
cassear economizávamos. Não pode-
ria eu censurá-lo por me deixar po-
bre ao morrer: — era demasiadamen-
te poeta para chegar a ser rico.

Foi assim que a pobre moça, ao
regressar à pátria, após a morte de
seu pai, reconheceu que, embora ne-
cessitasse, não se encontrava em si-
tuações de enfrentar a vida. Tivera
uma educação aprimorada, porém,
não tinha nenhum curso especiali-
zado.

— Eu voltara da Europa pouco co-
nhecendo dela ou nada. Sem paren-
tes, sem dinheiro, aceitei o primeiro
emprego que se me deparou.

Empregara-se como caixa e aí
terminava a sua história, que ela con-
tara com singeleza, sem a pretensão de
se fazer de mártir ou heroína de ro-
manço.

Jim se comovera, mas, tivera o
cuidado de não demonstrá-lo: A com-
paixão não faz bem a ninguém; hu-
milha até, às vezes, — pensava. Não
obstante, ele sentia compaixão por
aquela criatura tão linda, tão jovem
e já tão maltratada pelo destino. Se-
ria apenas compaixão? Ninguém o
afirmaria! Um desejo enorme de pro-
tegê-la sempre se avolumava em seu
coração.

Eram sete horas da noite e Patri-
cia o esperava por que ele lhe disse-
ra que a essa hora estaria livre,
quando ele entrou. Acercou-se do le-
ito e tomou-lhe uma das mãos para
verificar-lhe o pulso.

— Bem, disse — esta é a noite do
Natal...

— A primeira que eu passo sem Pa-
pai — murmurou ela, com lágrimas
na voz.

Jim aproximou da cama uma ca-
deira e se sentou.

— Pensei muito, hoje, no Natal —
prosseguiu Patrícia — É uma bela
festa, não resta dúvida, mas, às vezes,
fico a pensar se valerá a dor, as hu-
milhações e o sofrimento que causa
aqueles que não podem usufruí-la.

— Não existiriam, a meu ver, hu-
milhações — replicou Jim — se fôs-
sem resignados quanto às possibili-
dades de seu bolso. Nunca pensei
muito no Natal — prosseguiu — ex-
ceto porque me transtorna o progra-
ma de trabalho. Mas, você quer a mi-
nha opinião? Eu acho que a humani-
dade não poderia sobreviver à falta
do Natal. Não se ria, Patrícia, nem
zombe. Duvido muito que a nossa ci-
vilização pudesse resistir se não fôs-
se esse armistício geral, observado por
ocasião dessa festa.

— Creio que não o compreendo!
Armistício de Natal?

Jim cruzou os braços e se explicou
melhor:

— Durante um mês, pelo menos
anualmente, o povo do mundo inte-
iro se concentra nos preparativos pa-
ra essa festa. Todos, ao que parece,
se esquecem das suas preocupações e
os seus espíritos se tornam mais leves;
os pobres se sentem menos oprimi-
dos e os ricos diminuem sua arrogân-
cia. "Glória a Deus nas alturas e paz
na terra aos homens de boa vontade..." Patrícia, posso lhe assegurar
que, se não se celebrasse o Natal du-
rante alguns anos seguidos, a socie-
dade acabaria por se dissolver. Essa
festividade modera a cobiça e abran-
da o ódio humano, garantindo assim
a continuidade da civilização. O Na-
tal convida os homens a pensar nos
seus semelhantes; torna-os, embora
temporariamente, um pouco melho-
res e mais fortes. Nós devemos venerá-
lo porque ele é a nossa salva-
ção.

Patrícia o fitou com os olhos bri-
lhantes.

— Que bela defeza do Natal, pro-
fessor! — murmurou em tom brin-
calhão, procurando ocultar a emoção
de que estava possuída.

— Eu julgava todos os médicos cini-
cos...

— Os médicos — falou Jim — lu-
tam dias após dias contra os males
que afligem a humanidade. Se des-
sem largas ao sentimentalismo, aca-
bariam loucos. Têm que enfrentar,
aparentando indiferença, lágrimas e
gemidos. Entretanto, não é preciso
um homem ser sentimental para com-
preender o valor social de uma ins-
tituição que humaniza a raça.

Patrícia permaneceu silenciosa, por
momentos, como a meditar sobre o
que ouvia e depois, num gesto de
compreensão, disse:

(Conclui na pag. 188)

★ ETERNO SONÊTO DE NATAL ★

NA VÉSPERA dessa noite eterna, beryo do Nazareno, a cidade se movimenta com uma espécie de alma nova. As lojas estão enfeitadas e nelas os homens entram como se fossem formigas em um formigueiro. Entram de mãos vazias e saem sobrando embrulhos, todos cambalhando ligeiros, movidos pela alegria íntima de uma idéia esperançosa. As mulheres, risosas, parece que têm uma flor na fisionomia e uma estrela nos olhos. Tudo aparenta um ar festivo. E bem se sente que não há maldade nos corações. Por cima da cidade e das cabeças, os sinos estão cantando. No entanto, com esta euforia geral, me encontro sozinho comigo só em meio da multidão e, por fim, me descomleço. Mudaria o Natal ou mudei eu? Certamente é porque estou mudado, que não mais sinto a poesia deste momento. Ah, estou mudado! A alegria desta noite, eu sei bem, fugiu contigo, Fornarina dos olhos tristes, pois ora tu que enfeitavas o meu Natal com o teu sorriso e a tua graça. E fico pensando que o Natal mudou também com a tua ausência, mudou-se para a região das estrelas, lá onde, com os anjos em festa, sorrisas agora com os teus olhos grandes e tristes, e dando em torno há de senti que o Natal não mudou por causa da tua presença. Não há Natal sem ti, pois tu só és que o sabias poetizar com a luz do teu amor cristão. O que admira é que ninguém percebe a influência dessa verdade cósmica, que chega até a pôr um ar fúnebre na satisfação aparente das coisas.

Esses sinos que estão sonorizando o ar não têm festividade nenhuma. Eles celebram nesse clamor tão aflitivo, a certeza de que não estás na terra. Parecem mais uma marcha fúnebre. Os automóveis rolam no asfalto como se acompanhassem o teu enterro, Fornarina. E agora, à noite, quando as luzes se acendem, imitam uma procissão imensa de velas velando uma grande morta. Mudaria o Natal? Ah sim, o Natal mudou... Mas quem sabe se não é engano meu, quem sabe se fui eu que mudei? Muita coisa aconteceu na minha vida e quantas vezes me estranhei, tanto no pensamento quanto nas emo-

cões? A verdade é que, se mudei, foi para melhor. Para muito melhor. Sinto-me mais próximo dos humildes, sou mais complacente com as falhas do semelhante. Compadeço-me de todos pelo simples fato de viverem. Sou oristão muito mais do que era ou fui. Isto eu sinto muito bem. No entanto, nesta noite, que tanto edifica as almas, a minha alma está como que embalsamada em gelo, dentro de uma solidão fria. E caminhei pelas ruas como corpo sem alma. Ah fui eu que mudei, não foi o Natal. Não foi não! O Natal de outros tempos era um encanto bem me lembro. E foi mesmo nessa grande noite, em uma Igreja do Estácio de Sá, numa missa do galo, que eu te vi a primeira vez. Fornarina dos olhos tristes. Estavas, Fornarina, posta em sessão diante do altar, num engano de alma, ledo e cego, que a fortuna deixon durar muito, durar toda a tua vida. Rezavas, e os sinos cantaram a tua e a minha felicidade. Talvez seja esta a razão por que associo sempre o Natal e a tua presença. E sempre foste, posso dizer, a figura decorativa dos meus Natais. E por que desapareceste, e que pergunto sempre: — Mudaria o Natal? Mudou sim. E vai mudando cada vez mais, porque vagarosamente ele se distancia de ti no tempo e no espaço. Como o Natal está mudado... Mas com ele me fui transformando também, despiando-me das falias da ilusão, como uma árvore varrida pela ventania. E parece que me vens na onda dos séculos frios, com as tuas asas invisíveis, e me dizes com a voz branda, que era a tua voz: — “Como estás mudado, amigo!” E é verdade. Uma coisa é certa, entretanto. E é que, algumas horas, sonho acordado. E então tudo revive a vida vivida, numa euforia louca. Outra vez me sinto o mesmo, cheio da poesia que me deste. Sinto que o Natal voltou e, com ele, o milagre do teu amor, que me ilumina em sonho. Não sei se é vida ou ilusão. Mas é tanta a sugestão envolvente, que me encontrando de novo na Noite eterna do Natal, que canta na vibração dos sinos, eu me surpreendo a perguntar-me: “Mudaria o Natal ou mudei eu?”

★ ALBERTO OLAVO ★

De Mês a Mês

NATAL! Festas em todos os lares! Como a alegria deve estar dentro dos corações aquecidos pela fé, as dificuldades do momento não perturbarão o encanto da noite cristã.

Bate nas portas o vento,
Cai a chuva, é intenso o frio,
E o pobre pai olha, atento,
Um sapatinho vazio.

Debalde, não se consola.
Toma o sapato na mão,
Olha a sola usada, a sola
Gasta nas pedras do chão.

Se pudesse... Fantasia...
Com um simples gesto, um aceno,
Poria o mundo, poria,
Nesse sapato pequeno.

Natal! No peito doente,
Do pai, uma estrela brilha!
Depõe seu belo mais quente
No sapatinho da filha.

VERSOS
DE

Guilherme
BONECOS DE
Fábio

TELEGRAMAS da Argentina noticiam que, em Buenos Aires, um homem de negócios tentou tirar patente, no Departamento de Invenções, de um novo passo de dança.

Um homem que tudo alcança.
Quer vender, quem tal diria?
Um passo novo de dança
Ao câmbio negro do dia.

Nem sempre vence a partida
Quem vai do ouro no encaço:
— Já basta a dança da vida
Cheia de passos em falso..



NOTICIAM os telegramas que o médico russo Chukichev, com o seu preparado de nome "Simpatomimetin", tornou tão rejuvenescido um homem de 90 anos, que o seu cliente casou-se novamente e vai ser pai, dentro em breve.

Com êsse remédio colosso,
Do jeito que a coisa vai,
O velho ficou tão moço
Que espera, em breve, ser pai.

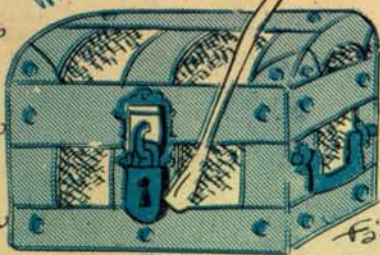
E a espôsa, tôda gabola,
Ostenta seu ar garrido,
Contente com a meia sola
Que o doutor pôs no marido.

Sem arrufos e sem brigas,
Pois não sai da linha reta,
Não se incomoda com intrigas
Da vizinhança indiscreta.

Matar a intriga é tolice,
Tem razão, sejamos francos:
— Nem que o pimpolho surgisse
Trazendo cabelos brancos!...



SEDAS e plumas



no". A companheira quis que ela contasse a história que deveria ser interessante. E a doidivanas, sem nenhum constrangimento, narrou o seu caso:

— Como tôdas as moças, tinha eu, nessa época, um namorado, filho de um fazendeiro rico. Era um rapaz sanguíneo e estroina, conhecido como conquistador perigoso. Eu, amiga dê suas vítimas, tomava minhas cautelas. Mas, você sabe, é tão romântica a noite de Natal!

Depois da "missa do galo" houve uma ceia na casa do chefe político do logarejo. Lá estava o Camilo, meu namorado. Na mesa, ficou ao meu lado. Servido o frango assado, a "espora" ficou no meu prato.

— Vamos tirar a sorte, disse-me ele. E (em voz baixa) se você perder, ganharei um beijo...

De fato, perdi. Como gosto de ser séria em tudo, cumpri a promessa. Num corredor discreto dei-lhe o beijo prometido. Era o primeiro. E, depois, sem qualquer aposta, dei-lhe outros, muitos outros...

No ano seguinte, nova "missa do galo", nova ceia. A "espora" saiu, dessa vez, para ele. Quis apostar. O estroina já não se contentava apenas com o beijo do ano anterior, caso eu perdesse. Desejava prenda maior, muito maior. Um tesouro, como me disse ele com os olhos cintilantes. Tola que eu era, aceitei a parada e... perdi.

A amiga, aflita, perguntou:

— Mas você não cumpriu a promessa?

— Como já disse, nessa questão de jôgo, sou honesta. Perdi a aposta e cumpri a palavra. Lá se foi o tesouro...

* *

PAPAI NOEL é um camaradão, dizia a menina sapéca, numa roda de amigas discretas. Vocês estão vendo este anel? Vale 20 mil cruzeiros! Presente de Papai Noel, no ano passado. Vou contar como foi:

— O (disse o nome de conhecido industrial) queria dar-me um presente de valor, mas temia que meus pais achassem excessiva a sua generosidade. Combinou comigo e fomos a uma joalheria. Escolhi êsse anel caríssimo. Como vocês sabem, meus pais não dis-

tinguem um brilhante de um pingô d'água; meus irmãos, pela mesma forma. Cheguei em casa tranquila. Mostrei a jóia e disse que era um anel de fantasia, que me tinha dado a Cora, como presente de Natal. Custara, acrescentei, trinta cruzeiros. Todos acharam bonito e não desconfiaram. E assim, apesar de pobre, trago essa fortuna nos dedos, sem despertar comentários.

As amigas da garota acharam graça
(Conclui na pag. 91)



Um Acontecimento Internacional

É COM ORGULHO QUE COTY APRESENTA

Muse

*Meras essências combinadas não fazem um perfume...
assim como tintas isoladas não formam um quadro...
nem sons esparsos uma sinfonia!*

Muse é o climax de oito anos de delicadas combinações... oito anos de sutis e sábias composições de mais de trinta aromas... Perfume novo, nascido no coração de Paris, Muse está destinado a se tornar um perfume clássico e o tempo só aumentará a sua

*fascinação e o seu prestígio. Muse é quente...
acalentador... e, quanto mais usado,
mais íntimo se torna. É um*

*perfume destinado à mulher que,
com seu requintado instinto,
reconhece, ao primeiro contato,
uma verdadeira obra-prima.*

Coty

UM GRANDE E NOVO PERFUME É UM RARO ACONTECIMENTO

Pequenos POR FORA Grandes POR DENTRO

PEUQUENO por fora, grande por dentro": é assim que se caracteriza a si próprio o simpático e popularíssimo João Minhoca, minúsculo ator dramático de cabeça oca, sem corpo e cuja alma é a alma do povo. Em todos os cantos da terra João Minhoca tem parentes próximos: Petrouchka na Rússia, Punch na Inglaterra, Karagheuz na Turquia, Guignol na França são, como ele, tipos populares e fazem piadas gostosíssimas e irreverentes nas gírias mais variadas. O nome de cada um deles passou de individual, para genérico em cada um dos respectivos países, mas Guignol chegou a emprestar seu apelido aos colegas do globo inteiro. Quem não sabe que o "guignol" é uma boneca-luva, a marioneta um figurino movido de cima, por cordéis, o "fantoche" um atorzinho de pau e trapos puxado por varetas, de baixo (este último também o sistema das "sombras, chinesas e javanesas")?

Lyon, a linda cidade sobre o Ródano, é a Pátria de Guignol. E' também a metrópole da seda, e Guignol é, como diz ele mesmo, "un tout petit canut" — um pequenino tecelão de seda. Tem um sorriso radiante, em qualquer circunstância, mesmo a mais trágica, e possui um otimismo inabalável. Briga às vezes com a noiva, a linda Madelon, mas sempre acabam reconciliando-se.

Gnafron, companheiro inseparável do casal, é um sujeito um tanto vulgar e grosseiro, porém não deixa de ter qualidades apreciáveis. Em Lyon, Guignol e seu elenco têm sua casa própria, um teatro de verdade, com palco, platéia, balcão, camarotes e frisas, onde há espetáculo todas as noites e vesperais às quintas e domingos; descanso semanal: segunda e sexta-feira. Na capa do programa do "Théâtre Guignol Mourguet", lemos esta advertência: "O teatro Guignol Mourguet

é aquêle que melhor conservou as grandes tradições dos nossos pais; é especialmente recomendado nos amadores do bom rir que não passa os limites da decência; sendo da mais alta comicidade, seu diálogo pode, entretanto, ser ouvido por todos, sem que possa ferir os ouvidos mais delicados. "O repertório de Guignol é enorme e os assuntos variam constantemente, embora o caráter do protagonista fique sempre o mesmo: risonho e bonachão".

O teatro Guignol-Mourguet de Lyon é dirigido hoje pelos bisnetos do fundador, Laurent Mourguet, nascido em 1769 na mesma cidade, onde hoje tem um monumento comemorativo, no bairro onde se criou. Filho de uma numerosa família operária — foi o mais velho de sete irmãos, — Laurent Mourguet casou-se muito moço e teve, por sua vez, dez filhos. Foi para melhorar sua situação que começou a

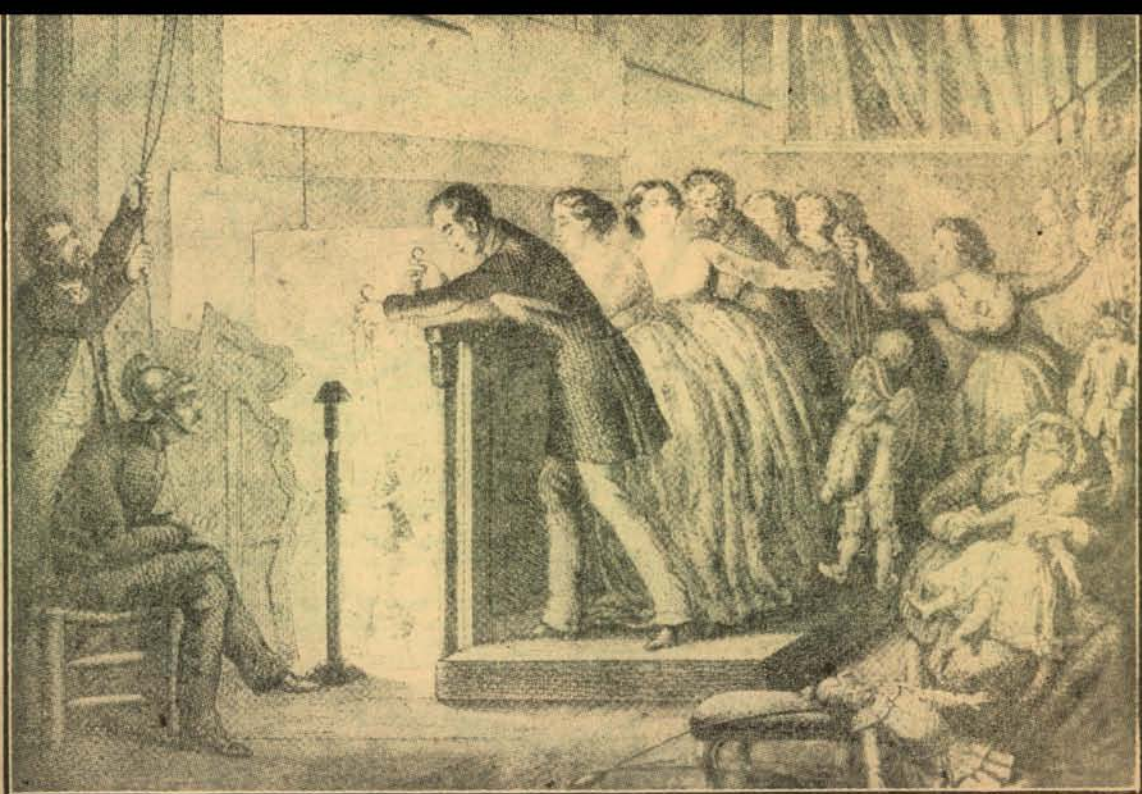


Madelon e Gnafron, dois protagonistas do Teatro Guignol-Mourguet em Lyon (França).

exibir espetáculos de bonecos, nos cafés e nas praças, ao ar livre, à noite, depois de acabar o trabalho na fábrica, e também nos domingos. Sua primeira personagem foi um Polichinelo, ao gosto dos "puppazzi" italianos, em voga no século XVIII. Porém, apesar do êxito, decidiu procurar tipos novos, personagens que seriam retratos fiéis dos seus espectadores. O primeiro a nascer foi Gnafron que iniciou sua carreira no palco dando réplicas a Polichinelo. Não era um par homogêneo e, para agradar ao compadre Gnafron, Polichinelo, ator já fora de moda e pouco familiar para os lioneses, foi substituído por Guignol.

A fama de Laurent Mourguet, pai de Guignol, tinha crescido a tal ponto que ele fazia longas "tournées" com a sua "troupe" além de dirigir vários teatrinhos em Lyon, auxiliado pelos filhos e netos. Foi durante uma de suas viagens artísticas que Laurent Mourguet morreu, em 1844, em Viena. As suas peças companhadas, no princípio, ele próprio, sem entretanto, ter tempo para escrevê-las. Era uma espécie de "Commedia dell'Arte": Mourguet inventava a "talagarda" o enredo da ação, depois ensaiava, com os filhos, trazendo cada um suas sugestões e variando as réplicas. Depois de levadas repetidas vezes à cena, o diálogo tomava formas mais fixas, sendo conservado pela tradição oral. Só mais tarde um alto magistrado lionês, muito afeiçoado de Guignol, teve a idéia de deltar suas peças no papel, nas horas vagas. Ao lado desse teatro "clássico", o repertório de Guignol enriqueceu-se com muitas comédias, farsas e até dramas, especialmente para ele idealizadas por autores de escol, muitos dentre eles exímios conhecedores da simpática gíria lionesa.

Entre os países da América Latina, o México e a Argentina mais se esforçaram no domínio do teatro de bonecos, aproveitando-o para uma útil e eficaz campanha educacional e higiênica nos lugares afastados dos grandes centros urbanos. Nos Estados Unidos existem centenas de companhias de "puppets", espalhadas pelas grandes cidade e viajando pelo país afora, até às aldeias mais remotas, para onde os grandes elencos dramáticos hesitam levar seus espetáculos, por causa das dificuldades de transporte. Este aspecto do problema parece de in-



Um espetáculo de marionetes em Paris, no século passado, visto dos bastidores

terêsse particular no Brasil, outro país de distâncias imensas em que o teatro de bonecos, facilmente transportável em caminhões ou por via aérea, poderia desempenhar importante papel educativo e preparar o caminho para a arte dramática no interior. O interesse para os fantoches está, aliás, crescendo no Rio, em S. Paulo, e em Minas. Muitas escolas e asilos de infância já estão seguindo o exemplo americano, procurando distrair e educar seus alunos com a precioso auxílio dos comediantes de pau.

Recentemente tivemos entre nós, aqui no Rio, o minúsculo teatrinho dos Panamecos (Paname-rica-bonecos), dirigido pelo casal estadunidense Roscoe e Carol Waad. Os Panamecos são bonecos-luva, tipo Guignol, de acabamento artístico e cunho intelectual. Para espetáculos infantis aproveitaram com maestria as lendas populares intensamente dramáticas e pitorescas do Nordeste Brasileiro. Para recreação dos soldados e marinheiros em hospitais e acampamentos militares, durante a guerra, criaram um variadíssimo "show", do qual as nossas

(Conclui na pag 75)



Juancito e Maria, dois personagens de uma comédia do poeta argentino Javier Villafane, titereteiro e diretor dos "Companeros de la Andariego".

ESPARSOS

Saudade

Saudade — o meu Pai rezando
seu terço, bem devagar...
Saudade — a Mamãe ninando
meu irmãozinho, a cantar...

Saudade — as rodas na rua
e o "maré" pela calçada...
— "Essa pedra não é tua...
Assim não jogo mais nada..."

Saudade — a escola distante
e as brigas da meninada...
Concursos de língua pátria,
meu jogos de taboada...

Saudade — foi em dezembro,
missa grande com sermão...
Celebrei com o meu Jesus
nossa primeira união!

Saudade — o colégio antigo,
numa colina encimado...
Aprender a "reverência"
foi meu primeiro cuidado...

Saudade — o primeiro verso
— uma sextilha rimada...
Saudade — o primeiro "encontro"
numa noite enluarada...

Albertina de Castro Borges

Rondó

Hera nos muros de pedra velha.
Velho jardim de flores mortas.

Vago sozinha e espreiro os ares:
do sonho antigo nada restou.

Cadeira imóvel, mudo piano,
jarras vazias, pó nos retratos.

Mundo perdido, vida passada,
onde meu sonho? Onde ficou?

Hera nos muros de pedra velha. #
Estendo a mão num gesto inútil...

Vago sozinha, chamo ninguém,
sou uma sombra que anda ao léu...

A água geme no poço antigo.
A hera cresce no muro velho.

Vultos perpassam, vultos amados...

(No jardim morto há risos claros,
range a areia do parreiral,
gritam as cordas do poço antigo.

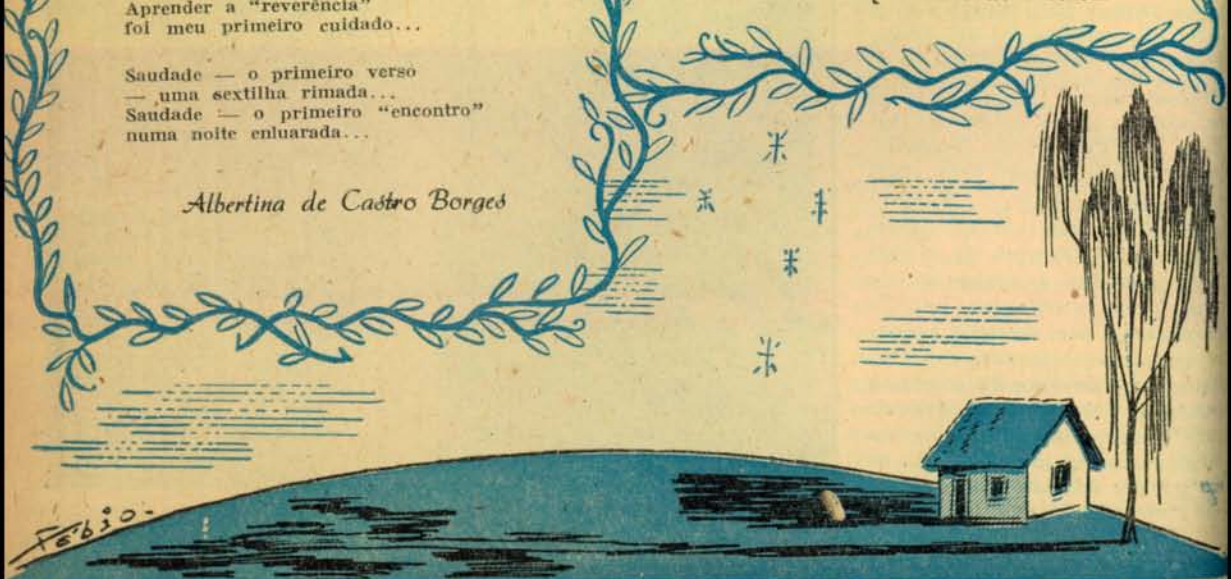
Há visões claras no mangueiral,
vôa o balanço, pássaros vôam...)

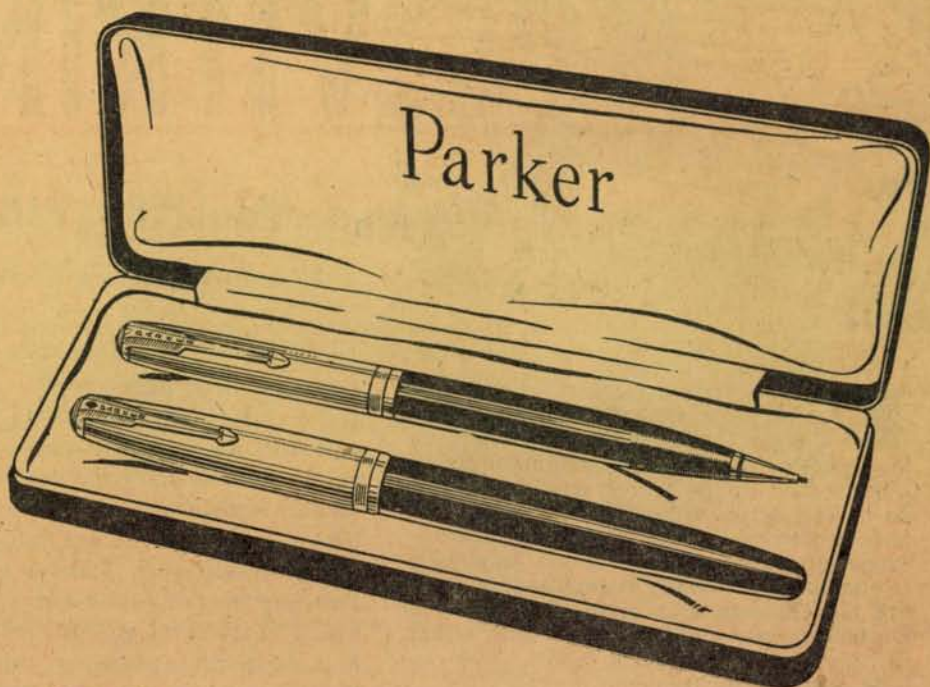
Cantos da infância, ecos perdidos,
nada restou.

Limo nos muros de pedra velha.
Cadeira imóvel, mudo piano,
jarras vazias, pó nos retratos...

Choram meus olhos. Não sei porque...

Cozette de Alencar





Para um duplo e aristocrático presente... o jogo Parker "51"!

Há sempre um pouco mais de orgulho em possuir ou presentear quando se trata de um jogo Parker "51". As elegantes linhas cônicas de seu equilibrado desenho dão-lhe notável beleza, freqüentemente imitada, mas jamais igualada.

A caneta é a única desenhada para o emprêgo satisfatório da tinta Parker "51" que seca à medida que se escreve. A caríssima ponta

de osmirídio (fundida em ouro de 14 quilates) permite uma escrita suave como a sêda.

Um alimentador especialmente desenhado fornece partida instantânea. A lapiseira, que completa o jogo, escreve e opera à mais leve pressão. Para aniversários, refeições de grau e outras datas festivas escolha este presente que se prolonga em satisfação pelo futuro. Agora em todos os revendedores!

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:

COSTA, PORTELA & CIA.

Rua 1.ª de Março, 9 - 1.º andar - Rio de Janeiro

Em Minas Gerais: Rua dos Carijós, 279 - Belo Horizonte

L.W.T.

4115-P



VITRINE

UM LIVRO PARA VOCÊ

• Cristiano Linhares •

POR iniciativa de Mário Casassanta, presidente da Academia Mineira de Letras, os intelectuais mineiros requereram ao Prefeito a perpetuidade da sepultura de Antônio Torres, que foi enterrado no cemitério do Bonfim. Há tempos, os jornais fizeram um movimento a fim de se erigir ao grande panfletário um monumento lumular. A colônia diamantinense, sempre tão vibrante, e os amigos do morto se alertaram, puseram-se a campo mas, afinal, devido à maldita agitação política, tão esteril nos seus meios como nos seus fins, a ideia esqueceu, ninguém falou mais nela. A paixão partidária dominou os espíritos. E' pena que sempre seja assim com todas as boas causas que a imprensa agita. Se a nossa democracia ficar nisso, ela só será benéfica à casta que vive da política e pela política. De nada tem valido a experiência, dos velhos tempos. E quanto mais a coisa muda, mais fica a mesma coisa. E' estafante. E é por isso que nós que empunhamos uma pena não devemos dar a menor importância a essa agitação, não em torno de idéias, mas de pessoas e de cargos. Cuidemos de idéias elevadas, de causas interessantes à comunhão. E avivar, perpetuar a memória e a ação de Antônio Torres não há dúvida de que é, de algum modo, distrair a atenção pública de coisas vãs e concorrer para orientá-la em caminho melhor. E justamente foi ele modelo de jornalista pelo cuidado sempre posto em

seus escritos de nunca servir, em seu ministério, sinão à verdade. Dizia todo dia um punhado de verdades indiscretas, jamais propinando ao público o veneno dos elogios fáceis e a insinceridade do entusiasmo pelos boatos da política. A sua função como jornalista resultou em grandes benefícios ao País, por derruir ídolos falsos e glórias falsas. E' explicável que os mediocres, ainda hoje triunfantes, procurem esquecer o inolvidável mineiro, que tanto elevou a cultura e o caráter de Minas no jornalismo carioca. Mas que os seus colegas de jornal façam o mesmo é que não se compreende de todo. O movimento orientado por Mário Casassanta merece apoio de todos os intelectuais. E até seria oportuno que as casas editoras enfeixassem em volume a obra do satírico intrépido, porque nela se aprende a língua e o amor da verdade. E tanto mais útil e necessária seria a reedição, quanto a lição enfeixada nela cabe muito bem nesta hora de luta, que redundará, afinal, a despeito da vontade dos homens, no restabelecimento de valores autênticos. Isto porque, na luta, os mediocres falham. E convém que todo mundo leia esses livros esplêndidos, que são *Verdades Indiscretas*, *Pasquinadas Cariocas*, *Prós e Contras* e *Razões da Inconfidência*. Ali se encontra sátira aos politiquinhos e justiça a quem merece.

Acima de tudo no entanto, nessas obras, hoje exgotadas, o leitor aprende a conhecer os múltiplos milagres da língua portuguesa no traduzir todas as cambiantes do pensamento. Como todo panfletário, Antônio Torres foi mestre, da língua. Isto não tem nada de admirável, ao se considerar que foi ele um satírico. Todos os satíricos conhecem a fundo a língua em que discorrem, por uma razão simples, e é que precisam de se valer dela como se fossem esgrimistas. O esgrimista carece do domínio do seu instrumento de ataque. Satírico, Antônio Torres não fugiu à regra.



Itinerária

★ POETAS E PROSADORES ★

VICENTE GUIMARÃES



Vicente Guimarães

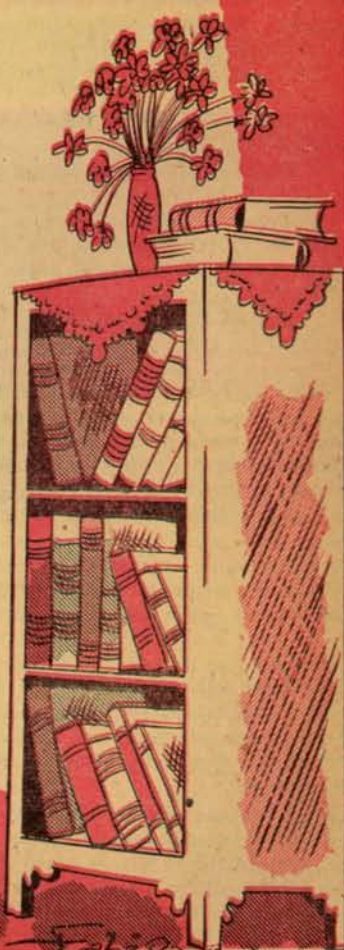
QUEM é este moço alto e espigado, a face menineira, com u'a pasta cheia de papéis debaixo do braço? E' Vicente Guimarães, o trabalhador. A impressão que se tem é de que ele não dispõe de um minuto de folga, pois anda sempre apressado, não pára a conversar nos grupos de esquina, não é visto nas casas de chá, enfim, não desperdiça tempo... Aquela pasta que traz consigo, toda atulhada de papéis, de revistas, de fotografias, de originais, aquilo é a redação, é o arquivo, são gavetas da "Era Uma Vez...", a qual constitui, com a sua vitória, a sua preocupação de cada dia. E é por isso que ele triunfa, por se dedicar a uma bela causa com inteligência lúcida e com verdadeiro patriotismo. Vicente cuida da educação das crianças, divertindo-as com histórias e com calungas. E querem saber de uma coisa? Faz mais por Minas do que muitos desses contadores de lorotas em discursos, que enchem a boca com o amor de Minas, só para abiscoitar cargos eletivos de rendas polpudas. De vez em quando, Vicente Guimarães, vencendo sacrifícios, publica também um livro de contos para os pequenos, livro que os garotos devoram como se fosse guloseima. E que ajuda tem tido dos políticos e dos administradores? Nenhuma. Eles não pensam nisso, só tratam de salvar a Pátria, eleitoralmente falando.

Aqui pomos nestas linhas, um pouco de louvor e estímulo a este moço. E assim fazemos, porque, como não nos cansamos de dizer e repetir, urge que se faça justiça aos que trabalham, conjugando o esforço individual com o interesse público. Andam falando por aí, nesta hora eleitoral, que se abrem novos horizontes políticos e culturais ao Brasil. Se assim acontecer, os escritores como Vicente Guimarães terão a sua hora propícia. Verão o seu valor intelectual premiado, não só em dinheiro, o que é pouco, mas em apreço público. Porque, na verdade, já estamos perdendo a paciência com os envenenadores do povo e com os que ganham dinheiro sem trabalhar. Puxa que isto está ficando uma porca miséria. Quando é que o talento, o patriotismo e a inteligência terão cotação no mercado? Que diabo, nem só de cebolas vive o homem...

★ Sucessos do Mês ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Agir, Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Paz e Rex.

- 1.º — OS RODRIGUEZ — Sra. Leandro Dupré — Romance — Editora Brasileira.
- 2.º — NUNCA É TARDE — Rachel Field — Romance — Livraria Civilização Editora.
- 3.º — O PROCESSO MAURIZIUS — Jacob Wassermann — Romance — Livraria José Olimpio Editora.
- 4.º — FARRAPO HUMANO — Charles Jackson — Romance — Editora Vecchi.
- 5.º — COMO VENCERAM OS GRANDES HOMENS — Biografias — Dale Carnegie — Editora Cupolo.





• Por J. LARANJEIRA •

SÔBRE VOLTAIRE

Querendo diminuir as glórias de Voltaire alguns inimigos do famoso poeta e filósofo diziam malignamente, numa roda de literatos, que não era de sua autoria a tragédia "Alzira", embora passasse por tal.

Um amigo do mestre defendeu-o dizendo:

— Prouvera Deus fôsse isto verdade.

— E por quê? — Interrogaram-no.

— Porque isso provaria que, além de Voltaire, possuíamos outro poeta de imensurável valor.

ETIQUETA SIAMESA

Em grande aparato, aguardava a corte napoleônica a embaixada siamesa, que vinha tributar vas-salagem à França. No palácio de Fontainebleau, a imperatriz deu ordem para que se introduzissem os embaixadores. Muitos minutos decorreram sem que isto acontecesse, até que, irritada, a soberana mandou a um escudeiro se informasse da causa da estranha demora.

Instantes após volta o portador e diz, algo embaraçado.

— Os embaixadores, minha senhora, estão mudando as calças. Espanto. Confusão. Olhares interrogativos.

Pouco depois, explicava-se tudo:

A etiqueta siamesa exigia que seus embaixadores não se apresentassem a nenhum soberano senão com as calças especiais, absolutamente nova, de que era preciso paramentar-se nas antecamaras.

"VERBA VOLANT..."

Pouco depois da grande guerra, em 1914, um deputado da Câmara Belga, o senhor de Andrimont — célebre pelo seu zelo em reclamar a reorganização dos serviços consulares — fez um discurso bastante eloquente lamentando o pouco caso do Parlamento pela importante questão.

Inesperadamente, levanta-se e diz o ministro do Exterior:

— Que o ilustre deputado está repetindo o mesmo discurso que aqui pronunciou o ano passado!

— Realmente — respondeu o orador sem se perturbar. — Eu repito este discurso, palavra por palavra, há mais de doze anos, e até hoje ainda ninguém havia dado por isso!

APENAS...

Entrando, apressado, num restaurante, Tristan Bernard pede que lhe sirvam a refeição imediatamente.

O criado apressa-se em apresentar-lhe um prato de sopa.

— Não posso tomá-la — diz o famoso teatrólogo.

Retira o criado o prato, olha-o atentamente e leva-o, trazendo outro.

— Não posso tomá-la — repete o literato, com ar compungido.

Novamente substitue o moço a sopa por outra.

Mas Bernard exclama, ainda:

— E' inútil. Também não posso tomar esta.

Intervém o gerente da casa.

— Cavalheiro, — diz ele — mas afinal, que tem esta sopa?

— Nada — respondeu o escritor.

— Nesse caso, por que não a toma?

— Porque não tenho colher.

O CONDE DE TOLSTOI

Eis a história do conde de Tolstoi, o famoso escritor cuja simplicidade é conhecida no mundo inteiro. O fundador de sua família, contemporâneo de Pedro, o Grande, era simples guarda das portas interiores do palácio imperial. Uma vez achava-se no seu posto, quando d'ele se aproximou um fidalgo desejando falar ao imperador. O guarda respondeu que era impossível, por ordem expressa do soberano.

— Mas eu sou príncipe! — respondeu, furioso, o nobre.

— Embora, alteza, sinto muito, mas não posso introduzi-lo.

Semelhantes palavras na boca de um plebeu não eram para ser toleradas por um príncipe, e este cortou com a chibata o rosto do insolente.

— Póde bater, alteza — disse ele, imperturbável — mas ainda assim não o deixarei passar.

Ouvindo a disputa, o imperador apareceu e, indagando o que houvera, soube-o, em palavras ásperas, pelo fidalgo.

Quando este acabou a narrativa, Pedro voltou-se para o guarda:

— Foste castigado por esse cavalheiro, Tolstoi, pelo fato de obedecer às minhas ordens. Agora, empunha o meu bastão e castiga-o também.

— Saiba vossa majestade — disse orgulhosamente o príncipe — que este homem não passa de um simples soldado!

— Pois, faço-o capitão — replicou o soberano.

— Mas eu sou oficial da Corte!

— Neste caso, elevo-o a coronel da minha guarda.

— Porém, minha categoria é a de general!

— Então, faço-o também general, e assim estará tudo certo.

O nobre recebeu as bastonadas, sem mais replicar, e o avô de Tolstoi, no dia seguinte, com o decreto que o promovia a general, o título de conde.

SANDEAU E O MENDIGO

Dando dois sous de esmola a um mendigo, Jules Sandeau, um escritor de escassos recursos, ouviu, surpreendido, do beneficiado:

— Mas, que diabo poderei eu fazer com dois sous, cavalheiro?

— Muita coisa, meu amigo — respondeu Sandeau, depois de breve surpresa. — Dê-os de esmola ao primeiro mendigo que necessite.

NATURALMENTE

Antes de deixar a Escóssia, para fixar-se nos Estados Unidos, o pai de Carnegie recebeu de um parente o empréstimo de quinhentos francos, mas nunca restituiu sequer os juros desse capital. Quando ficou rico, o filho de Carnegie quis pagar a dívida paterna, mas, invés de devolver os quinhentos francos ao primo, enviava-lhe a mesma quantia, todos os anos, a título de juros.

Passado algum tempo, visitando a Escóssia, já milionário, fez uma visita ao parente, a quem disse, manifestando o desejo de pagar a dívida:

— Desculpe a demora, mas...

E o outro, interrompendo-o:

— Continuemos como até aqui.

Não é preciso pagar-me coisa alguma. Empregou bem o dinheiro, e isto me satisfaz...

DELICADEZA IMPERIAL

Para recomendar mais pontualidade no serviço a um oficial de seu estado maior, que se atrasara alguns minutos, eis o modo delicado de que usou Guilherme II da Alemanha: quando o oficial em apêgo ia voltar para a casa, entregaram-lhe um ótimo despertador acompanhado de um cartão do Kaiser, oferecendo-lho de presente.

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS**

*Educação dos filhos... Cr\$
Manutenção da família..... " "
Aluguel da casa..... " "
Assistência médica..... " "
Hipoteca..... " "
Impostos de transmissão..... " "
Despesas eventuais..... " "*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Providência do Sul", que há mais de 40 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

" PROVIDÊNCIA DO SUL "

PORTO ALEGRE
Andradas, 1046 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO
Candelária 9, 9.º

SÃO PAULO
J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov. 300, 2.º

RECIFE
10 de Nov. 50, 2.º

A "Providência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 80 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 800 milhões

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA

EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOUBLES — CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO



*Perfeição
da Cútiis...*

**FRESCOR
JUVENIL!**

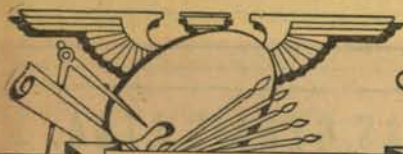
Mantenha a beleza juvenil da pele, usando o maravilhoso tônico adstringente VIVATONE! Vivatone estimula a circulação sub-cutânea, contrai os poros dilatados e remove a oleosidade. Aplique Vivatone logo após o uso do Creme Perfeito ou do Creme para Limpeza, e antes de utilizar o Creme Evanesciente.



CV-3

Produtos de Toucador
DAGELLE

A venda em todas as perfumarias e farmácias



**DESENHOS
COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTÍSTICOS**

ROCHA

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
#AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

Salosin

use na:

**BRONquite
GRIPE
CATARRO
TOSSE**

endiam. Ela enfeitara vários pedidos de casamento, sem mérito a recusa, porque não casaria, não podendo casar... Nunca pensara em casar com ele... Mas não casaria com outro. Estava decidida. Quando a mãe intervinha, lembrando-lhe que já estava velha, e ela, filha, ficaria desamparada, se lhe viesse a faltar, pôs-se a ajudá-la na venda, e no sítio, interessada nos negócios, para tranquilizá-la, substituindo-a, sem maior dificuldade, se desaparecesse, tendo o ganha-pão assegurado, o amparo certo. Foi nessa conjuntura que, vendo o seu amigo cada vez mais triste e às vezes revoltado, procurou, a sós com ele, saber o seu segredo. Queria rebelar-se e deixar a casa paterna, ir ganhar a sua vida... mas, "isso", não havia de fazer. Custou-lhe arrancar o que escondia. Por fim, à pressão de sua diligência, disse tudo. Ou quase tudo. Queriam, que casasse com uma prima e exigiam que lá fôsse, Paraguassu abaixo, para conhecê-la, entre outras, escolhendo uma. — "Não, não, e não!" E vinham então os propósitos rebeldes, de mau filho. Sem se referir ao que impedia de aceder ao desejo dos pais, tacitamente assim confessando, ela pensou... Seria a maldição desses pais, se ela fôsse o motivo. Rejeitar a prima, uma grave desobediência... trocá-la por uma pobre rapariga, sem condição, que tormental! A maldição! Não, assim não havia de ser. Por si, estava decidida, não casaria, não casaria com ninguém. Ele devia fazer a vontade a seus pais... A princípio revoltou-se, deblaterou. — "Não, não, isso nunca". Procurou convencê-lo que devia ir à casa dos parentes, aceder, ganhar tempo, dar tempo ao tempo; nunca romper, ou rebelar-se. A lealdade dele era, porém, intratável. Pareceu-lhe que devia intervir, pessoalmente, na pendência. Seria por causa dela, essa relutância? Se fôsse, não lhe desse isso cuidado. Seria sempre dele o seu coração... Casado ou solteiro, era o mesmo, havia de querer-lhe o mesmo bem. Não casaria. Havia de ser-lhe uma irmã, bastarda embora, que o querria mais que as outras. Seria feliz, tanto melhor para ela. Se não fôsse ajudá-lo-ia a suportar a sua cruz, honestamente, dando-lhe ânimo. Não se sacrificaria ela também? Todos esses argumentos abrandaram-lhe o ânimo, mas permanecia na sua resolução. Nas vésperas do dia marcado para descer o Paraguassu, a pretexto de umas festas, as bôdas de pratas dos tios, decidiu-se a romper. "Não partiria porquê, agora

soubera, já haviam decidido por ele, nem sequer o consultaram. Seria levado como criança, pela mãe, até o altar, onde lhe dariam uma parente que nem mesmo conhecia. Não havia de ir. Iria, sim senhor... No ânimo dos homens há um propósito que impede a persuasão. Pensam por isso que é o orgulho, ou amor próprio, que nos faz também a reserva, ou a nobreza, da abnegação. Era amor... Deu-lhe esta prova, pois bem, se era ela que lhe impedia de partir, de aceder à vontade dos pais, que era ela? Era dele, fizesse dela o que bem quisesse. Mas ele, iria e seria obediente aos pais. Tranquillamente, como uma dádiva fácil, um argumento para convencê-lo, a prova de que era dele, para a vida e para a morte, deu-se-lhe, foi dele... Depois, era um argumento novo da parte dele para não partir, mas ela o convencerá, como a um sacrifício, ela que já fizera o seu... Isso tudo para que dominasse a vontade materna, a vontade de Dona Leonor. Ele partiu, nas vésperas, chorando sobre o seu coração, dera-lhe aquele anel, "este anel que a senhora conhece..."

E estendeu-lho.

— Hoje, há muitos anos, torço as orelhas... Chorei todas as minhas lágrimas porque, pela senhora, pelo seu desejo, com o sacrifício de minha honra, de minha vida, — é nada, eu sei — obriguei-o à obediência, e ajudei a sua vontade a matá-lo... Não teria morrido afogado no Paraguassu, se eu fôsse egoísta, como devia ser, por ele, sem pensar em mim. Tudo para que ele não deixasse de ser bom filho. Por isso morreu.

Houve uma pequena pausa. Depois, a voz comovida, continuou:

— Felizmente, dois meses depois, morria minha mãe, antes de publicada a minha vergonha, muito antes de nascer o meu filho. Fui vítima da ruim curiosidade de todo o mundo: investiram-se contra mim todas as torpezas e infâmias das terras pequenas; nunca ninguém suspeitou quem fôra o pai dele, de meu filho. Criei-o com orgulho e enlevo, e tenho sido, nesses seis anos, a mais casta das viúvas... Viúva de um amor que ajudei a sacrificar, embora me sacrificando primeiro. Isto que a senhora chama a minha falta, a minha mentira, é o que me eleva, me dignifica, a meus próprios olhos. Graças a Deus que lhe pude, que lhe soube dar, antes de morrer, um penhor, o supremo, de meu amor. Se me tivesse reservado, então pode crê-lo, teria hoje o mais inconsolável arrependimento. O meu coração me diz que fiz bem.

(Conti na pag. 190)



DEVE interessar às nossas leitoras a afirmativa de um eminente especialista em helioterapia, de que os banhos de sol, tomados com método e constância, concorrem para a firmeza e elegância do busto feminino. Não se trata de banhar somente o peito desnudo para obter tal resultado, mas se deve banhar todo o corpo. E não se deve estranhar que isso ocorra, de vez que os raios solares tonificam a pele, os ligamentos e mecanismos que sustentam o busto.

Outra questão merecedora de carinhoso estudo é a maquiagem que deve ser aplicada para os banhos de sol. Existem inúmeros preparados, mas somente devem ser usados sob prescrição do médico.

Em suma, o banho de sol deve condicionar-se aos seguintes cuidados:

- 1.º — O banho de sol deve ser progressivo.
- 2.º — Durante o banho deve-se proteger os olhos com óculos indicados por especialista.
- 3.º — Procurar um médico para saber se o organismo está em condições de receber bem a helioterapia, usufruindo todos os órgãos, em harmonia, a totalidade de seus benefícios.

ABELEZA das espáduas deve ser objeto de atenção idêntica às de outras zonas do corpo. Com os trajes de festa, com os de praia e os "maillots" de banho, umas espáduas descuidadas, com manchas, apresentando a epiderme grosseira, rugosa, impressionam deploravelmente.

As mulheres que têm espáduas demasiado cheias, farão bem em usar massagens e fricções à base de cremes iodurados com o fim de as tornar delgadas. Se as espáduas são um tanto descarnadas, angulosas, convém, para arredondá-las, as massagens com cremes nutritivos. De qualquer modo deve-se passar uma loção adstringente para evitar a dilatação dos poros, que constitui um dos fatores de afeiamento das espáduas.

A prática constante de exercícios de ginástica é benéfica às espáduas, dando-lhes mais esbeltez, mais graça e tornando-as mais harmoniosas.

OS cremes que contêm lanolina agregada a outra substância que neutralize algo de seu efeito demasiado forte para peles sensíveis devem ser empregados para nutrir a pele.

PARA as cútis normais ou gordurosas são ideais os cremes pasteurizados.

OS cremes de base colorida unificam o tom da cútis e dissimulam os pequenos defeitos.

PARA alimentar a epiderme são mais indicados os cremes de plantas, que ativam e aumentam a vitalidade dos tecidos.

AS peles espinhosas devem ser tratadas independentemente do tônico glandular que indique o médico. Para isso nada melhor que as massagens, seguidas de abluções com água fria.

Aos dez anos dirige a orquestra de Roma

VAI APARECER NUM FILME E SERÁ RECEBIDO PELO PAPA ●
ENTRETANTO, PREFERE BRINCAR E LER NOVELAS POLICIAIS

Doleta Oxilia

Da Atlas Esse Press — Especial para ALTEROSA

O PRIMEIRO violino precisa carregar nos braços o diretor da orquestra, ao terminar o concerto do Teatro da Ópera de Roma, afim de impedir que os ouvintes do auditório, arrebatados de entusiasmo, avancem sobre ele e o envolvam em tumulto para beijá-lo e abraçá-lo. Evidentemente, não é tarefa penosa a de levar nos braços o pequeno diretor de orquestra. Tal personagem não tem mais do que dez anos de idade.

Com efeito, Pierino Gamba completou dez anos no mês de setembro último. Mas suas geniais aptidões musicais impressionaram tanto os técnicos de harmonia, tais como o grande Mário Ferrara, que já em junho lhe foi permitido dirigir a Orquestra da Ópera de Roma, que, na Itália, não cede a primazia senão à do "Scala" de Milão. Vestindo uma camisa de seda branca e calças negras de veludo, esgrimiui a batuta com o calmo aprumo com que o poderiam fazer um Toscanini ou um Beecham, e dirigiu a orquestra completa com os seus 100 professores que executaram a Primeira Sinfonia de Beethoven, o "Guilherme Tell" de Rossini e outras obras primas do clacissismo musical.

O mais extraordinário a respeito d'este menino prodígio é que não deu mostras de gosto precoce pela música, e sempre preferiu dedicar-se aos seus brinquedos

infantis a praticar a arte. É filho de Piero Gamba, que possuiu uma pequena loja de confecções, no centro de Roma, até que no decorrer da guerra se viu obrigado a transferir o estabelecimento. Simples amador do violino, começou a ensinar piano a seu filho na primavera de 1944.

PANICO ANTE OS BOMBARDEIOS

Pierino não se mostrou precisamente entusiasmado, limitando-se a aplicar-se por obediência, executando um por um dos exercícios no grande piano que ocupa a maior parte do espaço da saleta de estar da humilde

casa dos Gamba. Quando se intensificaram os bombardeios, o menino sentiu-se aterrado e pretestou o seu medo para renunciar aos exercícios. Sómente em setembro de 1945, um ano depois da libertação de Roma, o pai conseguiu persuadi-lo a que voltasse a sentar-se diante do teclado.

E então ficou assombrado ao comprovar que o pequeno não apenas se recordava com toda a precisão de tudo quanto antes havia aprendido, como ainda havia progredido de modo portentoso, apesar de não se haver exercitado durante tanto tempo. Um músico profissional, amigo do pai, examinou o menino e não saía do seu pasmo ao verificar, por seu lado, que o sentido do ritmo e o seu indubitavelmente anormal ouvido para a música eram tais, que se mostrava capaz de precisar a distância e, por exemplo, sem olhar o teclado, a nota e a clave de qualquer tecla em que o examinador batesse. Sucedeu então que um opulento empresário da indústria cinematográfica sentiu-se tão vivamente interessado pelo garoto, que se comprometeu a custear a sua educação musical. Pierino aprendeu imediatamente a ler, compreender e interpretar qualquer obra que lhe pusessem sobre o atril.

E o que é mais, em poucos meses dirigia uma reduzida orquestra sinfônica de quarenta músicos.



Quando visitei a casa do pequeno artista, encontrei-o sentado na saleta de estar, absorto na leitura de um episódio das aventuras de Buffalo Bill, inserto em uma revista barata. A família alojase num modesto sótão de um conjunto de casas que se levanta num dos subúrbios de Roma. O menino, pouco desenvolvido para a idade, tem cabelos ruivos e olhos azuis. Sua madrastra (a mãe morreu quando Pierino não contava mais do que cinco anos) estava preparando a comida da família na pequena cozinha, à esquerda do quarto onde o pequeno lia. À direita se encontra a grande alcova em que dormem os três.

PREFERE LER CONTOS

"Naturalmente, agrada-me mais ler contos do que tocar piano ou dirigir a orquestra", disse-me Pierino com alegre sorriso infantil. "E, entretanto, tenho agora que me exercitar durante três ou quatro horas por dia. Agradava-me mais ir para a escola e brincar com os meninos à hora da saída, mas tive que deixar tudo para ensaiar, preparando-me para o grande concerto. Ao contrário de antes, agora preciso ter professor particular".

Dizia-me que não era porque não gostasse da música, é claro que gostava — quando aproveitou o fato de que um menino o chamasse do jardim para fugir e ir brincar com ele.

Alguns minutos depois chegou o pai e o chamou para que mostrasse de que era capaz diante do piano. Sentou-se efetivamente, e sem demonstrar a menor dificuldade tocou de começo a fim a Quinta Sinfonia de Beethoven. Suas mãos miúdas mal abarcam uma escala inteira; tinha que estirar as pernas

Nova Idéia Pond's para um MAQUILAGE ENCANTADOR

**um conjunto harmonioso
para aumentar a sua
beleza, instantaneamente!**

Para ostentar uma beleza mais cativante, mais harmoniosa, em poucos minutos, adote esta nova idéia para maquilagem, de tons que se harmonizam, com make-up, rouge e baton Pond's.

Primeiro, aplique, o Make-up Pat Pond's, no tom que se harmoniza com sua cutis. Este novo "cake" para maquilagem-aquarela dará ao seu rosto um aspecto mais suave, mais juvenil, mais encantador... *instantaneamente!*

Segundo, realce o colorido de suas faces aplicando, no tom correspondente, o Cheeks Pond's, o novo rouge Pond's, de cores firmes e lindas.

Terceiro, dê ao seu maquilagem o toque gracioso e provocante de Lips Pond's, o baton que assegura mais horas de beleza para seus lábios.

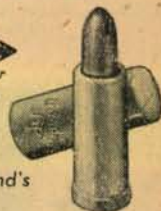
Então seu maquilagem estará completo... Num instante, você estará mais lídica, mais jovem, mais encantadora.

Make-up Pat
Pond's - Novo "cake"
para maquilagem-
aquarela. Oculta as
imperfeições da pele.



Pond's Cheeks - Novo
rouge de alta qualidade,
para harmonizar
com seu make-up.

Lips Pond's - Um
novo balon para tornar
seus lábios mais belos,
por mais tempo.



POND'S

Escolha seu novo tom entre as 6 novas e lindas tonalidades Pond's

Sempre jovem

ESTERISINA

- Antisséptico Feminino
- Forma de Supositorio
- Prático e Inofensivo

BIOGYNAN

- Regulador Feminino
- Recomendado e usado
a muitos anos.

2 PRODUTOS JAWAK

Distribuídos pela
DISTRIBUIDORA FARMACEUTICA DO BRASIL LTDA.
Caixa Postal, 1861 - São Paulo



para alcançar os pedais com os pezinhos.

ASTRO DE CINEMA

Quando conheci a família, todos os três falavam excitados do próximo acontecimento: Pierino vai ser recebido por Sua Santidade, o Papa. Projeta-se que o menino dirija na Basílica Massencio, onde se realiza ao ar livre a temporada estival de concerto de música sinfônica. Espera-se que, quando aumentarem as facilidades de transporte, o pequeno vá reger também em Londres e em Paris. Enquanto isso, Pierino estuda com o professor Ardinini, ex-Diretor da Orquestra da Ópera, preparando-se para



novos concertos. Além disso, vai figurar como "astro" numa película que será filmada sob a direção de seu protetor.

A' parte os seus dotes musicais, que são considerados

superiores aos de Willy Ferrero, o menino prodígio da geração passada, Pierino possui a confiança em si mesmo que se requer e para dirigir uma orquestra. E não vacila em chamar a atenção ao artista que entrou meio compasso atrasado ou em repreender o "chelo" por "resvalar" uma nota. Em sua primeira aparição à frente da Orquestra da Ópera de Roma, em audição reservada à imprensa, fez parar subitamente a interpretação da Primeira Sinfonia de Beethoven porque as trombetas haviam cometido ligeiro erro. A ninguém ocorrera dizer-lhe que semelhante coisa é algo que um diretor jamais deve fazer.



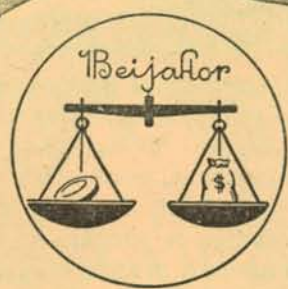
*Aos seus presados amigos e
segurados em todo o país
a*

Cia. de Seguros "Minas-Brasil"

*tem o prazer de cumprimentar, agrade-
cendo a honrosa preferência que lhe tem
sido dispensada e formulando a todos
os mais sinceros votos de*

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

Séde: Av. Afonso Pena, 526 — 3.º pavimento — Belo Horizonte
Sucursais, agências e representantes em todo o Brasil



• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.



O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos são e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



TAPEÇARIA SAMARAL

— DE —

J. JANTOS AMARAL

deseja aos seus distintos frequentes e amigos
Feliz Natal e Próspero Ano Novo

✱

MÓVEIS ESTOFADOS, MÓVEIS DE ESTILO, CORTINAS E TAPETES

Rua Tupinambás, 749 — Fone 2-0105 — Pelo Horizonte

hálito cada vez mais gelado de irmão Inverno anunciava a proximidade do Natal. Nenhuma festa que tanto inundasse de gratidão e enternecimento a alma de Irmão Francisco, como essa da natividade de Jesus. Era o dia em que se tornára visível ao mundo a grande obra da Redenção. Era o dia em que o Senhor se fizera mísera e frágil carne humana, o dia da sua grande misericórdia, o dia do amor.

Irmão Francisco, sempre que meditava sobre aquele dia distante em que nascera o Cristo, sentia sua alma toda encher-se de ternura pelo Menino Divino e de tristeza pelo que viria Ele depois a sofrer, por culpa dos pecados humanos. Não compreendia que os homens se mostrassem tão pouco reconhecidos ao grande gesto amoroso do Filho de Deus e se limitassem a festejar-lhe a data do nascimento com comedorias e folganças, ou tibios atos de religião, por ocasião da miséria de Natal. Por que não se alegravam os homens mais santamente, por que não demonstravam de maneira mais efusiva e mais piedosa a sua gratidão ao Divino Infante? Formavam-se presepes, é certo, para evocar a cena do nascimento divino. Mas era tudo convencional e teatral, em ponto reduzido, sem a força de realidade capaz de despertar nos corações os sentimentos da gratidão mais intensa e mais profunda.

Irmão Francisco pensa num presepe. Mas um presepe verdadeiro, sem animais e imagens de argila ou gesso, um presepe grande, autêntico, que fizesse sentir a todos quantos o contemplassem um impulso de maior amor para com Deus, para com Jesus, o Redentor.

Irmão Francisco pensa



muitos dias. A idéia toma corpo e se avigora no seu espírito. Comunica-se ao piedoso João de Grecio, antigo soldado e homem temente a Deus, que se toma do mesmo entusiasmo do santo freire. Grecio é um lugarejo pobre e modesto, mas terá um Natal, como nenhuma outra cidade poderosa e rica da Itália. Será uma nova Belém na grande noite da Natividade. Põem-se os dois a trabalhar. Convocam-se frades e freiras dos conventos vizinhos para a noite festiva. Nobres e plebeus, pastores e comerciantes, todos os moradores do povoado e de suas vizinhanças foram convidados a ver o verdadeiro presepe de Nosso Senhor, a olhar com seus olhos o que foi realmente a majedoura tosca onde o Rei dos Reis nasceu, numa fria noite de dezembro, a sentir tôda a pobreza do Menino Divino e todo o sofrimento que, desde sua entrada no mundo iria marcar-lhe a vida redentora.

Na noite maga todos se encaminharam para o lugar onde fôra erguido o presepe

de Irmão Francisco. Pelos campos, pelas colinas, pelas ladeiras luzes tochas e lanternas dos que se dirigem ao presepe. Armam-se grandes fogueiras que tornam o local claro como o dia. E perante a admiração e o enternecimento de todos, refulge o grande presepe de Irmão Francisco. Nada é artificial. Nada é falso. Ali está uma verdadeira manjedoura, tôda cheia de verdadeiro feno, um presepe real, com seus objetos próprios, com estêrco e sujo, com tôda a pobreza de sua madeira carunchosa, seu teto palhiço e esburacado, suas frestas por onde se infiltra o vento gelado da noite, e nem falta a presença do boi, e do asno, autênticos, de carne e osso, compondo o realismo do quadro evocador.

Todos pasmam e sentem o coração amolecer-se de ternura. Fôra assim o estábulo de Belém. Fôra num lugar assim tão despojado e mísero que o Salvador do Mundo nasceu. Nem berço macio, nem aromas, nem linhos, nem lãs. Só o colchão áspero da palha, só o cheiro acre do estêrco, só o bafo quente do boi e do asno, só os panos grossos das vestes da Virgem Mãe.

Na noite iluminada pelo clarão das tochas e fogueiras

ergue-se, de repente, o coro das vozes humanas, entoando hosanas de gratidão e de amor. Cantam todos. Cantam frades e cantam freiras. Cantam nobres e plebeus, cantam homens, cantam mulheres, cantam velhos e cantam crianças.

Irmão Francisco é todo um arruço de ternura e de emoção. Cai de joelhos diante do presepe. A' sua alma de poeta todo o símbolo evocador de cena se corporifica. Não está mais em Grecio. Mas voltou a Belém, na noite feliz. Ele é um dos pegureiros que correram a saudar o Messias. E' um dos homens de boa vontade que os anjos convocaram para a adoração sempiterna ao Pastor Divino.

Quando, à hora da missa, ornado com os trajes de diácono teve de cantar o Evangelho, foi com o coração todo reboante duma alegria sobrenatural que Irmão Francisco entoou o cântico divino. Os fiéis ouviam extasiados a canção do santo. Sentiam-se, como êle, arrebatados para fora de seu lugarejo natal e transportados à manjedoura de Belém. Eram todos homens de boa vontade, que ali

(Conclui na página 106)

AGÊNCIAS DE CASAMENTOS EM BERLIM

O AMOR E A VIDA VÃO APAGANDO OS RASTROS DO ÓDIO E DA MORTE — OS MORENOS PREFEREM AS LOURAS — AUMENTOU A COTAÇÃO DAS "GORDUCHINHAS" — A IMPORTANCIA DAS PERNAS BONITAS

David Brown

Da Atlas-Esse Press — Especialmente para ALTEROSA

QUE ao menos um gênero de negócio prospera na Alemanha de hoje, é algo demonstrado de modo indiscutível pelos anúncios primorosamente impressos dos escritórios de contratos matrimoniais, e que se podem ver nos cartazes de publicidade de muitos pontos das ruas berlinenses. Tais anúncios sóem estar encabeçados por discretos e sóbrios "slogans" como — "O Caminho para o casamento". Foi um dêles que me levou ao encontro de Fra Hilda Schitz, cujo escritório, por curiosa coincidência, fica na rua "Bleibtreustrasse", ou seja "Rua da Fidelidade".

O negócio que Frau Hilda dirige foi sempre de grande importância e muito respeitável na Alemanha. Aqui não se menosprezam as uniões "manufaturadas". Mas na Alemanha de post-guerra, a profissão que Frau Hilda e suas colegas

exercem adquiriu nova e maior importância. Sua indústria chegou a ser considerada essencial. De que outro modo, efetivamente, pede uma jovem honesta ou uma viuva moça encontrar a segurança de um lar em uma terra na qual as probabilidades alversas triplicaram no decorrer dos últimos cinco anos?

Milhões de vidas de alemães jovens perderam-se durante a guerra; milhões de homens se acham ainda em campos de prisioneiros na Rússia, Polônia, Grã-Bretanha e América do Norte. Maridos e noivos desapareceram nas migrações de post-guerra. Em Berlim, o número de mulheres em relação ao de homens está na proporção de 3 para 1. E tal proporção é uma média da existente em toda a Alemanha.

Assim, portanto, duas de cada três moças, quaisquer que sejam seus méritos pessoais, suas fortunas ou seus encantos podem alimentar bem pouca esperança de obter maridos por si mesmas,



confiando apenas no acaso e nos azares da aproximação. Os homens também acham útil a intervenção de um intermediário. Já não se fazem aquelas reuniões familiares que eles frequentavam e onde conheciam as possíveis consortes; nem sequer há o outrora fácil acesso à cidade, que permitia a um camponês ou fazendeiro conquistar o coração de uma bonita e inteligente "fraulein" de um meio urbano de bom tom.

A FLOR DO AMOR ENTRE AS RUINAS

Frau Schultz, mulher experimentada, de 51 anos de idade, loquaz, acha-se instalada em um apartamento primorosamente mobiliado no centro urbano de Berlim. Um edifício semi-destruído, atingido por uma bomba, e um montão de ruínas, cercam a casa de um e outro lado. A matrona usa óculos, e o cabelo é cortado e penteado com ar que transcende a autoritarismo; mas com tudo isso, mais do que uma severa mulher de negócios, é uma amável "hausfrau". Ela mesma, hoje viúva, casou cedo, aos 18 anos, e tem uma filha de 30 anos e três netinhos.

"Comecei o negócio há quinze anos", disse-me "Antes estava à frente de uma das seções de contabilidade do Banco Alemão. Entre meus clientes figuram industriais, ricos proprietários, membros da nobreza, homens de ciência e artistas".

"Existe também surpreendente número de famílias de boa posição que desejam casar os filhos. Os tipos mais frequentes de união que propicio são os das que se celebram entre filhos de industriais de Berlim e rebentos de proprietários das províncias, os quais não têm muitas oportunidades de conhecer os partidos aceitáveis da capital.

"Os homens que escrevem seus nomes em meus registros devem possuir empregos e meios econô-

micos. Sempre que possível trato de conseguir que as pessoas a unir sejam de educação e classe social equivalentes. Mas na atualidade há o sério inconveniente de estar muito reduzida a gama de possibilidades de combinação nesse sentido. Claro que, em compensação, se um homem está disposto a casar e em perfeito estado de saúde, as mulheres não fazem muitas das exigências que antes costumavam apresentar".

MOSTRUÁRIO DE FOTOGRAFIAS

Frau Schulz leva a cabo suas gestões com considerável delicadeza. Combina encontros discretos em sua própria residência. Aos que podem realizar viagens às províncias, provê dos necessários endereços e apresentações. Recebe fotografias de candidatos ao casamento, a fim de que os interessados tenham idéia prévia do aspecto de seus eventuais consortes antes de dar algum passo mais ou menos comprometedor.

Frau Schulz mostrou-me várias caixas nas quais arquivava fotografias de diversos tamanhos, todas de homens e mulheres de boa aparência, bem vestidos e especialmente fotografados para as circunstâncias. Algumas das moças eram realmente belas, com sorrisos que poderiam servir para anúncio de pasta dentífrica. Quase nenhum deles ou nenhuma delas encarnava o tipo que se teria esperado encontrar como registrado numa agência de casamentos. Ela foi identificando para mim, alguns deles: um doutor, um agricultor, a viúva de um combatente, um professor de agronomia, a viúva de um farmacêutico, um engenheiro, um técnico — "homem muito calado que em média só fala uma vez cada duas horas" — segundo observou, e um fabricante de perfumes. Havia uma fotografia de duas irmãs juntas, bonitas ambas e ambas à espera de maridos.



*Seu olhar
será mais um
motivo de atração*



Não esqueça este retoque:

algumas gotas de LAVOLHO.

Ponha em seus olhos — azuis,

negros, castanhos ou verdes — a

limpidez e o brilho que favore-

cerão ao seu olhar a expressão

que acaricia e seduz.



LAVOLHO
BENEFICIA OS OLHOS

Como exemplo típico de alguns casos dos que ela encaminha, falou de uma mulher de 55 anos dona de uma destilataria. Era viúva, e se sentia incapaz de dirigir sôzinha a fábrica. Sem a cooperação de um novo marido, o negócio e ela estariam arriscados à ruína.

Dos registros de Frau Schulz constava o caso de um ex-combatente, hoje paralisado, proprietário d'uma grande fábrica de chapéus e o qual dadas as circunstâncias, não poderia sair para trabalhar conhecimentos. Frau Schulz arranhou-lhe uma esposa: uma moça enérgica e decidida que está trabalhando admiravelmente como representante de vendas e administrando o negócio.

UM HOMEM EM CASA

A atividade militar, em geral, repercutiu nos negócios, restringindo-os; entretanto, proporcionou a Frau Schulz e seus colegas número crescente de pedidos de maridos por parte das viúvas de guerra que vivem na zona ocupada pelos russos. O medo que os russos inspiram aos alemães não diminuiu, mesmo depois de cessadas as hostilidades, e as mulheres entendem que a presença de um homem em casa pode representar grande proteção.

A limitação a que antes me referia como imposta pela ocupação, deve-se em grande parte à dificuldade de comunicações. Não há, em toda a Alemanha, quem seja mais partidária da abolição das barreiras entre as diversas zonas, do que a própria Frau Schulz. Como poderá ela tratar casamentos entre pessoas da cidade e do campo — pergunta — quando não é possível viajar livremente? Como poderão seus clientes manter o necessário contacto com ela e como poderá ela aproximá-los, mesmo por correspondência, quando as comunicações são pouco menos que impossíveis e os correios tão lentos? Como atuar eficientemente, mesmo em Berlim, quando as autoridades britânicas não permitem ainda a instalação de telefone em sua residência?

Quanto ao mais, os trâmites do negócio correm mais ou menos como antes da guerra. Uma vez que Frau Schulz inscreveu um candidato e este — "ele" ou "ela" — jurou gozar de perfeita saúde aquela senhora recebe honorários iniciais de 400 marcos — 10 libras esterlinas, 40 dólares US. Em troca desse pagamento, garante ao cliente a inscrição e pertinente prestação de serviços durante um ano.

Se se chega a um casamento feliz, e de ordinário é o que acontece, e muito antes de vencer-se o ano, os contraentes terão de pagar novos honorários pelo êxito alcançado. Tais honorários ascendem normalmente ao dôbro dos iniciais. Algumas vezes é um dos sogros quem paga, outras vêzes é o noivo. Em casos de extrema satisfação, costumam acrescentar presentes estimáveis.

AS "GORDINHAS" TÊM MAIS SORTE

O cliente de mais idade entre os atualmente registrados é um esportivo viúvo de 62 anos, oriundo de Turingia. Frau Schulz arranhou-me uma noiva de 50 anos, viúva de um doutor.

"Há apenas uma modificação — que eu tenha notado — com respeito às exigências ou preferências usuais, em relação as que costumavam prevalecer antes da guerra. Os homens, antes pediam mulheres o mais delgadas que fosse possível. Agora, em compensação, querem-nas um pouco mais "gordinhas". E elas também preferem

(Conclui na página 68)

A LENDA DA ROSA DO NATAL (CONCLUSÃO)

Chegando à sua presença, apresentou-lhe as flores, dizendo:

— Eis o que te envia o abade Hans. São as flores que te prometera colher no jardim de Natal da floresta de Goinge.

Vendo as flores que tinham brotado no seio da terra no pino do inverno, e ouvindo estas palavras, ficou o bispo tão pálido como se visse um espectro. Depois de um momento de silêncio disse:

— O abade Hans cumpriu a sua palavra, eu também cumprirei a minha.

E mandou lavrar um mandato de absolvição para o ladrão que vivera na floresta desde a mocidade.

Entregou a carta de perdão ao irmão leigo, que seguiu para a floresta, em busca da caverna dos saltadores. Quando ali chegou, no dia de Natal, avançou-lhe o bandido ao encontro, de aça na mão:

— Eu vos abaterei a todos, por mais numerosos que sejais, monges malditos! Foi por vossa culpa, sem dúvida, que a floresta de Goinge não se revestiu este ano das galas de Natal.

— Por minha culpa somente, disse o irmão leigo; e quero morrer pra expiá-la. Antes, porém, de morrer, quero entregar-te a carta do abade Hans.

E contou ao homem, entregando-lhe o mandado do bispo, que estava absolvido.

— De hoje em diante poderás, com teus filhos, brincar na palha de Natal; e celebrarás o Natal entre os homens, com desejava o abade Hans.

Pálido e mudo, nada respondeu o saltador, mas falou por ele a mulher:

— O abade Hans cumpriu a sua palavra, o saltador cumprirá a dele.

O ladrão e a mulher deixaram a caverna, e nela instalou-se o irmão leigo, que ficou vivendo na floresta, em orações ininterruptas, para que lhe fôsse perdoada a dureza de alma.

Mas a floresta de Goinge jamais tornou a celebrar o nascimento do Salvador; e de todo o seu esplendor nada mais resta senão a planta colhida pelo abade Hans. Chamaram-na a Rosa de Natal; e todos os anos, pelo Natal, brotam da terra as verdes hastes e as alvas flores, como se ela não pudesse jamais esquecer que, dantes, florescera no grande jardim de Natal.

✱

NOMES DE FLORES

HÁ FLORES cujos nomes foram tirados de seus descobridores. Assim, a dália vem de Dähl; a camélia, do missionário Kamel, que a importou do Japão, e a magnólia, de Magnol de Mentpellier.

AMORES HISTÓRICOS

Franz Liszt e Condessa d'Agoult

A CONTECEU durante um concerto em casa de Chopin. As figuras mais representativas da arte ali estavam: Meyerbeer, o pintor Delacroix, a grande George Sand, o poeta alemão Henri Heine, o bardo polonês Mickiewicz, o cantor Nourrit... Mas para Marie de Flavigny, a bela Madame d'Agoult, ali somente estava Liszt, o seu sonho de mulher que, num milagre emocional, se corporificara. O instante luminoso deslumbrou-a, e foi entontecida, num êxtase deliciosamente perturbador, que o ouviu falar e também — suprema ventura — o ouviu tocar...



O seu coração romântico vibrou. E, falando ao músico belo e já famoso, não procurou ocultar seu deslumbramento.

Amaram-se, inevitavelmente.

Durante dois anos conseguiram conservar secreto o violento amor que os unia. O medo do escândalo tolhia-os. Eis quando a revolucionária George Sand, aliás amiga, confidente e conselheira de ambos, proclama, no seu livro *Lélia*, o direito das mulheres à liberdade... E em agosto de 1835, indiferentes ao escândalo, rompendo com o passado, Liszt e d'Agoult, partiram para a encantadora Suíça! Verdadeiro rapto! Não se sabe, porém, até hoje, qual dos dois raptou o outro...

Desde então, até 1844, data em que romperam definitivamente, decorreu uma existência com alternativas de felicidade, de tristeza, de união, de separação e viagens através da Europa. Juntos, viveram em Genebra, depois em Nohant, perto de George Sand, depois em Milão, Veneza, Roma...

Quando Liszt viajava, d'Agoult escrevia-lhe: "Sonho contigo e vejo-o como no instante em que o amei... Soamente sou feliz contigo. Teu amor e a tua música me pertencem..."

Liszt respondia: "Dize-me de onde me vêm essas agitações misteriosas, êsses inefáveis pressentimentos, essas divinas emoções de amor! Não pode ser senão de ti, meu amor! A Eternidade em teus braços... O céu, o inferno, tudo, tudo, mas contigo!"

Mas, tudo passa! Liszt, sempre célebre, festejado, adulado e sensível à beleza das mulheres, seguiu sua carreira deslumbrante. Num belo dia — que espanto! — ei-lo recebendo as ordens em Roma e, transformado no padre Liszt, repartindo seu tempo entre o piano e o breviário.

Marie abriu seu salão para os artistas e tornou-se escritora. Ficou famosa com o pseudônimo Daniel Stern. Morreu em 1876, com setenta anos.

Liszt e Marie! Iluminando êsse amor, o sonho eterno e, colorindo êste sonho, a divina música... Como a vida é bela! Como a vida é triste...

Vestidos
Peles
Manteaux
Costumes
Blusas
Bolsas
Lingerie
etc.

FACILITA-SE
O
PAGAMENTO



PATRONE MODAS

RUA DA BAIA 1066
FONE 2-2978

*



DISTRIBUIDORES

DROGARIA RAUL CUNHA

RIO E BELO HORIZONTE



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo



**Carta a um
DETENTO**

Meu amigo — Para responder a sua carta, que atravessou as grades da sua célula e entrou como uma ave da noite, ferida de morte, as janelas abertas do meu coração solitário, faz-se mister transcrevê-la. As palavras que me envia do cárcere trazem a força dos ferros que o separam do mundo. A sua resignação surda e o seu segredo trágico reclamam simpatia fraterna. Deixe-me, pois, dizer aos outros aquilo que você me diz. E escutem, os homens felizes, a voz de um homem desgraçado:

“Casa de Detenção, 23 de dezembro de 1933 — Exmo. Sr. Humberto de Campos — Como viu, esta carta vai do cárcere, de um homem a quem a Fatalidade atirou à tristeza do presídio, e, assim, deixo a seu critério rasgá-la de início, solidário com a infalível e respeitabilíssima sociedade que me segregou, ou prosseguir, apreciando e atendendo ao que mal se acha expresso no seu conteúdo.

“Não importa a minha pessoa nem o meu crime; a própria liberdade de que me privaram nada é ante a grande dor, a pungentíssima aflição que me estragalha o peito hoje, vésperas de Natal, ao recordar-me da minha filhinha Didi, que, tendo completado dois anos, balbucia pela primeira vez o nome do Papai Noel e pede pela primeira vez um brinquedinho, um “pinano” como ela diz ao piano, a Papai Noel, e põe o seu único sapatinho roto no fogão e amanhã terá a primeira desilusão da vida, quando, ao amanhecer, encontrar tão inocente o sapatinho vazio, porque o Papai Noel que lhe poderia, com grande e dulcíssimo sacrifício, satisfazer o seu primeiro sonho de anjo, se acha entre as grades de um cubículo. Minha primeira filhinha...

“O senhor, que é pai extremo que procurou, para agradecer, o pequeno jornalista que socorreu o seu filhinho em situação difícil, compreenderá bem a minha dor, e, assim, de pai para pai, eu lhe peço que seja o Papai Noel para aquele meu tesouro, depositando no sapatinho que lhe saltita dentro do peito algumas palavras consoladoras, presente esse que amanhã lhe faltará, mas quando moça receberá comovida ao saber oriundo do Papai Noel da literatura brasileira que nos prodigaliza mimos diáritamente, grandes doses de conforto espiritual, enriquecendo os nossos conhecimentos e encorajando-nos na luta pela vida com seu exemplo e as suas lições.

“Esse grande presente que peço para minha filha não faltará, estou certo, e grato deponho a seu pés os fragmentos de meu coração partido, coração de pai brasileiro, que dificilmente resiste a esses caprichos do destino.

“Um feliz Natal ao senhor e aos que lhe são caros é o que pede a Deus um preso, pai amoroso e grande admirador, indesejável, decerto.”

Esta carta, meu amigo, só ontem a recebi. E uma tristeza irresistível entrou pelo meu coração. Esperou você, provavelmente, a minha resposta, no dia de Natal. Esperou-a ainda, no dia seguinte. E o meu silêncio foi, talvez, um golpe a mais no seu orgulho de homem. Supôs você, com certeza, que este escritor, amigo de todos os humildes, companheiros de todos os pobres, consolador de todos os desgraçados, repelia a sua mão, recusava a sua estima, evitava o seu contacto, na hora trágica do infortúnio marcada no claro relógio de Deus pelo dedo escuro do Diabo. E, no entanto, como sofri eu próprio, com a suposição do seu sofrimento! E como teria ido, eu mesmo, à Casa de Detenção, levar-lhe o conforto da minha visita, e a desculpa da minha falta, se a sua carta não me viesse anônima e não me falecessem todos os meios de estabelecer a sua identidade!?

(Conclui na pag. 88)

HUMBERTO DE CAMPOS

ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1946



O Copo d'água

O PEREGRINO, vencido pelo cansaço, bateu à porta de uma granja e implorou: — Por favor, dá-me um copo d'água.

— Vai-te daqui, vagabundo! — blasfemou o proprietário, ameaçando-o com um pau — se não queres que te bata.

O peregrino suspirou, profundamente, e pensou: — que homem máu!

Chegando à cabana de outro homem, que estava sentado calmamente numa rede, lhe disse:

— Queres dar-me um pouco d'água?

O homem voltou-se preguiçosamente e contestou:

— Não temos em casa uma gota sequer, irmão.

— Louvado seja Deus — disse o peregrino.

Quando chegou a uma certa distância da casa, viu, no entanto, que ali havia um grande barril de água.

— Que homem preguiçoso! — murmurou o caminhante.

Arrastando-se, sedento, chegou à porta de uma terceira granja. Um homem guiava um arado, puxado por dois bois.

— Quer dar-me um pouco d'água?

— Senta-te aqui, enquanto vou buscá-la, irmão, — disse o homem.

Sentou-se o peregrino, mas vendo que o homem não voltava, pensou:

— Talvez tenha se esquecido...

Mas, ao fim de meia hora o viu de volta, suarento e cansado, trazendo nas mãos um vaso cheio d'água.

— Demorei-me um pouco porque fui buscá-la na fonte; a que tínhamos em casa não estava fresca.

Ao acabar de beber, dos olhos do peregrino caiu uma lágrima.

— A paz seja contigo, meu irmão; um homem me negou de beber; outro me deixou partir sedento, tendo ao seu alcance muita água. Tu deixaste teu trabalho para dar-me água fresca... Que a paz seja contigo!... Não porque das, mas porque sabes dar.

FOUCHKINE

*

A Vingança

O melhor modo de se vingar dos maus é não se assemelhar a eles.

MARIO AURÉLIO

A moça de
lábios **MICHEL**
que conquistou
seu coração

São muitos os homens que se renderam ao feitiço de uns lábios Michel... tão infinitamente delicados, tão vividamente incitantes... porque o baton Michel mantém os lábios tão suaves e frescos como os de uma criança. O baton Michel espalha-se uniformemente e permanece, nunca se empasta e não resseca nem lambuza os lábios. É tudo o que deve ser o baton por excelência.



46-6

BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE

Se o seu fornecedor procurar desprestigiar um produto conhecido, para impor-lhe similar de marca ignorada, recuse terminantemente as sugestões que ele fizer, pois elas não consultam o interesse do consumidor, mas tão somente o próprio espírito de lucro do comerciante.

VESTIDOS EDEN

VESTIDOS — MANTEAUX — COSTUMES
ROUPAS DE CAMA — LINGERIE

OS MENORES PREÇOS

*

Rua Carijós, 454

— 2.º andar

— Edifício Cecília



Para as donas de casa

As rendas negras, com o tempo, adquirir uma coloração avermelhada. Este dano poderá ser remediado, bastando serem submergidas numa vasilha com água à qual se adicione vinagre. Quatro colheres de sopa, de vinagre, para meio litro de água. Depois, restará enxaguá-las com café frio e pendurá-las ainda relativamente molhadas sobre panos de flanela.

*

Para dar brilho ao alumínio é excelente o emprêgo de uma mistura, em partes iguais, de óleo de oliva e álcool.

*

Não se deve passar toda a roupa com o ferro ligado, pois, além do gasto inútil, desperdiça-se calor. É bom desligar enquanto se está passando, para evitar os excessos de calor e proteger a resistência. Lembrem-se também que as batidas prejudicam muito o ferro, do mesmo modo o costume de enrolar o cordão, quando o ferro ainda está quente.

*

Os móveis de vime são lavados, enxaguando-se depois com água a que se tenha acrescentado sumo de limão ou sal, deixando-se secar ao sol. Por último, lustra-se com pasta comum para móveis.

*

Não se devem pôr as peles molhadas perto da estufa ou radiador, nem expô-las diretamente ao sol, pois isto as endurece, tornando-lhes o pêlo áspero e quebradiço. Primeiro se enxuga delicadamente a água com uma toalha felpuda e deixam-se secar naturalmente ao sol ou em peça arejada. Finalmente, passa-se sobre ela uma escova macia, para que o pêlo não fique achatado.

*

A abstenção de bebidas ou líquidos nas refeições produz redução de peso dentro de certo tempo.

*

Para cozinhar peixe, a proporção do sal deve ser de uma colherada para quatro litros d'água.

*

A única maneira de corrigir um vaso poroso consiste em colocar em seu interior um tóco de vela, levando-o ao forno apenas morno, até que a estearina se derreta e cubra o fundo do vaso e parte dos lados. Depois poderá ser usado sem medo sobre móveis de superfície brilhante, porque terá ficado impermeabilizado.

homens de algum peso e não de tipo anacorético". Para isso contribui, talvez, o medo a todo sintoma de haver sofrido fome.

"Quanto ao mais, as preferências fundamentais continuam inalteradas. Os morenos preferem louras. Os fortes, as esbeltas. E, de ordinário, os louros se casam com morenas.

"Costumo apresentar aqueles que, a meu ver, formariam um bom par, convidando-os a tomar chá. Mas, o fato de que o homem e a mulher harmonizam ou não, depende deles próprios de seus complexos e timidez ou da ausência de uns e de outra. E até a circunstância de saber se devo acompanhá-los ou ausentar-me, depende também de tais fatores. Quando tudo vai bem, e não preciso animar a conversa, deixo-os sózinhos. Sugiro-lhes que se encontrem espontaneamente outras vezes, em outros lugares. Mas sempre voltam juntos, ou separadamente, para informar-me do resultado.

"Agora mesmo estou cuidando de um médico. O cômico é que o que ele mais me recomenda é que a mulher que tiver de ser sua esposa, não deve ter sido nunca enfermeira, nem nada que a tenha pôsto em contacto com a medicina.

"E eis aqui outro, brilhante homem de ciência possuidor de títulos acadêmicos. O que deseja é uma jovem não muito inteligente, mas muito feminina, capaz de dar-lhe um lar cálido e confortável, sem proporcionar-lhe dores de cabeça nem excessivas distrações de sua própria concentração mental.

"Os homens do campo desejam, geralmente, boas donas de casa. Alguns homens sublinham que o que os satisfará acima de tudo, é a mulher que seja boa mãe de seus filhos. Ah! e há uma coisa que nunca falha: os homens preferem mulheres que tenham bonitas pernas. Isso é constante.

VETO COM RESPEITO AOS SOLDADOS

Nem Frau Schulz nem seus colegas têm concertado casamentos entre moças alemãs e soldados das tropas aliadas, porque tais casamentos são proibido ou mal vistos pelas autoridades militares. E além dessa razão, outra, talvez mais importante, é que um soldado aliado na Alemanha não precisa de apresentações. Ao contrário: geralmente se vê obrigado a desembaraçar-se das perseguições femininas. Tanto os rapazes britânicos com os norte-americanos são proibidos de casar com moças alemãs, mas têm-se dado vários casos, sobretudo na Baviera, em que os soldados e suas respectivas noivas persuadiram os sacerdotes a abençoar a união. Não faz muito tempo, o governador militar norte-americano para a Alemanha, General Joseph B. Mac Narmey, reconhecia: — "... estão validamente casados, sem dúvida alguma. Com respeito ao casamento em si nada tenho a opor. Não está em minhas faculdades dissolvê-lo. Mas todos os membros das forças armadas dos Estados Unidos que deram tal passo estão sujeitos a sanções disciplinares por infração da ordens de igual índole".

O único soldado que visitou Frau Schulz foi um oficial britânico. Foi queixar-se de que se sentia muito sozinho. Ela o apresentou a uma jovem, com a qual ele saía algumas vezes. Mas a coisa não passou de amizade a noivado. E ela casou depois com outro cliente, um médico jovem.

Frau Schulz não é partidária de aplicar o ditado de que "em casa de ferreiro, espeto de pau". E assim revela que ela própria vai contrair em breve segunda núpcias com o diretor de uma grande fábrica de cerveja. Não disse se em tais condições renunciará a prosseguir no exercício de sua profissão. Mas receio que a vocação não lhe permita retirar-se.

7 QUALIDADES QUE JUSTIFICAM A SUA PREFERENCIA...



MIDO MULTIFORT, algo de mágico em um presente de festas... O relógio revolucionário, planejado para o homem de ação e a mulher moderna. Cada uma de suas 7 qualidades extraordinárias representa mais um motivo de vaidade para quem o recebe e aviva a recordação de quem o oferece.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL
- ★ SUPER-AUTOMÁTICO
- ★ PARA-CHOQUES
- ★ PRECISO
- ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL
- ★ ANTI-MAGNÉTICO

Mido
MULTIFORT
RELOGIO SUIÇO COM 17 RUBIS



O novo estojo
MIDO-MULTIFORT

Sha. 7113

SO' sabe festejar o Natal quem tem pureza no coração. E' por isso que as comemorações da grande noite são mais emocionantes nas pequenas cidades, nas aldeias e nos povoados do interior. Há muito pecado nas capitais trepidantes e tumultuosas. Nesses centros cosmopolitas, as solenidades são desvirtuadas, deformadas de acôrdo com o paladar moderno: bailes, ceias profanas, espetáculos de gala e saraus elegantes. A data serve, apenas, de pretexto para exibições de luxo e de opulência.

O arraial tem, nessas festas, a primazia. O presépio ingênuo e pitoresco, a ceia alegre nos lares felizes, o prazer nos olhos das beatas, as igrejas iluminadas, o bolo tradicional, enfim, Natal de almas tranquilas e puras. A estrêla que guiou os magos surge com uma grande cauda de papel dourado; o menino Deus é de celulose côr de rosa, os bois e os pastores são fabricados, no próprio arraial, por um jovem habilidoso que todos dizem que está se perdendo no povoado; há pontes, estradas de ferro e aviões na Jerusalém das aldeias. A multidão de fiéis fica pasmada diante do quadro. E, às vezes, as figuras se movem. Cristo sobe ao calvário carregando a cruz; as lavadeiras batem roupa no rio Jordão; um galo canta; o menino Deus move a cabeça, em agradecimento quando se deita uma esmola no cofre. E todos acreditam que o nascimento do Salvador foi assim mesmo. Que ali está retratada a cidade santa em todos os seus pormenores. Na Idade Média não havia mais fé nem mais temor nos corações.

A civilização não é um sol que ilumina, ao mesmo tempo, todos os recantos do mundo. Há sombras da Idade Média nos nossos arraiais. E' a teocracia, o govêrno de Deus, a soberania da igreja.

Observem a aldeia — quase tôdas as festas têm o caráter religioso. O respeito pela matriz sempre aberta e sempre cheia. O poder absoluto do vigário, que nunca deixa de ser ouvido nos problemas graves do arraial. Pelo mostrador da igreja são acertados todos os relógios. A religião determina todos os passos, todos os destinos, tôdas as resoluções. No Natal, a fé se revigora com a apresentação das cenas iniciais do cristianismo. Se o vigário sabe valer-se da ocasião, leva ao aprisco centenas de ovelhas extraviadas, porque, nessa data, os corações são mais sensíveis e os ouvidos mais atentos aos conselhos divinos.

A magia da noite bíblica adoça os sentimentos, torna mais firmes os laços que prendem as almas, mais sólidos os lares, mais carinhosos os pais, mais ternos os namorados, mais moles os corações. Esse ambiente de doçura torna quase uma realidade o velho sonho — Paz na terra aos homens de boa vontade!

O prestígio da noite cristã transparece nas trovas de nosso folclore:

Meu filho me pede a bênção

E eu a dou cheio de fé:

Minha bênção, nesta noite,

E' bênção de São José.

O marido sertanejo, muitas vezes de temperamento áspero, dirigindo-se à companheira, tira partido da data para advertências oportunas:



nas Aldeias

★ Ilustração de Rocha

Não me atormente esta noite
E nem me faça infeliz;
Respeita o presépio armado
Que brilha lá na Matriz.

No interior, a Missa do Galo é a mais concorrida, talvez pela singularidade da hora. A ceia, depois da solenidade, é também tradicional nas pequenas cidades. Por isso o violeiro carinhoso diz, na trova:

Maria, minha Maria,
Nunca deixes de ser minha;
Eu vim da Missa do Galo
Quero canja de galinha.

A noite lírica exerce influência apaziguadora no temperamento dos valentões. Os caboclos mais destemidos, os que mais apelam para a faca em contendas terríveis, pedem tréguas:

Não quero rugas nem brigas,
Guarde a faca quem a tem:
Se Deus nasceu nesta noite
Não quero matar ninguém.

As cenas religiosas ficam gravadas nos olhos e na alma da gente humilde sob a forma de um temor vago, uma advertência do alto, uma voz interior, uma dúvida, um mistério qualquer...

Quero noite sossegada,
E digo amen, assim seja,
Que eu trago dentro dos olhos
As luzes que vi na igreja

O matuto, no Natal, envolve, na mesma ternura, homens e irracionais, tão grande é o prestígio da religião nas criaturas simples e rudes:

(Conclui na página 74)



PÁGINA *das* MÃES

CRIANÇAS POBRES E O NATAL

ESTAMOS nas vésperas de Natal, e é preciso, antes de tudo, pensar um pouco nas crianças. Passamos o ano engolfados no egoísmo e na luta dos negócios, endurecendo a alma na ânsia de ganhar dinheiro. A bem dizer, não temos um minuto para polir o espírito, adoçar o coração, viver enfim a vida pelos sentimen-

tos. Convém portanto fazer uma paradazinha neste fim de ano, alijar as preocupações materiais, cuidar um bocadinho das coisas belas. Nós, que somos pais, devemos meditar nos deveres da paternidade, que aliás estão cheios de muita poesia. A poesia do Natal em grande parte, vem da alegria das crianças que consideram a grande festa cristã como o advento da felicidade. Assim que começa em cada lar a conversa sobre Papai-Noel, os meninos se alvoroçam e sonham com uma das coisas mais sérias da vida deles, e são os presentes. E dar um presente a um menino é positivamente fazer uma criatura feliz. E não é uma felicidade passageira, não, é uma felicidade que vai influir a vida inteira, uma felici-

dade construtora, transfiguradora, modeladora da alma. Estamos mesmo em dizer que um menino que teve os seus brinquedos será um homem, ou poderá ser um homem reconciliado com o mundo, com os pais, com os semelhantes. E que sugestão de poesia não vai ser mais tarde a recordação de sua infância encantada! Por isso é que dizemos sempre: — Benditas sejam as senhoras de sociedade que se cotizam para dar brinquedos, no Natal, às crianças pobres. E dizemos brinquedos, entendam bem, e não vestidos, sapatos e outras coisas úteis. Isto é bom, não se nega. Mas brinquedo é muito melhor. Vocês já viram alguma vez uma menininha pobre, abraçada com uma boneca que lhe deram? Si já viram, não precisamos de acrescentar

mais nada. A alegria se estampa na sua fisionomia. Tudo o mais é nada para ela. A sua boneca é tudo. Fica presa a seu sonho horas e horas, contentinha da vida. E' uma cena comovente de verdade. Quando nos dispussemos a escrever palavras, estávamos sem assunto. Não havia meio de achar um. Pois parece que foi mesmo uma inspiração. Veio-nos de repente a idéia de fazer um apêlo às mães de família para, este ano, realizarem um Natal bonito pros meninos pobres. Um Natal de sensação. Um movimento necessário, este. O povo está sofrendo de mais, está desprovido de crença, de ilusões e de esperanças. Os aborrecimentos, que tocam para todos, fazem a gente esquecer das crianças. Mas as

(Conclui na pag. 92)



*

Convém saber

As crianças, pelos seus movimentos espontâneos e contínuos, sajam a miúdo as roupas que usam. Por isto, devem as mães ter sempre passadas e prontas essas roupas. O essencial, porém, é que saibam passá-las. Devem elas ser passadas em estado de umidade, não esquecendo, contudo, de estabelecer uma diferença entre o úmido e o molhado. Secar a roupa a ferro, fá-la destruir-se mais depressa.

É de muita utilidade passar a roupa branca umidecendo-a antes com água quente, por isso que, assim, a água penetra mais rapidamente no tecido, não havendo, outrossim, necessidade de molhá-la muito.

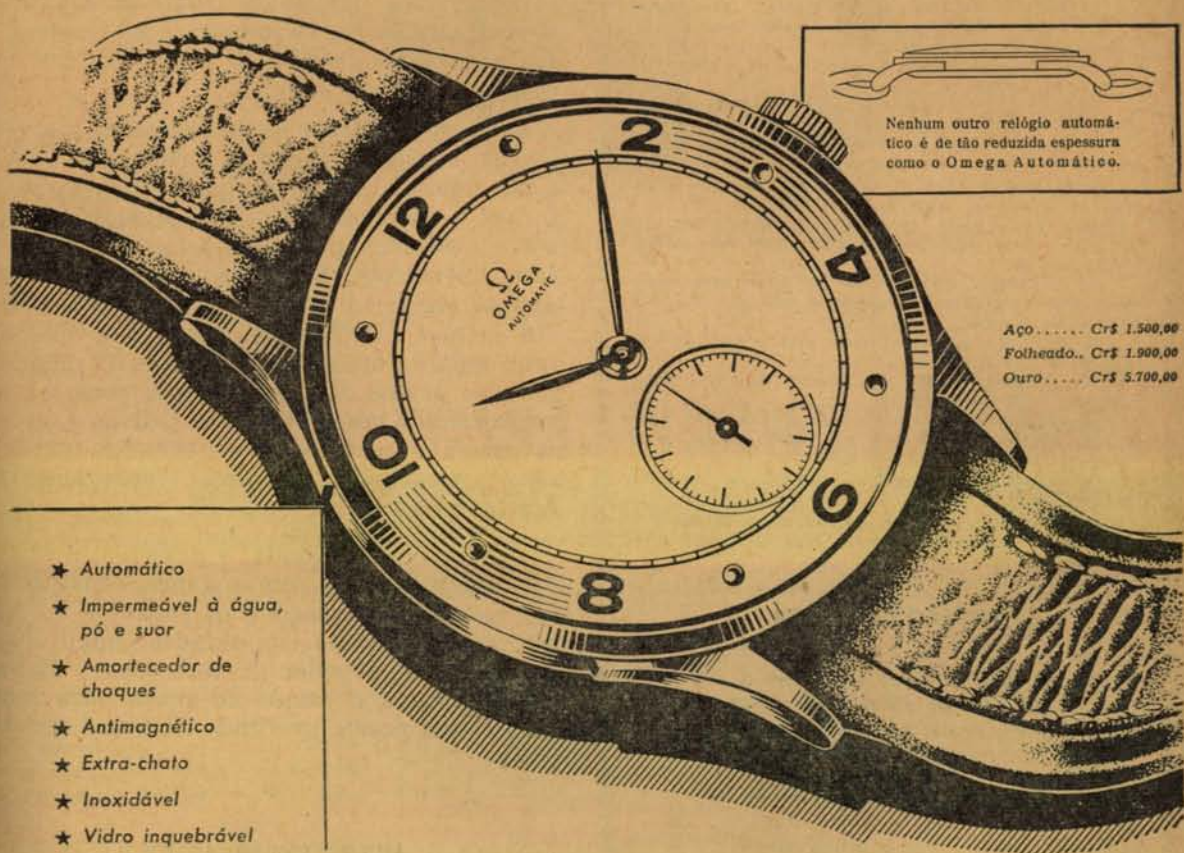
*

Há mães que, tendo filhas mocinhas e dispondo de recursos, satisfazem seus menores caprichos, o que é, até certo ponto, justo. Não devem esquecer, porém, que é necessário tirar-lhes qualquer dose de sentimento egoístico.

Quando, por exemplo, recebe sua filha ou seu filho, os amiguinhos em casa por motivo de reunião familiar, não devem colocar na eletrola somente os discos que mais lhe agradam. Não deve esquecer que os convidados também têm seu gosto particular. Este fato, muito comum, é preciso ser corrigido, mas com muita suavidade, tal como se deve proceder uma boa mãe.

Eis a diferença!

Êste relógio automático
possui a "Precisão Omega"



- ★ Automático
- ★ Impermeável à água, pó e suor
- ★ Amortecedor de choques
- ★ Antimagnético
- ★ Extra-chato
- ★ Inoxidável
- ★ Vidro inquebrável

Aço..... Cr\$ 1.500,00
Folheado.. Cr\$ 1.900,00
Ouro..... Cr\$ 5.700,00

Muitas experiências o precederam! E, após longos anos, ei-lo constituindo mais um triunfo Omega: o Omega Automático! Está longe de ser apenas um relógio automático. Não! Além de possuir corda permanente obtida com o movimento do pulso, este

relógio apresenta algo único, apresenta a "Precisão Omega"! Para tanto contribuíram os recordes de precisão obtidos por Omega no famoso Observatório de Teddington, na Inglaterra.



Hoje mesmo, admire um Omega Automático num bom relojoeiro.

OMEGA Automático

OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE — GENEVRA-SUIÇA

Tissot



Saber Diver

MUITAS vezes, conforme o nosso estado de espírito, é melhor transcrever o que escrevem outros, do que produzir qualquer coisa. E' o que nos acontece agora, no momento de escrever esta secção para ALTEROSA. Tivemos a felicidade de d'aparar uma preciosidade dos tempos que já vão longe e que consta de uma carta do Califa Ali Ben Abi Taleb a seu filho El Hassar, na qual lhe dá sábios conselhos. Ela, em parte:

"Tem, sempre, em mente, quatro coisas que te serão úteis na vida, sem te causar mal: — A maior fortuna é a inteligência; a maior pobreza é a imbecilidade; a maior nobreza é a virtude e a mais dura solidão é a presunção.

Meu filho, tem cuidado com os amigos que, querendo te fazer bem, te fazem mal!

Do mundo nada se leva, poas crer, senão a lembrança de seus atos!

Segue o bom caminho e não troques tua alma pelos prazeres da vida...

Não digas nada, sem pleno conhecimento do que dizes, nem sigas por caminhos que não saibas onde vão dar.

As melhores palavras são as úteis, e a sabedoria não terá nenhum valor se não for em benefício de alguém.

Ouve, filho: que a tua alma seja a balança entre ti e o teu semelhante.

Não te faças amigo do inimigo do teu amigo, pois, os perderás a ambos.

Fica sabendo, meu filho, que o forasteiro, neste mundo, é quem não tem um amigo, e que nem todos os defeitos se devem mostrar!

Quando muda o sultão, mudam as circunstâncias.

Verifica quem é o teu companheiro de viagem antes de a começares e quem será o teu vizinho antes de habitares tua nova casa."

*

MISSÃO GLORIOSA

A Berilo Neves

Teu filho não morreu, tornou-se a luz
Que te entra pelos olhos e te aclara
o pensamento bom, que em ti traduz
virtudes depurando a humana tara...

Teu filho não morreu, porque Jesus
para missão gloriosa o humanizara,
dando-lhe gestos, voz e olhos azuis
— humano poema de beleza rara —

para que ele, na Terra, iluminasse,
e os elevasse a Deus no sofrimento,
um poeta e a musa que este poeta amasse:

— dando ao poeta feliz e à companheira
a compreensão da vida num momento
e a glória da saudade a vida inteira...

JORGE AZEVEDO

*

CONSTANCIA

— Quando pensa a tua filha em casar?
— Constantemente.

*

VIDA OCIOSA

Uma vida ociosa é uma morte antecipada.

GOETHE

Sertanejo tem cuidado

Quando a boiada conduz:

Bafo de boi é sagrado

Pais deu calor a Jesus.

A própria chuva que cai, pontualmente, na longa noite é um pretextó para reuniões íntimas, conversas demoradas, em que as velhas amizades se cristalizam e a novas se fortificam, lançando raízes profundas nos corações. As festas em torno de um berço têm o condão de estimular, nos jovens, o sentimento de família, o desejo de um lar manso, risonho e feliz.

Nesse ambiente de religiosidade, as mulheres adquirem encantos profundos e desconhecidos. Vestem roupas novas, são mais ternas e compassivas. Nas aldeias, os noivos, envolvidos pela magia do Natal, marcam, corajosos, o dia do casamento. As danças obedecem a um compasso diferente. Há menos desenvoltura nos casais que giram, menos ruído nas risadas, mais moderação nos gestos. Os jovens preferem a conversa ciciada nos desvãos das janelas. Conversa macia e pontilhada de silêncios expressivos, penetração de almas, comunhão de sentimentos.

A igreja iluminada, o presépio, a Missa do Galo, a chuva, a ceia, a dança, constituem, nas pequenas povoações, os encantos do Natal. Os habitantes das cidades tumultuosas desconhecem o poder de tudo isso. Faltalhes a pureza, o estado de graça para compreender a poesia profunda do Natal nas aldeias.

*

MULTA ENGARRAFADA

A U. R. S. S. não crê na eficiência de leis severas para punir os grandes apreciadores da famosa "água que passarinho não bebe". Acham que o vício da embriaguez é simples demais para tomá-lo de modo trágico. Ridicularizando-o, é como fazem os russos.

Certas fábricas da república vermelha construíram enormes garrafas de "vodka" que, em lugar de alcool, têm no interior um homem, um cobrador. Quando um trabalhador da fábrica se embriaga, é obrigado a comparecer ao "guichet" aberto em certa parte da "garrafa gigante" onde pagará multa enquanto os outros operários assistem com risotas à cena cômica do pagamento.

Esse método tem dado resultado: os operários russos apesar da severidade do regime, continuam vermelhos, vermelhinhos, com exceção..... da ponta do nariz.

PEQUENOS POR FORA GRANDES POR DENTRO

CONCLUSÃO

fotografias mostram algumas figuras: Frankenstein, Verônica Lake, Zé Carioca e outros. Carol Wood é quem faz as cabeças e a indumentária dos Panamecos, sempre auxiliada pelo marido, arquiteto, na confecção dos cenários (às vezes complicadíssimos), nos efeitos de luz (quase tão aperfeiçoados quanto num palco "de verdade"), na escolha das peças que, às vezes, escrevem juntos.

Existe, aliás, no Brasil, uma tradição bem antiga neste ramo: No Rio de Janeiro do século XVIII houve o "Guignol de capa" e o "guignol de porta": este último mostrava-se por detrás das portas fechadas apenas à meia altura tão características da arquitetura colonial, enquanto aquele tinha por diretor o "homem de capa" que tocava violão e cantava, escondendo debaixo da capa um moleque que agitava os bonecos por cima da própria cabeça. Temos também notícia de um extraordinário marionetista mineiro, cuja fama era grande, há mais ou menos um século.

Hoje, assistimos a um povo surto de atividade títereiras: o teatrinho do "Gibi" está colhendo louros no Rio e em São Paulo. O teatro experimental da Sociedade Pestalozzi do Brasil acha-se em pleno desenvolvimento cultivando — com a colaboração de poetas, pintores e teatrólogos de renome, e sob a orientação competente da ilustre educadora D. Helena Antipoff — os três gêneros fantoches, marionetas e sombras chinesas. Até mesmo obras do teatro clássico já foram encenados no seu palco em miniatura. Também o poeta e literato argentino Javier Villafane, que recentemente nos visitou representando peças encantadoras de sua autoria o seu teatrinho ambulante dos "Companheiros de la Andariega" — fantoches-luva de uma extraordinária expressividade — encontrou aqui um público entusiasta e compreensivo, entre grandes e pequenos.

Pois o teatro dos títeres é o teatro dos poetas e das crianças: "Para poder apreciar este espetáculo", dizia um marionetista europeu do século XVII, "é preciso saber sentir como as crianças e pensar como os homens".



S. S. Publicidade

**-você não é velho, -
mas tem Cabelos Brancos**

**Oleo
Ramosal**
PERFUMADO

Não pareça velho.
Elimine os cabelos brancos e a caspa usando o

Oleo Ramosal, (perfume finíssimo) que por não conter corrosivos é completamente inofensivo. Não suja as mãos nem mancha porque não é tintura.

LAB. RAMOSAL LTDA. -- Rua Gustavo Lacerda, 54 - RIO

A CASA FERRETTI

de Ferretti & Cia.

deseja aos seus distintos fregueses e amigos

Feliz Natal
e
Próspero Ano Novo

*

RUA RIO DE JANEIRO, 379

TELEFONE, 2-1310

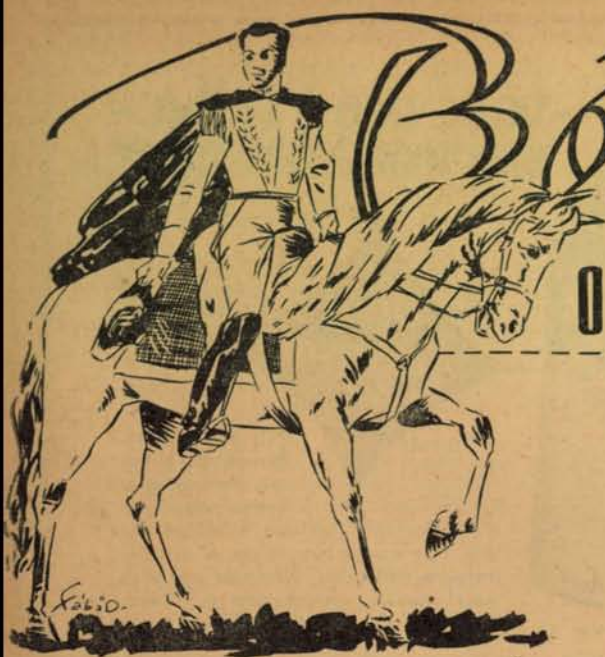


Você era criança e GIACOMO
já vendia Sortes Grandes

CASA GIACOMO

BAHIA, 856

Desde 1901 vende e paga SORTES
GRANDES — BELO HORIZONTE



Bolívar

O HEROI DAS AMÉRICAS

"Bolívar es el más grande de los libertadores americanos. Es el Libertador."

Garcia Calderon

★ Omar Santos ★

Q UEM, porventura, visitar Caracas, poderá gozar do prazer de ver, ainda hoje, engastado numa rua solitária, em impecável estado de conservação, o solar onde viu a luz deste mundo o imortal herói americano.

Eram seus pais Juan Vicent Bolívar y Ponte e María de la Concepcion Palacios y Blanco, dois ilustres nomes que ligavam à nobreza da linhagem o sentido de vultosa fortuna.

Decorreram-lhe os primeiros anos da infância num ambiente de calma dignidade e ditosa despreocupação, cercado do conforto e dos carinhos paternos. Fato bem interessante a exclamação de profético júbilo que, ao dar-lhe as águas lustrais do batismo, teve o vigário, ao justificar o nome, pelo próprio cura escolhido: — Presinto que esse pequeno será ainda o Simão Macabeu da América.

Já aos seis anos, mortos os pais, o pequeno órfão foi entregue, segundo os ditames da lei, aos cuidados de um preceptor. Mas, dolorosa tarefa para D. José Sanz foi arcar com a responsabilidade da tutela! O muldigno e respeitável juriconsulto, homem enérgico e sistemático, imaginou, a princípio, fazer do fedelho um santinho com coroa e tudo... Mas, qual! Voluntarioso e traquinas como ninguém, ao pupilo só lhe faltavam dois característicos anatômicos para completar a figura não muito bela do tihoso: uma cauda e um par de chifres...

Com efeito, o menino era, como se diz, o capeta em carne e osso! Desinteligências surgiam, a cada passo, entre ambos, e aos menores pretextos.

A cada observação do tutor respondia sempre uma resposta, à altura, do espirituosíssimo Simon. Isso dava motivo a duras reprimendas e descomposturas, por parte do neurastênico D. Miguel.

Certa feita, cavalgavam, a passeio, dois belos animais: o tutor num fogoso cavalo, e o pupilo num burro lerdo e trotão. A certa altura, já impaciente e nervoso com as constantes paradas que precisava fazer para esperar o companheiro, não mais se conteve:

— Qual, meu amigo, dêsse feito você nunca aprenderá a andar a cavalo!

O menino, que debalde se esforçava sempre por alcançá-lo esporeando cômicamente o animal, com os calcanhares, não se deu por achado. E também não estava lá de muito boa vela. E a resposta veio ao pé da letra:

— Como é que hei de aprender a andar a cavalo, quando o que me dão para montar é um burro?

As crises de incompreensão entre eles foram cada vez mais se acentuando, até que, afinal, vendo a absoluta impossibilidade de controlar o gênio impetuoso do rapaz, D. Mi-

guel acabou por renunciar ao espinhoso encargo, passando-o, então, a outro, mais moço e menos formalista.

Simon Rodrigues era, de fato, talhado para a árdua tarefa. Temperamento tolerante e liberal, com ser um tanto boêmio, era, além de muito culto, profundo conhecedor da psicologia infantil. Concluiu, desde logo, que o pupilo necessitava menos de um corretor do que de um amigo, em quem pudesse confiar plenamente. Por isso, deu-lhe plena liberdade de cometer as diabruras que bem desejasse. E, fiel discípulo de Rousseau, confiou metade da missão à própria natureza, que, no mais, se encarregaria de amoldar aquela alma caprichosa e rebelde.

Dito e feito. Tudo correu às mil maravilhas. Pouco depois, o mestre colhia com satisfação os frutos do método aplicado. O menino tornou-se dócil, obediente e até, — quem o diria? — amigo dos livros.

Decisiva foi a influência de Simon Rodrigues na sua gloriosa carreira de soldado e político. O próprio Bolívar o confessou, em comovida carta ao benfeitor e amigo: "Usted formó mi corazon para la libertad, para la justicia, para lo grande, para lo hermoso. Yo he seguido el sendero que usted me señaló". E Bolívar jamais esqueceu o querido "maestro", que foi para ele um segundo pai. Mesmo no auge da fama e da glória, ele teve sempre, para o velho amigo, palavras de reconhecida gratidão.

Juntos, empreenderam uma viagem de peregrinação pela Europa, onde Bolívar, no intervalo dos es-

DÓR DE DENTE?

CERA

Dr. Lustosa

INOFENSIVO - INFALIVEL!

tudos militares, se esmerava em vários outros conhecimentos, entre os quais os vestígios das civilizações antigas.

Uma tarde, em Roma, após fatigante caminhada pelos Alpes, galgaram o Monte Sacro. Dominando, lá de alto, os horizontes infundos, sentiram-se tomados de indizível emoção. O jovem Bolívar, como que caído em misterioso êxtase, incendiado de amor pela pátria distante, ajoelhou-se, sem dizer palavra. Tomou entre as mãos o amigo, e, o olhar perdido na distância, a sua voz ecoou no silêncio daquelas paragens, numa promessa de solene contrição:

— Juro por Deus e pela minha honra que não descansarei enquanto a América fôr escrava!

*

Quando menino fôra-lhe dado assistir ao terrível espetáculo do enforcamento de José Maria Espana, espanhol de idéias avançadas, por haver proclamado pensamentos republicanos. Calou-lhe profundamente na memória e no coração o bárbaro acontecimento. E as últimas palavras do mártir nunca mais deixaram de ecoar-lhe nos escaninhos d'alma: "Neste mesmo lugar brevemente minhas cinzas serão honradas pela pátria", exclamara ele, antes que o laço da corda o emudecesse para sempre.

Estava, assim, dado o primeiro grito de guerra no seu coração menino, e a primeira faísca libertária acendeu-lhe n'alma o fogo crepitante da paixão patriótica. As lágrimas que, naquele instante, lhe escorreram ardentes pela face, ainda imberbe, exprimiam algo de mais sentimentalmente nobre e elevado do que a simples comiseração humana. Nelas havia todo o ódio concentrado de uma raça e a ardorosa esperança de que tinha de ser solvido um dia aquele juramento. Custasse o que custasse! Mas quão longe estava de avaliar aquela criança a importância do papel que lhe caberia no cumprimento da palavra do sacrificado...

Bolívar era, antes de tudo, um autêntico bravo. Jamais fraquejou-lhe o espírito, mesmo à mais clara evidência da derrota. Certa feita, vendo perdida a luta, perguntaram-lhe, em desalento, os soldados, o que deviam fazer. Bolívar, no leito de enfermo, os lábios trêmulos de febre, gemeu esta lacônica resposta: — vencer.

Era esta a sua senha. O estribilho das ordens dele era invariável, e consistia em avançar sempre, e jamais recuar. Mesmo nas mais perigosas situações o seu lugar era sempre na vanguarda, o que constituía inimitável exemplo para os que lutavam sob a sua bandeira. O epi-

sódio de S. Mateus é o bastante para ilustrar a assertiva.

Travava-se acêsa luta entre as tropas espanholas de Boves e os revolucionários de Bolívar, pela captura da praça forte de São Mateus, arsenal dos guerrilheiros da liberdade e reduto estratégico de grande valor. Eis que, no mais aceso da luta, o grande chefe vê, com espanto, recuar uma das colunas do exército americano, a quem cabia a maior responsabilidade na réfrega. Ato contínuo, a falange inimiga, muito superior em número, precipitou-se, como avalanche, sobre a cidade indefesa. A' vista do inexplicável gesto dos soldados em fuga, Bolívar, ante a aproximação do inimigo, toma súbita resolução:

— Aqui serei o primeiro a morrer, gritou aos soldados, apeando do animal.

De repente, uma explosão terrível sacode o solo, atirando aos ares a cidade, quase totalmente ocupada pelos realistas. E' que, ordenando a fuga dos seus comandados, o capitão Ricaurte, oficial de plena confiança de Bolívar, corrêra em pessoa para o paiol, lotado de munições. Quando, transpostos os portões do forte, os espanhóis já prelavavam a vitória, o bravo oficial meteu fogo à pólvora, sacrificando a própria vida. Em compensação, morreram com ele nada menos de mil legalistas!

Um soldado bem digno do seu chefe.

Aliás, a sua gente nunca desmentiu



Simon Bolívar

a ilimitada confiança que Bolívar lhe depositava. Exceção feita, é certo, de alguns casos esporádicos, como o de Santander, por exemplo, que tentou até matá-lo, os seus homens votavam-lhe verdadeira adoração. Estavam prontos a morrer, se preciso, para salvar-lhe a vida, ou mesmo o renome de soldado invencível.

Certa ocasião, viram-se as hostes da liberdade completamente cercadas pelo inimigo. A armadilha se fechou de tal modo contra eles que chegaram até a contar com a morte certa do augusto chefe. Entretanto, Bolívar, graças à sua estrêla, conseguiu escapar a nado, juntamente com Dionísio, soldado muito afeiçoado a ele. A este último, que trazia no cinto pesado facão, Bolívar perguntou meio irritado:

— Por que não largas êsse trambolho, homem?

Ao que lhe respondeu o ajudante de ordens:

— Eu preciso da arma para degolá-lo, se os espanhóis o prenderem, meu comandante.

O prestígio de Bolívar era ilimitado, pelas suas virtudes de militar e cidadão. Tanto que ninguém se oporia a que ele se arvorasse em ditador para reger os destinos dos países libertados, pois somente um homem da sua tempera e energia poderia realizar o sonho de unificá-los. Mas, Bolívar regeitou energicamente a idéia e fez ouvidos de mercador à voz tentadora, que, para ele, não era nada mais nada menos do que o canto traíçoero das serenas. Se fôsse preciso tal medida, que então a América continuasse para sempre desunida. Porquanto, ele jamais mancharia o seu nome com a pecha de ditador, embora contasse, para isso, com o beneplácito popular. Que Deus o livrasse de tamanha monstruosidade!

Refer-se que ao receber do embaixador espanhol um convite para a coroação de Bonaparte, teve esta expressão, que é bem o reflexo de sua fobia contra qualquer modalidade de despotismo:

— Muito agradecido. Fechar-me-ei em meu aposento para não ter notícia de tamanho crime.

O extraordinário em Bolívar era o alto senso do dever e a fé indefectível na causa que defendia. A própria força cósmica ele a reputava de somenos quando se tratava de defender algum ponto de vista com respeito ao sagrado de sua missão.

Era numa Sexta-feira da Paixão. A Igreja de Caracas regorgitava de fiéis, que ouviam silenciosos e comovidos a pregação das sete palavras. Fazia um calor intensíssimo. A natureza, tão quieta e pavorrenta, parecia compartilhar também da santa

O CONFORTO FAZ PARTE DA



Felicidade!

Faça os mais belos castelos para a montagem do seu lar. Nós os transformaremos em realidade.

Aparelhos "Twyfords", "Standard" e nacionais brancos e coloridos — Cerâmica "São Caetano" e "Sacoman". — Azulejos — Mosaicos — Ladrilhos de grez — Cimento branco — Tubos — Conexões — Fogões e aquecedores elétricos e a carvão marca "Dako", etc.

CARMELIO F. CASTRO & CIA. LTDA.

Galeria "Sul América" — Av. Afonso Pena, 941
loja 4 — Tel. 2-2656 — End. Teleg. "CARMEL"



CARNE SADIA E LIMPA SÓ NOS



de **IRMÃOS MOURA**

Escritório Central:
RUA ESPIRITO SANTO, 467 — FONE 2-7958 — BELO HORIZONTE

tristeza que a evocação do acontecimento bíblico infundia.

Mas era a calma que prenuncia as grandes tempestades... Súbito um estrondo surdo e terrível. Era o terremoto. Ruem as gigantescas colunas na nave. E o teto, precipitando-se para baixo, sepultou nos escumbrões milhares de pessoas.

Diante daquele quadro dantesco, os padres, tomados de pânico, apostrofam para a multidão horrorizada:

— Estais vendo? Deus se opõe à traição que fizestes ao mais caridoso dos monarcas. E' o castigo que ele vos manda por terdes abandonado a causa do rei da Espanha!

Entrementes, Bolívar, em mangas de camisa, suaremo, as vestes sujas e rasgadas, indiferente a tudo aquilo, mete-se ao trabalho de desentulhar os cadáveres e socorrer os feridos. Eis que, de repente, não mais se contendo, põe-se de pé, e em voz forte e raivosa, exclama, a plenos pulmões, para a multidão amedrontada:

— A nossa causa é sagrada! Se fôr preciso, lutaremos contra a própria natureza!

E o que foi, em verdade, a sua vida tumultuosa e acidentada senão um constante pelejar contra todos e contra tudo?

Luta, contra a sanha do inimigo poderoso e inexorável; luta, contra a inércia e a descrença de seus patrióticos; luta, contra a truculência e a traição de amigos oportunistas e ambiciosos; luta, contra as cavilações mais soezes e as mais baixas calúnias; luta, enfim, contra a própria natureza, que lhe opunha os mais terríveis obstáculos; areais infundos, calor sufocante, charco, precipícios inesperados, rios intransponíveis, montanhas abruptas, febres, endemias, fome, e toda a sorte de misérias...

Entretanto, o patriotismo, a perseverança, a fé, e, sobretudo, a coragem indômita de Bolívar, faziam de cada luta uma vitória, e criavam-lhe, e cada óbice, uma força estranha e equivalente para suplantá-lo.

Eis porque as suas empresas eram sempre coroadas de êxito, e após cada refrega, o pavilhão tricolor tremulava sempre altaneiro, como impoluta e gloriosa bandeira da liberdade. Parafraseando as suas próprias palavras, terminamos dizendo que o destino d'ele foi o destino de um relâmpago: rasgou por um momento a treva, fulgurou rápido sobre o abismo e tornou a perder-se no vácuo!

Mas, pelo exemplo de grandeza que legou à humanidade, a sua luz continuará a iluminar, pelos séculos em fora, e com a mesma intensidade, o coração e o pensamento de todos os americanos. Porque Bolívar, em verdade, foi, é e será sempre o herói das Américas...

ONDE NASCEU JESUS



O LOCAL em que, segundo a lenda, nasceu Jesus, é uma gruta de 12,4 metros de comprimento por 39 de largura e 3 de altura.

Atualmente, as suas paredes são revestidas de mármore branco e a iluminação é feita por 33 lâmpadas, afora as inúmeras que iluminam a Natividade de Jesus e o presépio. Do lado esquerdo do estábulo encontra-se o lugar assinalado como sendo onde se encontrava a mangedoura que serviu de berço ao Me-

nino Deus. Ali se lê, gravada em pedra mármore, a seguinte inscrição latina: — "Hic de Virgine Maria Jesus Cristos natus est." (Aqui, Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria.).

E' muito curiosa a ornamentação do Presepe. Encontra-se ele em uma escavação feita na rocha. Naquele tempo, a entrada de Belém era um estábulo e nele se refugiavam os viandantes pobres. Atualmente é um centro de constantes romarias, e os peregrinos que os visitam, repetem, ali, os atos de adoração dos pastores e Reis Magos.

A palavra Belém vem de Bethleem, que significa — casa do pão.

Os católicos têm uma ingênua crença artística sobre a forma e ornamentação do presepe, — montanhas de papel gomado e coberto de carvão tendo em baixo uma cavidade em forma de gruta onde descansa o Menino Deus. A Virgem, São José, o juumento e o boi colaboram nos cuidados para com o Salvador.

Por caminhos íngremes e traiçoeiros desce o séquito dos Reis Magos. Lagos e riachos são formados por espelhos... Pescadores, pastores, lenhadores e animais de massa se espalham por todo o presepe de acordo com a imaginação de quem o armou.

O presepe passou a ser um divertimento de crianças que se extasiavam na sua contemplação...

Todos, velhos e crianças, se julgam com capacidade para organizar um presepe e cooperam assim para a desordem anacrônica de sua ornamentação.

O nome Bethleem tem dado origem a várias instituições e organizações.

Bethlemitas é o nome de algumas ordens religiosas da Igreja. A primeira, fundada em Cambridge (1257) está hoje extinta. Em 1459 se fundou uma ordem militar, a de Belém, destinada a impedir o avanço dos turcos na Terra Santa.

E' do conhecimento dos leitores o papel desempenhado pelos Bethlemitas, em outra ordem, durante a invasão inglesa.

Na Europa e na América abundam os Belenes como denominação geográfica. Uma organização e um rio nos lembram o legendário nome evangélico. Atualmente Bethleem da Palestina conta com cerca de 10.000 habitantes e várias organizações religiosas.



A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.

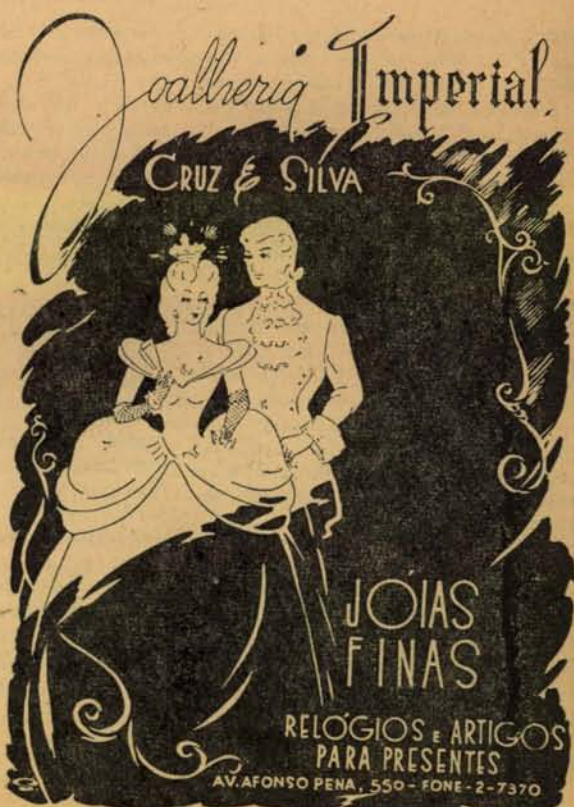


Baton

Van Ess

a cor moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado



RELOGIOS e ARTIGOS PARA PRESENTES

AV. AFONSO PENA, 550 - FONE 2-7370



PROLONGUE A VIDA DE SEU REFRIGERADOR

Lisa Wheller

Da

Atlas-Esse Press
Especialmente para ALTEROSA

*

temperatura gelada; o mesmo deve-se observar em relação à crua, antes de colocá-la na panela ou no forno; nunca ponha uma posta de carne no fogão, tirando-a diretamente do refrigerador.

Até mesmo os sorvetes perdem muito de seu sabor e aroma se conservados muito tempo no frio. Se estiverem muito duros por guardados durante muito tempo, ponha-os no chão da geladeira e, se necessário, bata-os antes de servi-los.

A temperatura ideal é de 45° Fahrenheit; se mais baixa, pode formar cristais de gelo nos alimentos; se mais elevada não os conserva bem.

Certos alimentos, como as frutas cítricas, não precisam ser geladas; se o forem, nada perderão, mas se guardadas numa dispensa fresca, conservar-se-ão da mesma maneira.

As cebolas jamais devem ser postas na geladeira, pois transmitirão seu mau cheiro aos outros alimentos.

Outra precaução a tomar é a de limpar e salgar os peixes a serem guardados, processo esse, aliás, antigo como nosso pai Adão, para preservar essa espécie de alimento. Será preferível guardá-los numa dispensa fresca, a não ser que o tempo esteja muito quente e úmido, pois perdem rapidamente seu sabor quando postos num lugar muito frio, além de secarem. Se, entretanto,

(Conclui na pag. 89)

PARA diversas donas de casa, um refrigerador é um verdadeiro tesouro, apesar de somente algumas delas saberem como melhor utilizá-lo.

Aqui vão alguns conselhos e sugestões, os quais não só prolongarão a vida de seu refrigerador como assegurarão a conservação de seus alimentos do melhor e mais completo modo possível.

O refrigerador deve ser limpo uma vez por dia — uma tarefa sem importância à primeira vista, mas, no fundo, essencial. Tire as "sobras" do dia anterior e tudo que você pretender usar durante o dia e lave o hidrator e o resto. Estregue as prateleiras, o chão e o lado interno da porta com um pano úmido, frio, enquanto que o lado de fora pode ser limpo com um pano quente e úmido. Guarde, então, os alimentos frescos. Será bom efetuar a limpeza antes do almoço, quando os alimentos fáceis de azedar, como leite, carne e manteiga, serão retirados para o uso imediato.

Como guardar os alimentos, é igualmente importante.

O leite e a carne crua, fáceis de estragar, devem ser postos no lugar mais frio, bem abaixo da caixeta de sorvetes. Alimentos de aroma picante devem ser colocados na prateleira superior, onde as correntes de ar impedirão que afetem outros alimentos, antes do cheiro ser absorvido.

É recomendável deixar os pratos quentes esfriarem antes de colocá-los na geladeira, ao passo que os frescos — como leite e carne crua — devem sê-lo o mais depressa possível.

Lembre-se, ao servir uma refeição, que, para o prato adquirir seu sabor natural, é preciso que volte à temperatura ambiente; não o sirva logo depois de retirado do refrigerador; espere um pouco, pois ao sair do mesmo, as geléias, o leite, as compotas e carne estão duras, sem aroma nem gosto.

A carne cozida — se for necessário guardá-la na geladeira — deve ficar fora, no mínimo durante meia hora, antes de ser servida, pois, mais do que qualquer alimento, é suscetível à perda do sabor e aroma quando em

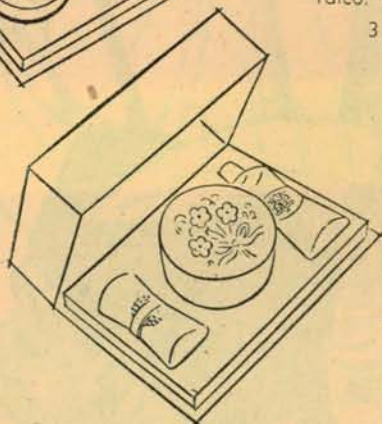


Gardênia

O doce mistério da noite de Natal,
preferida entre todas, será recordado para
sempre no perfume perturbador
e cálido da Gardênia.

Apresentado em lindos estojos.

- Colônia, Pó de Arroz. 100.
- Colônia, 2 Sabonetes. 110.
- Colônia, Sabonete, Pó de Arroz. 125.
- Colônia, Talcó, Sabonete. 140.
- Colônia, Sabonete, Loção. 165.
- Colônia. 50. 75. 150. Loção. 75. 100.
- Talcó. 50. Pó de Arroz. 35.
- 3 Sabonetes. 65.



514. 633

helenarubinstein

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

O REI ESCRAVO

Lúcia Machado de Almeida
Ilustrações de Rocha

ALGUMA COISA extraordinária estava acontecendo aquele dia no mercado de escravos da praia do Valongo, no Rio de Janeiro. Uma porção de gente olhava admirado para um grupo de verdadeiros gigantes negros, semi-nús e de rosto tatuado, que haviam chegado da África no navio ancorado há dias. Jamais aparecera no Rio de Janeiro mercadoria igual. Um deles chamava especialmente a atenção. Tinha pouco menos de 50 anos, quase dois metros de altura, nariz aquilino e um ar de grande nobreza e dignidade. Seria fácil adivinhar nele o chefe. O olhar fuzilante e inquieto ia de um lado a outro, qual o de águia real aprisionada.

— E' o rei da tribo, comentou um senhor de bigodes, vestido à maneira daquela época, princípios do século dezoito.

O comandante do navio negreiro, que estava na roda, acrescentou:

— Chama-se Alfai, mas batizamo-lo com o nome cristão de Francisco. Foi apanhado em Moçambique, com toda a sua gente, uma tribo Tonga, que se fixara nas margens do Rio Zambeze. Morreram muitos durante a viagem, mas resta bem uma centena deles.

O senhor de bigodes, que viera de Vila Rica para comprar escravos no Rio de Janeiro e que se chamava Lourenço Nunes, sorriu e disse:

— Ainda bem que trouxe bastante dinheiro. Sabem de uma coisa? Vou comprar o tal... "rei" e toda a sua tribo. Reparem como são altos e fortes,

apesar do ar cansado. Cada escravo dêsse vale por dois. Preciso de gente dura para trabalhar em minha lavra.

Examinou-os, apalpou-os um por um, mandou que pulassem, corressem, até certificar-se que eram realmente sadios. E arrematou-os.

*

Na madrugada seguinte, depois de marcados a ferro em brasa com um "N", os pobres negros comprados por Lourenço Nunes seguiram a pé para Vila Rica, conduzidos por um "comboieiro", que ia a cavalo, de rebenque em punho. Alguns andavam com dificuldades, pois não se haviam refeito ainda dos horrores da travessia marítima. Fôra uma sorte entretanto, que um mesmo dono arrematasse a tribo toda. Juntos trabalhariam mais e entender-se-iam melhor. Enquanto subia a serra, Alfai recordava acontecimentos e revia cenas em imaginação: os brancos atraindo-os com espelhos e presentes até ao navio... as algemas nos punhos, a corrente nas pernas... a escravidão enfim! Ho-



mens, mulheres e crianças jogadas no porão do navio, amontoados e encurralados como animais! A imundície repugnante, a comida horrível, a água muito pouca, insuficiente para lhes matar a sede. Ai de quem gemesse, ai dos que reclamavam! O chicote dos vigias castigava-lhes as costas até que sangrassem... E, num requinte de crueldade, ainda punham sal e pimenta nas feridas, para que o supli-



fôra na Africa, rei continuaria a ser na América mesmo enquanto visse como escravo! Agiria com tal serenidade e

fôrça de vontade que um dia, mais cedo ou mais tarde, haveria de libertar-se a si próprio e a sua tribo.

A fazenda de Lourenço Nunes ficava em Villa Rica, logo atrás do Itacolomi. A casa era grande, toda branca, com esquadrias marron avermelhado, portas e janelas pintadas de azul vivo.

Lourenço era viúvo e tinha uma filha única — a pequena Amarilis — que acabara de fazer quinze anos. Quem tomava conta da casa era Dona Rosália, uma irmã de Nunes, também viúva. Que perversa era ela! Diziam até que sorria de maldade quando o feitor João Raimundo chicoteava os negros desobedientes... Pobre e sensível Amarilis! Quantas lágrimas já havia derramado, ouvindo o gemido triste dos escravos! A moçinha vivia calada, saudosa do pai, sempre em viagem para o Rio de Ja-

cio fôsse maior. Alguns enlouqueceram e muitos perderam a vida, atacados de febre, varíola e tifo. E, quando os corpos eram jogados ao mar, tubarões vorazes atiravam-se a eles. Tubarões que seguiam o navio negreiro desde que este largava o porto, pressentindo o banquete que iriam ter, com o instinto aguçado pela experiência. Morreu-lhe a mulher durante a viagem. A mulher e cinco filhos. Apenas Cumbize, o cacula, agora batizado como Ambrosio, resistira a tantos horrores. Mas o espírito corajoso de Alfei não se abatia diante da adversidade. Rei

neiro ou Portugal. Distraía-se tecendo rendas de bilros, tocando o cravo ou brincando com as negrinhas da senzala.

Na fazenda plantava-se milho, mandioca, arroz e alguma cana. Aliás, desde que se descobrira ouro por aqueles lados, pouco se cuidava da lavoura. Ouro, ouro, por toda parte. Ouro no leito dos rios, nos morros, no chão, quase à flor da terra... Faziam-se fortunas do dia para a noite... Um grande veio fôra descoberto nas terras de Lourenço Nunes, tornando-o um dos homens mais ricos de Vila Rica. Muito úteis lhe haviam sido os escravos arrematados no Rio de Janeiro. O trabalho mais pesado de mineração havia sido entregue aos homens, enquanto as mulheres cuidavam da lavoura e dos serviços de casa

*

O céu ainda escuro da noite começava a ficar avermelhado pela aproximação da aurora. Vultos negros moviam-se na sombra, dirigindo-se para os lados do Itacolomí. Lourenço Nunes havia empregado uma centena de escravos no serviço de mineração, quando o dia clareou, o trabalho já ia adiantado. Uma barragem havia sido levantada em certo ponto do Ribeirão do Carmo, desviando-lhe o curso das águas. Essa medida facilitava a exploração do lito, onde havia ouro. Munidos de almocafres (1), alguns negros excavavam o fundo do rio, recolhendo o cascalho em carombês (2) que por sua vez eram entregues a outros escravos que as levavam a um regato, onde o precioso conteúdo era lavado e apurado nas bateias. Um verdadeiro gigante negro, de olhar sereno e ativo chefiava o grupo. Era Alfai. Aproximando-se do filho, sorriu e saudou-o em africano:

— Chauane, Cumbize...

Não gostava de chamá-lo de Ambrósio. Para ele o rapazinho seria sempre o pequeno Cumbize, que nascera nas margens do Zambeze e que vivia solto, entre elefantes da selva, tão misturado com os bichos que acabara por entender-lhes a linguagem.

— Chauane Alfai, respondeu o jovem, sem usar o apelido de Chico-Rei que havia dado a seu pai.

Como os outros escravos Ambrósio estava seminu, e usava apenas uma tanga em volta da cin-

tura. De vez em quando passava um pobre negro usando uma gargalheira (3), que deixava em carne viva o pescoço do infeliz. E tudo porque? O escravo furtara alguma cana ou um pouco de aguardente. Apenas isso.

Chico Rei... Continuava dominando a sua tribo, é verdade. Mas como lhe pesava a corôa, desde que havia chegado ao Brasil! Quantas lutas, quanta dificuldade... Que energia precisava ter para sufocar as tentativas de revolta, que só viriam trazer mais dores e misérias! Que habilidade era necessária para convencer os negros de que não deveriam fugir! Para que, se o Capitão do Mato acabava sempre agarrando os fugitivos? E, depois de torturá-los, marcava-os a fogo com um grande F... Ai do que escapasse outra vez! Arrancavam-lhe as orelhas ou cortavam-lhe uma das pernas substituindo-a por outra de pau, afim de que o infeliz ainda continuasse prestando serviço ao amo.

Liberdade... Chico-rei não pensava noutra coisa. Liberdade para Ambrósio, para si, para toda a tribo... E o rei-escravo ajuntava pacientemente os vintens ganhos com o trabalho dos dias feriados, na esperança de poder um dia comprar a liberdade do filho. Apenas Chipera, batizado como Leoncio e o mais forte de seus guerreiros, não conformava com isso e sempre dizia que um dia acabaria fugindo para um pequeno quilombo (4) que ficava lá pelas margens do Rio-Doce.

Absorto nesses pensamentos, Chico-Rei sentou-se numa pedra e pôs a mão no queixo, olhos voltados para o chão. Uma chicotada veio chamá-lo à realidade:

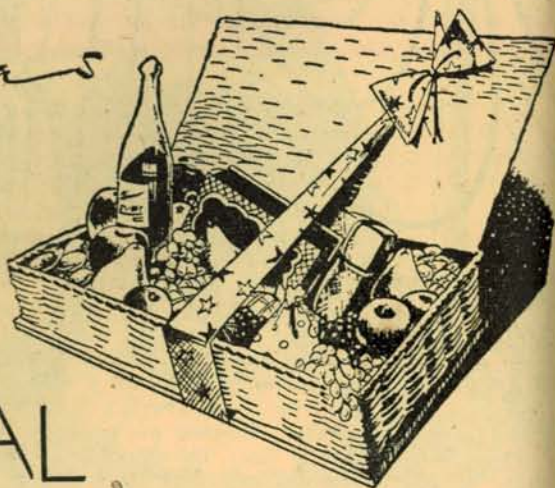
— Negro malandro! gritou João Raimundo, que acabava de chegar, montado num cavalo branco. Acompanhava-o uma senhora gorda, de olhar duro, que cavalgava um alazão. Havia uma expressão fria em seu rosto, que não se alterou quando o feitor chicoteou o escravo. Alfai nada disse. Depois de lançar-lhe um olhar de dignidade e desprezo reinicou o trabalho. João Raimundo odiava-o. Seu espírito mesquinho não poderia jamais perdoar-lhe a ascendência que tinha sobre os companheiros. Ele um escravo apanhado na África, um miserável ser de pele escura e tatuada! Entretanto, era obedecido e estimado, querido, enquanto ele, o feitor João

Para Festas

A "GRUTA IDEAL" confecciona LINDAS CESTAS, artísticas, ricamente sortidas de frutas, doces, bombons, nozes, castanhas, amendoas, ave-lãs, vinhos e licores finos.

A GRUTA IDEAL

Rua Tupinambás, 678 - Fone 2-6203 ★ Entregas a domicilio



Raimundo só sentia ódio em torno de si... Um ódio surdo contendo a custo e que se agravava dia a dia.

Essa gente só a chicote mesmo, comentou Dona Rosália, esporeando o cavalo e afastando-se.

Lourenço Nunes, mais compreensivo e humano, aconselhava a João Raimundo que procurasse tirar partido da ascendência de Chico-Rei sobre os escravos respeitando-lhe a personalidade e colaborando com ele. Em vão. O feitor era estúpido e mau. Além disso, ele, o muito rico Senhor Lourenço, estava quase sempre longe, singrando os mares numa galera de velas brancas...

✱

Havia festa na senzala aquela noite de domingo. Festejava-se o encontro, na véspera, de uma grande pepita de ouro, que pesava cerca de seis quilos. João Raimundo numa generosidade inexplicável mandara distribuir aguardente entre os escravos e grande quantidade de acarajé (5) e carurú (6). Depois da refeição farta, os negros e negras, vestidos de baeta vermelha, prepararam-se para dançar um batuque. Mal haviam ensaiado os primeiros passos ao som de cantigas africanas e acompanhados pelo bater ritmado de palmas, entrou o feitor, de relho na mão, com a fisionomia transtornada pelo rancor. A música parou imediatamente.

— Chico-Rei! Onde está Chico-Rei? gritou ele. O escravo apareceu.

— Ladrão! Ladrão! — repetia João Raimundo, desvaíra-lo. Confesse que roubou a pepita de ouro... Vamos... Ande!...

Perplexo e de lábios trêmulos, o negro protestou contra aquela acusação.

— Mentiroso! Mentiroso! insistiu o feitor. Só você tem a chave da arca onde ela estava guardada! Conte onde a escondeu! Negro ordinário!

Chico-Rei afirmou, jurou que de nada sabia, que não tinha tocado na arca, desde que a pepita de ouro havia sido guardada. Inútil.

— Ao tronco! ordenou João Raimundo.

No mesmo instante Anselmo, um mulato forte e alto que era seu ajudante, colocou algemas nos pulsos do escravo, procurando arrastá-lo para fora. Ouviram-se gemidos e gritos de protesto dos outros negros. Um vulto escuro atirou-se aos pés do feitor. Era Ambrósio.

— Prenda-me Umbanda (7), suplicou ele. Foi eu quem roubou o ouro. Enquanto pai dormia, tirei a chave e furteli.

Cheios de espanto os negros fitaram-no.

— Sou eu o ladrão. Soltem Ambrósio, disse Chico-Rei, lacônica e firmemente.

Uma gargalhada alta foi ouvida na senzala.

— Que espertos! comentou ainda rindo João Raimundo. Vejo que fizeram a coisa de combinação. E virando-se para seu ajudante, mandou-lhe que algemassem Ambrósio também. Pai e filho foram levados para o quarto de castigos, que ficava atrás da casa do feitor.

— Antes de mais nada, cinquenta vergastadas em cada um, disse ele, tirando da parede um chicote de couro cru retorcido, que terminava em cinco pontas.

Uma... duas... tres... contava ele, enquanto o bacalhau (8) era aplicado com toda a fúria nas costas de Chico-Rei. A carne fendeu-se e em pouco um sangue muito vermelho começou a escorrer.

Terminado o castigo de Ambrósio, João Rai-



Artigos para verão — Capas — Sombrinhas — Os mais belos costumes de linho — Novos modelos Efecê

DORA MODAS

Av. Afonso Pena, 1112 — Fone 2-7403

Isto eles ainda não têm...

Um projetor de cinema!

Que presente instrutivo para seus filhos!

PROJETORES
8 110 m. MUDOS
16 m. SONOROS

FILMADORES
8 110 m.

FILMES
EM GERAL

PEÇAM UM CATÁLOGO DE NOSSA FILMOTECA

Demonstrações em nossa Sala de Projeção

MESBLA

SECÇÃO CINE-FOTO

RUA DA BAHIA, 986

VENDAS PELO CREDI-MESBLA

mundo ordenou a Anselmo que pusesse ambos no tronco. Consistia este num pedaço de madeira retangular, aberto em duas metades, com buracos maiores para a cabeça e menores para os pés e mãos do escravo. Uma das metades foi aberta, sendo colocados nas aberturas o pescoço, tornozelos e pulsos de Ambrósio e Chico-Rei. A outra metade foi unida à primeira, sendo fechada na extremidade e trancada com um grande cadeado. Ali ficariam eles, imóveis, naquela posição forçada, durante dias e noites... até à morte...

— Nada de comida nem de água hein? disse o feitor ao ajudante. Traga-me agora os "anjinhos", continuou.

Esse instrumento de suplício era muito temido pelos escravos. Os dedos polegares da vítima, metidos em anéis de ferro, eram comprimidos gradualmente, por meio de um pequeno parafuso, até que o desgraçado confessasse a falta que lhe era atribuída.

— Diga onde guardou a pepita! insistiu o feitor, apertando cada vez mais o aro de aço nos dedos de Chico-Rei.

Com a fisionomia transtornada de dor, o escravo não murmurava uma palavra sequer. Às vezes, um fraco gemido se lhe escapava dos lábios, ou uma lágrima lhe saltava dos olhos. Vendo que era inútil insistir, João Raimundo disse um "boa-noite" irônico e saiu.

Quando voltou à senzala, notou que muitos homens e mulheres choravam e se lamentavam em altas vozes. Seu rei estava preso... O rei muito amado sofria... Temendo uma reação, o feitor ordenou que se pusessem algemas, nos pés de todos os escravos da tribo de Chico-Rei.

Chegou um preto nagô a correr, pouco depois,

dizendo qualquer coisa que provocou grande alvoroço. Leoncio, ou melhor, Chipera o mais forte dos guerreiros africanos conseguira escapar e havia fugido no cavalo alazão de Dona Rosália...

*

Uma semana após esse acontecimento três cenas diferentes, que tinham ligação com essa história se passavam em lugares diversos mais ou menos à mesma hora.

*

Amarillis chamou a negrinha Cândida Rosa, que a acompanhava sempre, e saíram ambas para o quintal, cada qual com um cestinho na mão. A menina gostava de frutas e tinha prazer em colhê-las pessoalmente.

— Vá ver se a tia já saiu, disse ela à pretinha.

A escrava foi e voltou dizendo que Dona Rosália acabava de deixar a casa, em sua liteira. Esperaram alguns minutos e dirigiram-se ao quarto de castigos.

— Temos de fazer tudo depressa, antes que João Raimundo chegue, disse ela.

Ao ver Chico-Rei, a mocinha desatou a chorar. O negro tinha as costas em chaga viva, pois o espancamento diário e frequente não permitia que as feridas cicatrizassem.

— Vai embora, Sinhá-moça, disse o escravo com voz débil.

Incrível como emagrecera em sete dias apenas! Ambrósio, mais forte e jovem, parecia menos abatido, apesar de estar com as costas escorrendo sangue. Amarillis pôs a cesta no chão, tirou de lá duas garrafas e uma xicara, que encheu de água, levando aos lábios secos do negro. Depois de fazer a mesma coisa com Ambrósio, deu-lhes leite a beber. Em seguida, tomou de um vidro, desarro-



GRANDES LOTERIAS PARA O NATAL

Dia 20 — Loteria de Minas
1 MILHÃO DE CRUZEIROS
jogando apenas 16 mil bilhetes

Dia 21 — Loteria Federal
5 MILHÕES DE CRUZEIROS

*
SORTES GRANDES?
Campeão da Avenida
e... não se discute!
AVENIDA, 612 e 781

lhov-o e despejou o seu conteúdo num grande pedaço de pano macio. Com muita suavidade então, passou o bálsamo nas feridas dos dois escravos, dizendo:

— Fapai está para chegar, Chico-Rei, e há de dar um jeito nisso. Você ainda há de me contar muitas vezes a história daquele rinoceronte que avançou para você lá na África...

O escravo sorriu tristemente e beijou a mão da moça.

— Deus lhe pague, Sinhá, disse êle, reconfortado, uma lágrima escorrendo pelo rosto tatuado, desfigurado pela dor.

Amarilis e Cândida Rosa puseram as garrafas no cesto outra vez e saíram cautelosamente.

*

Enquanto isso, tendo dispensado a litra, Dona Rosália subia e descia as ladeiras de Vila Rica. A inação fizera-a engordar muito prejudicando o coração, e o médico aconselhara algum exercício. Andar a pé, por exemplo.

Qualquer coisa estava a lhe machucar o calcanhar, talvez uma pedrinha no sapato... A senhora parou um instante e recostou-se num muro, afim de verificar o que a estava incomodando. Escutando um ruído discreto de conversa, prestou atenção.

— Veja se passa a coisa de contrabando, disse alguém.

Dona Rosália reconheceu logo a voz de João Raimundo e apurou o ouvido.

— Só se reduzirmos o ouro a pó, dizia outra voz, também de homem. Dêsse modo será muito mais fácil despachar tudo para o Rio de Janeiro. Uma pepita de seis quilos não é brincadeira.

— Então está combinado, hein? tornou João Raimundo. Se tudo correr bem, metade do lucro é seu.

Dona Rosália afastou-se depressa, pensando no que acabava de ouvir. Incrível! João Raimundo era o ladrão! Roubara a pepita de ouro e lançara a culpa sobre o escravo! Estava compreendendo tudo agora. Ambrósio, para proteger o pai, dissera-se culpado. Chico-Rei, por sua vez, confessara-se autor do furto, afim de chamar o castigo para si, livrando o filho. Um sorriso mau apareceu no rosto fêdo da irmã de Lourenço Nunes. Não contaria a ninguém a conversa que ouvira. As coisas continuavam como estavam. Chico-Rei que fôsse apodrecendo aos poucos no quarto de castigos!

*

Escondido no alto de uma velha e copada árvore, Leôncio observava o pequeno agrupamento de tupinambás. Que sorte! Por pouco havia caído nas mãos deles... As palhoças, construídas a mesma distância umas das outras, formavam um círculo, dentro do qual ficava a maior delas; a do cacique, certamente. Dois índios, de corpo pintado com listras pretas e azuis, preparavam-se para a caça, examinando os arcos e as flexas, enquanto algumas mulheres sentadas no chão teciam redes.

Leôncio esperou que os tupinambás saíssem e, com grande cuidado para não ser visto pelas índias, desceu da árvore e embrenhou-se no mato. Não devia estar muito longe o quilombo do velho Isidoro, o perneta. "Nzambi" (9), o chefe Supremo, haveria de permitir que êle chegasse lá são e salvo. Por sorte, encontrou outra vez o cavalo alazão de Dona Rosália, no qual havia fugido e que deixara pastando enquanto tomava banho no rio, sem saber que estava a dois passos do aldeamento tupinambá. Lá pela tardinha, já fatigado, o negro fuxou as rédeas e parou o cavalo para descansar.



Ao admirar a paisagem, descobriu ao longe um cavaleiro de grande chapéu desabado, que vinha subindo a serra. Era "êle" que estava à sua procura! Ele... o tenebroso Capitão do Mato... Apavorado, o infeliz chicoteou o cavalo e meteu-se numa gruta. Com o coração aos pulos, Leôncio viu por uma fresta que a terrível criatura se estava dirigindo justamente para o esconderijo dele. Veio vindo... veio vindo... e... passou pela gruta sem entrar. Parou, olhou para todos os lados e depois voltou pelo mesmo caminho.

Leôncio esperou ainda um pouco, montou no alazão e continuou a viagem. O céu estava começando a escurecer quando êle avistou o quilombo do perneta.

— Benvindo seja irmão, disse Isidoro, vendo-o chegar.

O velho viera menino do Congo e jamais se conformara com a escravidão. Fugira uma vez, fora apanhado e marcado a fogo com um grande "F" nas costas. Escapara novamente e, ao ser capturado, cortaram-lhe a perna esquerda, colocando no lugar uma de pau. Os castigos não o intimidaram, e êle planejou outra fuga espetacular de combinação com uma porção de escravos. Dessa vez conseguiram escapar do Capitão do Mato e organizaram um pequeno quilombo nas margens do Rio Doce. Escolheram um lugar apropriado onde construíram pequenas habitações — os mocambos — levantando em torno uma forte cerca de taipa, que era uma verdadeira muralha. Além disso cavaram largas e profundos fossos ao lado de dentro e de fora, o que tornava o quilombo realmente intransponível. A chegada de Leôncio provocou muita alegria entre os negros.

— Veio para ficar, não é, — perguntou Isidoro.

— Preciso de vocês, disse Chiperá. E contou-lhes a infâmia que haviam feito a seu chefe. Chico-Rei, apesar de nunca ter ido ao quilombo, ajudara Isidoro várias vezes, por intermédio dos espíritos que o perneta sempre tinha nas fazendas.

*

Havia lua cheia aquela noite. Uma lua que derramava uma claridade sobrenatural nas coisas, dando-lhes um ar de irre realidade e sonho. Todo mundo...

(Conclui no fim da revista)

SCOTCH TWEED

COVILHÃ

S-120

O MELHOR SORTIMENTO DE
CASIMIRAS E LINHOS
NACIONAIS E EXTRANGEIROS

**RODRIGUES
ALFAIATE**

EDF. HAAS-SALAS 108-110
R. BAIÁ. 897-B. HORIZONTE

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo
Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fadiga, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

Virilidade! Fôrça! Vigor!

Com o tratamento pelo reputado produto Okasa. A base de Hormônios (extratos glandulares) e Vitaminas selecionadas, Okasa é uma medicação de escolha pela sua eficácia terapêutica comprovada, em todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais. Okasa combate vigorosamente: debilidade sexual, fraqueza masculina, velhice prematura, fadiga, perda de memória e energia, neurastenia no homem; frigidez, perturbações ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas. flacidez da pele e rugosidade da cutis, na mulher. Okasa, importado diretamente de Londres, proporciona Juventude, Saúde, Fôrça, Vigor e Atração. Nas boas Drog. e Farm. — Informações e pedidos ao: Distr. Representações Pac Ltda, Rua Guarany, 164 — Belo Horizonte. — Peça fórmulas: drágeas "prata" para homens e "ouro" para mulheres, só em embalagem original de Londres.

Ingenuamente

● Soares da Cunha



Pois não te basta a satisfação de ter chegado o momento justo de assistir ao milagre?

Aproxima-te, chega bem a tua cara. Olha só esta formiguinha como sobe ligeira pelo tronco cinzento e rugoso! Mas vinha descendo outra pelo mesmo caminho. Encontraram-se, parece que se beijaram, num cumprimento, e seguiram viagem, cada qual para o seu lado.

Relancêia em volta o olhar. Um cabo de vassoura, encostado ao muro. Como está todo sujo de terra! Com certeza andou rolando pelo chão, como um menino pórco e desobediente. Repara no seu pescoço... Lembra-te? Outrora amarravas aqui um barbante feito rédeas, montavas cheio de orgulho, batias-lhe com a vara (vamos, cavalo!) e o cavalo punha-se a galope, quintal afora. — E nem vias que as pernas do cavalo eram as tuas próprias pernas...

Sê criança, torna a ser criança e te sentirás feliz.

*

CARTA A UM DETENTO

CONCLUSÃO

A demora na entrega da sua súplica escrita foi a causa única, e poderosa, não de não haver você recebido as palavras destinadas a Didi, quando moça, mas de não ter a Didi, inocente e menina, encontrado no seu sapatinho roto, na noite de Natal, o "pinano" do seu desejo. Porque, ao contrário do que você imagina, eu não me envergonho da sua amizade nem tenho horror à sua mão. Não sei qual foi o seu crime. Ignoro o seu nome. Basta-me, porém, para que lhe dê, como aqui lhe dou, o tratamento de amigo, e para que não me constanja em apertar o seu peito de encontro ao meu peito, a certeza, que a sua carta me dá, de que bate, dentro desse peito, um grande coração desgraçado. Sem acreditar, ainda, na irremediabilidade dos destinos, assaltam-me ante a idéia de um cárcere, aquelas reflexões severas e sinistras, embebedas de fatalidade, que enchiam de terror, ao ver um homem algemado, o Ivan Pímitrich da mais famosa novela de Tchecoff. O criminoso não sai de si mesmo, nem sai do berço com passagem para a prisão: ele é, na maior parte das vezes, uma vítima da cumplicidade das circunstâncias. Nenhum homem, por menos que se ame a si próprio, comprará, jamais, sob o domínio da consciência, um minuto de vingança por trinta anos de liberdade. E como as circunstâncias se podem acumpliciar contra o homem mais morigerado da terra, por que fechar a alma ao apelo daqueles que tombaram na sua rede e, sozinhos, se debatem dentro dela?

O seu grito não foi, portanto, meu amigo, lançado aos surdos ventos dos desertos nem aos mudos penedos do mar. Se o meu coração é um sino que ressoa à simples passagem da brisa matutina, por que ficaria calado às pancadas rudes das palavras de ferro da sua carta. E de tal modo que, ao ler, no cárcere, este recado que lhe mando, já estará aqui a meu lado, pronto para seguir o seu destino, o "pinano" da sua Didi. Irei eu próprio entregá-lo ao diretor da Casa de Detenção. Não perguntarei, jamais, o seu nome. Não quero conhecer a sua história. O seu diretor entregará-lhe a minha lembrança, e quando você mandar procurá-la, e, enquanto eu for vivo, e você me disser, em carta, que continua preso, a sua Didi não passará mais um Natal sem brinquedos. Senti, pela extensão de sua desgraça, e pelo amor que tem a sua filha pequenina, o tamanho do seu coração.

Alguns varões de ferro que mãos humanas forjaram e as leis puseram diante de uma porta, o separam neste momento dos homens. Cada um desses homens tem porém uma filha, sendo portanto iguais perante a Natureza e perante Deus. Eu beijo, pois, — ó meu irmão desgraçado — nesta véspera de fim de ano, na testa dos meus filhos que tiveram tudo na noite de Natal, porque tinham ao lado sua mãe e seu pai, a fronte pura da sua filha, que, nesta noite, sem culpa nenhuma, não teve nada...

Prolongue a vida de seu refrigerador

CONCLUSÃO

não tiver outro lugar adequado para colocá-los embriue-os num papel impermeável, antes de guardá-los na geladeira.

Saberá você como "degelar" seu refrigerador? É muito simples. Primeiro, ponha a chave no "degelar" e coloque uma bandeja bem funda em baixo da caixeta de sorvetes. Se quiser apressar o "degelo" coloque nessa bandeja um pouco de água quente. Tire o gelo das gavetas de sorvete e recoloque-as cheias de água quente, deixando a porta da geladeira bem aberta.

Uma limpeza mais completa deve ser feita, quando do "degelo". Tire, primeiro, todos os alimentos, depois as prateleiras, lavando-as. Finalmente lave as paredes, todas elas, com um pano umedecido em água quente. Use um pouco de sabão, se necessário, mas tome cuidado em enxaguar bem, não deixando nem um pingão. Quando o "degelo" acabar, tire toda a água quente, reponha as prateleiras e os alimentos, e coloque o controle na temperatura adequada; deixe a porta entre-aberta até a temperatura ter baixado suficientemente.

Ocasionalmente, você poderá ver-se ante um problema: o de estar o motor desarranjado e de precisar guardar o alimento no refrigerador. Neste caso, deixe a porta aberta, para permitir a entrada de ar fresco, continuamente.

Vale a pena dar uma atenção especial às bandejas e à caixeta de sorvetes. Limpe as bandejas com água fria e torne a colocar as separações. Enxague as prateleiras da caixeta e a parte de baixo de cada bandeja, antes de recolocá-las, pois, se não estiverem bem secas, pode formar-se entre elas uma camada de gelo impedindo a sua fácil saída.

Não encha as bandejas até a boca, pois a água entornará quando o gelo formar-se. Muita gente esquece que a água aumenta de volume quando gelada.

Se não precisar de gelo d'área, deixe as bandejas vazias, enchendo-as somente quando necessário.

Assim fazendo, economizará e reduzirá o trabalho do motor.

Se tomar todos estes cuidados, seu refrigerador durará o dobro e estará sempre em bom estado, evitando aborrecimentos, que geralmente vêm na hora menos adequada.



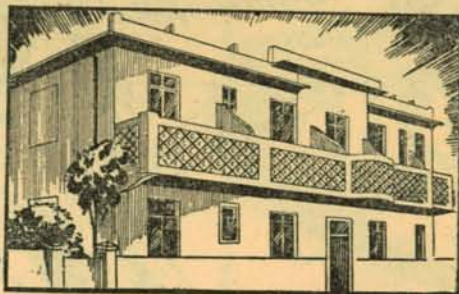
Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

HOTEL MARQUES

DE Edgard Marques Santos



FACHADA DO HOTEL MARQUES

Rua Oliveira Maira, 223

Caixa Postal, 12

Telefone 13

CAXAMBÚ

SUL DE MINAS

PROXIMO AO PARQUE DAS ÁGUAS MINERAIS

Carta Triste

★ Berilo Neves ★

Meu filho:

O sol voltou a doirar Copacabana, polvilhando-a de luz e de alegria. Tudo está claro e bonito, como no dia em que te levei a passear pela última vez. Lembra-te, meu filho? Tu gostavas tanto...

Como é possível que haja dias de sol se já não existes? Como é possível? Ainda há dois meses estavas alegre como um pássaro e feliz como um santo. Ninguém poderia prever que à alvorada se sucedesse a noite, sem o intervalo natural do meio-dia... E, afinal, que aconteceu? "Bronquite capilar?" "Púrpura hemorrágica?"... Que sabe a Medicina? Sabe dar nomes bonitos às razões impenetráveis da Morte. A ciência de Hipócrates nasceu para batizar, com o auxílio de raízes gregas, as moléstias de que padecem e se finam os homens. Nada mais... Nada mais...

✱

A idéia da Morte nunca é tão horrível como nesses dias de sol em que tudo convida a viver... É uma injustiça haver festa na Terra quando, sob lousas frias, repousam crianças geladas... "A Morte é tão natural como a Vida" — dirá um filósofo ou um santo. Sim, mas a Morte é um fim e a Infância um começo... Então, o Infinito não tem lógica? A Eternidade não conhece as leis elementares da Aritmética?...

✱

Nenhum dia é belo quando se tem um filho morto... Nenhum dia é de sol quando chovem lágrimas dentro de nós...

✱

Tinhas o hábito de perguntar "uhm?" a tudo o que se te dizia... Que tanto perguntavas, filho?... Que é o Céu?... Como é a Terra?... Morreste sem saber quase nada — nem sequer o que era a Vida... "Uhm?"... Por que era assim?... Quanto mistério em tudo!... "Uhm?"...

✱

A verdade é que estás sempre conosco, a qualquer hora do dia ou da noite, chova ou faça sol, vente ou cantem as aves do telhado... A tua presença é como a de Deus: eterna e múltipla...

ela enche a nossa vida, como no tempo em que vivias. Se a Morte pensou em separar-nos, falhou completamente no seu designio... Nem a Vida, nem a Morte, nem a Eternidade, nem o Nada — podem riscar de nós a idéia de ti. Deus é pai e sabe o que vale um filho. Um filho é mais que um mundo: é o fio de ouro que ata as gerações, é a continuidade das espécies, a ressurreição dos indivíduos, a alma de tudo, a essência do Infinito... Deus não seria eterno se o Pai e o Filho não constituíssem um só Todo, e um único Ser...

Um filho é a nossa vida projetada no Além dos tempos e das coisas... Somos nós mesmos, ampliados pelo Futuro e aperfeiçoados pelo Amor...

✱

Artur Eduardo!... Por que te chamo, se estás sempre perto de mim? Porque te invoco se não te afastaste, um segundo, de teus pais? E que tenho prazer em pronunciar o teu nome, tão teu e tão próprio de ti: Artur Eduardo! Artur Eduardo!

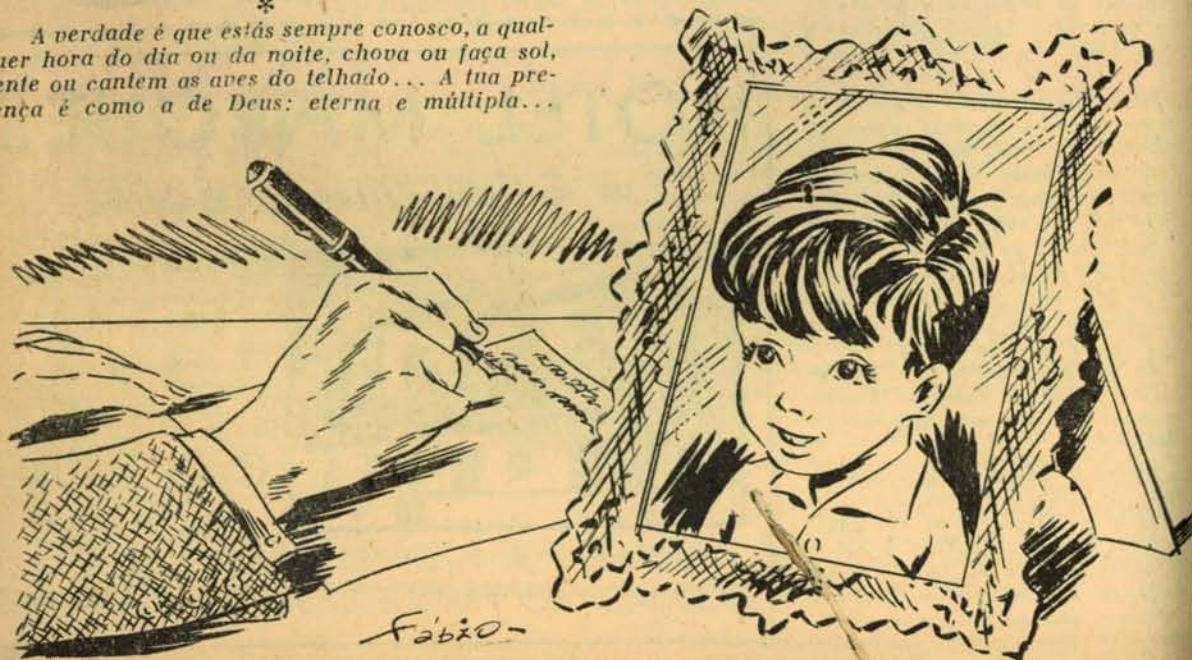
✱

Sabes, filho, o que é estar morto? É ser esquecido pelos vivos. Por isso, tu, tu não morrerás nunca!...

✱

Muitas vezes, eu e tua mãe pensávamos na carreira que deverias seguir. Achávamos que a farda cinzenta do Exército iria bem aos teus olhinhos claros... O uniforme verde-oliva ainda mais os faria realçar e embelezar... Chamávamos-te, já, o "Capitão Artur Eduardo"... Eras um oficialzinho que mal sabia andar... E não chegaste, sequer, a sentar praça na Vida... Pobre do meu "Capitão Artur Eduardo!"

✱



Agora, já é noite e faz frio. Eu e tua mãe temos chorado muito ao pensar que estás sozinho, no teu túmulo, sem ninguém que brinque contigo, sem ninguém que te faça festas... Dizem que há outra criança ao teu lado... Mas essa criança se dará bem com o teu gênio? Compreenderá o quanto és afetivo e terno?...

*

Como pode Deus permitir que uma criança de pouco mais de um ano fique tão só, num lugar tão triste e tão sombrio?... Afinal, Jesus tinha 33 anos quando morreu. Já tinha fundado uma religião, ensinado aos sábios, instruído aos apóstolos, mudado, por completo, a face do Mundo... Tu, meu filho, não chegaste a dizer mais de duas ou três palavras: "Lá está!", "Papá", "Mamã", "Vovó"... Não chegava a meia dúzia...

*

E' horrível pensar que, um dia, em plena Eternidade, não te possamos encontrar por seres tão pequenino... A tua voz era forte e máscula, mas que é isso em face dos rumores enormes da Outra Vida?... Como distinguiremos a tua voz, no rumor imenso de milhões de brados, na angústia infinita dos séculos que se atropelam e das gerações que ressuscitam?

Como veremos a tua figurinha querida, no meio das multidões que morreram antes e depois de ti? Gregos, assírios, babilônios, egípcios, romanos, germanos, gauleses, cimbrios, transparentes, suevos, godos, hindus e persas... que tropel de povos, raças e gentes no dia do Juízo Final!

Ah! querido! Quando passarmos perto de ti, como duas sombras cansadas de chorar, não te esqueças de puxar pela nossa mão e de dizer ao Senhor, como dizias diante da luz:

— "Lá está!"

Nós sentiremos a tua mãozinha e, logo, contigo nos nossos braços, ajoelharemos diante de Deus e rezaremos bem alto, para que toda a Eternidade ouça:

OBRIGADO, SENHOR!

*

SEDAS E PLUMAS

CONCLUSÃO

e guardaram a lição na memória. Algumas mais estouvadas juraram que a imitariam na primeira oportunidade.

O engano da garota que fez a revelação está apenas em acreditar que, na sua casa, ninguém descobriu o embuste. Podemos garantir que o seu irmão mais velho, jogador incorrigível, não foi no embrulho. Logo que viu a jóia, avaliou o seu justo preço e descobriu a procedência. Ficou calado porque é de circo e queria tirar partido da tramóia. Foi logo a um joalheiro mandou fazer um anel igual, mas esse de fantasia mesmo, e trocou pelo da irmã. Vendeu o anel valioso por quinze mil cruzeiros e perdeu essa quantia numa noite de farra. Quem está, portanto, iludida é a menina sapeca que supõe ter, nos seus dedos finos, uma jóia de preço e pensa, também, que as suas travessuras não são conhecidas em casa.

A Beleza Exige

CUIDADOS ESPECIAIS!
COM A SUA BÔCA.



O mau hálito afasta qualquer admirador de uma mulher, por mais bonita que ela seja! Por isso mesmo, toda mulher deve usar diariamente um preparado realmente eficiente no combate às gengivites, estomatites e todos os males da mucosa bucal que produzem o mau hálito: — o grande inimigo da felicidade feminina! Combatendo as aftas, gengivites e estomatites em geral, BUCOSAN dá uma sensação de bem estar e assegura um hálito agradável e perfumado.

*

VIDRO Cr\$ 10,00
pelo Reembolso.



BUCOSAN
MANTEM A BÔCA Sã

LAB. INHAMEOL • RUA JANUÁRIA, 258 • BELO HORIZONTE



DOR - GRIPE - RESFRIADOS

RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



E. 56-1045

PANAM — CASA DE AMIGOS



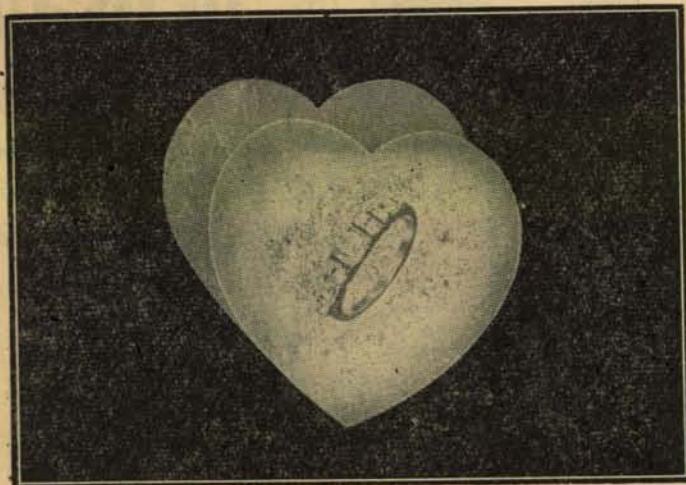
Sugestão de Beleza!

SEDAS e LINHOS

em um incomparável sortimento de
padronagens que darão nova linha
à sua elegância

MIAMI

AV. AFONSO PENA, 956
EDIFÍCIO GUIMARÃES



LINDOS PRESENTES PARA AS FESTAS!

— NOTAVEL SORTIMENTO DE JOIAS E RELÓGIOS —

LUIZ DE MARCO •

AV. AFONSO PENA, 545
FONE 2-5617

A POPULAR LOTERIA

DE

LUIZ MARINHO DE FREITAS FILHO

RUA TUPINAMBÁS, 306

— BELO HORIZONTE

FONE
2-5022

COM UMA VISITA A NOSSA CASA
V. S. RESOLVERÁ O SEU PROBLEMA

CRIANÇAS POBRES E O NATAL CONCLUSÃO

senhoras de Belo Horizonte, as ricas, são muito boas, temos notado isto. Elas é que salvam os maridos, que entrarão no céu pelas mãos delas. Pois vou lhes dar um conselho. Quando os esposos estiverem dormindo, furtam-lhes da carteira a quantia maior que puderem, se reúnem e comprem brinquedos para os meninos pobres. Não tenham receio, façam isso. Papai Noel vai se rir a valer desse assalto caridoso. Desde já, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, amiguinhos das crianças, eu lhes arranjo o perdão, indulgências e muitas felicidades para elas e para seus maridos, no ano vindouro. O que a mulher quer, marido também quer. Façam isto pelo amor de Deus e dos meninos pobres.

*

O PETRÓLEO

ESTUDOS recentíssimos sobre os antigos textos do Velho Testamento trouxeram à tona um fato curiosíssimo: os antigos habitantes da região compreendida entre os rios Tigre e Eufrate, comumente conhecida como Mesopotâmia, e os hebreus das margens do Mar Morto, na Judéia, conheciam o petróleo. As Sagradas Escrituras contam que o velho Patriarca Noé, quando recebeu instruções para fabricar um barco enorme, a fim de abrigar nêle todas as espécies de animais da região, se pôs à obra, cimentando as toras de madeira de cedro com uma "cêra preta" que evidentemente não era de abelhas. Essa "cêra preta" não era outra coisa que o famoso betume de Judéia, conhecidíssimo nos tempos atuais. A mesma substância preta que certos índios de Mato Grosso usam para pintar as suas pirogas. A experiência do Velho Noé (não, falamos agora da... "chuva") foi, inegavelmente, imitada por outros, e Nínive e Babilônia foram construídas com blocos de areia cimentada com betume. Job, o famoso campeão da paciência, menciona no seu livro uma rocha da qual brotava óleo, mas quem dele bebesse, morria. E Job se refere à região que atualmente se chama Irak, o país que o coronel Lawrence conquistou para os acionistas de uma poderosa companhia petrolífera inglesa.

★ NATAL ★

A INSTITUIÇÃO DA GRANDE FESTA
CRISTÃ • USOS E COSTUMES



É DAS MAIS antigas tradições da Igreja a instituição da festa do Natal. Com efeito, é do século II que data a festa que se denominava "Sol Novus" e que São João Crisóstomo definiu "a metrópole das festas". Atribuiu-se a São Telésforo nono sucessor de São Pedro, no ano 142, a instituição das três missas a comemorarem, com a de

mela noite — o nascimento; com a da aurora — a adoração dos pastores; com a do sol nado — a triplíce natividade do Salvador que procede do Pai, nasce da Virgem Maria e renasce em nossas almas com a fé e com a caridade. Entretanto, recebe a definitiva forma no célebre Concílio de Nicéia, em 325. No começo não se celebrava por toda parte no mesmo dia porque não havia acôrdo geral quanto ao mês do nascimento de Jesus. Mas o dia era sempre 25. Segundo o testemunho de Cassiano, o Natal sempre se celebrava, na primitiva Igreja de Roma, a 25 de dezembro. De Roma o Natal a 25 de dezembro passou primeiro à África, onde Santo Agostinho, no VI século o registra na antiquíssima tradição litúrgica. Estendeu-se depois a todas as Igrejas.

✱

Conta a lenda que José e Maria não acharam pousada em Belém porquanto a pequena cidade estava repleta de forasteiros. E, assim, o casal teve que se acolher a uma estrebaria, onde nasceu Jesus. Em memória desse fato há na Irlanda um costume de se deixarem na noite de Natal, em todos os lares, uma lâmpada acesa atrás das vidraças mostrando que, se os Santos Esposos por ali passarem, acharão pousada.

✱

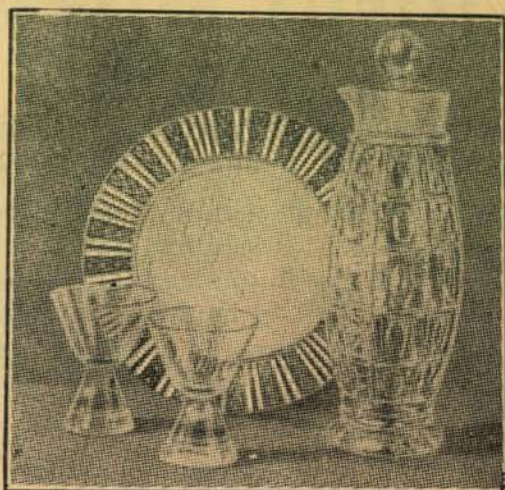
As festas do fim de ano começam na Suécia, muito antes das nossas, já com o dia de Santa Luzia, a santa predileta dos suecos (13 de dezembro) e duram quase um mês, ou seja até 6 de janeiro, o dia da Epifania que ali se chama "Trentondagen" — o décimo terceiro dia depois do Natal. Moças e meninas vestidas de "Santa Luzia", com camisas brancas compridas, e coroas de velas acesas na cabeça, vão distribuindo doces entre os pobres e enfermos.

✱

Originou-se na Escandinávia a árvore de Natal. Na Suécia, não só nas casas, mas até nas ruas da cidade, se vêem pinheiros decorados cheios de luzes, especialmente em Estocolmo onde o Natal é a maior festa do ano.

✱

No dia do Natal em certas aldeias escandinavas, os sinos das igrejas tocam a todas as horas, mesmo a noite inteira. Quando se contam as quatro pancadas da madrugada, as famílias dos camponeses se encaminham para a Missa do Galo, levando um dos homens uma tocha acesa adiante de cada grupo de peregrinos, cujo trajeto é, às vezes, longo e através da neve espessa, em plena escuridão. Chegados à igreja, todos lançam as suas tochas numa imensa fogueira, que serve de farol aos atrasados e aos que se desviaram da estrada direita.



Presentes de fino gosto!

Escolha-os no moderno sortimento do maior empório de louças, cristais e porcelanas da cidade.

- ✱ Aparelhos de jantar em porcelana portuguesa
- ✱ Aparelhos de chá e café em porcelana portuguesa
- ✱ Faqueiros de prata pura
- ✱ Faqueiro de prata, 90
- ✱ Baixelas de prata
- ✱ Lindos serviços para mesa, em cristal
- ✱ Novidades em adornos

O MAIOR E O MAIS VARIADO
SORTIMENTO EM ARTIGOS
FINOS PARA PRESENTES

CASA CRISTAL

VENDE SEMPRE POR MENOS

RUA ESPIRITO SANTO, 629
(JUNTO A' AV. AFONSO PENA)

Morto Pelas Granadas e

VALENTIM CHEREPANOV CONTA PELA PRIMEIRA VEZ, DE VIVA VOZ, A SUA ESPANTOSA HISTÓRIA

De dez experiências do professor Negovski, teve a ventura de constituir o único caso de êxito absoluto — Só se lembra de ter adormecido e de haver acordado mais tarde — A memória foi a faculdade que mais tardou em voltar... — E agora vai casar...

George Maryagin

*de Atlas-Esse Press
Especialmente para ALTEROSA*

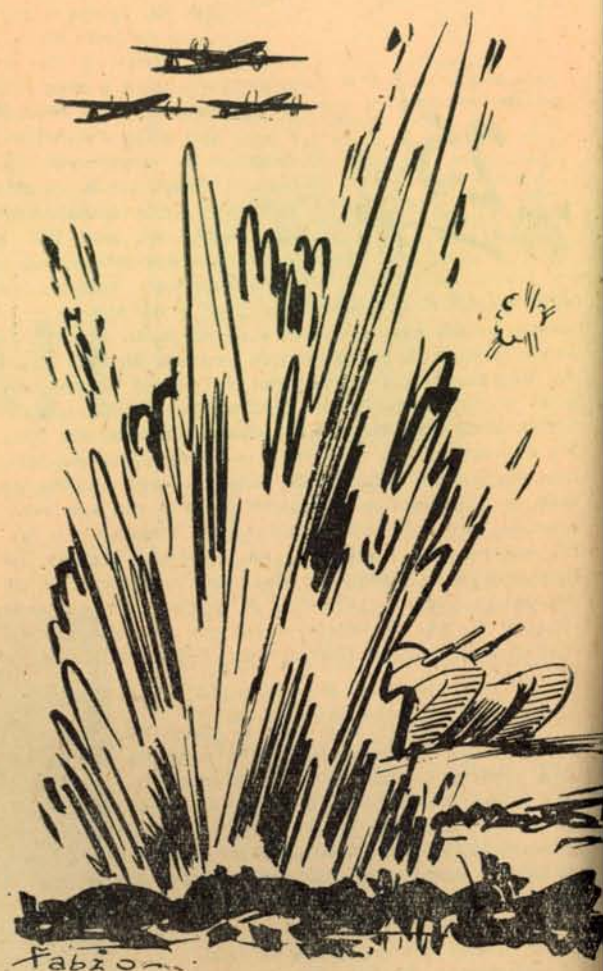
“JAMAIS em toda minha vida poderei esquecer o dia em que me mataram! — disse-me Valentin Cherepanov.

Caminhamos por uma das margens do rio Oka. Meu interlocutor anda a largos passos; seu rosto curtido, de linhas bem pronunciadas, se cobre de gravidade sob a mecha de cabelos ruivos que o corôa.

Poderia pensar numa estranha brincadeira, de gosto duvidoso, quem o ouvisse falar assim neste glorioso dia, claro e ensolarado, sentindo no ar a fragrância que se exala do bosque de pinheiros que adorna uma das aldeias de Dzhershinsk; mas não era o que se dava comigo; eu estava a par da história deste alto e descarnado rapaz de 23 anos de idade, de aspecto saudável, que um dia foi soldado de um regimento de guardas do Exército soviético. E não há, na Rússia, quem ignore o caso do guarda Cherepanov, que, depois de morrer num hospital de campanha das forças vermelhas, foi devolvido à vida pelo professor Vladimir A. Negovski, que, a respeito, publicou um relatório científico. E agora é o ressuscitado, Cherepanov em pessoa, quem pela primeira vez narra, para divulgação, o que sabe acerca da morte...

— Não, decididamente, nunca esquecerei aquele dia. Foi em 3 de maio de 1944. Eu era operador de rádio, e a unidade a que estava incorporado se achava defronte dos arrabaldes de Vitebsk. As baterias alemãs nos haviam canhoneado durante toda a manhã. Por volta das duas da tarde deixei o vagão em que se encontrava a nossa estação de rádio, quando, a meu lado, o ar foi sacudido por terrível explosão.

Lancei-me rapidamente ao solo, procurando proteger-me. Olhei trêmulo e com ansiedade. A uns cem metros de distância ia se desfazendo, lentamente, na brisa, densíssima nuvem de fumaça. Uma segunda explosão, a apenas uns 50 metros. Por uns instantes perdi os sentidos. Voltei a mim. Sentia como um confuso rugir nos ouvidos, uma terceira granada acabava de explodir ainda mais perto. Tentei erguer-me, mas não podia, apesar de não sentir dor alguma. Trabalhosamente, levei a mão ao quadril, deixei-a escorregar ao longo da perna, percebi a carne nua coberta de sangue espesso e, sem poder reprimi-lo, comeci a gritar.



Lembro-me de que um sargento se aproximou de mim, que me levaram para um caminhão; o pesadelo de uma viagem de horas e horas de sacudidas pelas estradas da linha de fogo, até chegar às barracas de um hospital de campanha. Logo, já no interior da barraca, o grato calor que emanava da estufa de ferro e a fresca fragrância dos álamos. Deram-me um copo de água. Sorvi alguns goles. Que delícia!

O que mais me apetecia era descansar, dormir. A fadiga era como chumbo derretido por todos os membros de meu corpo. Outro pequeno gole e caí dormindo, o bendito sono do esquecimento completo.

E ASSIM MORREU...

Para a sua consciência, tal foi o fim da sua vida. Sem despertar, Cherepanov foi operado de uma grave ferida, causada no quadril direito pelos estilhaços de uma granada. E durante a operação sucumbiu, sem dúvida alguma, e assim, o constataram os cirurgiões. Cessou o pulso, não palpitava o coração, não respirava, sobreveio a cadavérica dilatação pupilar. Ausência completa de reflexos vitais.

Ressuscitado Pela Ciência



Mas, quis a sorte que este hospital de sangue houvesse sido escolhido pelo professor Negovski para realizar suas experiências de reanimação de cadáveres.

Três minutos e meio depois da iniciação do estado de morte clínica, começou-se a aplicar ao corpo exânime — escreve o professor Negovski numa comunicação dirigida a mim — o tratamento próprio para tentar a ressurreição. O método é complexo: impulsão do sangue, tanto venoso como arterial, por meio de injeções de adrenalina e glucose; respiração artificial com a ajuda de um aparelho para insuflar ar nos pulmões. Um minuto depois o coração começava a bater. Insinuou-se o retorno da respiração três minutos mais tarde, e, passada uma hora, surgiam sinais da recuperação da consciência.

DESPERTEI EM TREVAS

E agora é Valentim Cherepanov quem continua com o relato.

— Não sei quanto tempo estive dormindo. Não me recorde de nada do que me sucedeu naquela noite. A primeira coisa que me chegou ao entendimento é que alguém se reclinava sobre mim e, muito pausadamente, repetia: "Cherepanov, Cherepanov". E depois: "Cherepanov, sente-se bem?" "Khorosho"

(muito bem), respondi eu. Perguntava a mim mesmo onde estaria. Não me lembrava mais de que havia caído ferido. De súbito, percebi que não podia ver. Levei as mãos aos olhos, fricionei-os com nervosismo e gritei arfante: "Não vejo! Não vejo!... Fui ferido na vista?" A mesma voz feminina me confortou: "Não, não. Não se preocupe. Nada aconteceu com os seus olhos".

— Mas eu não acreditava. Os ouvidos zumbiam impertinentemente; logo percebi gemidos, vozerio de outros que deliravam em leitos próximos ao meu; e mais tarde fui distinguindo passos, vozes, acercou-se então de mim alguém que os mais chamavam de "professor"; senti que uns dedos secos, delgados, um pouco frios, entreabriam-me as pálpebras.

"E preciso fazer-lhe uma transfusão de sangue" — dizia a voz na obscuridade. E, sem dúvida dirigindo-se a mim, a mesma voz acrescentou: "Tornarás a ver".

Passaram uns momentos. "Fecha a mão". Obedeci, encolhi os dedos, debilmente. Dor nos músculos do braço, algo frio que me corria pelo corpo. Comecei a tiritar febrilmente, e pedi que me cobrissem.

(Continúa na pag. 106)



Queremos, hoje, prestar homenagem àqueles que, mourejando na sombra, prestam inestimável serviço à radiofonia brasileira.

Referimo-nos à classe dos rádio-operadores, a quem muito deve a grandeza e o progresso do rádio nacional. E nesta homenagem visamos, sobretudo, pôr cõbro à clamorosa ingratidão de que têm sido vítimas esses trabalhadores obscuros que, embora desempenhando importante função no desenvolvimento dos programas de rádio, vêm sendo, mau grado isso, relegados a um plano inferior na vida radiofônica. Inexplicável silêncio paira sobre esses profissionais anônimos, obscurecendo, ainda mais, o heroísmo da sua vida e a relevância do seu papel na crônica do rádio indígena.

O operador é, quase sempre, o elemento preponderante no êxito de um programa. Ao passo que o locutor é — vamos assim dizer — o coração, o operador faz o cérebro na apresentação de um "broadcasting". Ambos conjugados, cada um no seu setor, constituem o que podemos chamar a alma de um programa. Entretanto, para os que ouvem o rádio, instalados confortavelmente em suas poltronas, o rádio-operador nem existe... Só existe o locutor, só existem os artistas! O técnico, este, coltado, que muitas vezes dispendeu o triplo de energia do "speaker" nem sequer se lembram dele! E' a figura apagada, por excelência! No entanto, o trabalho do operador é um trabalho absorvente e cansativo. Porque não é um serviço tão somente mecânico, como muitos pensam. Ele requer muita atenção, desenvoltura, prática, muita prática. mesmo, e, sobretudo, inteligência. Mormente em casos especiais, qual seja o do rádio-teatro, por exemplo, o sucesso da peça depende, em grande parte, do trabalho atento e vigilante da técnica, a cujo cargo está entregar a sonoplastia.

Agindo num labirinto de comutadores, atenuadores, válvulas e uma infinidade de engrenagens, num labor árduo e constante, é o operador, sem dúvida, a força vital que impulsiona todo o organismo radiofônico. Por isso, são os rádio-operadores de todo o Brasil dignos de todo o nosso apreço e admiração.

*

VISITA Á ALTEROSA

Proporcionou-nos o prazer de sua visita o cantor Nelson de Almeida, recém-chegado de São Paulo para atuar nos programas carnavalescos das Associadas. Nelson de Almeida é um dos bons cantores do "broadcasting" bandeirante.

NÃO SOBRÁRA NADA!

• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA

DURYEY

Verifique o acampamento indio em cada pacote

A MAIZENA DURYEY 49 45
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryey"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

A VERDADE QUE TODA
A CAPITAL PROCLAMA

DROGARIA RAUL CUNHA

VENDE SEMPRE POR MENOS

Rua Rio de Janeiro, 363 — Fone 2-2161

FILIAL

FARMACIA E DROGARIA CASSÃO

Rua da Bahia, 1.044 — Fone 2-3113

GAETANI & CIA. LTDA.

desejam aos seus distintos amigos e freguêses

Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

FERRAGENS POR ATACADO — RUA TUPINAMBÁS, 613

ANTENA

APÓS longa ausência, voltaram a atuar, nas Associadas de Minas, com o mesmo brilho de sempre, as Irmãs Pedroso. Cantando, ora em trio, ora em duo, e mesmo em solo, as graciosas irmãs estão conseguindo firmar cada vez mais o seu *cartaz*, como fideis cultoras da arte do "bel-canto".

*

EDISON CASTILHO, o notável baixo mineiro que integrou, por algum tempo, o cast das Emissoras Associadas de Minas, após realizar, com êxito, uma temporada na Mayrink Veiga, está cantando agora na Rádio Tupi.

*

HERMINIO MACHADO, o admirável *annonceur* mineiro, está novamente atuando na P. R. H. 6. Possuidor de bela voz, Hermínio Machado é, sem favor, um dos locutores mais cotados na rádio-fonia nacional.

*

HÁ uma conversa atrás das cortinas que devemos anotar com reserva: Teófilo Pires, ex-locutor da Guarani, vai voltar às lides rádio-fônicas. Mentira ou verdade essa conversa é, contudo, uma notícia alvicaireira para os rádio-ouvintes mineiros. Que o fato se realize o mais depressa possível, são os nossos votos.

*

OUTRA notícia agradável é a do aumento, no próximo ano, da potência da Rádio Guarani, para dez ou vinte kilowatts.

*

VITRINE LITERÁRIA é o programa semanal que a Rádio Mineira lançará em janelo próximo em dia e horário que serão previamente anunciados.

*

MÁRIO DE AZEVEDO, o conhecido pianista patricio, está realizando, na Rádio Jornal do Brasil, das 9 às 10 horas, esplêndidos recitais, num desfile selecionado de páginas de autores nacionais e estrangeiros.

*

COLÉGIO MUSICAL, programa norte-americano que Ari Barroso e José Mauro adaptaram para a Rádio Tupi, vem alcançando esplêndido sucesso. Trata-se de um "broadcast" movimentado, cheio de situações engraçadas, trazendo os ouvintes em constante bom humor.

ESTAMOS vivendo uma época de renovação. Sente-se em todos os setores da atividade humana um sopro revitalizador, como que para um arejamento inadiável. A evolução exige, através de transições às vezes violentas, substituição de homens e idéias. Porque os homens, não sendo deuses, cansam, e as idéias, nascendo num clima, não vivem noutro...

Artistas há, no rádio, que já nem deviam atuar mais. São elementos gastos e exaustos. Existem, naturalmente, as exceções, como Francisco Alves. Mas, num contraste desolador, existem inúmeros Patricios Teixeira por aí, locupletando as emissoras, graças à simpatia de que desfrutam entre os dirigentes...

Compreendem que já não interessam ao público e não possuem mais a antiga capacidade artística, mas, mesmo assim, sacrificando às vezes vocações nascentes, obtem a passagem: vaidosos, fátuos, ridículos...

Urge, pois, alijar os elementos gastos, cujo único valor reside apenas numa *adorável* boa vontade digna de nota, mas não de *cruzeiro*... A rádio-fonia necessita, de vez em vez, de sangue novo: elementos jovens e capazes que tragam na força natural do entusiasmo a originalidade das idéias criadoras.



PRO'S e CONTRAS

JOÃO SERRA O

Há também o caso das vocações negativas, daqueles que, sentindo-se inadaptáveis, prosseguem, num desajeitamento incrível, afrontando o ridículo, prejudicando os verdadeiros valores artísticos, gozando de consideração fictícia à força de influência de terceiros.

Gente moça e capaz é de que precisa o rádio no Brasil, sejam cantores, locutores, radiatores, técnicos e diretores. Gente moça de espírito e de idéias renovadoras, trazendo ao ouvinte a arte com a sua força vivificante e consoladora e jamais imposta pela *violência* dos adjetivos que já não impressionam mais...

Aos mentores do nosso "broadcasting" cabe essa tarefa renovadora através de elevado e justo equilíbrio na seleção de valores novos, proporcionando-lhes o ensejo e também o estímulo para que possam corresponder à expectativa... Porque o período de adaptação em qualquer setor da atividade humana é amargo e desencorajador.

Estamos no limiar de um novo ano. E dentro de nós se renova a esperança de que, no rádio como em todos os setores da reconstrução nacional, os velhos, sem força nem personalidade, dêem o fora, e os novos, desajeitados, tomem jeito...

* *

ROSITA DE SOUSA

VOCACÕES há, tão reais e legítimas, que constituem duplo incentivo: para o mestre e o aluno. Nascendo em Itabirito, a mineirinha Rosita de Sousa chegou, adolescente, a Belo Horizonte, trazendo, como credencial artística, uma vocação autêntica para o "bel canto". E começou a estudar canto com a Prof. Celina Peixoto e, depois, com a Prof. Minny Ginoch.

Cantou, pela primeira vez, na Guarani, num programa de estudantes, estreando, depois, como artista contratada, na Rádio Inconfidência. Atuou, várias vezes, na "Hora Universitária", da P-R-1-3, sob a direção de Halley Alves Bessa. Sucederam-se os sucessos e intensificaram-se os estudos, cujos resultados estão patentes através das audições bi-semanais do jovem soprano.

Cantando, atualmente, na Rádio Guarani, Rosita de Sousa conquista, sem alarde, o lugar de relévo que merece entre as nossas cantoras líricas



Rosita de Sousa



Darly Santos, o popularíssimo artista da Rádio Clube do Espírito Santo, a famosa PRI-9, e um dos mais brilhantes jornalistas de Vitória. Homem de múltiplas atividades, vem se destacando como uma das mais belas expressões da inteligência moça do Espírito Santo.

✱



Cody Sant'Ana Cô é uma das mais expressivas figuras do "broadcasting" capixaba. Diretor-superintendente da PRI-9, Rádio Clube do Espírito Santo, sua ação tem sido altamente benéfica à evolução do desenvolvimento radiofônico de Vitória, em cujos meios artísticos Cody Sant'Ana goza de merecido prestígio.

CARTAZ CAPIXABA

ESTA atuando na PRI-9, onde tem tido oportunidade de demonstrar suas reais possibilidades artísticas, o locutor paulista Ferraz Franco. Como se sabe, Ferraz Franco esteve por mais de seis meses integrando o cast da "veterana" Rádio Mineira, donde veio para a PRI-9.

✱

COM a finalidade de proporcionar ao povo o ensejo de ouvir e apreciar bons programas da PRI-9, foram instalados na Praça Costa Pereira, possantes alto-falantes, através dos quais serão acompanhados, pelos transeuntes, todas as atrações artísticas, irradiadas pela Rádio Clube do Espírito Santo.

✱

FOI aprovado pelo Conselho Deliberativo do Estado um projeto de decreto-lei pelo qual fica o governo estadual autorizado a dispender cerca de cem mil cruzeros para o completo reaparelhamento técnico e artístico da emissora local.

✱

TOTALMENTE familiarizado com os seus milhares de "fans" e admiradores, o cantor Ari Monteiro, considerado no momento, o maior cartaz do rádio es-piritossantense, tem se apresentado ao microfone da PRI-9 em magníficos programas de músicas populares brasileiras.

✱

JÁ foram iniciadas, segundo se anuncia, as obras de instalação da nova emissora es-piritossantense, que se localizará na cidade de Cachoeiro do Itapemirim. Constarão de modernos e luxuosos auditórios, além de um elegante palco, localizados em prédio próprio.

✱

MAUGRADO certos comentários desfavoráveis, não somos dos que ainda duvidam da grande classe demonstrada por Tito Azevedo, na organização de alguns dos seus numerosos programas.

✱

O CONJUNTO regional da PRI-9, que obedece à direção de Luiz Bastos de Noronha, é constituído pelos seguintes elementos do "cast" da emissora da rua Ararigbola: Cícero Dantas, Maurício e José Oliveira, Ximenes, Salvador Lima e Batista.

✱

DARLY SANTOS — cantor, locutor, redator de programas especializados, jornalista, funcionário público e "crack" de primeira categoria do futebol capixaba — é, como se diz na gíria radiofônica, "o pau de toda obra" da PRI-9. Sem dúvida, um elemento cem por cento útil ao "broadcasting" capixaba.

★ RÁDIO BANDEIRANTE ★



O Radio Brasileiro conta com esplêndidos conjuntos vocais, destacando-se, sem dúvida, os "Anjos do Inferno", "Quatro Ases e um Coringa", "Os Cariocas" e os "Trigêmeos Vocalistas". Agora, surge um belo conjunto vocal em São Paulo, obtendo merecido sucesso. "Os Vagalumes do Luar", composto de elementos de valor. Exclusivo, da Rádio Record, o magnífico quinteto tem gravado sambas de sucesso na Continental. Breve, teremos "Os Vagalumes do Luar" brilhando nos céus belorizontinos. Ei-los, acima, num samba!

A Rádio Inconfidência

NUMA NOVA FASE

NOVA ESTAÇÃO DE ONDAS CURTAS E UM AUDITÓRIO AINDA ESTE MÊS

A RÁDIO INCONFIDÊNCIA inicia, este mês, uma nova fase na sua bela existência. Inaugurando nova estação de ondas curtas e abrindo ao público mineiro seu novo auditório, proporciona a todos os seus ouvintes uma sensacional renovação nos seus programas.

Seu "cast", que conta com artistas de merecido relêvo, como Paulo Severo, Léa Delba, Paulo Lessa, Paulo Nunes Vieira, José Lino, Marco Aurélio, Francisco Lessa, João Décimo Brésia, Bentinho, Vera Lúcia, Alaor Brasil e Eunice Fialho, será integrado por novos cartazes.

Registremos, portanto, o acontecimento, que é realmente significativo para o "broadcasting" nacional.

*

A ZYD 7

AUMENTARÁ SUA POTÊNCIA

A RÁDIO Sociedade Norte de Minas, a conceituada ZYD-7 de Montes Claros, terá, brevemente a sua potência aumentada para 5.000 watts, realização que muito recomenda seus atuais dirigentes e constitui um índice expressivo do progresso da popular emissora montesclarensense. Em Conquista, a ZYD-7 terá instalada sua sucursal, com a potência de 1000 watts, ampliando, assim, sua irradiação pelo norte de Minas. Como se vê, a ZYD-7 caminha sempre para frente.

*

FIGURAS & FATOS

A RODA estava, como sempre, formada na Elite: Celso Brant, Aloísio Campos, Omar Santos, Nilo Aparecida Pinto, Rômulo Pais e Soares da Cunha. A cerveja espumava nos copos. Foi quando o Celso Brant informou:

— Vocês sabem que o rádio pode provocar desarranjos mentais? Há pouco tempo, na Pensilvânia, registrou-se o primeiro caso. Um homem que escutava um programa, tomou bruscamente de um revólver e desfechou vários tiros sobre o aparelho...

Foi quando o Soares da Cunha perguntou ao Rômulo Pais:

— Qual é a potência da Mineira, entre...

Houve ruídos e somente o Rômulo ouviu a hora. Ia responder, quando o Nilo, sarcástico, interveio:

— Ora, Soares, está claro, que foi... Esse programa a que você alude é ouvido lá, sim...



Vicente Prates, o festejado radiantor e radiator da Inconfidência



Hinterlândia Rádiorônica



A Rádio Araguari, PRJ-3, é uma das emissoras que, pela sua potência e seu "cast", mais se destacam. Vemos, na ordem natural, Arnaldo de Castro Nogueira, ex-locutor da PRJ-3, hoje atuando na BBC de Londres; Waldete Santos, programadora e excelente radioatriz; as "Irmãs Diniz", dupla vocalista que vem obtendo sucesso nos programas da Rádio Araguari; e um aspecto do programa especial com que a PRJ-3 comemorou a instalação do novo transmissor de 5.000 wats. Como se vê, o rádio mineiro progride.

*

JAMAIS será desnecessária a afirmação de que a radiofonia constitui para a cultura popular um fator vital. Desconhecer ou procurar negar tal verdade é como que ignorar os benefícios da luz solar...

Através do rádio, as populações dos mais longínquos recantos do país, lugarejos perdidos nos sertões, estão em permanente contacto com a civilização e recebem dela as benéficas influências...

Minas Gerais conta, na sua majestosa Belo Horizonte, com três ótimas emissoras, cujos programas selecionados bem refletem o grau de sua civilização. Mas, se essas estações constituem legítimo orgulho para Minas, outras há, no entanto, espalhadas pelo Estado, que são também realizações verdadeiramente dignas de encômios e expressam um heroísmo que enobrece seus idealizadores. Porque, na realidade, é heroísmo manter emissoras em centros de exiguas possibilidades publicitárias, conhecendo-se o vulto de despesa que acarretam a organização e a manutenção da aparelhagem complexa e das equipes de técnicos, diretores, locutores e artistas. Entre essas emissoras, merecem destaque a PRH-5, Rádio Cultura de Poços de Caldas; a PRJ-7, Rádio Clube de Pouso Alegre; a PRE-5, Rádio Sociedade Triângulo Mineiro; a YI5, Rádio Itajubá; a PRJ-3,



"Os Carijós", antigo conjunto vocal da ZYD-7, é constituído por um grupo esforçado de rapazes decididos e cujas audições são sempre recebidas com muito agrado pelos ouvintes da conhecida estação montesclarensense.

Rádio Araguaí; a ZYC-4, Rádio Sociedade Ubaense; a ZYB-2, Rádio Clube de Varginha; a ZYD-7, Rádio Sociedade Norte de Minas; a PRB-3, Rádio Sociedade de Juiz de Fora; a PRC-6, Rádio Difusora Brasileira, de Uberlândia, e a ZYC-2, Rádio Caxambú.

Não são poucas as emissoras mineiras que apresentam instalações verdadeiramente admiráveis, possuindo também bons locutores, ótimos cantores e expressivos elementos de rádio-teatro, artistas que, distanciados dos centros de força publicitária, não gozam da popularidade que merecem pelas suas qualidades artísticas. E' o destino dos artistas... São valores semi-ocultos, brilhando sómente no âmbito restrito das suas atividades modestas, mas dignos da mesma admiração com que o grande público incentiva os "cartazes" dos movimentados centros radiofônicos. E' que todos, grandes e pequenos, refletem o ideal vivo da arte a serviço de nobilíssima causa: a cultura popular.

São também essas estações celestres de autênticos artistas que, despertando a atenção dos dirigentes das grandes emissoras nacionais e estrangeiras, se projetam, do dia para a noite, no panorama radiofônico, alcançando renome e glória. E' o caso do locutor Arnaldo de Castro Nogueira, que atuava na Rádio Araguaí, e que hoje integra o "cast" da famosa BBC de Londres, onde está o Ramos de Carvalho, o moreno de Diamantina.

Temos na Inconfidência, a poderosa emissora mineira, brilhantes elementos que vieram das estações do "hinterland". Eunice Fialho, cantora de músicas, veio da ZYD-7, Rádio Sociedade Norte de Minas, de Montes Claros. Paulo Lessa e Francisco Lessa, dois bons locutores, começaram na época em que a Mineira era uma simples estação de amadores.

O Jorge Curi, hoje na Rádio Nacional, pertenceu à ZYC-2. Rádio Caxambú.

Glória, pois, às emissoras do "hinterland", fiéis expressões do verdadeiro espírito de brasileiro: o progresso do Brasil, criado pela força da cultura.



"Infernais do Ritmo", o aplaudido conjunto vocal que atua nos programas de auditório da PRH-5, Rádio Cultura de Poços de Caldas.



Olavo Pimenta, diretor-gerente da PRH-5, cuja gestão se vem caracterizando por iniciativas que muito o recomendam ao apreço dos ouvintes da popular emissora de Poços de Caldas.



Flagrante tomado durante um programa de auditório da PRH-5, vendo-se a orquestra de Malaquias Pimentel e, ao microfone, os locutores Olavo Pimenta e Mário Guerreiro de Castro.



ESCOLAS DE Astros e Estrelas



Afonso de Castro

"O Programa do Garoto" e "Gurilândia"
das Associadas e suas histórias ★ Os
guriis que hoje são cartazes do rádio mineiro

A HISTORIA dos programas infantis que aos domingos alegram a cidade, não pode ser contada numa rápida crônica. Só o período inicial, caracterizado pelas naturais dificuldades e o ceticismo geral, daria uma boa reportagem ilustrada: um texto repleto de fatos gozados, trapalhadas na hora do início do programa, gritos nervosos de ensaiadores improvisados, e fotografias mostrando o simpático Rômulo Pais recrutando o pessoal no sábado para enfeitar o exíguo estúdio da rua

Curitiba onde haveria a função dominical do "Gurilândia", ou a incansável Tia Dorotéia a telefonar às famílias dos cantores sobre o "Programa do Garoto"... Veríamos o Rômulo, nervoso, equilibrando-se num caixote a pregar bandeirinhas, enquanto os demais funcionários varriam o salão, consentavam cadeiras mancas e tapavam buracos no soalho... Enquanto isso, Tia Dorotéia arrumava também o porão da Praça Afonso Arinos.

Seria uma reportagem esplêndida, que acordaria doces reminis-



José Lino



Maria Suelli



Rômulo Pais

cências, revivendo uma época que, embora não esteja tão distante, já é um bom motivo para a gente recordar...

Vencendo toda espécie de obstáculos, os dois queridos programas dominicais se firmaram, pouco a pouco, evidenciando uma finalidade que foi a razão de ser da vitória: a formação de artistas. Porque, na realidade, são escolas de **astros e estrêlas**. Ali, ante o microfone e o auditório, a criança perde a timidez, adquire desenvoltura e, quando tem voz, aprende a cantar... Revela-se, em pouco tempo, o artista que, à falta da feliz oportunidade, talvez jamais surgisse.

Recordemos, rapidamente, os **alunos** dessas duas escolas artísticas, que já se **formaram** e hoje em dia são **doutores** aplaudidos pelo público.

Focalizemos "Gurilândia":

Vilma Leal Arnaud a festejada intérprete de canções mexicanas, cujo nome já está sendo comentado no Rio, começou, **meninota** ainda, a cantar nesse programa. Era a atração das manhãs de domingo. Muita gente comparecia ao auditório da PRH-6 somente para ver e ouvir a Vilma.

José Lino, o **menino** que canta como gente grande, também lá estava todos os domingos contando em castelhano, para as moças românticas, lindas histórias de amor. Era uma promessa que se fez mesmo realidade.

O samba tinha também representante: Gilberto Santana. A sua voz chorosa já era a delícia das garotas precoces... O **moreno**

prometia, pois interpretava **sor-rindo** histórias de malandros amorosos e cançãoeiros nostálgicos.

Só esses três nomes bastariam para provar a utilidade artística de "Gurilândia". Mas, por que esquecer Maria Condé, essa **menina-moça** que já é artista festejada? Por que não mencionar Célia Vilela, autêntica vocação de sambista, cujos nove anos lhe garantem um futuro risonho de músicas e sucessos? E o Alcivando Luz, menino artista, verdadeiro príncipe no cavaquinho? Isto para não falar nas belas promessas que são Samuel Schrage, Vandalef Luz, Vilma Cruz, Alcione Orfanó, Malbi Terezinha Vitor, Gildete Serra e os Irmãos Soares, irmãos gêmeos da voz...

O "Programa do Garoto" é outra escola notável. O **mestre** Afonso de Castro, figura atraente de artista, trata carinhosamente a criançada e prende o auditório com as suas **blagues**.

Abílio Lessa, o cantor m'neiro que venceu na Rádio Nacional, nasceu no alegre programa da Mineira. Sua voz dolorosa e envolvente convocava as moreninhas todas da cidade. Era já o **seresteiro** das montanhas...

O Otavinho da Mata Machado — hoje o Otávio Machado, da Rádio Globo, do Rio — começou também a apaixonar as suas **mil e uma fans** no "Programa do Garoto". E o garoto **abafava**, provocando elogios da imprensa. Chegou a ir ao Rio, atuando com êxito na Mayrink e na Tupi. Ago-

(Conclui na pág. 201)



Vilma Leal Arnaud



Maria Condé



Alcivando Luz



Otávio Machado



Célia Vilela

BENTINHO



está na terra



BENTINHO está na terra! Chegou, há uns dois meses, montado no burrico manco e agarrado à sanfona inseparável. Veio de longa jornada através de vários Estados do Brasil, onde espalhou suas piadas gostosas e enfeitou as cabrochas cheirosas com o som pegajoso da sanfona.

Bentinho é, pode-se dizer, o tipo do caipira civilizado: toca piano, sanfona, violão, violino e outros instrumentos adjacentes... Ficou meio enjoado de trabalhar em rádio durante certo tempo, pois atuou cinco anos na Mayrink Veiga, e quase igual período na Nacional e Tupi. Fêz, durante muito tempo, dupla com Alvarenga, Xerém e Pitanga, obtendo, sempre, sucessos expressivos, que o consagraram com um dos

maiores cartazes no gênero

Bentinho, quando fazia dupla com Alvarenga, filmou várias vezes. Gravou,

(Conclui na pag 182)



*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel. Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

BENTINHO



está na terra

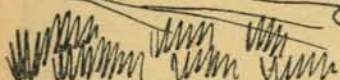
BENTINHO está na terra! Chegou, há uns dois meses, montado no burrico manco e agarrado à sanfona inseparável. Veio de longa jornada através de vários Estados do Brasil, onde espalhou suas piadas gostosas e enfeitou as cabrochas cheirosas com o som pegajoso da sanfona.

Bentinho é, pode-se dizer, o tipo do caipira civilizado: toca piano, sanfona, violão, violino e outros instrumentos adjacentes... Ficou meio enjoado de trabalhar em rádio durante certo tempo, pois atuou cinco anos na Mayrink Veiga, e quase igual período na Nacional e Tupi. Fez, durante muito tempo, dupla com Alvarenga, Xerém e Pitanga, obtendo, sempre, sucessos expressivos, que o consagraram com um dos

maiores cartazes no gênero

Bentinho, quando fazia dupla com Alvarenga, filmou várias vezes. Grava,

(Conclui na pag 182)



*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel. Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ
Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CÁRIO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

Os mais lindos
VOILES



Da nas
Casas Pernambucanas

4 FILIAIS EM BELO HORIZONTE

Rua Caetés, 409
Av. Afonso Pena, 705
Av. Augusto de Lima, 1366
Rua Itajubá, 414

IMPORTAÇÃO DIRETA



REFRIGERADORES CARREGADORES DE BATERIA AERODINAMOS
RÁDIOS VÁLVULAS E PEÇAS PARA RÁDIOS REGULADORES DE VOLTAGEM
MOTORES PILHAS PARA RÁDIOS GERADORES A GASOLINA

DISTRIBUIDORES:
SEIMI
SOCIEDADE ELETRO-IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

RUA CURTISB, 631 BELO HORIZONTE TELEFONE 2-7560
CAIXA POSTAL 359 MINAS GERAIS - BRASIL END. TELEG. SEIMI

MORTO PELAS GRANADAS...

CONTINUAÇÃO

A LUZ NAS TREVAS

Esqueci meu medo à cegueira e só desejei uma coisa: sentir calor. O tempo se prolongava, se arastava. Cada minuto, uma eternidade gelada. Depois, pouco a pouco, comecei a sentir que melhorava.

O dia passava lentamente. Doía-me o quadril; entretanto, eu já não tinha quadril, em seu lugar haviam colocado uma placa de metal. Atormentavam-me pensamentos de cegueira.

Dormi de novo, e fui despertado pela voz da enfermeira perguntando-me se podia ver. Não podia. Nova transfusão de sangue, a mesma frialdade gelada que me desconfortava. Passou muito tempo, muito, antes que eu de novo gozasse calor. "Que dia é hoje?" perguntei. "4 de março", me responderam.

A enfermeira se sentou ao meu lado, sobre a cama, e então, de súbito, no meio de uma espécie de neblina, distingui uma colher. Uma colher ordinária de alumínio. E logo um rosto juvenil, agradável, de mulher.

Minha vista foi melhorando gradualmente. Em 6 de março recebi outra transfusão de sangue; a partir de então, passei a ver normalmente. Mas naquela noite minha temperatura subiu repentinamente, e o professor Negovski — cujo nome eu já sabia — diagnosticou pleurisia pneumônica. Começam a me tratar com drogas sulfúcas.

A RAZÃO DA CEGUEIRA

O professor Negovski ofereceu-me uma explicação da passageira cegueira de Cherepanov. "No curso dos primeiros dias" — escreve — "previram-se perturbações de visão e da palavra, devido à transitória suspensão da nutrição dos neurônios cerebrais durante o tempo em que persistiu o estado de morte clínica. O organismo ressuscitado não recupera de modo imediato condições de saúde normal, e há de transcorrer algum tempo antes que recomece o funcionamento regular e se verifique a restauração plena da vitalidade dos órgãos e tecidos. E através de todo esse período se faz necessário desenvolver uma luta incessante e ativa pela cabal recuperação da vida de um homem".

Confirmando o que acima foi exposto, eis de novo a palavra de Cherepanov:

— Comia muito pouco, e não sentia apetite. Fizera-me nova transfusão de sangue. Durante toda uma semana sentia-me fraquíssimo. Já podia ver, ouvir, falar; mas era como se não tivesse pés, como se as pernas acabassem à altura dos joelhos.

No dia 20 de março me transportaram para um hospital da retaguarda. Fui visitado pela enfermeira Valya Bukhmyakova, a mesma moça que me despertara no dia 4. Foi então que soube por ela que eu tinha estado realmente morto e que até, como defunto, meu nome fôra registrado no livro correspondente e que o professor Negovski me devolvera a vida.

Isto me fez pensar. Procurei examinar-me conscienciosamente, no empenho de descobrir se, havendo renascido como quem diz para a segunda vida, aos meus vinte e um anos, me havia modificado; se meu novo ser era ou não diferente do que

(Conclusão na pag. 195)

MARIA STUART — ILICINEIA — MINAS
— Minha inteligente amiga, o seu problema é muito parecido com o de inúmeras moças que vêm ter ao meu consultório. Acho que você agiria bem, falando francamente ao seu namorado e exigindo dele uma definição sincera. A melhor das dúvidas é sempre pior que a mais dura realidade, não pensa assim?

MESQUITA — GOIANIA — Basta ler a sua carta para verificar que você está completamente equivocada. Esse complexo de inferioridade que você criou, fruto exclusivo da sua imaginação, precisa ser destruído. Uma moça, dotada do seu espírito, não pode, em absoluto, considerar-se repudiada por todos. Sabe de uma coisa? Acho que você devia deixar o hospital, viajar um pouco, se lhe permitirem os seus recursos e arejar o seu cérebro, com diversões e passatempos próprios da mocidade. Considerar-se uma velha aos vinte e quatro anos? Que tolice, minha amiga. Inicie, desde hoje, a reedificação da sua personalidade e seja muito feliz!

ESCRAVA
DO AMOR. —
CAPITAL —

Acho que você deve permitir que o seu namorado frequente a sua casa. Se gosta, realmente, dele, como diz, é de toda conveniência que a sua família fique ciente da pretensão de ambos.

ESTRELA CINTILANTE — CAPITAL —
Se o seu namorado trata-a com indiferentismo e se você está informada de que ele gosta de outra, o remédio, minha amiga, é esquecê-lo. De que lhe adiantaria procurá-lo. Iria agravar a sua situação.

SANDRA — CAPITAL — Infelizmente não me é possível respondê-la diretamente. Acho, Sandra, que você é tão criança para assumir um compromisso definitivo... Contudo não se una a um homem leviano. A levandade é o pior dos defeitos e a causa

dos maiores desastres conjugais. Por que não se definir com M?

NAVEGADORA DO AMOR — CAPITAL
— Não concordo com a precocidade de vocês, meninas, assumindo compromissos sentimentais aos quinze anos. Acho que você devia prosseguir nos seus estudos, brincar, divertir-se, fazer esporte e deixar o amor para mais adiante. A infantilidade da sua carta, é um atestado da sua inexperiência nas questões do coração. Siga a orientação dos seus pais e não se preocupe em correr atrás da vida.

ATSUGUA — MINAS — De início agradeço-lhe as gentis demonstrações de cordialidade. Minha doce amiga, lamento deveras a sua situação. Acredito, contudo, que a única coisa que você tem a fazer é procurar esquecer o seu sonho. Não resta a menor dúvida que o conselho é amargo. Mais amarga, porém, seria a sua vida, se você se unisse a uma pessoa tão pouco digna do seu afeto. Agradeça a Deus, té-la afastado, em tempo, do seu caminho. E comece a viver de novo.

Saber começar é uma grande sabedoria — Consuelo San Martin é pseudônimo. Está satisfeita?

MARIA M. — MANHUMIRIM — MINAS
— Deixa de tolice, menina. Onde já se viu, pensar em suicidar-se só porque a sua progenitora não está de acordo com a sua escolha? Aguarde, com paciência, uma transformação no modo de pensar da sua mãe, e não se afobe antes da hora.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin. "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

A felicidade

**AGORA É SÓ
RECORDAÇÃO**



A LUA-DE-MEL passou rápida e fugaz, e a jovem não compreende o porquê. No entanto, o motivo pode ser simples e perfeitamente removível. Não será um pequeno descuido com a higiene pessoal? Não corra esse risco. Assegure sua felicidade, permanentemente, por um meio fácil: use para a higiene íntima o germicida **LYSOFORM**.

★

Lysoform possui outras aplicações muito úteis. Leia a bula para conhecê-las e observar a dosagem indicada em cada caso.



LYSOFORM
ANTISSÉPTICO MUNDIAL

Par. am — Casa de Amigo

A falta de uma flor

ÀS VÊZES, a falta de pequeninas coisas em nossa vida nos perturba mais do que as grandes. Uma velha abotoadura que desapareceu não se sabe onde, um insignificante anel sumido, uma bolsinha de niqueis que nos acompanhava há muito tempo, e que se perdeu de uma hora para outra, qualquer objeto sem importância aparente que esquecemos em algum lugar, enfim, uma simples coisa à-tó-a, nos põe logo em estados de verdadeira inquietação, de sincero aborrecimento por várias horas. Sentimo-nos por isso um pouco infelizes, tristes mesmo com a ingratidão da vida.

A razão é que costumamos transmitir aos objetos que nos servem, a parte emotiva de nossa alma, a parcela de nosso egoísmo sentimental. Eles nos beneficiam com muda obediência, com paciência inorgânica e é da natureza humana gostar de ser passivamente servida ou obedecida. Tudo o que possuímos amolda-se a nós e quase nunca nos é hostil, ao contrário, justamente do que acontece com seres ou com os nossos semelhantes. Verdade é que, uma vez por outra em casos bastante raros, uma gaveta se emperra, um sapato teima, uma gravata se obstina, e então nós nos desatinamos, entregamo-nos a impulsos irracionais. Mas, examinando bem, a culpa nessas ocasiões é só de nossa pressa ou impaciência, de nossa desigualdade pacífica das coisas.

E' nosso erro, e o descarregamos contra aquilo que não provocou o engano, como é de regra na vida do homem. Paga o justo pelo pecador, quase sem-

pre. Entretanto, tais exceções servem para confirmar a regra, segundo a qual a nossa alma, a nossa personalidade vive na disposição costumeira de tudo o que nos cerca. E por aí vemos a importância e influência da casa sobre cada um de nós, e principalmente dos ob-



jetos existentes nela. Ela deve ser o espelho de nossas predileções e, tal como o ninho para as aves, convém que se ajuste ao gosto, ao sentimento e à vocação de quem a habite e nela viva. E' de toda importância que assim seja. Boa casa é a que se parece com o seu dono ou, mais exatamente, com a sua dona, que é a feiticeira de seu ninho. A mulher precisa de ser artista, de cultivar e apurar o gosto artístico, não tanto para escrever ou pintar ou tocar piano, como para espalhar o temperamento dentro de sua casa.

Nisto é que está o seu poema. E ao praticá-lo ou traduzi-lo, torna-se dominadora e pacificadora ao mesmo tempo, e este é o seu destino. A arte assim vivida, assim praticada, se exprime pelo senso da graça e pelo amor da ordem. A ordem, como a sombra, disse um psicólogo, anda com a

própria pessoa. Ela felicita o lar pela alegria. O sentimento de propriedade que nos leva a pôr cada coisa em seu lugar devido, é uma necessidade da estética. Coisas desbaratadas, revolucionadas, desproporcionadas fazem mal aos nervos e têm a força de inquietar. Porém a ordem dos objetos não pode ser geométrica, antes deve seguir a regra do espírito de finura. A geometria é inimiga do gosto. A simplicidade na ordem é o ritmo desta, criando um poder de sugestão, que se chama poesia. E' assim que muitas vezes uma sala é receptiva e sugestiva ao mesmo passo, e tal atração advém de que foi disposta por um espírito criador, que se esconde na negligência da graça.

Há muitos anos que uma criatura tem o costume de colocar em nossa mesa de trabalho um vaso com uma flor, uma flor só. Este gesto ao parecer insignificante vem exercendo sobre o nosso temperamento uma influência extraordinária, definindo-se sobretudo como fator de tranquilidade íntima, como elemento de direção poética, de calma no trabalho.

Agora, esta pessoa irá constituir outro lar e, com as naturais preocupações em tal sentimento, tem-se esquecido às vezes de conceder-nos a presença inestimável da flor de cada dia.

Essa falta é que nos deu a sensação da importância e do valor do ato antigo. E isto só nos põe triste, aborrecido, como que abandonado dentro do silêncio da vida.

PENTE

Perm-o-comb

- ★ conserva o ondulado
- ★ age como escova
- ★ arma o cabelo

O pente PERM-O-COMB possui duas linhas de dentes curvos, em sentido contrário, para dar aos seus cabelos um movimento ondulatório, ao pentear-se. Penetrando bem, PERM-O-COMB age como escova dentro dos cabelos. Desentranhando os fios, arma o cabelo e dá vida ao penteado. Experimente PERM-O-COMB, à venda em todas as casas do ramo.



CR\$ 40,00

Em material plástico translúcido, nas cores: cristal - âmbar - verde claro - verde escuro, em atraente estôjo de lucite.

Caso não encontre PERM-O-COMB na sua cidade, faça a sua encomenda pelo Reembolso Postal, para a Caixa 3108 - Rio

DIST. EXCLUSIVO: POLIMERCANTE DO BRASIL LTDA. - RUA DA ASSEMBLEIA, 104. CAIXA POSTAL 3108 - RIO

LOURA *ou* MORENA

...a graça encantadora
de sua feminilidade,
aprimora-se ao toque
mágico dêsse remate
de sedução que é
Lingerie Valisère —
O traje divinal das
formas divinais. Lingerie
Valisère — corte individual
rigoroso, em tecido indesmalhável.



Lingerie Valisère, em tôdas as suas várias e
elegantíssimas peças, apresenta linhas e tons
modernos, realçando a formosura da mulher.

LINGERIE
Valisère
CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA





A elegância feminina atinge o seu máximo esplendor na envolvente doçura das festas deste mês esplendente. As reuniões sociais deslumbram os espíritos e constituem a irresistível atração para a mulher moderna. Porque nos ambientes de requintada elegância é que ela vive a sua hora encantadora através da sua apresentação social.

Modêlo do Mês é uma sugestão maravilhosa para a mulher moderna.

Modêlo do Mês

JANIS PAGE, a bela estrêla
da Warner Bros

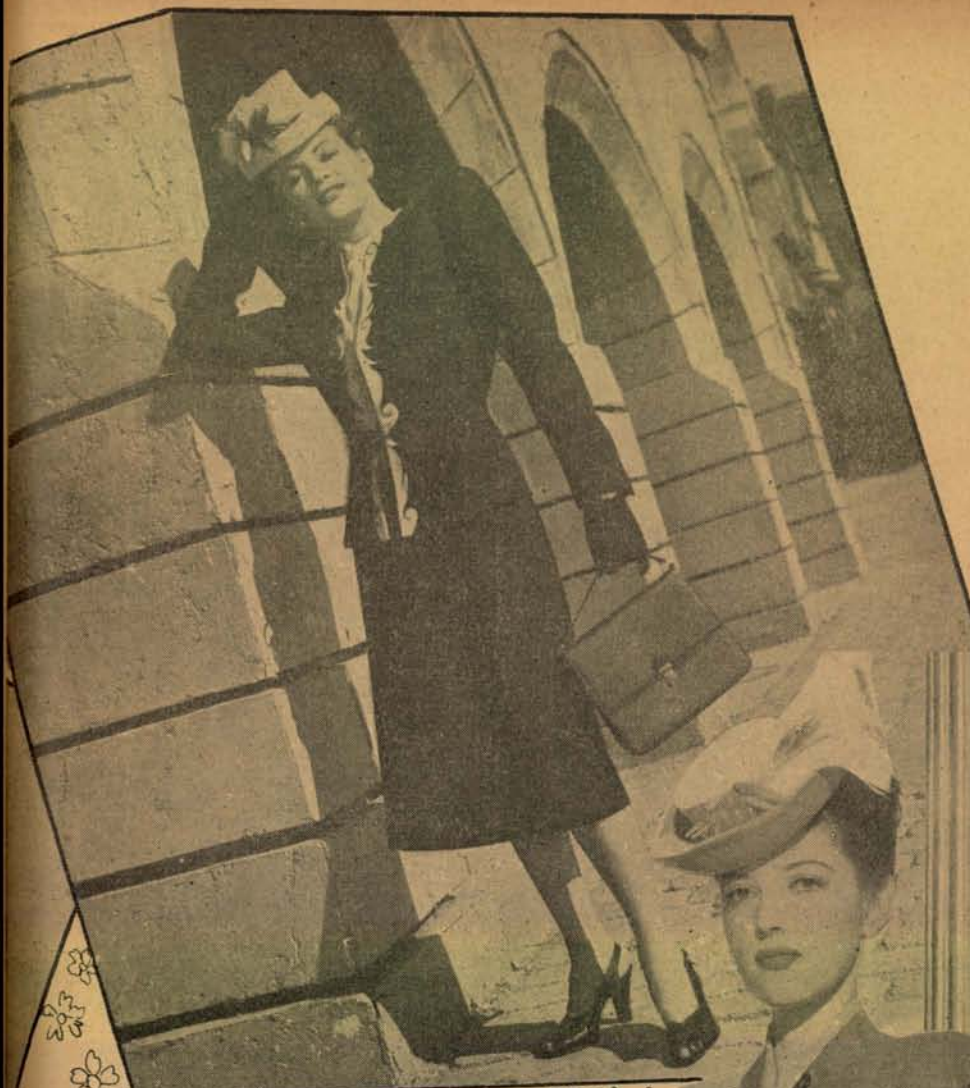


ELLA RAINES, esplên-
dida na moldura do
aristocrático portão de
sua residência em Hol-
lywood, exhibe um mo-
delo de Travis Banton.
E' todo confeccionado
em lã cõr cinza e ama-
rela, abotoado na fren-
te, com cinto no mes-
mo tom dos debruns da
sala. Uma gola de cõr
amarela emoldura o de-
cote. Argolas de ouro
prendem os franzidos
dos punhos. Maravilha-
so, não?



Passaic

A simplicidade do desenho acentua as encantadoras linhas deste admirável costume otomano usado por Yvone De Carlo. É de lã, de um suave marrom, com largos bolsos, e possui uma guarnição "béije" à frente da blusa. Yvonne mesma desenhou o chapéu, contendo os mesmos elementos marrom e "béije" nas cores das penas que o enfeitam.



YVONNE DE CARLO, a grande novidade da Universal, oferece, na página anterior, um esplêndido modelo em lã cor de chocolate, criação de famoso costureiro mexicano. O desenho em V da blusa prende-se dos lados e nos ombros. Completando o conjunto, acompanha um casaco sem manga, drapeado nos ombros. Yvonne usa um chapéu que é uma criação de Kenneth Hopkins, em feltro marrom, de alta copa. Usa acessórios também de cor marrom.

✱

Ao lado, a encantadora Martha Vickers, da Warner Bros, apresenta um elegantíssimo *tailleur* em lã cinzenta, com a nota pitoresca de uma bolsa de verniz enorme. O chapéu é dos mais modernos e possui a eterna peninha...



YVONNE DE CARLO,
a deliciosa estrela
da Universal, sorri
sob a encantadora
sugestão do original
chapéu que apresen-
ta, todo bordado a
prata e a ouro.

S.d.C. - 25

Originais

Original é também este chapéu de camurça
escura, com bordados de seda. Sua copa, alta,
constitui a última manifestação da moda re-
lativa aos tão mutáveis chapéus femi-
ninos, que ora sobem, ora descem, como
que a simbolizar a eterna inquietação de
Eva...

Ostenta-o uma linda "girl" da Univer-
sal.



Minuto Mágico

PARA TRANSFORMAR SUA
CÚTIS EM 3 TEMPOS!



Cútilis sem Viço...

Já experimentou essa desalentadora sensação de olhar-se ao espelho e achar sua cútilis áspera, envelhecida, sem viço? São partículas de pele morta, secreções gordurosas, póros obstruídos por detritos, que dão esta aparência apagada à sua cútilis.



O Minuto Mágico...

Mas sua cútilis poderá ser suave, limpa, aveludada, em 60 segundos — num Minuto Mágico! Aplique o alvo e macio Creme Evanesciente Pond's em suas faces, em sua garganta e em sua testa. Depois de um minuto, remova essa máscara cremosa.



Nova Cútilis suave, aveludada!

Sua cútilis se transformará... num Minuto Mágico. Em 60 segundos, a ação *keratolítica* do Creme Evanesciente Pond's dissolve e remove as impurezas que se depositam sobre a epiderme. E seu rosto surgirá mais limpo, mais claro, com mais frescor...



Condessa
Irene de Bojano

figura de relevo da nossa alta sociedade declara: "O acetinado e o frescor de minha cútilis são resultado do método Pond's."

Duplamente útil à sua beleza!

MINUTO MÁGICO

Mantenha o viço e a suavidade de sua cútilis, usando o Creme Evanesciente Pond's, como recomendado acima. Ficará encantada com os resultados.

BASE PARA PÓ DE ARROZ

Use sempre, como base para pó de arroz, uma leve camada de Creme Evanesciente Pond's. Manterá sua pele fresca e seu make-up lindo!



★

RUTH WARRICK, a deliciosa estrela da Colúmbia, apresenta uma soberba toalete para a noite, em crepe negro, desenhada pelo famoso figurinista francês Jean Louis.



É ainda a insinuante **RUTH WARRICK** quem ostenta estas duas maravilhosas toaletes, idealizadas pelo gênio artístico de Jean Louis para o deslumbramento das mulheres de todo o mundo. Ruth vai aparecer com estes lindos vestidos num belo filme da Columbia.

LESLIE BROOKS, a loura encantadora da Colúmbia, apresenta um modelo verdadeiramente revolucionário de maillot... Gostam?

Chegarão os MAILLOTS

E dêste? Simplesmente maravilhoso, não? É ainda Leslie quem o apresenta, radiosa na sua beleza loura e esvoaçante...





LESLIE BROOKS, ainda... Agora, um *maillot* negro, contrastando com a alvura da epiderme da serela... Para que flexas, Leslie? Não bastam o olhar e o *maillot*?...

MARGUERITE CHAPMAN, também da Colúmbia, oferece um belo tipo de *maillot* e mostra o símbolo eterno do amor: o laço, que prende e, às vezes, enforca...

A INDUMENTÁRIA feminina, nestes tempos dinâmicos por que passamos, tem que aliar o útil ao agradável. Assim o exige a época, cuja confusão não consegue jamais perturbar o ritmo de beleza que marca a personalidade da mulher moderna.

Confirmando esse equilíbrio, Yvonne De Carlo, a graciosa morena da Universal, exhibe aqui um originalíssimo modelo espe-



PRÁTICO

cialmente desenhado pela consagrada Dorothy Thompson.

É um belo conjunto de blusa e saia, esta em *suède* de suave tonalidade *bêije*. A blusa, em *ponçê* mais claro, é fechada com botões arredondados.

Um laço de *suède* marrom fecha o decote. Prático, não? E lindo.

Elegância e personalidade

QUE INDIVIDUALIZAM
A MULHER MODERNA



NOS tempos que correm, com a mulher afastada do seu antigo ambiente de ocio nos lares e integrada no dinamismo das atividades que singularizam o século atômico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compôr o seu guarda-roupa. Ora os estudos, ora o trabalho ou ainda as obrigações sociais, impedem a mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das toaletes que condizem com o seu temperamento e com seu físico.

Por isso mesmo, o Departamento Feminino de A COMPENSADORA foi aparelhado de modo a satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda em vestidos, costumes, casacos, manteaux, blusas, echarpes, bolsas, carteiras, cintos, luvas e demais acessórios para a elegância feminina.

Para cada idade, para cada tipo e para cada silhueta, há no Departamento Feminino de A COMPENSADORA o modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna.

A Compensadora
Modas

Rua Tamoios, 438

CRÉDITOS.

Eis a época das festas aristocráticas, em que a mulher elegante tem a feliz oportunidade de ostentar tôda a sua graça e sedução através das toaletes maravilhosas!

Vemos aqui Norma Turner, nova e elegante estrêla da Universal, ostentando uma originalíssima toailete em sêda prêta, com corpete estilo *directório* e bela capa e chapéu de penas brancas.

MADÉLINE MARTIN, também da Universal, exhibe esta linda toailete a que um véu torna mais sugestiva.

Reveillon

Este maravilhoso vestido que Ella Raines, a sedutora *star* da Universal, ostenta, foi criado por Yvonne Wood e confeccionado em seda branca. Os acessórios de cristal e prata são de um belo desenho, harmonizando-se, magnificamente, como se vê, com as formas coeleantes do... vestido. O decote bem aberto às costas e as alças estreitíssimas, mas firmemente presas por meio de contas de cristal, emprestam mais graça a esta notável Toalette.



ALEXIS SMITH, a deliciosa artista da Warner, apresenta esta perturbadora toalette em seda lisa, cujo encanto o decote profundo acentua e o sugestivo penteado torna mais comunicativo...



Ao alto, Pat Alphin, a mais recente descoberta de Walter Wanger para a Universal. Pat está fazendo um curso de arte dramática. Mas... vejam que "short"!

Agora, um modelo de praia de linhas ao mesmo tempo audaciosas e encantadoras é este que Ivonne de Carlo exhibe. O desenho sugere algo das modas antigas, principalmente na nota sugestiva da gola e na manga três-quartos. Ivonne é da Universal.



Shorts



CÚTIS QUE APARENTAM MEIA-IDADE

readquirem seu viço
e juventude, com **GESSY**

Eminentes dermatologistas afirmam que um sabonete puro é o mais importante agente para conservar a cutis normal e saudável. Rejuvenesça sua cutis usando Gessy, que combate a aparente *meia-idade*.

Gessy possui espuma abundante e ativa, limpa rigorosamente os poros, remove resíduos cutâneos e restos de cosméticos, evitando a perda dos óleos naturais que alimentam e lubrificam a pele. Gessy refresca e estimula a epiderme, torna a cutis suave, juvenil, aveludada.

Comece hoje mesmo esse tratamento de beleza — use sabonete Gessy.

SABONETE **GESSY**



EMBELEZA A CÚTIS



PERFUMA A PELE



DURA MUITO MAIS



Intimidade



FRANCES RAFFERTY, a linda estrela da Metro, ostenta lindíssimo peignoir em seda pesada.

A Festa do Natal

A GRANDE festa religiosa anual que é o Natal, nem sempre foi comemorada no dia 25 de dezembro em todos os países do mundo. Motivava a variedade das datas a controvérsia existente quanto ao dia do nascimento de Jesus Cristo. Só no ano de 336 é que o Papa São Júlio I determinou que o Natal, "a metrópoli das festas", como o denominou São João Crisóstomo, fôsse comemorado no dia 25 de dezembro, quando, segundo esclareceu, nasceu Cristo.

Criam muitos que nascera a 24 ou 25 de abril ou maio, havendo, ainda, teólogos que afixavam o nascimento do Redentor nas datas mais dispares.

Na Igreja do Oriente começou-se a celebrar a festa do Natal a 6 de janeiro e com nome de "Epifânia", juntamente com a festa da Adoração dos Magos e o batismo de Cristo.

A São Telesforo, papa no ano de 142, é atribuído o rito das três missas no Natal: a primeira, à meia noite, hora em que nasceu Jesus, a segunda, na hora em que foi adorado pelos pastores, e a terceira, na hora do dia a que antigamente chamavam "terça", para honrar o triplice nascimento do Salvador.

O dia de Natal foi celebrado com grandes cerimônias e festejos desde os primeiros dias da Igreja, e, para maior regozijo, não se observava abstinência ou jejum de carne, se esse dia caísse na sexta-feira. Antigamente, no dia de Natal, os bispos permutavam pães bento, como testemunho da união dos cristãos, e os enviavam, também, aos reis e príncipes. Uma lembrança desse costume são os presentes, misérvias de afeto e, sobretudo, o pão doce, de origem italiana, precisamente da Lombardia, com figos, passas e amendoas.

*

NÃO SOMENTE PARA CHORAR...

O Serviço de Extensão Agrícola de North Carolina informa que o gás lacrimogêneo dá excelentes resultados para fumigar depósitos de boniats. Destrói os germes que originam a putrefação destes tubérculos nos armazéns e, também, mata toda a sorte de ratos e insetos.

ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1946



Natal e
Ano Bom

sugerem sempre o passado feliz e o futuro risonho. Vem ao nosso pensamento os entes queridos, as pequenas lembranças, os presentes... Um pouco de tudo que a imaginação e a técnica criam de belo e agradável! para esses dias de risos claros e sonhos lídros — é encontrado na MERCI... Todos desejam agradecer com lembranças originais, com presentes felizes. Os presentes da MERCI... agradam sempre: são sempre presentes felizes.



AV. AFONSO PENA, 951

Ensinar a ler e escrever a uma de tuas patricias, será uma grande obra de brasilidade. Brasileira: trabalha um pouco pela grandeza da Pátria de teus filhos, tirando outra brasileira das trevas do analfabetismo!

Julio Diskin

desça aos seus amigos e freqüezes BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO.

ROUPAS FEITAS EM GERAL — BRINS
CASEMIRAS — ETC.

AV. AFONSO PENA, 312 - FONE 2 0430 — BELO HORIZONTE.

VENDAS À VISTA E A CREDITO



TENDÊNCIAS DA MODA

A LINHA 1947

NATAL DE JESUS

Não correr dos dias que fogem, passam-se os anos e desaparecem os séculos, néles se aprofundando no abismo do esquecimento todas as datas que no rigor dos seus feitos agasalham o passado histórico da humanidade.

Uma, porém, a despeito da grande distância que dela nos separa os tempos, permanece cada vez mais viva e brilhante no domínio dos povos: o nascimento de Cristo.

Há vinte séculos nascia em Belém de Judá, Jesus, o Divino Salvador.

Aos campos de Moab foi a Boa Nova, primeiramente, levada. Ali, na vigília da noite, guardavam seus rebanhos, diferentes pastores daquelas regiões. A estes um anjo do Céu proclamou a linda mensagem de Deus aos homens.

"Não temais, é que hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador que é o Cristo Senhor". E no mesmo instante apareceu uma multidão da milícia celestial cantando e louvando a Deus.

"Glória a Deus nas maiores alturas e paz na terra entre os homens a quem ele quer bem".

Logo, imediatamente abandonando tudo, deixaram aqueles homens os campos em demanda à cidade indicada pelo anjo.

Belém, a pequenina aldeia de Judá, se acotovelava de gente por todos os cantos, a fim de atender ao decreto de Augusto César mandando que cada um se alistasse na sua própria terra, para que todo mundo fosse recenseado.

De Nazaré, também para tal fim, vieram a Belém, Maria e José, pois pertencendo à linhagem de Davi, ali competiam alistar-se.

Em vão procurou o santo e bendito casal uma hospedagem onde pudesse, guardados das intempéries da noite, descansar da longa viagem empreendida.

Uma cavalariça aos fundos de uma estalagem, foi por fim, não havendo outro qualquer lugar, o sítio escolhido por Maria e José. Ali, pois, ao agasalho de uma toseca mangedoira nasceu o Redentor dos homens.

Do Oriente, ao saberem do faustoso acontecido, vieram ao Presépio de Belém, os Reis Magos. Vendo o Menino Jesus envolto em faixas e panos, como lhes fora dito pelo anjo, abriram francamente os seus cofres e em abundância ofereceram ao santo de Deus: ouro, incenso e mirra.

Plena de alegria se sente a Virgem Mãe por aquela rica homenagem e muitas outras prestadas ao seu querido filho.

Cristo veio ao mundo trazer a paz de Deus aos homens. Estes, porém, o desprezaram, preferindo as glórias da terra às grandezas do Céu. Mataram, enfim, o Príncipe da Paz, o Amor da Vida.

Vinte séculos já são decorridos do glorioso Nascimento. Os anos, porém, no seu contínuo suceder, nem os tempos que se alongam, serão capazes de empanar o brilho alçado na Mangedoira de Belém.

RECENTEMENTE, o conselho de costureiros de Paris anunciou haver indícios de uma tendência na moda feminina para o próximo ano que se caracteriza pelo talhe fino e as cadeiras salientes.

Conquanto haja uma velada reação dos médicos, que consideram a "cintura de vespa" prejudicial à saúde, a tendência se acentua cada vez mais, numa promessa de que a moda retornará, sob vários aspectos, aos tempos das anquinhãs...

Realmente, a moda não se preocupa muito com a saúde das elegantes que seguem fielmente os seus ditames.

Quando se iniciou a última grande guerra, as saias apertadíssimas ficaram muito em moda em Paris. Os médicos as condenaram. Nada adiantou, porém.

Sostienen sugere que as saias sejam drapeadas de modo que as cadeiras possam sobressair-se, artifício que constitui um singular atrativo e evita o rigor da dieta, indispensável para a diminuição da cintura. Com tal artifício, deve haver um equilíbrio na toalete, como seja mangas largas e ombros volumosos.

A tendência promete uma moda interessante e, com toda certeza, o mundo feminino parisiense a seguirá. Porque na realidade, é tolice procurar convencer a mulher elegante que a exigência da moda caprichosa lhe será prejudicial à saúde...

A linha para 1947 será simples mas fascinante, numa evocação das velhas modas das vovós elegantes. Não terá, logicamente, as complicações de antanho. Será dinâmica como a época atual, imprimindo, porém, à silhueta da mulher moderna um pouco da poesia romântica das épocas extintas...



Modelo sugestivo, com ombros largos e mangas curtas e amplas. Indica claramente a linha para 1947 na fascinante Paris.



Exemplo clássico da silhueta para 1947. A cintura fina e o busto amplo e golas largas.



Outro interessante modelo para 1947. Observem as anquinhas e o talhe aristocrático das mangas.

Enquanto a linha 1947 se anuncia, plena de originalidade, os costureiros continuam a exhibir, nesta estação, suas coleções brilhantes, variadas e cheias de novidades.

Eis as tendências mais em voga nas casas de Paris:

"Tailleurs" abotoados do lado, com blusas ajustadas, cinturas estreitas e saias lisas, drapeados em um dos lados.

"Coques" em "faille" sobre vestidos pretos. Contornam os quadris, formando "boucle" nas costas e caindo em pregas soltas.

Interessante é um modelo "Modestie", em tule rosa e preto cobrindo o decote a século XVIII. O tule é pregueado ou franzido e às vezes enfeitado com uma flor. Cintos que se unem nas costas: em couro de porco para os vestidos esportivos e em verniz preto para os outros.

Os pássaros continuam em grande moda. Sobre um chapéu ou no ombro, uma asa no cruzamento de um decote ou penas de passaros na barra da saia. Também há flores artificiais de tons rosa e verde claro, colocadas sobre os ombros.



PILSEN EXTRA

PILSEN é o nome de uma das mais antigas e afamadas cervejas do mundo.

PILSEN-EXTRA mantém, com suas incomparáveis qualidades, a tradição de uma grande marca.

Produto
ANTARCTICA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELLO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pedir ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio

Nome _____

Rua _____

Cidade _____ Estado _____



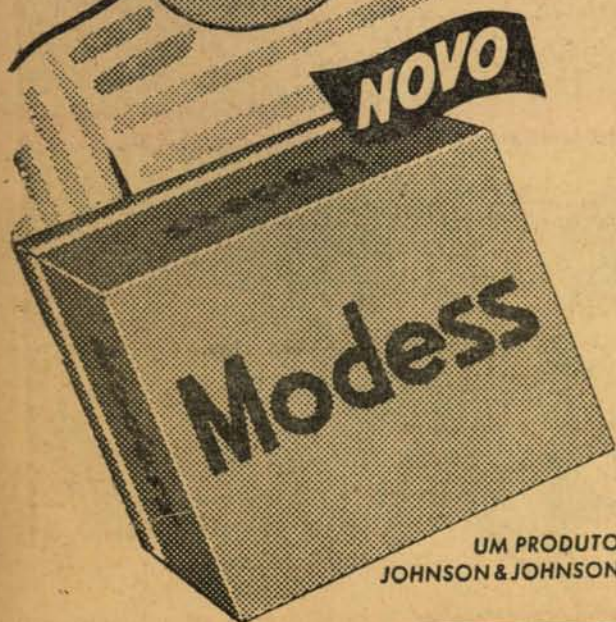
Se usa toalhas higiênicas comuns...



Veja o que dizem 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras consultadas sobre o assunto!

RECENTE inquérito, feito em Belo Horizonte entre 1.000 senhoras e senhoritas, afirma que três entre quatro mulheres consideram o novo Modess a mais segura proteção para os dias críticos, por ser *mais absorvente, mais macio, mais higiênico*. Se ainda não usa o novo Modess experimente *êste mês* *êste novo conforto e proteção!* Ideado e feito, ponto por ponto, para atender às necessidades femininas, Modess é sua garantia nos dias críticos.

- **MAIS ABSORVENTE**
- **MAIS HIGIÊNICO**
- **MAIS MACIO**



AMOSTRA GRÁTIS — Envie-nos Cr \$1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 152 — Belo Horizonte.

7 - AAA - 246

NOME

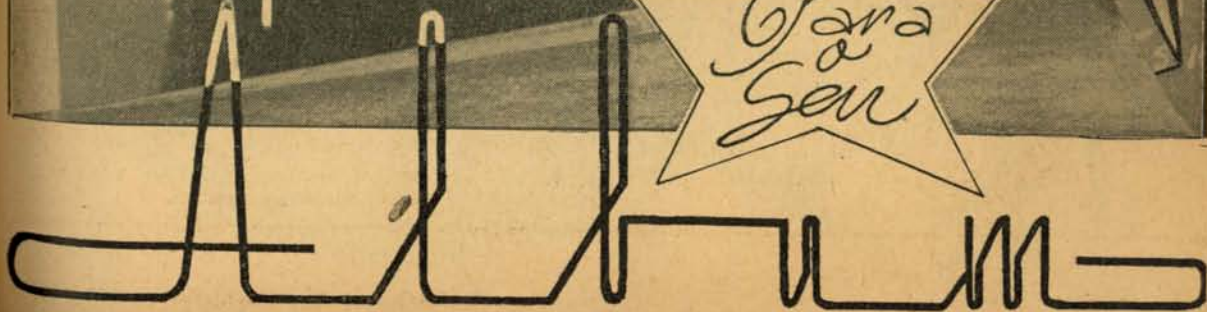
RUA

CIDADE

ESTADO

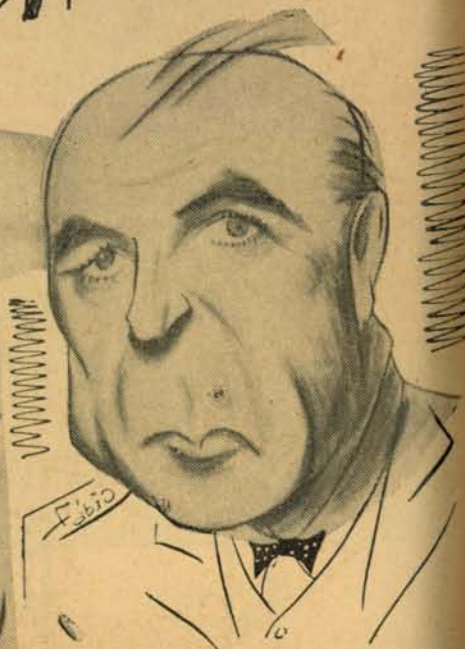
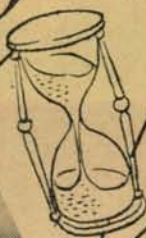
N. B. — *Êste cupom e a importância de Cr \$1,00 devem ser remissos pelo correio, registrados.*

HAROLD LLOYD, o grande artista que retorna à tela, surpreendendo os fans e acordando doces reminiscências... Pertence à Fox.





Flora e Maria



SE é certo o conceito de que o espírito não envelhece, também é exata a afirmação de que o artista de cinema custa a ficar velho... Custa, mas fica.

O milagre da maquiagem não pode repetir-se indefinidamente, está claro.

Pola Negri foi um caso fenomenal de mocidade a poder de artifícios, mesmo numa época em que a técnica rejuvenescedora dos processos químicos não havia adquirido ainda a sua incrível eficiência de hoje em dia. Como durou a Pola Negri!...

Olhemos o Adolpho Menjou de hoje e comparêmo-lo àquele inconfundível brumel de há 15 anos passados... O Lewis Stone mesmo! Que diferença! Mas, mesmo assim, ainda não está ruim, não! — devem eles dizer com os seus botões... Mas, na verdade, essa questão de velhice para os homens — os que são artistas de cinema, bem entendido... — não tem agora muita importância, não. Vocês não vêem o Joseph Cotten? Galã, o da. nado, aos quarenta anos! Beijando Jennifer Jones...

O pior é para as artistas. Quando Greta Garbo disse há pouco que ia embora para a sua terra, a Suécia, pensamos:

(Conclui na pag. 194)



Cornel Wilde



Cornel Wilde

★ CORNEL WILDE é, no momento, a grande sensação de Hollywood. Depois de sua destacada "performance" em "A Noite Sonhamos", tecnicolor da Colúmbia, em que encarnou o amargurado Chopin, o estúdio não lhe dá uma folga, já que as fans do mundo inteiro desejam ver constantemente na tela a figura simpática do novo "astro".

O jovem Cornel muito teve de lutar para atingir a posição de destaque que hoje desfruta. Nasceu em Nova York e filho de um oficial do Exército húngaro que ali se estabeleceu, teve de partir, ainda pequeno, para Budapeste, por ocasião da primeira Grande Guerra por ter seu pai chamado para servir à Pátria. Somente em fins de 1920 o Capitão Wilde conseguiu arranjar passaportes para regressar à América. Lá fez o pequeno Cornel o curso primário, ingressando aos 16 anos na Universidade de Colúmbia. Mas não pôde terminar o curso, pois, tendo o pai sofrido um choque traumático, os médicos prescreveram-lhe um largo repouso. Voltou, assim, a família para Budapeste, e Cornel ali matriculou-se em uma escola de Arte, ao mesmo tempo que praticava arduamente a esgrima.

Regressando definitivamente à América em 1931, aceitou quanta espécie de emprego lhe apareceu — desde vendedor de brinquedos até modelo de publicidade. Cismou, então, em tornar-se médico, abandonando logo depois a idéia para meter-se em teatro, tendo aparecido em pontas em diversas peças, nenhuma de sucesso.

Foi em 1936, quando se encontrava à cata de emprego, que conheceu a moça dos seus sonhos, Patricia Black, uma belíssima loura, com que se casou alguns meses depois.

Apesar de ser hoje em dia um dos mais cotados artistas, Cornel continua a ser o rapaz simples e nada pretencioso que sempre foi, vivendo uma existência pacata e feliz ao lado de sua esposa, a encantadora Pat...

De Cinema



Charada do Fan

ADORÁVEL ENGANO é o filme do qual apresentamos em nossa edição de outubro último uma cena com Frea Mac Murray e Claudette Colbert. Cerca de trezentas respostas nos chegaram de todos os recantos do país, sendo sorteado, entre as cartas dos fans que acertaram, a resposta da leitora Ivone da Silva, residente à rua Gabro, 106, Santa Teresa, nesta Capital.

A charada desta edição é, como vêem, facilíssima... O fan somente dirá como se chama a elegantíssima velha que aparece acima. Trata-se de uma admirável artista com um cartaz de causar inveja à Greer Garson ou mesmo à Gilda... Observem bem a docura fisionômica da querida velhota e escrevam para: Revista Alterosa. Secção de Cinema. Caixa Postal, 279. Belo Horizonte. Estado de Minas Gerais.

✱ ✱



Dorothy Lamour

das a ouviu cantar. Pronto, Lamour, à força de conselhos, foi fazer uma perigosa experiência num programa de calouros do clube noturno do Hotel Morrison. Abafou. Talento, voz e beleza não lhe faltavam nem faltam. Ficou cantando ao luxuoso clube. Depois, o cinema. O resto, todo mundo sabe...

Bisbilhoticos

Os louros estão francamente em voga em Hollywood. Os representantes mais cotados são Stirling Hayden, Van Johnson, John Lund e Sonny Tufts... Que tal?

✱

Grças as suas indiscutíveis qualidades de pianista e atriz, Diana Lynn foi admitida como membro da Fraternidade Nacional, entidade que conta, no seu reduzido quadro social, com Loretta Young, Anne Baxter e Greer Garson.

✱

Diz-se em Hollywood que a loura Lana Turner repetirá sua viagem ao Rio de Janeiro, atraída pelos olhos negros de um tritão de Copacabana... Será possível, Lana?



Jennifer Jones

De Ascensorista à Estrela

DOROTHY LAMOUR...

Vem-nos logo à lembrança aquela sarong infernal que ela lançou, causando sensação. Muita gente não sabe que Lamour era ascensorista de uma importante casa de modas de Chicago. Era. Saía exausta do batente e ia cantar. Não tendo nunca recebido lições de canto, julgava não ter talento. Mas um dia, um dos chefes da casa de modas

a ouviu cantar. Pronto, Lamour, à força de conselhos, foi fazer uma perigosa experiência num programa de calouros do clube noturno do Hotel Morrison. Abafou. Talento, voz e beleza não lhe faltavam nem faltam. Ficou cantando ao luxuoso clube. Depois, o cinema. O resto, todo mundo sabe...

Próximos filmes

Jennifer Jones e Charles Boyer aparecerão juntos no filme "O Professor e a Camareira", autêntico sucesso da Fox.

✱

Merle Oberon vem aí numa película admirável: "Tentação".

✱

Nelson Eddy assinou longo contrato com a Republic. O seu primeiro film será "Russian River" com canções de Rudolph Frimmel.

✱

Mickey Rooney, o endiabrado da Metro, aí vem numa comédia movimentada, tendo Lewis Stone como o eterno juiz Hardy... Ainda não tem título em português.



Assegure

com POND'S
rigorosa limpeza
intra-cutânea

Para ostentar uma cutis

mais clara

mais alva

mais bela!

★ A limpeza *exterior* da pele é importantíssima para a beleza e suavidade da *cútis*; mas, mais importante ainda, é a limpeza *intra-cutânea* — a limpeza dos poros, através dos quais a epiderme respira, renova-se, vive! Assegure, pois, a limpeza *integral* de sua epiderme, com Cold Cream Pond's. Graças à sua poderosa ação dissolvente, o Cold Cream Pond's dissolve e remove completamente o sujo, os detritos, os resquícios de pele morta e as camadas envelhecidas de *make-up* que se depositam sobre

a epiderme. Pela ação ultra-penetrante de seus componentes, infiltra-se nos poros, assegurando rigorosa *limpeza da pele*. Adote este duplo tratamento Pond's e verá, deslumbrada, sua *cútis* se transformar rapidamente, tornando-se mais clara, mais alva, mais bela. Use o Cold Cream Pond's religiosamente, todas as manhãs. E, para obter sua *suavidade e beleza extra*, para sua *cútis*, aplique-o, também, à noite.

POND'S





*Susana
Rossi...
de verdade!*



A deliciosa JOAN FONTANA aparece nestas páginas em toda a evidência de seu fascínio irresistível... Abaixo, a perturbadora SUSANA observa as reações de DENNIS O'KEEFE, o impassível... Na página seguinte, vêm-la: sonhadora, com GEORGE BRENT, o feliz... na fita; sorridente, com DON DE FORE; e elegantíssima, com WALTER ABEL... BILL DOZIER não aparece, mas é ele quem manda...



AINDA está bem viva em nossa memória aquela trêfega e encantadora criatura que Joan Fontaine encarnou com tanta graça e perfeição, num filme da Columbia: *Susana, Fascinante criatura!*

Apaixonou, loucamente, Dennis O'Keefe, Don De Fore e Walter Abel, mas seu coração bulhoso era todo do elegante George Brent... Que rapaz de sorte! Ora, mas na fita, porque na vida real o felizado é Bill Dozier.

Joan Fontaine e Bill Dozier "fugiram" de Los Angeles num grande transporte, e no dia seguinte chegaram à cidade do México. Do aeropôrto foram diretamente para a casa do casal George

(Conclue na pag. 193)

Senhoritas



Srta. Rizza Araujo Porto, da sociedade da Capital.



Srta. Salli Cançado, da sociedade belorizontina.



Srta. Aparecida Assis da sociedade juiz-deforama.



Srta. Candida Ribeiro, da sociedade da Capital.



Srta. Helena Marcolli, da sociedade da Capital.



A.B.C.

da proteção dos dentes



1. Limpe os dentes devidamente... Não apenas na face externa, mas também na face interna. E não deixe, também, de escovar as gengivas, para fortalecê-las.

2. Limpe os dentes freqüentemente... Não suponha que uma escovação diária é suficiente. Escove pelo menos ao levantar-se e ao deitar-se e, se possível, após as refeições. Evitará, assim, a fermentação dos resíduos alimentares e... muitas cáries.

3. Consulte seu dentista... Mas não deixe para fazê-lo somente quando o dente estiver doendo. Seu dentista é o melhor protetor de seus dentes. Consulte-o pelo menos de 6 em 6 meses.

4. Selecione sua alimentação... Os dentes têm vida e dependem dos alimentos que ingerimos... Prefira alimentos ricos em cálcio e vitaminas A, C e D, que ajudam a manter seus dentes fortes e são.

5. Use um dentífrico completo... Use Gessy! Gessy combate as bactérias e a fermentação, limpa e alveja os dentes! Contendo leite de magnésia, Gessy evita o excesso de acidez e combate o tártaro. De espuma abundante e ultra-penetrante, Gessy atinge onde a escova não atinge — protege no ponto vital.

CREME DENTAL

GESSY



A ESPUMA
GOSTOSA
QUE
CLAREIA
OS DENTES

O Cabelo NA BELEZA *Jennifer*

Na pagina seguinte, vemos JENNIFER JONES e DOROTHY LAMOUR as famosas estrelas da Paramount. Para a beleza de ambas, como vemos o cabelo constitui um complemento maravilhoso...



FRANCES GIFFORD, a elegantíssima estrela da Metro, cuida diariamente de sua linda cabeleira. Vêmo-la, aqui, escovando-a, e na sua fisionomia transparece a tão feminina alegria que lhe causa a proveitosa tarefa...



ESTÁ provado que não é privilégio da mulher moderna ocupar-se de sua aparência pessoal e em particular do seu penteado. Desde tempos imemoriais, nossas bisavós, tão mulheres como as de hoje, tratavam de criar novos e complicados penteados no justificável propósito de parecerem mais belas. Certo é que na maioria das vezes, o arranjo do penteado pecava pelo exagero, mas é também verdade que as mulheres antigamente não possuíam os segredos de beleza que o progresso tem criado. Ademais, naquelas épocas, os entendidos rareavam e não havia pode-se dizer, quem aconselhasse métodos ou processos. Nos nossos dias, porém existem milhares de instituições especializadas dotadas de magnífica aparelhagem para o tratamento da mulher moderna.

Indiscutivelmente, o cabelo é um dos mais poderosos encantos da mulher. Apesar disso, nem todas lhe dão os cuidados de que necessita.

Certa frase feminina exemplifica bem até a que ponto algumas mulheres deixam seus cabelos abandonados:

— Faço uma permanente após outra, porque só quando está ondulado é que meu cabelo toma jeito.

Duplo erro. Uma ondulação sobre a anterior faz com que os cabelos percam grande parte de sua beleza. Outro erro, aliás

(Conclui na pag. 164)



Em suas novas instalações,
a INDIGENA apresenta-
lhe as mais interessantes
novidades em calçados
finos para senhoras, bolsas
e sombrinhas.

SAPATARIA INDIGENA

Rua S. Paulo 552

Fone 2-3525

BELO HORIZONTE

* *

FILIAL EM VITORIA — EST. ESP. SANTO

Rua Jerônimo Martins, 377

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

ANTISARDINA

o creme distinção

Encare o futuro con-
fiante e sem receio
de que sua cutis per-
ca o frescor, a ma-
ciez e a atração dos
verdes anos, usando
ANTISARDINA
o creme distinção.
ANTISARDINA
não rejuvenesce,
prolonga a mocidade
da cutis.

HA, no cinema, certa categoria de homens que vêem a beleza feminina sob aspectos imperceptíveis aos demais. São os que ficam por trás das objetivas — os *cameramen*. São os artistas do claro-escuro e, sob as luzes, sombras, gambiarras e cenários, expendem suas opiniões abalizadas.

Há vinte anos passados, o famoso William Daniel, que fotografou Greta Garbo desde que a notável estrela sueca veio para a América, expressou-se desta forma sobre o seu ideal de beleza cinematográfica: um misto de Greta Garbo, Norma Shearer e Jeanette Mac Donald.

A respeito do complexo problema da beleza cinematográfica, George Folsey, um dos azes da camera da Metro, dizia sempre não acreditar que um grande artista conseguisse realmente definir o que seja a artista verdadeiramente bela. Era ele de opinião de que a beleza não tem um padrão que possa ser previamente estabelecido, o que determina uma eterna divergência de opiniões.

— Cada rosto — dizia Folsey — apresenta um problema diferente. Uma face excepcionalmente redonda, por exemplo, exigirá fortes luzes angulares para produzir sombra nas faces e fazer o rosto mais comprido. Numa face, a linha do nariz é o que observamos mais cuidadosamente. Um contorno de nariz claramente definido é essencial para a beleza que deve desafiar a objetiva. As luzes têm que ser ajustadas tanto dos lados como de frente, afim de impedir sombras que causem qualquer deformação. É necessário experimentar muitas vezes todos os diferentes sistemas de iluminação a usar para cada estrela. Naturalmente, os *close-ups* requerem cuidados mais minuciosos do que qualquer outra cena. Para uma fisionomia comum, isto é, de feições regulares, e dimensões médias, a iluminação própria consiste em cercá-la de uma luz suave, muito difusa, irreal mesmo, em vez de usar poucos focos de brilho intenso. Em outras palavras, procura-se obter uma tonalidade, a mais aproximada possível da suave luz natural. As luzes são sempre aplicadas diretamente, afim de evitar que se espalhem sombras mais ou menos acentuadas.

Ingrid Bergman, a deliciosa sueca, foi considerada, recentemente, em Hollywood, por um grupo de *cameramen*, como um tipo ideal de beleza cinematográfica. Sob o aspecto da originalidade, Lucille Ball conquistou expressiva maioria de votos.

Outro tipo encantador de mulher para o cinema é Rita Hayworth, a inquestionável *Gilda*, cuja beleza moderna tem suscitado as mais interessantes discussões.

Greer Garson constitui também um tipo admirável de beleza cinematográfica.

Difícil, difícil mesmo, será apontar uma artista que reúna, harmoniosamente, todos os predicados físicos imprescindíveis ao padrão moderno de beleza idealizado pelos mentores da cinematografia. Além disso, acresce a circunstância da fotogenia, pois há belezas que a objetiva não leva para a película com a perfeição que às vezes se espera.

Éis um eterno problema: encontrar uma artista que personifique a beleza feminina idealizada pelos estetas do claro-escuro.

Este problema, porém, será eterno, porque eterna é a insatisfação do homem, tanto na arte como na vida. Através dos anos, virão outras Bergman, Jergens, Garson, Hayworth, que farão delirar as platéias do mundo. Mas os artistas do claro-escuro balançarão a cabeça, desanimados, numa eterna divergência de opiniões.

E a beleza feminina no cinema continuará a ser o que é na vida real: diferente para cada gosto, cambiante para cada mulher e torturante para todo artista...

✱

Ingrid Bergman, da Metro; Rita Hayworth, da Columbia, e Lucille Ball, da Fox.



A BELEZA FEMININA NO Cinema



Comer Bem



um livro consagrado pelas donas de casa!

As grandes e sucessivas edições de COMER BEM são a maior prova de consagração desse livro. Milhares de DONAS DE CASA o possuem hoje. Milhões o possuirão amanhã. Oferecemos agora a edição de 1946, apresentando novas receitas de saladas, sandwiches, bolos, doces, assados, cocktails, sorvetes, licores, "egg-noggs" coblers, smachscrustas, variedades de refrescos e novidades. — COMER BEM vale por uma biblioteca de arte culinária.

Dona Benta recomenda:



AS SALADAS: São os pratos que mais põem em evidência o capricho e o bom gosto de uma dona de casa. Preparadas com arte, esmero e cuidado, elas enfeitam a mesa, predispõem favoravelmente os convidados e provocam elogios.



OS SANDWICHES: A arte de preparar sandwiches dia a dia se refina e se aperfeiçoa, apresentando novas variedades de forma e gosto, algumas tão extravagantes que causam surpresa aos olhos e ao paladar. Os sandwiches minúsculos, bem preparados, são deliciosos.

O ARRANJO DA MESA:

A decoração da mesa deve obedecer a um princípio de distinção que, à primeira vista, impressione agradavelmente. Nada de complicações que a tornem desagradável aos nossos olhos. Combine com arte os utensílios para dar à mesa um realce que revele delicadeza e bom gosto.

Volume com 600 páginas Cr\$ 30,00



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 - S. Paulo

ATENDEMOS PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

RUA DO OUVIDOR, 94
RIO DE JANEIRO



RUA 15 DE NOVEMBRO, 144
SÃO PAULO

ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1946

QUANDO não se dispõe no lar de espaço suficiente para dar aos móveis uma distribuição certa e cômoda, é necessário, quase sempre, recorrer-se aos biombos, que aliás se apresentam na atualidade com interessantes inovações.

Através das sugestões que temos o prazer de apresentar às nossas leitoras, observa-se o bom gosto que preside à criação dos modernos biombos.

Na primeira gravura, por exemplo, vemos

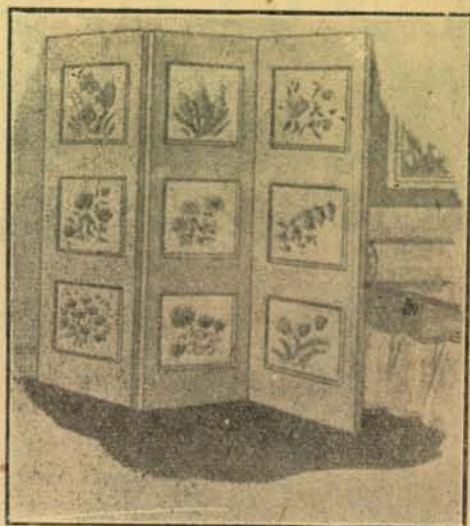


FIG. 1

um biombo de dormitório, que nos oferece um alegre e lindo motivo floral, em nove quadros distintos nos desenhos e no colorido.

Na segunda gravura, temos outro, para living, de linhas sóbrias e pintado em cor natural.

Por último, oferecemos a sugestão de uma biblioteca moderna para apartamentos de casas *chics*. Constitui-se de três estantes bem dispostas, ocupando um ângulo do aposento para a maior amplitude do recinto. Inú-



FIG. 2

meras idéias como estas estão sendo postas em prática à força da necessidade premente de se aproveitar todo o espaço de uma casa. Então, no que concerne à biblioteca, há uma variedade enorme de sugestões, cada qual mais cômoda e elegante. Entre elas, destaca-se a biblioteca que consiste numa sólida estante própria para ser embutida na parede dos gabinetes.



FIG. 3

BEBIDA
Diplomática...

Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS

A
*Joalheria e
Relojoaria
Theodomiro Cruz*
da
VIUVA THEODOMIRO
CRUZ & FILHOS

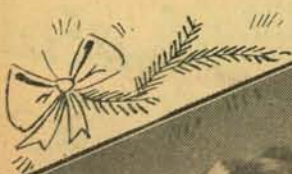
deseja aos seus distintos amigos e frequentes

*Feliz Natal
e
Próspero Ano Novo*



**JÓIAS FINAS — RELÓGIOS —
ARTIGOS PARA PRESENTES**

Praça 7 de Setembro
Fone 2-2709



Crianças



Maria Teresa,
filha do casal
d. Maria He-
lena Martins-
dr. José C. S.
Martins, desta
Capital.

*

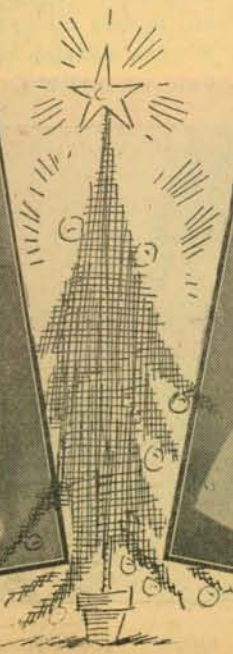
Sônia, filha do ca-
sal d. Iolanda B.
Fonseca-dr. Augus-
to Fonseca, desta
Capital.



Nadir, filha
do casal d.
Nadir Batis-
ta-sr. Oscar
Batista, des-
ta Capital.

*

Nelson Vitorio, filho do ca-
sal d. Helena L. de Almei-
da-sr. Iria de Almeida, des-
ta Capital.





Irene, filha do casal d.
Ligia de Araujo-sr. Luis
Zanandrea, desta
Capital.



Aristarco, filho do
casal d. Catarina
Fonseca - Eustaquio
Fonseca, desta Ca-
pital.



Angela, filha do casal d. An-
gelina Medeiros-sr. Edmundo
Medeiros, residente nesta Ca-
pital.



Maria Helena,
filha do casal
d. Mariinha Ma-
ciel-dr. Ernes-
to Maciel.



Ana Maria, filha
do casal d. Ade-
lina Medeiros-sr.
Edmundo Medei-
ros.





Revestiu-se do máximo brilhantismo a homenagem que os funcionários dos "Diários Associados" de Minas, ofereceram, em novembro último, no Minas Tennis Clube, ao Dr. Gregoriano Canedo, por motivo de sua ascensão ao cargo de Diretor Geral dos "Diários Associados" do Brasil. Ao jantar, compareceram todos os funcionários de "O Estado de Minas", "Diário da Tarde", e das emissoras "Guarani" e "Mineira", e expressivas figuras do jornalismo mineiro. A foto focaliza o Ilustre homenageado proferindo o seu discurso de agradecimento.

*



Realizou-se, no Conservatório Mineiro de Música, em novembro último, magnífica audição de alunos. O programa foi realizado sob expressivos aplausos. Na foto, professores e alunos em pose especial para esta revista.

*

Aniversariou, em novembro último, o interessante garoto Marco Aurélio, filho do casal d. Olinda Machado Baroni-sr. Orlando Baroni. Na foto, o aniversariante entre seus pais e amigos que o foram cumprimentar.



Realizou-se, em novembro último, em São Paulo, a sessão solene de instalação da Câmara Brasileira do Livro, vendo-se, no clichê, a mesa diretora dos trabalhos, composta dos srs. Roberto Costa, José de Barros Monteiro e Edgard Cavalheiro.

em Revista



Constituiu expressivo acontecimento social a inauguração da filial da "Casa Mercê" em Belo Horizonte. A foto registra a bênção das luxuosas instalações da casa especialista em artigos finos para presentes.

*

Realizou-se, em julho último, em Aparecida, no Estado de S. Paulo, o enlace matrimonial da srta. Regina Maria Francisca Cartolano Addêo, filha da viúva sra. Miquelina C. Addêo, com o Tte. Francisco Cipolli Montenegro, filho do casal d. Salézia Cipolli Montenegro-sr. Antonio Pinto de Menezes Montenegro. A foto é um flagrante dos noivos após a cerimônia religiosa.



Realizou-se, nesta Capital, em novembro último, com a presença do Interventor Federal, a cerimônia inaugural da Maternidade do Hospital Militar. Saudou o Sr. Interventor, num brilhante discurso o capitão médico dr. Altaír Camargos. A foto registra a solenidade da inauguração.

*

Acontecimento social do maior relevo foi o casamento, realizado em novembro último, da srta. Cléia Dalva Luciano Campos, filha do sr. Vitor Campos-d. Nenem Luciano Campos, com o dr. Aloisio de Andrade Faria, médico e filho do dr. Clemente Faria, diretor-presidente do Banco da Lavoura, e de sua exma. esposa, d. Geni Faria. Testemunharam o ato civil, por parte da noiva, o Sr. e Sra. Dr. José Flávio Nelson de Sena, Dr. Geraldo L. Pereira e Sra. Dr. Inácio Magalhães; do noivo: Sr. e Sra. Dr. Giovanni Vecchio. No ato religioso, por parte da noiva, Sr. e Sra. Dr. Clemente Faria, Sr. Antonio L. Pereira e D. Angelina Campos; do noivo, Sr. e Sra. Vitor Campos, Sr. Gilberto Faria e Sra. Dr. Donato Andrade. Na foto, um flagrante da cerimônia religiosa.



Arte Culinária

A PRESENTAMOS aqui às nossas leitoras algumas sugestões práticas sobre a melhor forma de preparar alguns petiscos agradáveis para a ceia de Natal. Na falta de farinha de trigo e outros produtos e gêneros usuais, escolhemos um cardápio prático, tanto quanto possível, para facilitar a organização de uma ceia que já se tornou tradicional.

Cardápio

PERÚ RECHEADO A MODA TURCA

Limpe o peru e prepare o seguinte recheio: Cozinhe ligeiramente 4 colheres das de sopa de arroz, com um pouco de sal, escóe a água, adicione ao arroz duas xícaras de castanhas cozidas e cortadas em pedacinhos, meia xícara de passas (sultanas) lavadas e enxutas, duas colheres das de sopa de nozes picadas e pistaches torradas, sem pele, e meia colher das de sopa de manteiga, e algumas azeitonas inteiras. Tempere com sal, pimenta do reino, encha com este recheio o peru, e asse-o em forno quente.

GALINHA A ESPANHOLA

Uma galinha, 1 quilo de tomates, 12 pimentões, 1/2 quilo de linguiça, 1 colher de manteiga, 8 cebolas, 1 quilo de batatas inglesas.



Corte a galinha em pedaços e tempere bem. Depele os tomates e corte-os em rodela, procedendo de igual modo com a linguiça. Descasque as batatas e corte-as em rodela, fazendo o mesmo com as cebolas. Ponha a manteiga na panela e vá colocando os ingredientes em camadas alternadas, sendo a primeira camada de galinha, depois uma de tomate, outra de batatas, outra de linguiça, outra de cebola, outra de pimentão, e assim por diante, até terminarem os ingredientes. Feito isso regue tudo com uma colher de manteiga derretida, leve a panela ao fogo forte até ferver, depois deixe ferver lentamente em fogo brando. Estando pronto despeje num prato fundo e sirva com arroz.

LEITÃO RECHEADO A MINHOTA

Faça uma miscelânea de temperos em que entrem bastante pimenta, alho e cheiro verde; soque essa mistura, juntando-lhe gordura e um fio de azeite. Depois de limpo e preparado o leitão, esfregue-o bem por dentro e por fora, deixando-o repousar umas duas horas. Pique à parte o fígado com um bom pedaço de toucinho, duas fatias gordas de presunto e pão empapado em leite. A esse picado adicione pimenta, salsa picada, manteiga e quatro gemas de ovos, levando ao fogo para refogar. Feito o refogado, encha com ele o leitão, costure a abertura e leve-o ao forno para assar. Ao meio da assadura, retire-o do fogo e exponha-o a uma corrente de ar "para que constipe" (assim dizem os portugueses), voltando ao forno para acabar de assar. Regue-o de vez em quando com um pouco de gordura e do molho que ficar na assadeira, evitando, assim, que "pururuque".

✱

Sobremesas

SUSPIROS DE AMÊNDOAS

Batem-se bem sete claras, juntando-se-lhes em seguida 400 gramas de açúcar; quando a mistura estiver bem consistente, acrescentam-se 200 gramas de amêndoas moídas. Leva-se a assar em forno regular, em forminhas de papel.

BISCOITOS DE MANTEIGA

6 xícaras de fubá de milho, 6 xícaras de fubá de arroz, 7 xícaras de açúcar e meio quilo de manteiga. Mistura-se tudo, bata-se e fazem-se os biscoitos que vão assar em forno quente.

QUEIJÃO MINEIRO

Toma-se 1 quilo de doce de leite mole e cinco ovos. Mistura-se bem e leva-se ao forno para assar em banho-maria, tendo-se o cuidado de untar a forma com calda queimada. Forno regular.

BOLO DE AMÊNDOAS

Batem-se 8 gemas de ovos com 250 gramas de açúcar até formar um creme grosso.

Juntam-se 250 gramas de amêndoas, descascadas e picadas bem finas; por último, acrescentam-se as 8 claras batidas em neve, misturando-se com cuidado.

Coloca-se a massa em uma forma sem ser untada e assa-se em forno brando.

Quando pronto, tira-se da forma e deixa-se esfriar. Para servir, corta-se o bolo pelo meio, põe-se uma camada de creme entre as duas partes e cobre-se inteiramente com o mesmo creme.





Gosta DE FAZER PÃO EM CASA ?

Não passe sem pão, porquanto o pão é um alimento indispensável. E, se gosta de fazer pão em casa, nunca dispense o Fermento Sêco Fleischmann... Porque é uma garantia de qualidade, no volume, na aparência, na textura da massa e no sabor. E lembre-se: agora este famoso produto pode dispensar a refrigeração, bastando guardá-lo em lugar sêco e fresco. Veja a receita nos dizeres da latinha.

**FERMENTO SÊCO
FLEISCHMANN**

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio de Janeiro

AGORA
em
econômicas
latinhas
de 60 grs.





Mande sua Papai



Elvia Desiré, a vendeuse morena de "A Sibéria", a luxuosa casa de modas da Capital, sorriu à pergunta do repórter: "Que pediria você, Desiré, a Papai Noel, se fosse possível escrever-lhe uma carta?" Depois, seria, respondeu baixinho: "Que Papai Noel me dissesse se 'ele' gosta mesmo de mim..."

O repórter, já na avenida movimentada, teve esta melancólica reflexão: "Como todas as mulheres são iguais!... O pedido de Desiré resume o de todas... Aliás, o de todas..."

* *

Papai Noel.

Na doçura envolvente deste nome, sentimos nós, crianças crescidas, o gosto bom da vida. Ele ressoa aos ouvidos cansados dos ruídos monótonos do mundo, como um chamado subconsciente da criança pequenina que está bem dentro de nós, — e acorda reminiscências dolorosas...

A infância volta, no milagre eterno da saudade. E, numa íntima alegria entristecida, vemos-nos de calças curtas, camisinha de gola e pés descalços, correndo pelo terreiro por entre o arvoredo sob cujas sombras acolhedoras jogávamos bolas de gude... O rio, de águas suspeitas, escorrendo mole por entre o bambual cheio de cobras mansas, recebia-nos com



Jornalista, escritor e tradutor, Oscar Mendes é um nome de merecido relevo nas letras. Procurou-o em sua residência o repórter para saber o que Oscar Mendes pediria a Papai Noel se fosse possível escrever ao bom velhinho. E ouviu:

— Para mim nada desejo. Mas gostaria que o Papai Noel largasse de mão um pouco os brinquedos e pusesse nos sapatos de nossos políticos alguma dose, por pequena que fosse, de desprendimento, de renúncia e de patriotismo, para que o Brasil pudesse trabalhar em paz e progredir.

Carta a Noel



Se Papai Noel mandasse esta representante, muita criança grande não dormiria na véspera de Natal... (Olga San Juan, da Paramount).

Jaira e Eni vendem sorvetes no "Bazar Americano". São duas meigas criaturinhas, gentilíssimas como todas as demais do conceituado estabelecimento. Vivendo e trabalhando entre geladeiras, mantêm, no entanto, os jovens corações em alto grau de calor... O repórter pediu um sorvete e fez a pergunta. Jaira ficou paralizada, enquanto Eni ergueu, sonhadora, os olhos para o alto... Enquanto sonhavam, o repórter pediu outro sorvete. E Jaira e Eni responderam "Um noívo!" E suspiraram. As outras fizeram córa...

Quantas cartas mimeografadas não sairiam do "Bazar Americano" se aquelas garotas pudessem escrever a Papai Noel!

* *

o seu leito de areia de cascalhos dourados... Era a festa diária da vida, com um sol sempre novo sôbre as nossas cabeças floridas de cabelos louros e com um chão de seda sob os nossos pés alígeros...

Papai Noel...



O repórter surpreendeu, no jardim do Grupo Escolar "João Pessoa" as gentis professoras Srtas. Rita da Cruz Murgel e Nilza Monteiro cercadas por um grupo alegre de alunos. Era a hora do recreio, e a criançada, feliz, aproveitava...

A pergunta do repórter, as professoras sorriram e responderam: — Pediríamos se pudéssemos escrever a Papai Noel, mais escolas, porque na educação da criança de hoje é que está o esplendor do futuro.



O repórter encontrou-os num bar boêmio da cidade. Saboreavam, na calma da manhã cheia de sol, o cafezinho insubstituível. E a pergunta foi feita. Rafael Tarnopolsky, jornalista, ironizou: "Pediria, meu caro, um quilo de açúcar e outro de pão, só para pôr Papai Noel em apuros..." Omar Santos, intelectual e locutor, respondeu: "Pediria ao velhinho mais bom senso e menos ambição para esta humanidade frívola e mesquinha!" Britaldo Siqueira Soares, jornalista, sorriu, meio cético: "Pediria, quase numa súplica, um governo digno para Minas..." No grupo, houve tosses moles. Foi quando Soares da Cunha, o poeta enamorado de "Maria", após longa introspecção, falou: "Sinceramente, hesito entre uma noiva meiga, que goste de poesia, e uma eletrola Paillard, com uma bela discoteca..."

Mas o repórter conhece os homens, e sentiu, através daqueles olhares esquivos os desejos latentes que iluminavam as fisionomias moças... E, sem querer, lembrou-se da *pendeuse* morena e, distraído, pediu um sorvete ao garçon...

* *

E' o mágico que, ao invés de predizer o futuro, nos conduz ao passado que, por mais infeliz que tenha sido, sem-

pre deixa saudades... Por-que, se pudéssemos, não trocaríamos nunca uma infância, mesmo infeliz, por uma



A dupla calpira Leite e Lazineho atua, diariamente, com sucesso, no programa *Noturno Mineiro*, da Mineira. O repórter foi surpreendê-los em plena função. À pergunta, Leite tomou a palavra e, numa atitude oratória, gaguejou:

— Óia, moço, premêro, pur uma questã de honrá meu nome, pidia ao véio barbudo que castigasse todo o bandido que me anda misturando com água, me desmoralizando pur aí... Adíspos, que mandasse uma velha pro mode nós colocá uma grilhoutina na Praça 7 prá cortá as cabeça dos tubarão... Só isto. Tudo endireitava... Até este trem, que é noturno e anda de dia...

Armando Alberto, o simpático locutor, estava perto. Recebeu, com um sorriso, a pergunta. Respondeu:

— Pediria uma coisa impossível, porque dois tubarões não deixam: este campeonato para os mineiros...

velhice... Na infância, a esperança brinca ao nosso lado. Na velhice, a saudade, sem a esperança, não sorri...

Papai Noel possui, neste mês destumbrante, a magia de tornar feliz a saudade... E' o milagre da evocação.

A' simples enunciação do seu nome, sentimo-nos como as crianças que, sorridentes e trêfegas, cruzam conosco na grande avenida, que é um poema vegetal. Vibramos na mesma alegria que embala os corações dos nossos filhos, felizmente tão iludidos com as promessas da vida... E nos confraternizamos, todos crianças, diante da árvore simbólica iluminando o nosso passado e o futuro de nossos filhos...

Crescemos crianças. A mesma alma límpida brilha dentro de nós, como uma vidraça cintilando ao sol. A série de vicissitudes terrenas não consegue jamais adormecer a criança alegre. Melancoliza-lhe, é certo, a alegria. Esmaece-lhe aquele fulgor divino, que sómente a infância tem. Mas a criança fica, melancólica embora: escondendo-se, tímida, às vezes, pelas imposições convencionais da vida, mas de vez em vez irrompendo, inconstante, diante da nossa própria estupefação...

Quando chega, porém, o Natal, a melancolia cede misteriosamente, à força do milagre coletivo, e nos envolve uma ternura fraternal e nos enche o coração fremente um desejo puro de prodigalizar o bem...

Evocamos e, na tristeza inútil de recordar, sentimo-nos felizes. O terreiro, o rio, o bambual, a escola rural, os campos verdes, as árvores amigas, o pião, o velocípede, o papagaio, — fazem fila diante dos nossos olhos parados

que ficam olhando as diabru-
ras daquele menino querião
que pula sorrindo dentro de
nós...

Natal!

Que poder estranho pos-
sui esta palavra boa! Dilui
o ódio, adoça a amargura,
alegra a tristeza e nos convi-
da ao sonho... Faz-nos tran-
quilos na intranquilidade,
bons na maldade humana, pu-
ros no lodaçal terreno... Faz-
nos sentir, enfim, o gosto bom
da vida.

Por quê?

Porque simboliza o nasci-
mento da criança divina que
os poderosos perseguiram e
os humildes glorificaram.
Criança que se eternizou em
nós como o símbolo da pur-
ze que deve existir em nossas
almas para a melhor compre-
ensão da vida. Criança que
se tornou a eterna mensagem
de Deus para as falíveis cria-
turas humanas.

Eis por que Papai Noel
vem, em todo Natal, nos lem-
brar que em nós, bem no fun-
do de nós, há um menino bom
como o Menino Jesus, com o
coração sempre virgem das
maldades humanas e a alma
pura como cristal...

E a infância volta. E o
menino, também.

*

Só há, agora, uma tristeza
engraçada: não podemos
pedir, por carta, como anti-
gamente pedíamos, alguma
coisa boa a Papai Noel.

Mas, que pediríamos a Pa-
pai Noel se nos fôsse possí-
vel escrever-lhe uma carta?
Que pediria você, querida lei-
tora? E você, amigo leitor?

*

Ah, Papai Noel querido, se



Luís de Bessa recebeu, desconfiado, o repórter, no seu gabinete de trabalho da Livraria Cultura Brasileira. E' homem avesso à publicidade. Seu nome, no jornalismo, constitui, no entanto, a maior propaganda do seu real valor men-
tal. E Luís de Bessa teve esta resposta:

— Que desejaria pedir a Papai Noel, se pudesse e quisesse pedir? A
ilusão de pedir na esperança de ser atendido é já coisa do passado. Mas, cer-
tamente, não iria pedir mais do que ele nos prometeu: — Paz na Terra aos
homens de boa vontade.

São poucos, talvez, os homens de boa vontade. Para esses, ao menos,
deveria vir a paz. E nem isso. Porque os homens de boa vontade se in-
quietam, se agoniam e se confrangem com o sofrimento alheio. Nesta hora
convulsa e aziaga do mundo, no entanto, era só o que pediria, se ainda tivesse a
ilusão de elevar súplicas a Papai Noel. Porque pelos caminhos da paz viriam
tôdas as alegrias boas da vida — a liberdade, a justiça, a segurança, a tran-
quilidade, a certeza do futuro nas promessas do presente.

* *

nós pudéssemos hoje escrever
a você!

..

Sossega, criança! A infân-

cia, agora, existe apenas na
poesia das recordações sob a
luz fria da saudade...



Vicente Guimarães é um grande amigo das crianças. O repórter surpreendeu-o
numa festa da biblioteca infantil "Caio Martins". A pergunta, o apreciado es-
critor respondeu:

— Se eu pudesse escrever uma carta a Papai Noel, pediria que nos desse
um governo que bem compreendesse o valor da educação da criança e decretasse
a obrigatoriedade das Prefeituras do Estado manterem uma Biblioteca Infantil
pública dentro de um parque em cada cidade mineira. Os parques e as Biblio-
otecas Infantis diminuiriam grandemente o número de crianças moralmente aba-
donadas e evitariam a delinquência infantil.



OUI Tãzinha

Diretor e Responsável

Pinho Madeira

*

APRESENTAÇÃO

Minhas senhoras, senhoritas e senhores:
Iniciamos hoje a publicação de uma página diferente, uma seção nova, leve e risinha que terá como suplemento a revista ALTEROSA.

Não pretendemos arrancar gargalhadas de Stentor, em consideração aos tempos bécudos que vamos vivendo. Sim, porque uma risada desabrida agita a preguiça hepática do fígado, e isso é bom para a opilação, tanto que se diz que desopila. Mas acontece que o estômago nem sempre estará preparado para essas agitações violentas...

Temos esperanças de não comprometer a reputação da revista nem acarretar ônus para o seu orçamento, pois o nosso trabalho será "impagável", inteiramente de "grace" pois só os "clowns" de picadeiro trabalham por dinheiro e isso não tem graça.

O nosso título *Quitandinha*, aprovado por unanimidade de votos em Assembléia Geral, por si mesmo sugere mais que qualquer explicação. *Quitandinha* é a tenda de Belchior onde se encontra de tudo — papagaios ensinados e analfabetos; doce de côco queimado e espanta-cólo; pimenta do reino e pó de arroz Lady.

Com uma diferença, é claro — as *Quitandinhas* são notáveis pela fartura e mau gosto; e a nossa *Quitandinha* é precisamente o contrário — ausência de fartura e de bom gosto.

Com *Quitandinha* queremos dizer que aqui vai de tudo. Podemos falar sobre o homem estranho de Curitiba até um fato banal de rua; falar de recepções políticas, desde que sejam finas, educadas e sem perigo para nossa integridade física e sem arriscar a nossa preciosa liberdade de ir e vir.

Futuramente, conforme o "frio" ou "calor" com que fomos recebidos teremos umas seções especiais de culinária, para assados e frios.

Futuramente, dissemos, porque agora quase não vale a pena. A matéria prima escasseia e a própria lenha, já não é mato. Todavia, parece que estão cogitando do pro-

(Conclui na página 199)

*

Tempos modernos



— O senhor tem alguma coisa para emagrecer?
— Minha senhora, deve haver engano. O restaurante é ali na frente...

O moço louro

ESTE personagem de um famoso romance brasileiro, era de tal modo pessimista que usava grandes óculos pretos, só para não ver a vida com olhos azuis...

CORRESPONDÊNCIA

Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a Pinho Madeira, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.





— Cavalheiro, só lhe posso atender na fila!
— Mas senhorita, eu sou o único freguês!
— Paciência. Espera formar a fila...



— Zezinho, não quero esse namorado com a Mariquinhas, ouviu?
— Uai mamãe, a senhora não vê que ela é tão direita e tão boazinha?!!
— E' por isso mesmo!

Conselhos U'teis

A OBESIDADE

A OBESIDADE é uma das doenças que mais seriamente compromete a esbelteza e elegância das senhoras.

Os médicos de todo o mundo trabalham dia e noite na perseguição de uma forma batatal contra a obesidade. E vale a pena consumir as noites diante de uma "torta" na busca de um remédio para "endireitar" as criaturas atacadas de obesidade — essa terrível doença da beleza feminina.

Há pelo menos quatro processos para emagrecer, mas só um tem provado inteira eficácia, o que explicaremos no fim.

O método fisioterápico é bárbaro e exaustivo: consiste em montar uma bicicleta e pedalar oito horas a fio, sem sair do lugar.

Quando a pessoa chega a emagrecer razoavelmente, quase não tem tempo de gozar os resultados, pois morre em pouco tempo.

O regime, o mais perigoso de todos, está sendo largamente empregado, até por pessoas magras. Mesmo na minha rica terra existe uma senhora muito magra, mas de vistas "gordas". Adora um casaco de pele e um colar de pérolas falsas. Um dia recebeu à hora do almoço a visita intempestiva de uma amiguinha. Percebendo que a moça se assustava com a pobreza do "menu", foi logo dizendo:

— Não te convindo, 'querida, porque só tenho arroz com xuxu; estou fazendo regime.

Fora esse motivo puramente estratégico o processo é condenável. A

sub-alimentação pode levar ao Morro das Pedras e pode deixar "saude-de".

O processo de nossa observação, cem por cento garantido, requer às vezes internamento, principalmente no primeiro tratamento.

Nos casos de reincidência a questão pode ser resolvida em casa. No caso especial de que estamos tratando a recaída pode ser evitada. Para isso basta colocar uma placa no telhado: "E' proibido pousar cegonha..."

TROVA

Vi teus braços... Que ventura!
Teu colo e pernas... Que gosto!
Agora... tira a pintura,
que eu quero ver o teu rosto...

BELMIRO BRAGA

INFLAÇÃO





Ode ao Mineiro de Morro Velho

Mineiro forte do Morro Velho,
Cavas cantando porque és feliz:
O ouro que arrancas da pedra dura
Corre nas veias do meu país.

Tu vês que a patria linda floresce,
Que teus esforços não foram vão,
Todo o milagre dêsse progresso
Vem do trabalho das tuas mãos.

Dizem que o outro não traz
ventura,
Que só provoca tristeza e luto;
Mas o teu ouro, mineiro, é virgem,
Reluz, fulgura, vivo, impoluto.

Tu vais buscá-lo lá nas entranhas
Da nossa terra com os dedos teus:
— Todo o tesouro que, alegre,
trazes,
Vem ainda quente das mãos de
Deus.

És bem ditoso, mineiro forte,
Bem mais ditoso que teus irmãos:
O ouro que trazes na tua palma
Não foi manchado por outras
mãos.

O ouro e os homens bem se
parecem
Em muita coisa são mesmo iguais:
Depois que o ouro se fez moeda,
Mete-se a grande, não te vê mais.

Mineiro forte de Morro Velho,
Tens a fortuna na tua mão:
De tanto ouro que vês na terra,
Foi-se de todo tua ambição.

Djalma Andrade

estavam para adorar o Messias.

Cessado o canto, Irmão Francisco se pôs a falar. A sua voz tomara inflexões duma ternura de mãe amorosa. Falava no mistério da noite divina, na grande caridade de Deus que mandara seu Filho a salvar os homens, na pobreza daquela manjedoura que servia de berço ao Rei dos Reis, na grante lição de humildade que Jesus dava ao mundo, nos primeiros sofrimentos de seu corpo divino na miséria e no abandono em que viera a nascer. Há uma ternura sem igual na sua voz. Luzem lágrimas em seus olhos, quando fala no Menino de Belém. O seu corpo mirrado e pequeno, metido no rude burel e cingido pela corda dura, parece tornar-se imponderável e pairar sobre as cabeças que se curvam, humildes, e deixam lágrimas de piedade e de dor correrem pelas faces.

Lágrimas de gratidão e de amor descem também pelas faces cavadas de Irmão Francisco e se afogam nos pêlos revoltos de sua barba. E aquela voz terna e meiga vai dizendo da bondade de Jesus, do seu sacrifício, dos sofrimentos de sua Mãe Santíssima, da grande obrigação de todo homem de amá-lo e servi-lo, para pagar-lhe em amor, a imolação redentora. Foi neste instante que João de Grecio viu, verdadeiramente visto, o grande milagre. Não. Não era ilusão de

seus olhos. Não era apenas desejo de seu coração enlevado, nem visão de seu espírito arrebatado pelas palavras do santo homem. Beliscava-se para despertar daquilo que julgara a princípio fôsse um sonho. Mas não era. Era real. Ali estava, diante de seus olhos atônitos e maravilhados, a cena que nunca mais, enquanto vivo estivesse, poderia esquecer. Deitado sobre as palhas, adormecido, como naquela noite de outrora, lá, em Belém, um menino maltrapilho, mas duma beleza esplendente. E DELE se aproxima com a face irradiante de alegria, Irmão Francisco, que o toma nos braços, com carícia maternal e lhe fala, amorosamente, num enlêvo de amor sobrenatural.

A criança divina se move, despertando. Abre-se-lhe o rosto num sorriso. Contempla a face emaciada mas toda refulgente de alegria, do frade. Sua mãozinha afaga aquela barba intonsa. E na contemplação muda dos olhos de ambos se entrelaça todo o amor infinito da criatura e do criador.

João de Grecio compreende naquele momento o verdadeiro significado da obra de Irmão Francisco. Era ele o cristóforo. Era ele quem trazia de novo o Menino Imortal aos corações dos homens. No fradezinho doente e pobre, via ele o próprio Amor Humano redimido e salvo pelo Divino Amor.

O CRÂNIO HUMANO

SEGUNDO o dr. M. S. Goldstein, o crescimento da cabeça se produz principalmente entre os dois e os cinco anos de idade. Dai por diante o crescimento é mínimo. Aos 13 anos, ao sexo feminino, a cabeça atinge o tamanho normal. Entre os rapazes, porém, inicia um novo aumento. O dr. Goldstein chegou há tempos a essa conclusão, após vários anos de pesquisas e estudos sobre cerca de 250 crianças.

Companhia Minas Gera
INDÚSTRIA

(em organização)
SEDE: BELO HORIZONTE
TÉCNICOS ESPECIALIZADOS
COMISSÃO DE ACADEMIA
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AQDE

10 N.

DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL
ORGANIZAÇÃO EM FÁBRICA
PRODUTOS DE SEDA
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Companhia Minas

O SENHOR
O SENHOR A QUANTIA
(R\$ 20.000,00), CORRESPONDENTE A 100 CEN. DA CIA. MINAS
NOMINATIVAS A QUELHE DE CEMTE UNID. CIA. MINAS
NAL DEL. CEM. NOMEINTEL. CEMTE UNID. CIA. MINAS
CEN. DA CIA. MINAS CEM. DA CIA. MINAS
DE CEMTE UNID. CIA. MINAS

Um magno presente...

A COMPANHIA MINAS GERAIS DE SERICICULTURA

● JÁ INICIOU SUAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS NA FAZENDA GUARANÍ A "CIDADE DA SEDA". OFEREÇA AOS QUE LHE SÃO CAROS UM MAGNO PRESENTE.

COMPRE UM GRUPO DE AÇÕES DA

COMP. MINAS GERAIS DE SERICICULTURA

E GARANTA ASSIM A MULTIPLICAÇÃO DA SUA DÁDIVA

EDIFÍCIO MARIANA, - 12º. ANDAR - SALAS 1219 e 1221

TELEFONE 2-3891 -:- BELO HORIZONTE

70% DOS LUCROS SERÃO DISTRIBUIDOS AOS ACIONISTAS, CONFORME DETERMINA O ARTIGO 27, LETRA "D", DE SEUS ESTATUTOS



Tiradentes

CARLOS da Cunha Correia, ilustrador, advogado e publicista, tem feito estudos muito interessantes sobre a zona pastoril do alto S. Francisco e, especialmente, sobre Dorés de Indaiá, onde nasceu. Publicará breve uma obra *Serra da Saudade* — estudo da terra e do homem naquela zona de Minas, até hoje desconhecida em muita parte dos historiadores. O livro deste intelectual mineiro apresenta revelações curiosas, dentre as quais talvez a mais surpreendente seja relativa aos amores de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Carlos da Cunha Correia reside no Rio mas, de vez em quando, vem a Minas matar saudades,

Amores de Tiradentes

Um filho do proto-martir viveu em Quartel-Geral, no município de Dorés de Indaiá ★ Seus descendentes

rever parentes e tomar os nossos ares, sem os quais a sua alma não pode viver bem. E' ele conversador cativante, dando à palestra vivacidade e colorido. Um dia dêsses nós o encontramos por acaso e, como sempre, revivemos coisas passadas, tempos passados, quando era ele estudante e árbitro de elegância em Belo Horizonte. Palavra puxa palavra, fomos parar, através do tempo, em Dorés de Indaiá, onde ambos vivemos talvez a quadra melhor de nossa vida. E foi então que nos revelou já haver terminado o seu livro à respeito da história da sua terra natal e da região de S. Francisco.

— Há um capítulo, informou-nos Carlos Cunha, em que trato dos amores de Tiradentes...

— Mas que tem o Alferes com a nossa Dorés? perguntei-lhe eu.

— Ah é que está, meu caro. Um filho dêle morou lá, casou-se por lá, e deixou muitos descendentes...

— Um filho do Tiradentes, Carlos? Conte-me isto por miúdo. Esta história deve ser uma página de amores ocultos.

— E' mesmo. E o caso foi assim como segue. O casal português Manoel da Silva e Maria Josefa da Silva fora mandado do Rio para Vila Rica por uns frades como zeladores de uma granja. Algum tempo depois, o casal faleceu, ficando os filhos no desamparo, entre eles as jovens Francisca da Silva, Eugénia Joaquina da Silva, Maria Eugénia da Silva e Leonarda Eugénia da Silva. Tiradentes, condolido delas, aproximou-se das moças, amparando-as no que pôde. Dessa convivência nasceu a simpatia e, depois, o amor de Eugénia pelo proto-mártir da Inconfidência. Amaram-se. Dêsse afeto proveio um filho, que teve por nome João. Tiradentes, nascido em 1748, tinha então os seus quarenta anos. Eugénia orçava pelos seus dezesseis.

Sobrevém a conjuração mineira. Prevendo as consequências em caso de fracasso, o pai confia a guarda do menino, que teria na época 5 anos, ao seu amigo Joaquim de Almeida Beltrão, açougueiro em Vila Rica.

Pediu-lhe que o ocultasse, conservando-o em sigilo e guardando o segredo sobre a filiação do mesmo. Assim, passou a criança do poder de Eugénia para o do açougueiro, com o disfarce do nome de João de Almeida Beltrão. Depois de executado Tiradentes, o tutor começou a maltratar o pequeno, não só o castigando, como lhe impondo excessivo trabalho. Eugénia interveio, ameaçando denunciá-lo pelos maus tratos dados ao filho. Joaquim Beltrão ameaça delatar a filiação do menino, o que importaria em sujeitá-lo aos efeitos da sentença infamante. A final, estabelece-se acôrdo com a condição reciproca de sigilo. Ele, quanto à filiação do petiz, que restituiu à mãe; ela, quanto aos maus tratos. Eugénia cria o filho, mandando ensinar-lhe rudimentos de letras e o ofício de ourives. Adul-



Carlos da Cunha Correia quando era entrevistado por Mário Matos, nosso diretor-redator-chefe

to, entra'ê para a milícia de Vila Rica e vem então servir no destacamento de Quartel Geral do Rio Indaí, que fora anteriormente sede de uma extração régia de diamantes, chefiada até 1865 pelo dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, o velho. Suspensa a extração lá permaneceu o destacamento policial, com o fim de vedar contrabando de diamantes. João Beltrão, por essa época, casou-se com Maria Francisca da Silva, filha de fazendeiro. O filho de Tiradentes traz então de Vila Rica para a sua companhia a sua mãe e as tias. Dando baixa no serviço militar, dedicou-se à atividade agrícola. Faleceu naquele lugar do sertão, deixando do consórcio com Maria Francisca os 9 filhos seguintes:

Ana, casada com José Gomes de Moura, dono das fazendas do Japão e Veados; José de Almeida Beltrão, casado com Maria Madalena, falecida em Uberaba; Lúcio, que morreu solteiro; Francisca Faustina Josina; Carolina Augusta Cezarina, falecida em Uberaba; Elza Lisboa Madalena do Carmo; Justino de Almeida Beltrão; João de Almeida Beltrão Junior e Belchior de Almeida Beltrão, conhecido pelo nome de Dr. Precata, o qual foi casado em primeiras núpcias, com Maria de tal e, em segundas, com Maria Custódia Rodrigues Zica...

— Onde diabo foi você aparrhar esses dados, oh Carlos?...

— Em documentos antigos, em tradições orais, nas informações dadas em Uberaba, ao correspondente oficial da Revista do Arqui-



Dr. Precata

vo Público Mineiro pela última nota de Tiradentes, Carolina Augusta Cezarina. Essas informações se harmonizam com a tradição secular guardada pela família Beltrão, em Dorés de Indaí.

— E os documentos, quais os documentos que firmam esses fatos?

— São muitos, meu caro. São mesmo os "Autos da Devassa da Inconfidência", volume V, pag. 227. Ali se faz referência ao cadete José de Almeida Beltrão, o que prova a existência naquele tempo da família Beltrão em Vila Rica. Em inventários velhos de Dorés, aparecem os Beltrões. Porém, ainda há mais. Antes de a República glorificar o nome de

Tiradentes, já netos dele adotavam o seu apelido. Por exemplo: Uma ata de eleições de 1872, em Dorés. Nessas eleições, foi votado o nome de Belchior de Almeida Beltrão Tiradentes. A fls. 65v. do Livro n.º 2 do registro civil de nascimentos do cartório de Dorés, encontra-se um assentamento que traz também o nome de Belchior de Almeida Beltrão Tiradentes. Aliás, esse Belchior herdou do seu glorioso avô as características somáticas e a vocação para a medicina. Era por isso conhecido por Dr. Precata. Em Dorés, existe dona Maria Lima Costa que conheceu o dr. Precata, o qual, a seu chamado, tratou de sua filha por nome Madalena Costa. Forneceu-me documento neste sentido.

— Curiosas essas suas informações históricas, meu caro amigo. Posso publicá-las?

— Como não? Constituem um capítulo do meu livro, intitulado *Amores de Tiradentes...* Capítulo bem documentado.

— Está-se vendo. E é muito certo, até mesmo pela regra de que nenhum homem solteiro, aos quarenta anos, escapa a uma paixão. Ninguém atirará pedras ao Tiradentes, neste sentido.

— E verdade. A prova é que, se mexermos em qualquer família numerosa, mesmo a de melhor prosápia, os solteirões aparecem como autores de um drama de amor.

— Nem só os solteirões, Carlos. Outros também.

— E' certo. Outros também...



*Artigos de qualidade
para o seu automóvel*

CASA SANTANA

de P. Sant'Ana & Cia. Ltda.

ESPECIALISTA EM CONSERTOS DE PNEUS E CAMARAS DE AR

PNEUS NOVOS DE TODAS AS MARCAS

OLEOS E ACUMULADORES

Rua Carijós, 797

Fone 2-2771

BELO HORIZONTE

muito comum mesmo a grande número de mulheres, é o de supor que a permanente, por si só, constitui um penteado, quando em realidade ela apenas prepara o cabelo para ser mais facilmente penteado.

Negligenciando no cuidado relativo à permanente, mais fácil será descuidar-se a mulher com o penteado.

Falemos da mulher elegante que se penteia em casa. Há duas categorias: a que sabe pentear-se e a que não sabe.

A mulher que sabe pentear-se não oferece, geralmente, oportunidade de críticas quanto à técnica da execução. Apresenta, no entanto, quase sempre, lamentáveis falhas no que concerne à propriedade ou estilo do penteado. Porque, na realidade, não basta somente saber pentear-se, mas possuir também arte e bom gosto para conseguir arranjos originais de penteados apropriados para diferentes horas de um dia ou as múltiplas ocasiões sociais às quais a pessoa se destina. Além desses detalhes há as exigências impostas pelo tipo e o formato do rosto. Por exemplo: as moças ou senhoras de rosto muito redondo ou de pescoco longo, não ficam bem com os cabelos suspensos. Estas devem dar preferência aos penteados que mantêm o cabelo comprido na altura da nuca para dar ilusão da forma fisionômica ovalar.

Todo cuidado será pouco, pois senão acontecerão desastres deploráveis como o de certa moça que viu numa revista um modelo de camisola de dormir e um penteado com uma fita, que estava realmente elegante. Mas a moça não atentou que a modelo usava uma camisola de dormir e passou a usar o tal penteado toda vez que se lembrava dele, indiferentemente, fosse para o *footing* ou para o teatro...

Quanto às mulheres que não sabem pentear-se é uma tragédia. Quando saem à passeio dão a impressão de se terem levantado da cama naquele momento. É imperdoável. Será preferível, sem dúvida, desistir dos penteados difíceis ou complicados e dar preferência ao cabelo caído até os ombros, bem escovado e cuidado.

O penteado é, sem dúvida, como a toalete: o que está esplêndido para determinada hora pode ser até ridículo para outra ocasião.

*

NA ESTRADA DE JERUSALÉM

FOI encontrada, recentemente, na estrada de Jerusalém a Belém, uma lage com inscrições hebraicas e gregas numa antiga fuma que servia de túmulo, cerca de uma milha ao sul de Jerusalém, acreditando-se que tal descoberta possa trazer novos esclarecimentos sobre a crucificação de Jesus.

Informa-se que as inscrições, que são do primeiro século de nossa era, constituem-se das lamentações dos discípulos de Cristo ante o seu martírio na cruz.

A referida fuma foi descoberta quando se construíram os alicerces para construção de uma casa próximo da estrada de Jerusalém a Belém.

A

JOALHERIA Tissot

*deseja aos seus distintos
amigos e freqüentes
Feliz Natal e
Próspero Ano Novo*



JOIAS E RELOGIOS
ARTIGOS PARA PRESENTES

Rua S. Paulo, 673 - Edifício Lutétia
BELO HORIZONTE

CASA FALCI

FERRAGENS ANTONIO FALCI LTDA.

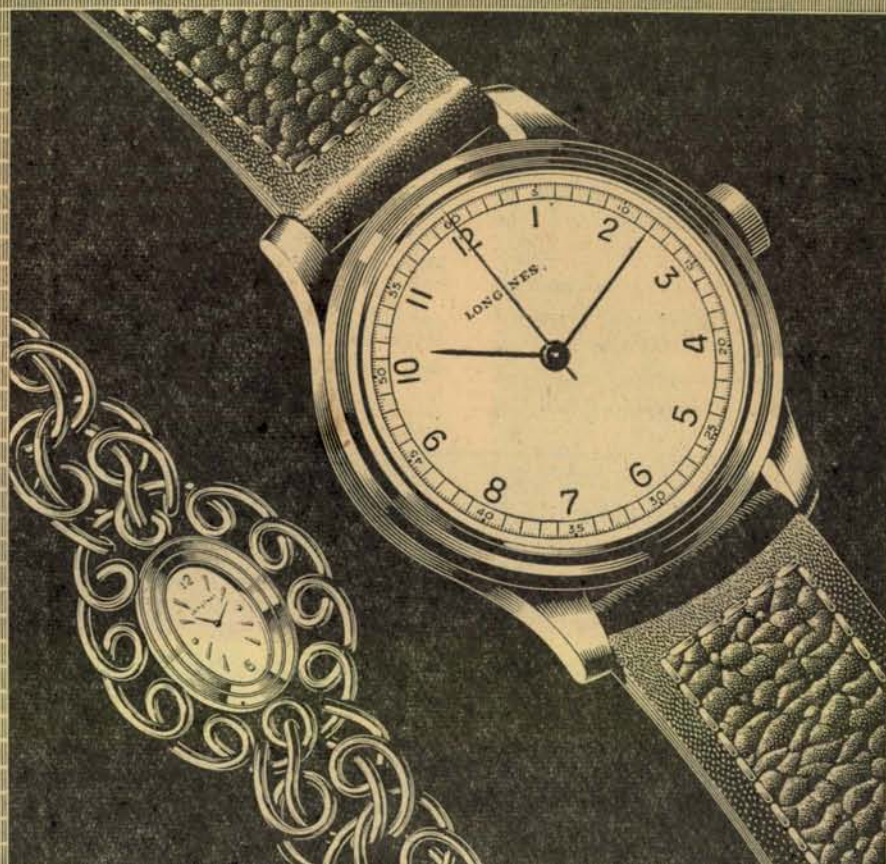
FERRAGENS, CIMENTOS, ARTIGOS SANITÁRIOS, TUBOS E CHAPAS GALVANIZADAS

Deposítários e distribuidores de:

Tintas "IPIRANGA"
Telhas "ETERNIT"
Fogões "WALLIG"
"NEGROLIN"
Impermeabilizantes "SIKA"

Telefones: Escr. 2-1979 — Armazém 2-2916
End. telegráfico: FALCI — C. Postal. 177

Av. Afonso Pena, 529 — Belo Horizonte

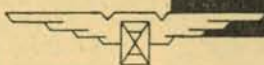


Precisão e Requite...

...na escolha de um presente de Festas. Grata lembrança que atravessa decênios, realfirmando, minuto após minuto, a constância da amizade e a supremacia de um produto que é a glória da relojoaria suíça.

LONGINES

10 GRANDS PRIX



Std. 2.107

O Natal na Arte

FOI a partir do décimo século de nossa era que se notou na pintura a primeira alusão à crucificação do Cristo. A arte cristã começa então a sair à luz do dia e a se ressentir do domínio do popular sobre a concepção artística. O cristianismo, em seus primeiros tempos, recrutou seus adeptos entre a gente mais humilde, e se diz mesmo que, no começo, uma religião de escravos. A medida que se foi difundindo e espalhando pelo mundo, ficou a regra do espiritual sobre o material. Transformando-se em um fenômeno universal, tornando-se mesmo o grande acontecimento moral e religioso do Ocidente, passou a impressionar vivamente os pintores que, de então por diante, começaram a se ins-

pirar na vida do Cristo. E assim o drama do Calvário foi a fonte de obras primas da pintura, que se encontram nos grandes museus do mundo.

A arte cristã diz um erudito que se caracterizou pelo predomínio do popular sobre o erudito. É um grande sopro de renovação, movido de fundos sentimentos humanos, a ponto de modificar, de fazer vibrar de novas concepções e novos acentos os corações e os espíritos. A arte cristã se tornou expressionista por excelência.

Na Idade Média, a Igreja representa uma força tão poderosa, que informa todas as atividades, inclusive a arte pictórica.

Durante a Renascença, os artistas mais céle-



Anunciação, de Botticelli.

bres fixavam, em quadros eternos, a vida, paixão e morte do Cristo.

Rafael pintou a Virgem de modo meio cristão e meio pagão. Em seu pincel ela é uma jovem mãe, sábia e sem paixões, de uma beleza radiosa.

Leonardo da Vinci pintou a Celia, da qual se conhecem muitas cópias. Temos d'êle a Madona dos Rochedos, em que surge uma expressão comovente e indefinível o rosto da Virgem.

Outro poema da côr e da perspectiva que é imortal é o de Veroneso — "Cristo e o Centurião", no qual se vê uma das paisagens mais dramáticas da "Crucificação de Cristo".

Todos os passos do Homem-Deus, desde o nascimento até à morte, foram fixadas pelos pintores de todos os tempos e ainda continuam a ser. De Cosimo figura entre êles com a sua célebre tela da "Adoração do Menino". Paulo Rubens fixou a "Sagrada Família", com uma riqueza e novidade na combinação da côr que impressiona e sugestiona.

"Madona e o Menino", de Carlo Crivelli guarda o ritmo e a beleza da arte clássica da pintura e há nele como que uma doçura na espiritualidade cujo segredo é uma das suas notas mais vivas. Entre os que se destacaram na fixação do episódio culminante da traição, vemos Jerônimo Bosch, cujo quadro neste sentido é dos mais célebres. Aí, êle alcançou uma força expressional tão trágica nas fisionomias, que a impressão deixada ao espectador é sufocante. E' uma pintura genial na concepção e factura. Também entre nós, alguns pintores se inspiraram no drama da vida do Cristo, convido salientar Rodolfo Amoedo com o seu "Cristo em Cafarnaum". O cenário e as figuras são aí bem compostos, tanto no elemento histórico quanto na técnica pictórica.

A pintura moderna continua a tradição da clássica, tendo-se deixado empolgar também pelas cenas do Calvário. E há de ser assim sempre, porque, no mundo ocidental, a existência e a doutrina do Cristo dominam a consciência e o espírito dos homens. Nascer e morrer doutrinas, tudo passa, mas só o seu verbo, como êle mesmo disse, não passará.



A Virgem e o Menino, de Lucas Cranach



Adoração dos Reis Magos, de Velázquez

★ As manias de Richelieu ★

A TE' hoje, todos os escritores, sem exceção parece, têm estado de acôrdo em proclamar que Richelieu era violento, despótico, e não admitia a menor resistência, contendo-se a muito custo diante do rei e dos príncipes, vingando-se, porém, assim que podia, dessa contração forçada, nos que estivessem sob as suas ordens, fossem eles quais fossem.

O abade Rivière, confidante do irmão do rei, chegou a dizer que o *chancelier Segulier* e o *superintendente Bullion*, não raras vezes entravam em surras, dadas pelo cardeal em pessoa, e *Tallemant* escreve nas suas "Historiettes" que "Richelieu vivia em constante mau humor e era sumamente variável, recebendo de modo brusco e descortez pessoas a quem na véspera havia sentado à sua mesa, atendendo-as com a maior gentileza".

Eram terríveis os seus acessos de cólera, desculpendo-se d'elles, em seguida, alegando o mau estado da sua saúde e as suas grandes preocupações.

Compreender-se-á, assim, que com semelhante irascibilidade o desgostasse qualquer critica e gostasse de saborear os elogios, mesmo os mais grosseiros.

Diz-se que, lendo a dedicatória de um livro, na qual se lhe chamava "herói", elle substituiu essa palavra por "semi-deus".

Todos, em geral, que d'ele escrevem, lhe têm censurado a crueldade, e os meios de que se valia para se ver livre de inimigos que o incomodassem. O cadafalso, o veneno, o punhal, tudo elle empregava, dizendo que fazia parte do "mecanismo do governo".

Tinha sempre à sua roda, e na sua secretária, vários gatos, "emblemas — dizia elle — da perfidia humana". Brincava muito com elles e, em certa ocasião, na presença de Madame de Limeuil, aterrorizada, estrangulou dois, apertando-lhes o pescoço com os dedos, e rindo-se às gargalhadas ao ver como deitavam de fora a lingua e os olhos se dilatavam.

Esses rasgos de ferocidade dão idéa, como o afirmaram os seus biógrafos de que o cardeal não tinha bem equilibrado o cérebro.

A princesa Palatina conta nas suas "Memórias", que Richelieu padecia de momentâneos ataques de loucura, durante os quais imaginava, às vezes, ser cavallo, saltando em rodas das mesas, imitando os relinchos d'esse animal, e dando "coices" nos móveis.

Cabe, nesta altura, recordar que na família de Richelieu tinha havido vários loucos, entre os quais seu irmão Afonso Luiz Duplessis, que, nomeado cardeal, se considerava "Deus Padre Todo Poderoso", e sua irmã Nicolas-



RICHELIEU

sa, casada com o marquês de Brézé, a quem tiveram que encerrar no castelo de Saumur, pois a sua loucura era de fúrias e sumamente perigosa.

Os panfletistas, que "desancavam" o cardeal, fizeram claras alusões a essa tara familiar, e uma canção popular proclamava:

"Cardinal, vous êtes
de race de fol.
Que la malepeste
vous tarde le col."

(Cardeal, você é de raça de loucos.
Que a má peste lhe torça o pescoço).

Richelieu teve grande afeição, durante toda a sua vida, aos exercícios físicos e não deixava passar um só dia que os não praticasse, especialmente o salto, mas, até nisso se revelava o desvario da sua razão, pois um dos exercícios consistia em pôr alinhados, deitados no solo, até dez laçaios, saltando-lhes por cima, e caindo, às vezes, para gáudio dos que assistiam a esses exercícios.

Em outras, servindo-se da cabeça dos laçaios como ponto de apoio, efetuava flexões e acrobacias que terminavam geralmente com uma carreira desenfreada, ou alguma surra no infeliz que houvesse incorrido no seu desagrado.

Richelieu, que assinou as sentenças de morte de Cinq Mars, Montmorency e o infeliz de Thou, outorgou uma vez uma pensão de vinte e cinco francos, "à gata Pialhon, pertencente à senhorita de Gournay."

E como lhe dissessem que a gata tinha tido "os gatinhos", elle acrescentou dez "francos para os filhos."

Na corte que rodeava o cardeal, não podiam faltar os buffões, e um d'elles foi Bautre, cujas réplicas mordazes e frases aceradas divertiam enormemente o cardeal, mas este bem depressa se enjoou d'ele e o substituiu por Boisrobert, cónego de Rouen e poeta, que caiu em graça de Richelieu, que não podia passar sem elle. Acompanhava-o a toda parte, e até à guerra, se o ministro lho exigisse.

Boisrobert apanhava com cuidado anedotas picarescas e escandalosas, e contava-as depois a Richelieu, adotando um tom grave, que contrastava com a malícia da frase. Era, enfim, o buffão, um desses privilegiados da sorte, nos quais só aparece o lado cómico da vida.

Tinha a arte de fazer rir às pessoas mais sérias e o cardeal, mesmo nos seus acessos de violento mau humor, não podia ficar sério, ouvindo-lhe as bobagens.

Boisrobert era para Richelieu o que Triboulet foi para Francisco I, e chamava a seu se-hor, "a maravilha do século", "o maior dos homens e o assombro do universo."

Richelieu, segundo um dos seus melhores historiadores, o visconde de Avenel, era muito inclinado à superstição. Os pressentimentos, os prognósticos e os presságios, preocupavam-no em alto grau, e não deixava de prestar atenção à realização de certas predições, e à interpretação de alguns sonhos.

Acreditava na influência dos planetas, nos dias fastos ou nefastos, e admitia o poder da magia e o effeito dos sortilégios.

Quando estava doente, botava no dedo anular da mão esquerda, um anel de ouro cinzelado, que lhe haviam enviado de Roma, e ao qual attribuía a a virtude de preservativo da febre.

Antes de beber qualquer liquido, água, vinho, etc., benzina, tomava um pouco e cuspi-a num canto.

Quando lhe doía a cabeça, coisa que lhe sucedia frequentemente, fazia abrir em dois, pombos e borra-chos, e, quentes ainda, a jorrar sangue, punha-os sobre a cabeça para acalmar a dor.

No jantar tinham que lhe servir número impar de pratos, pois do contrário ver-se-ia atacado de fortes cólicas. Não bebia duas vezes na mesma taça, e esta era quebrada para que ninguém a pudesse usar depois.

Como muitos dos seus contemporâneos, Richelieu compartilhou da quimera da pedra filosofal, e acreditava

(CONTINUA NA PÁGINA 194)

"O PIOR SURDO É AQUELE
QUE NÃO QUER OUVIR!"



AURIS-SEDINA!

Grave bem este no-
me para ouvir bem
toda a vida!

Um simples dor, inflamação ou purgação do ou-
vido pode resultar em surdez! Entretanto, AURIS-
SEDINA, solução analgésica e antissética, elimina
rapidamente a mais desatinada dor de ouvido e é
resolutiva poderosa nas otites, evitando que a infec-
ção se propague acarretando às vezes, a surdez e,
nas crianças, até a mudez.

Contra dor, inflamação ou purgação no ouvi-
do, use AURIS-SEDINA, medicamento largamente
receitado pelos médicos e de efeito, há quase meio
século, comprovado pelo povo.

AURIS-SEDINA

CONTRA AS DORES DE OUVIDO

LAB. OSÓRIO DE MORAIS, LTDA. • RUA MURIAE, 92 • B. HORIZONTE •

PUBL. ALTEROSA



ROCHA.

Jupira, de olhos de amêndoa, tão lindos!

Nóbrega de Siqueira

Ilustrações de Fábio

CAPÍTULO I



JUPIRA de olhos de amêndoa, tão lindos! Parecia japonesa, com seus olhos oblíquos, mas, não era. Que olhos, meu Deus! Tão lindos! Só vendo! Os dentes, então, tão brancos, tão claros, tão iguaizinhos, tão arrumadinhos, na boca de lábios polpudos, que até davam a impressão de terem sido acertados a esmeril. Mas não tinham. E' que tudo em Jupira era feito sob medida. Nada em "meia confecção". Os cabelos, tão pretos, tão crespos, tão sedosos... Os braços roliços... A cintura elástica... O andar leve de pássaro... O sorriso... Tudo em Jupira era perfeito, exato, certinho. Chegavam a dizer que Jupira parecia uma pintura... Parecia, apenas, pois, pintura acompanha a gente com os olhos de um para outro lado da sala... Acompanha e fica olhando um olhar parado, um olhar sem vida... Pintura não sorri, não fala, não tem andar leve de pássaro... Não fala, principalmente. Jupira falava. Falava uma fala tão doce, tão meiga, tão macia... Uma fala que parecia veludo, parecia pãina, parecia fala de princesa de história para criança... Jupira era um amor.

Não era à-tôa que Jupira tirava o primeiro lugar em todos os concursos de beleza feitos pelo jornal da terra, sem que ninguém ficasse triste... As outras moças conformavam-se com o resultado do concurso. A disputa era pelo segundo lugar, pois o primeiro tinha que ser de Jupira, tão linda com seus olhos amendoados de japonesa!

Não era sem razão que o primo Renato Cintra curtia uma paixão sem limites por Jupira. Como não fôsse correspondido, Renato Cintra deu de beber, deu de jogar, deu de passar as noites no Clube ou nos botequins, tomando copos atrás de copos. Perdido que estava Renato Cintra. Um dia sumiu-se. Foi para os garimpos do Rio das Mortes. De vez enquanto, aparecia na cidade, magro, feio, com olhos bri-

lhantes e mãos trêmulas de bêbado contumaz. Tão magro, tão feio, com a pele em cima dos ossos. E que rapagão êle fôra! Filho do Coronel Onofre, já falecido, e de Donana, tia de Jupira, Renato Cintra fizera os preparatórios num Ginásio de São Paulo, para depois estudar Direito. Desde menino que Renato Cintra acaalentava o sonho de casar com a prima. Jupira, além de sobrinha, era afilhada de Donana, que veria com bons olhos o casamento de Renato com a jovem. Mas, o homem pôe e Deus dispõe. Renato e Jupira foram criados juntos. Sua meninice viveram-na em comum. Iam aos mesmos bailes e assistiam aos mesmos filmes. Passavam juntos, longas temporadas de férias na fazenda, fazendo passeios a cavalo pelos cafezais sem fim, ouvindo canto matinal e metálico dos galos.

Jupira, de fato, gostava de Renato. Gostava de Renato como de um irmão. Mas, não para casar. Gostava diferentemente. Para casar Jupira gostava de Pompeu, filho do Agente do Correio local, que, depois, foi transferido para Botucatu. Durante o período letivo, no tempo em que estivera internada no colégio de freiras, Jupira somente tinha uma aspiração: as férias. As férias para o reencontro com Pompeu, príncipe encantado que povoava seus sonhos de menina-moça... Quando Pompeu terminou o Ginásio, Jupira não quis continuar no colégio das freiras, para não ficar distante dêle. Depois, o rapaz foi para São Paulo, estudar Direito. De lá escrevia-lhe cartas bonitas como madrugadas. Cartas que davam a impressão de terem sido escritas com as tintas do coração.

*

Donana sabia que Jupira estava "apalavrada" com Pompeu. Sabia que Jupira já tinha começado o enxoval. Mas coração de mãe bate sempre para o lado do filho.

São Judas Tadeu haveria de fazer aquele casamento. Renato haveria de deixar de beber, se Deus quisesse. Ele era de boa raça e aquela crise tinha que passar... Então, no corpo de seu filho não corria o sangue do Coronel Onofre? Corria. E Renato haveria de voltar a ser o que fôra: um dos mais guapos rapazes da cidade. Para São Judas Tadeu nada era impossível, Donana tinha a certeza.

*

Jupira ficava de olhos grudados na porta, aguardando que o carteiro lhe trouxesse a amável mensagem do noivo ausente. Abria a cartinha com dedos ligeiros.

"Minha querida noivinha:

Passei no vestibular e estou matriculado na Faculdade. Tive boas notas, graças a Deus e às suas orações. Estaria contente, inteiramente satisfeito, se não fossem as saudades enormes que sinto de você. Todas as noites, antes de dormir, beijo o seu retratinho.

Estou morando numa pensão da rua da Liberdade, onde moram vários estudantes, quase todos de Direito. Estamos em março e eu já estou pensando nas férias de junho, para rever você.

O "trote", este ano, foi uma coisa tremenda. Tive que sair vestido de mulher. A princípio, quis reagir. Felizmente, não cheguei a tanto, pois seria pior...

Às vezes, tenho vontade de não estudar a fim de dispor de mais tempo para pensar em você. Mas, isso seria contraproducente. Sinto não poder fazer dois anos num só ano, para me formar o quanto antes, para que nos casemos logo.

Lembranças para o Major, Sinhá e Nicota. Para você, querida Jupira, todo o coração de seu noivinho muito saudoso. Pompeu".

*

CAPÍTULO II



NAS férias de junho, Pompeu chegou de São Paulo todo alinrado. Polainas cinzentas de feltro, roupa de corte impecável. Parecia roupa de manequim.

Que contraste com Renato Cintra — coitado! Tão acabado, tão feio! Perdido nos garimpos... Surgindo, de longe em longe, para visitar a mãe...

Pompeu parecia um diplomata. Parecia um artista de cinema.

E como dançava, então! Nas festas do "Grêmio", era de verem-se ele e Jupira dançando tango argentino. Um tango figurado, com passos cruzados para aqui, para lá. Também, em São Paulo, Pompeu era aluno do "Curso Poças Leitão". Dançava nos bailes do "Trianon", do "Tênis Clube", do "Comercial", do "Paulistano". Ia às festas que a "Sociedade Consular" dava no "Hotel Terminus". Era um encanto, vê-lo dançar com Jupira. Foi ele quem ensinou os rapazes da cidade o dançar "charleston". Mas nenhum par conseguia imitá-los — ele e Jupira — na elegância. Nasceram um para o outro, diziam todos.

Nicota reclamou do Major Tibúrcio que o enxoval de Jupira estava sendo melhor do que o seu:

— Isso não é justo, papai, eu também sou filha.

Mas Nicota reclamou sem razão.

O Major Tibúrcio e Sinhá não estabeleciam preferência entre as filhas. Apenas o Major Tibúrcio atendia a uma circunstância toda especial: Teotônio, noivo de Nicota, era um moço simples, comprador de café para uma firma de Santos. Um moço que não era dado a luxos. Bem apessoado, bem relacionado, de boa família, mas um simples corretor de café do interior. De estudos, somente fizera o Grupo Escolar, é verdade que com boas notas. Andava sempre de culote, perneiras e chapéu de aba larga. Sempre no seu "Fordeco", correndo pelas estradas empoeiradas, às voltas com partidas de café, com amostras, com sacaria, com embarques, com saques, com "warrants" e cotações de mercado. Quando ia a São Paulo ou a Santos, era sempre a negócios. Um moço simples Teotônio, apesar de endinheirado, gostando de jogar seu "truquezinho" no "Grêmio" todas as noites.

O caso de Pompeu era diferente. O rapaz estava no 2.º ano de Direito. Mais três anos e seria Doutor, com anel de pedra vermelha no dedo, deitando falação no fóro. Naturalmente iria ser Delegado de Polícia, Promotor Público ou Juiz, quem sabe mesmo se Deputado?

— Nicota que tivesse paciência, o Major Tibúrcio falou. — Seria o cúmulo que ele gostasse mais de uma filha do que da outra. Injustiça era coisa que não fazia a ninguém, nem mesmo aos colonos e aos camaradas da fazenda... Mas tinha que dar a Jupira um enxoval de acordo com a posição social do noivo, que estava no 2.º ano de Direito, que, um dia, seria Doutor...

*

Sinhá gostava de mostrar às amigas o enxoval de Jupira. Cólchas adamascadas, lençóis e fronhas do mais puro linho belga, combinações e camisolas de cambráias. Uma verdadeira maravilha.

Jupira passava noites e noites, bordando as peças do enxoval. Eram toalhas de mesa e de chá bordadas a matiz. Eram bainhas de laçada, crivos e rendas. Todas as peças do enxoval levavam, no canto, os iniciais de ambos: um "J" e um "P".

Enquanto Nicota e Teotônio continuavam a ir ao cinema, a dar suas voltas pela praça ajardinada fronteira à Igreja, a fazer suas visitas, Jupira ficava em casa, varando horas e horas, às voltas com o enxoval, com o primoroso enxoval, digno duma princesa.

— Você precisa distrair-se um pouco, minha filha, Sinhá falava. Desde as férias de junho que você não vai a um cinema, a uma festa, que não faz uma visita.

— Ora, mamãe, não tenho prazer em ir a parte alguma, sem ser com Pompeu. A senhora acha justo que, enquanto meu noivo estuda em São Paulo, eu viva aqui me divertindo? A senhora acha isso justo, mamãe?

Sinhá acabava concordando com a filha, achando que Jupira tinha razão:

— Está bem, minha filha. Faça o que você quiser. O que é de gosto regala a vida.

Foi um negócio arrojado o que o Major Tibúrcio fez. Onde se viu vender uma fazenda como a "Lagoinha", pequena, mas o que podia haver de melhor, fazenda de rendimento certo, com suas oito ou dez mil arrobas por ano, para comprar a "Santa Eulália", cinco vezes maior, porém, com os cafezais ainda por se formar? É verdade que o Major Tibúrcio, conforme ele mesmo dizia, tinha olho clínico para negócio de café. Aquilo já estava na massa do sangue. Era filho, era neto de fazendeiros. Mas olho clínico também pode errar. Todo o homem está sujeito a se enganar. Infalível, só Deus, em cujos designios ninguém pode penetrar. Para muita gente, a compra da "Santa Eulália" fôra uma temeridade, principalmente pelas condições em que fôra efetuado o negócio. O Major Tibúrcio vendera a "Lagoinha" por 1.200 contos e comprara a "Santa Eulália" por 4.000. Dêstes, mil foram pagos na hora da escritura e o restante seria pago em prestações anuais de mil contos, com juros legais.

O Major Tibúrcio achava que fôra o melhor negócio que fizera em toda a sua vida. Que o lucro seriam favas contadas. Sómente com as safras, pagaria a fazenda e ainda sobriam uns cobrinhos para as castanhas do Natal.

Sinhá, que era mineira, por princípio era contra essa história de letras, de hipotecas, de temeridade. Tem dinheiro, compra. Não tem, não compra. Essa era a escola de seu pai, de seu avô, velhos fazendeiros de Itajubá. Com Sinhá era no pé de meia, no "vintém poupado vintém ganho". Nada de aventuras financeiras, nada de sacar para o futuro. Mas Sinhá pensava isso para dentro. Nada de censurar o marido, que ela era católica e das boas. Sinhá era a prudência mineira. O Major Tibúrcio, a audácia paulista. Em Minas, as fortunas crescem mais lentamente, mais vagarosamente. Mas em compensação são menos sujeitos aos fluxos e refluxos, às flutuações das fortunas bandeirantes. Em Minas, improvizam-se menos fortunas. Os enriquecimentos são menos bruscos. Mas as derrocadas também.

Por Sinhá, o Major Tibúrcio ficaria mesmo com a "Lagoinha". Pequena, mas um primor de fazenda e de rendimento certo. A "Lagoinha", que já era deles, bem deles, sem hipotecas,

sem títulos de mil contos vencíveis anualmente. Mas, o Major Tibúrcio era da aventura, do "quem não arrisca não petisca".

Bem que Sinhá poderia ter se oposto aos negócios. Era só negar-se a botar seu nome na escritura e nada seria feito. Eram casados com comunhão de bens, e nenhum podia vender sem a assinatura do outro. Mas a prudência de Sinhá não chegava a tanto. Nunca tiveram uma rusga. Essa não iria ser a primeira. O Major não era por aí nenhuma criança. Com certeza sabia o que estava fazendo! Ela pensava.

— Em dois anos, com boas safras, a fazenda estaria paga, dizia o Major Tibúrcio. Bastava que os preços seguissem o ritmo dos atuais. Café era ouro, era ouro em grão. Negócios maus fizera o Nagib Abdulla, vendendo a fazenda. Mas também que é que Nagib Abdulla entendia de fazenda? O Nagib Abdulla podia entender de canivete "Roger", de sabonete, de chitas, de veludos. Podia entender de vender à prestação. Mas de fazenda que não fôsse tecido, de fazenda de café, não podia entender. Onde se viu um ex-mascate, que andara de matraca pelas fazendas, com a caixa de bugigangas às costas, entender do principal produto da economia paulista? Ele, Major Tibúrcio, sim. Era filho de fazendeiro, neto de fazendeiro. A coisa estava na massa do sangue. O "Santa Eulália" iria sair de graça. Pagaria a fazenda sómente com as safras. Que a "Lagoinha" era boa, lá era! Mas pequena. Não chegava bem a ser fazenda. Era antes um sítio grande. Fazenda a gente corre o dia inteiro a cavalo, sem chegar ao fim, como a "Santa Eulália". O resto é sítio. É verdade que grande parte dos cafezais da "Santa Eulália" ainda não estava formada, ainda não estava produzindo. Mas tinha que produzir, um dia. E os preços haveriam de se manter altos, se Deus quisesse. Demais, ainda tinha dinheiro a receber no "Lima Nogueira & Cia." em Santos. Bobo fôra o Nagib Abdulla de passar para adiante a "Santa Eulália", por apenas 4.000 contos! Sómente as terras deveriam valer isso. Mas turco não dá para fazenda de café. Nagib Abdulla tinha mesmo é que voltar para o comércio. Tinha que vender sabonete, vender água de cheiro, vender fazenda a metro roubado, voltar para o balcão.



RETALHOS

DIRETAMENTE DA FÁBRICA!

O mais belo e variado sortimento de retalhos lisos e estampados — Tecidos em cores firmes

Exclusividade no recebimento e venda dos retalhos da Fábrica Votorantim de São Paulo

BAZAR DOS RETALHOS

Pinheiro & Goulart Ltda.

ATACADO E A VAREJO

OFERECE A POSSIBILIDADE DA SENHORA ANDAR NO RIGOR DA MODA, GASTANDO 50% MENOS

Rua Tupinambás, 465 — Fone 2-3679



POMPEU, de frente ao espelho, acertou o laço borboleta de fustão branco.

Ao vestir a casaca de Lauro Silva, e depois de ajeitar no bolsinho o lenço branco de cambrá de linho, notou que esta lhe estava um pouco apertada. Mas, não fazia mal, pensou. Ficava até mais elegante.

Lauro Silva, que, vestido num velho "smoking", passava um pano nos seus sapatos de verniz, sugeriu que Pompeu botasse espartilho:

— Bote espartilho, Pompeu... Bote colete... Quem manda você ter mania de atletismo, de viver nadando no "Tietê"? Se você não fizesse esporte, se não vivesse dentro d'água como "siri", minha casaca ficar-lhe-ia uma luva. É verdade que assim também está como uma luva... Uma luva... um pouco apertada! Cuidado, hein? Não se meta o palhaço de querer dançar tangos figurados que você me arreventa a casaca. Olhe que o judeu que me fez essa casaca a prestações, cortou meu crédito, ouviu?

Pompeu não respondeu... Se ele fosse ligar às coisas que o maior gaiato da Faculdade dizia, acabaria louco. Lauro, seu companheiro de quarto, na Pensão da Rua da Liberdade, era assim mesmo. Dava a vida por uma piada, por uma molecagem.

A casaca, de fato, estava-lhe um pouco apertada. Mas também não era tanto, assim, Pompeu retrucou.

— É isso mesmo, Pompeu. Está apertada, mas, não tanto! Sardinha em lata está muito mais apertada. Parafuso em porca também. Espada em bainha igualmente. Só uma coisa eu peço a você: não me dance tangos figurados. Já disse que o Jacob Kulbach não me vende fiado nem mais um colete, nem mais um botão!

*

O Comendador Teixeira Loureiro abria as portas de seu palacete da Aclimação para um grande baile.

Duas razões levavam o Comendador a promover aquela festa. Sua filha, Alzira, que vinha de completar dezoito anos, ia ser apresentada à sociedade paulistana, e o cavalo "Zaz-traz", magnífico parrelheiro de sua "coudelaria", realizara a maior façanha do "turf" bandeirante dos últimos anos. "Zaz-Traz" vencerá, pela segunda vez consecutiva, o "Grande



SUA ELEGANCIA CUSTARÁ 50% MENOS COM AS SEDAS E Lãs DA

A CINDERELA

SEMPRE NOVIDADES

Rua Caetés, 588 — Em frente ao Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais

ATENDE PELO REEMBOLSO POSTAL

O

Hotel Macedo

cumprimenta seus amigos e fregueses, desejando-lhes um

*Feliz Natal e
Próspero Ano Novo*

★

Dezembro de 1946

A VANTAJOSA

DE

JACOB FERMANN

*deseja aos seus distintos amigos
e fregueses Feliz Natal!*

*

RUA CARIJOS, 450

FONE 2-3920

J. BARULLI

O ALFAIATE DA CIDADE

Deseja aos seus
amigos e clientes

FELIZ ANO NOVO

CIRURGIA PLÁSTICA (NARIZ)



ANTES

DEPOIS

"Rinosifose Congênita"

Operação realizada pelo DR. DONATO VALLE, em
sua clínica em VARGINHA, Sul de Minas

Baranda Imoveis

*cumprimenta seus amigos
e freguêzes, desejando-
lhes um feliz Natal e
grandes realizações em
1946.*

Dezembro 1946

EDIFICIO MARIANA - SALA 1.107

FONE 2-5216

Prêmio Cidade de São Paulo", sagrando-se maior "crack" das pistas nacionais.

Nos elegantes salões de palacete de linha áustera e soenes, reunia-se o que São Paulo tinha de mais chique. Moços e moças da aristocracia de 400 anos misturavam-se com jovens da aristocracia de 40 anos. Comissários de café, banqueiros, figuras do alto comércio, políticos da situação e da oposição, jornalistas.

Alzira, a aniversariante e dona da festa, recebia cumprimentos no meio àquela pletora de decotes, peitinhos luzidios de casacas, luzes, cores e sons. Estava encantadora, a filha do Comendador.

O "jazz" tocou um tango triste como um lamento maternal e Alzira saiu dançando com Pompeu, apertadíssimo na casaca elegante de Lauro Silva.

A cada figuração da dança emoliente e volutuosa, Pompeu lembrava-se da frase gaiata do colega e amigo — "Não se meta a palhaço de querer dançar tangos figurados que você me arreventa a casaca."

— Alzira, que é que você pensa da vida?

— Eu não penso nada da vida, Pompeu. Papai é que pensa por mim.

— Sabe, Alzira? Você é uma linda boneca que eu vi, um dia, numa vitrina, na minha meninice pobre. Eu achava aquela boneca tão linda... e nunca a pude comprar...

— Engraçado... Ninguém quis comprar a boneca... A boneca ficou esperando... esperando... esperando... dezoito anos... por você...

Quando o tango acabou, Lauro Silva chegou intempestivo, no seu "smoking" surrado, batido. Chegou, como sempre, galhofeiro, gaiato:

— Nada de repetições, seu bacharelóide. Repetições somente com o cavalo "Zaz-traz". Agora, Alzira vai dançar comigo, ouviu? Pompeu, vá lá fora, espiar se o frio está quente. Mas, pelo amor de Deus, não se meta a fazer ginástica. Você precisará perder essa mania de ser atleta, Pompeu. Será que até de casaca você quer praticar esporte?

CAPÍTULO IV



O MAJOR TIBURCIO havia pago a segunda prestação da "Santa Eulália".

A safra do ano fôra regular e havia esperanças de maiores preços, se bem que estes já estivessem altíssimos.

Teotônio, que já estava casado com Nicotão, achava que o sogro devia vender o café:

— Olhe que o preço pode baixar, Major.

— Baixar? Nem na pilha, meu genro! Você não entende de negócios de café. Enten-

A

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

"INDENIZADORA"

*Cumprimenta seus amigos
e clientes e lhes deseja
Feliz Natal e próspero
Ano Novo...*



Fábio

MATRIZ: Av. Rio Branco, 26 A — 6.º Andar — Rio
AGÊNCIA: B. Horizonte — R. E. Santo, 453 Tel. 2-4645



de de "tipos", isto sim. Mas só de "tipos". Café vai ser como nota da "Caixa de Conversão": — quanto mais se guarda, mais vale. Como nota da Caixa de Conversão ou como libra esterlina. Minha safra não foi das maiores e eu vou armazenar. Vendo-a o ano que vem, com a safra vindoura, que vai ser de abarrotar. Minha maior felicidade — sem falar no casamento com Sinhá, — foi ter vendido a "Lagoinha" e ter comprado a "Santa Eulália". Mais duas safras e vou viver de juro, meu genro.

— Major, essa coisa de preços... A tendência é...

— Qual tendência, qual nada, Teotônio. Café é ouro. E o que ouro é ouro vale. E', de setenta e cinco mil réis a arroba para cima. Mais duas safras, e vou viver de juro. E não é sem tempo, meu genro... Olhe que trabalhei como poucos. Trabalhei muito, apesar de já ter nascido cansado... Meu avô foi desbravador de sertões, de machado na mão! Quando veio do vale do Paraíba para o Oeste de São Paulo, trabalhava quase 24 horas por dia! Foi dos primeiros fazendeiros aqui no este. Meu pai seguiu-lhe o rumo. Era um caboclo de barba rala, de remota ascendência de bugres, para o qual não havia sol nem chuva, frio nem calor. Fêz fortuna com café. Trabalhou, trabalhou e eu já nasci cansado. Assim mesmo, logo que terminei meus estudos, que não foram lá muitos, pois, como você, sou meio ignorântão,

meti o peito na mata e dela tirei a "Lagoinha". Tenho que entender de café, meu genro.

— Meu sogro, as estatísticas não se enganam. Estamos produzindo mais do que exportamos. Há a possibilidade duma crise...

— Qual, Teotônio, estatística é conversa de doutor. Deixe isso para Pompeu. Café é ouro. Além disso, o "Cavanhaque" está no leme. Ele não vai modificar sua política cafeeira. O "Cavanhaque" sabe onde tem a cabeça, Teotônio. Ou você pensa que ele é um qualquer ignorântão como nós?

— Está certo, meu sogro. Mas temos o exemplo da borracha. Olhe que os fatos econômicos se repetem. Nós, da lavoura, não dispomos de órgãos financiadores. Somos imprevidentes e caminhamos para a superprodução. A lei de oferta e procura é inflexível.

— Onde é que você aprendeu tanta retórica, Teotônio? Francamente, estou desconhecendo você. O Júlio Prestes é paulista e vai seguir a política econômica do Washington. Em matéria de café, eu não me engano. Se quisesse vender a "Santa Eulália" por dez mil contos, venderia ainda hoje. Mas eu conheço café. Não sou o bôbo do Nagib Abdulla. Estou pagando a fazenda com as próprias safras.

— Bem, meu sogro. Até agora, o café tem sido um alto negócio. Mas, como todo o produto, o café está sujeito às flutuações...

— Oh! mau agouro. Sai, coruja! falou o Major Tibúrcio, batendo amistosamente nas costas do gônero e acendendo, depois, um cigarro de palha.

*

O incêndio consumia completamente a sacristia da Igreja, os paramentos, as estolas, as casulas, os móveis. Algumas imagens de inestimável valor ficaram completamente inutilizadas, inclusive uma tela de São Judas Tadeu que era uma verdadeira beleza.

Foi o grande acontecimento da vida terra à terra da cidade, e, durante vários dias, não se falou noutra coisa senão no sinistro:

— Deve ter sido negligência do sacristão, que, com certeza, deixou alguma vela acesa. Por essa e por outras é que nenhum sacristão vai para o céu, diziam uns... Onde se viu deixar uma vela acesa na Igreja, durante a noite? E' o cúmulo, uma vez que o sacristão não faz outra coisa senão tomar conta da Igreja, falavam outros.

O vigário ficou inconsolável. Mas, ao mesmo tempo, pôde aferir da solidariedade de seus paroquianos, de todos os fiéis, naquela dolorosa contingência. A população se prontificou a colizar-se, para mandar reconstruir a sacristia e adquirir os paramentos e imagens que fôsem necessários. Organizou-se, logo, uma comissão para êsse fim.

Donana, no entanto, pediu ao vigário que lhe concedesse a graça de, somente ela, indenizar os prejuízos! — Era uma promessa, e "seu" vigário não poderia dizer que não, falou.

O Major Tibúrcio achava que era maluquice da cunhada. — Pois se todos se prontificavam a contribuir para as obras, por que somente Donana é que havia de pagar os prejuízos? Deixasse que cada um dos fiéis entrasse com a sua espórtula. Ficaria mais em conta para todos. Ele mesmo se propunha a assinar dez contos, na lista do prefeito.

Mas era assunto vencido entre Donana e "seu" Vigário. O reverendo não poderia impedir que Donana cumprisse a promessa solene que dizia ter feito.

O dinheiro da lista do prefeito e o das outras já abertas iria para as Missões. A reconstrução

da sacristia, a aquisição dos paramentos, de novas imagens e de novas telas, ficaram, portanto, a cargo de Donana.

A magem de São Judas Tadeu, mandada comprar no Rio de Janeiro, era uma verdadeira maravilha, uma obra de arte! Diziam que custou os olhos da cara.

Realizadas tôdas as despezas, Donana encheu o cheque e entregou-o a "seu" Vigário.

Donana sabia porque estava fazendo aquilo. Por espírito de religião, que tinha mesmo em alto grau, e também por promessa. Para São Judas Tadeu nada era impossível! Era o santo da devoção de Donana. Tudo que Donana lhe pedisse, poderia demorar, mas vinha. Somente falhou uma vez, quando da morte do Coronel Onofre. Mas ali, fôra a vontade de Deus que falou mais alto. Aliás, a própria Donana, ao pedir a São Judas Tadeu que salvasse o marido desenganchado pelos médicos, estabeleceu condição: se fôsse para o bem do falecido! São Judas Tadeu conseguia impossíveis. Não poderia, porém, ir contra a vontade de Deus. No caso presente, porém a coisa era diferente. Deus, profundamente bom, infinitamente misericordioso, não haveria de querer que Renato, seu filho, bebesse tôda a vida. Deus não quer que ninguém beba, que ninguém jogue, que ninguém mate, que ninguém roube, que ninguém deseje a mulher do próximo ou cobice as coisas alheias. E' verdade que Donana cobicava Jupira para o filho. Queria que a sobrinha, a quem adorava, também fôsse nora. Estimava Jupira como a uma filha, como à filha que sempre desejou ter e que Deus não lhe quis dar... Mas queria para o bem de ambos. Não era justo que o nome de família do Major Tibúrcio, o mesmo do Coronel Onofre, acabasse. O Major Tibúrcio e Sinhâra somente tinham filhas. Jupira, e Nicota. O nome dos Pedroso Cintra, portanto, iria acabar. Só restava Renato, com o nome tradicional de 400 anos. Renato, que vivia bêbado, pelas tascas e botequins, ou então distante, nos Garimpos do Rio das Mortes.

Renato, querendo casar somente com Jupira, amando somente à prima. São Judas Tadeu tinha que ser a favor de Donana naquela sua aspiração. Não iria decerto contrariar Donana naquele seu desejo honesto e justo.

(Continúa no próximo número)

*

*

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!



LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM DEZEMBRO

Dia	Prêmio maior	Preço inteiro
4	1.000.000,00	120,00
7	2.000.000,00	350,00
11	1.000.000,00	120,00
14	1.000.000,00	120,00
18	1.000.000,00	120,00
21	5.000.000,00	800,00
26	1.000.000,00	120,00
28	3.000.000,00	350,00

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM DEZEMBRO

Dia	Prêmio maior	Preço inteiro
6	300.000,00	40,00
13	300.000,00	40,00
20	1.000.000,00	200,00
27	300.000,00	40,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRADO
SIMPLES

PARA O SEU FILHINHO

O Melhor Presente de Natal!



SEM dúvida alguma, o melhor presente é aquele que pode concorrer para assegurar o futuro feliz e tranquilo dos seus filhos. E é justamente na infância que eles adquirem os hábitos e costumes que, mais tarde, integrarão os contornos de sua personalidade. Ensine-os, portanto, desde já, a praticarem o hábito salutar da economia. Ofereça-lhes como presente de Natal,

UMA CADERNETA DO

BANCO DE CREDITO REAL
DE MINAS GERAIS S/A

MAIS DE MEIO SE'CULO DE BONS SERVIÇOS AO BRASIL

SEDE EM JUIZ DE FORA • SUCURSAIS NO RIO E BELO HORIZONTE
AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS NAS PRINCIPAIS CIDADES DE MINAS,
ESPIRITO SANTO, GOIÁS, ESTADO DO RIO E SÃO PAULO.

Os homens preferem as Loiras



UMA LOÇÃO MODERNA PARA ALOURAR OS CABELOS

*

BELO PRODUTOS PERFS LTDA.

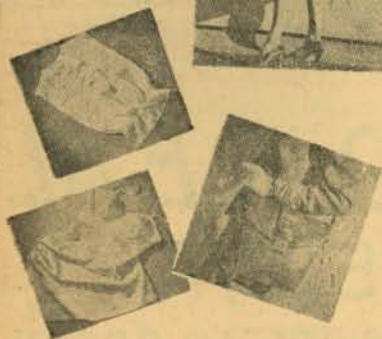
RUA MACHADO COELHO, 93

RIO

Muitos comerciantes retalhistas costumam oferecer ao público sucedâneos dos artigos de maior fama e mais alta qualidade, em substituição a estes, para ganharem maior percentagem em suas vendas. Se a senhora deseja ser bem servida, recuse terminantemente essas ofertas, exigindo a marca que pediu.

AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES EM:

MANTEAUX
VESTIDOS
LINGERIE
CAMA E MESA
ENXOVAIS
PARA
NOIVAS



CAPITAL MINEIRA

(FILIAL)

O MAIS COMPLETO
MAGAZINE DA CIDADE

AV. AFONSO PENA, 928 — EDIF.
GUIMARAES — TELEFONE 2-5107

Tapete Mágico

SANTO MILAGROSO

A EDITORA Brasileira Limitada está publicando a obra completa de Monteiro Lobato. Folheando um dos volumes já editados, encontramos um caso curioso relativo ao mineiro Martinho Campos. Uma ocasião, Lobato foi à casa de uma beata pobre, na roça. Na parede, viu um quadro que tinha esta legenda: — *São Sebastião das Cebolas*. Tratava-se de uma velha sátira contra o senador Martinho Campos, ao tempo em que fora ministro do Império, sátira feita por um caricaturista da *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini. O ministro estava representado nu, de tanga, preso a uma árvore, recebendo, com cara de mártir, as flechas da imprensa oposicionista. Martinho, como se sabe, era fazendeiro e a sua fazenda se chamava das Cebolas. Daí o distico do quadro: — *São Sebastião das Cebolas*.

Lobato perguntou à velha: — Este santo é milagroso, minha velha?

— Nem fale, moço. Tudo o que peço ele faz. Outro dia foi um panarício aqui neste dedo. Pedi, e em menos de duas semanas fiquei boa...

DITOS POPULARES

AS LOCUÇÕES populares são como a gente, é ainda Monteiro Lobato quem lembra. Na verdade, são assim mesmo. Nasceram, se propagam, todo mundo as diz a torto e a direito e, depois, um belo dia, sem que se saiba por quê, desaparecem da circulação. A vida que têm parece que dimana da causa emotiva que lhes deu nascimento. São o efeito. Desaparecida a causa, cessa o efeito. E às vezes, a frase nem chega a ter sentido, é um mero grupo de palavras que não forma uma oração.

Agora, a locução em voga é esta besteira: — *Homem não!*

Vive na boca de toda gente, com propósito ou sem propósito. E vá um pobre mortal saber como foi que nasceu. Não saberá nunca. E por que se irradiou? Também não se advinha por quê.

Quantas e quantas, iguais a esta, já não saíram da boca do povo! Algumas ainda substituem como *A' bessa*, *Pra burro*, mas outras se sumiram.

Lobato anota algumas que se foram, e são as seguintes: *Oh ferro, nunca vi tanto aço, Talvez te escreva, Tá bom, deixe, É durma-se... Mamãe, olha a cara dele, Dinheiro haja, seu Barão!*

Os matutos é que são mestres em criar expressões pitorescas, algumas das quais são repetidas nos arraiais onde vivem. Uma vez, quando o doutor Dorinato Lima clínicava em Itaúna, aconteceu uma muito boa. Ele tinha um capataz, um empregado, que o acompanhava em suas viagens nos Municípios vizinhos, na faina de atender doentes. Dorinato é um conversador de muita verve. Seguiam ele e o Calixto, o tal empregado, pela estrada foram ambos a cavalo, um atrás, outro adiante. Uma hora, Dorinato começou a contar ao Calixto o progresso da cirurgia. Ao dizer-lhe que hoje se opera qualquer órgão do corpo humano, Calixto deu um muchôcho de dúvida. Brincalhão, Dorinato fingiu que se zangava com a incredulidade do empregado. E lhe disse:

— Oh Calixto, você não pode discutir comigo neste assunto, você é um ignaro...

Respondeu o capataz:

— É verdade, doutor. Quem sou eu, um certurião rocaz pra debater com o senhor que é um sabionário?

ANUNCIO ESQUISITO...

UM cidadão anunciou no "Estado de Minas" o aluguer de um amplo barracão por quinhentos cruzeiros mensais para um casal, mas um casal que não tenha filhos. Que sujeito poeta. Vou

passar uma desconpostura neste homem. Oh homem, você perdeu o tino. Pois qual é o casal sem filhos que seja capaz de pagar por mês 500 cruzeiros para morar num barracão? Se lhe pode despendar tal quantia só com aluguer, vai morar numa pensão pobre, que dá também comida por isso ou por pouco mais. Um homem e uma mulher que fossem morar num barracão comum, que daria pra uma família numerosa, precisariam de ser um par de doidos. Pra que tanto espaço só para duas pessoas?

Espaço não enche barriga de ninguém. Queremos ver só quem é que vai alugar esta almanjarra. E, depois, para que esta prevenção com as crianças? Nunca vi criança estragar barracão. Se é por causa de barulho, é bogagem. Quem aguenta busina de automóvel, foguete, serreria na vizinhança não pode ter desses luxos. O dia que virmos um casal num barracão sózinho, havemos de crer que este mundo está para acabar. Quinhentos cruzeiros mensais para dois mortais morarem num lugar deserto e malassombrado! Puxa, que ultimamente tem aparecido cada uma...

OSVALDO DE ANDRADE

QUANDO Menotti del-Picchia publicou o romance *Salomé*, parece que foi este romance mesmo, se encontrou com Osvaldo de Andrade, que é um dos mais terríveis satíricos da Paulicéia. Então, o poeta do Juca Mulato lhe perguntou:

— Já leu o meu romance? Gostou?

Osvaldo respondeu:

— Não li e não gostei.

Ferruti
O HOMEM DO GUARDA-CHUVA

*deseja aos seus amigos e fregueses
Feliz Natal e Próspero Ano Novo*

*

RUA ESPIRITO SANTO, 474 — FONE 2-4183

BELO HORIZONTE

AO LADO DO BANCO DE CRÉDITO REAL



Fundição de Aço e de Ferro

Usina Queiroz Junior, Ltda.

Usina - Esperança - E. F. C. B.

Escritorio em Belo Horizonte:

Caetés, 386 - Sala 307 - Tel. 2-0687

Escritorio no Rio:

Avenida 13 de Maio, 23 - Salas 904 a 909

*Se bem não escreveu,
não foi Abreu quem vendeu!*

Abreu
CANETAS E CONSERTOS

★

Av. Afonso
Pena, 568

Tel. 2-0782

Belo Horizonte

★ NOITE DE FESTA ★



quanto à linha do seu corpinho delicado, minha filha. Esse decote amplo, pondo a descoberto o dorso e os ombros, exige uma pele assetinada e de tonalidade uniforme. O penteado alto está muito bem!... Os sapatos, finos e elegantes! As luvas...

— Faltará alguma coisa, Mãezinha?

— Mas ciaro que falta, minha filha! E' indispensável uma carteirinha, tão elegante quanto o resto da toalete, onde você levará o pó, o baton e o lenço... Mas, não se assuste filhinha, eu tenho uma surpresa para você.

Ei-la: Sobrou do seu vestido, entre outros, um retalho de 16 por 20 cms. Arranjei uma seda para fôrro e

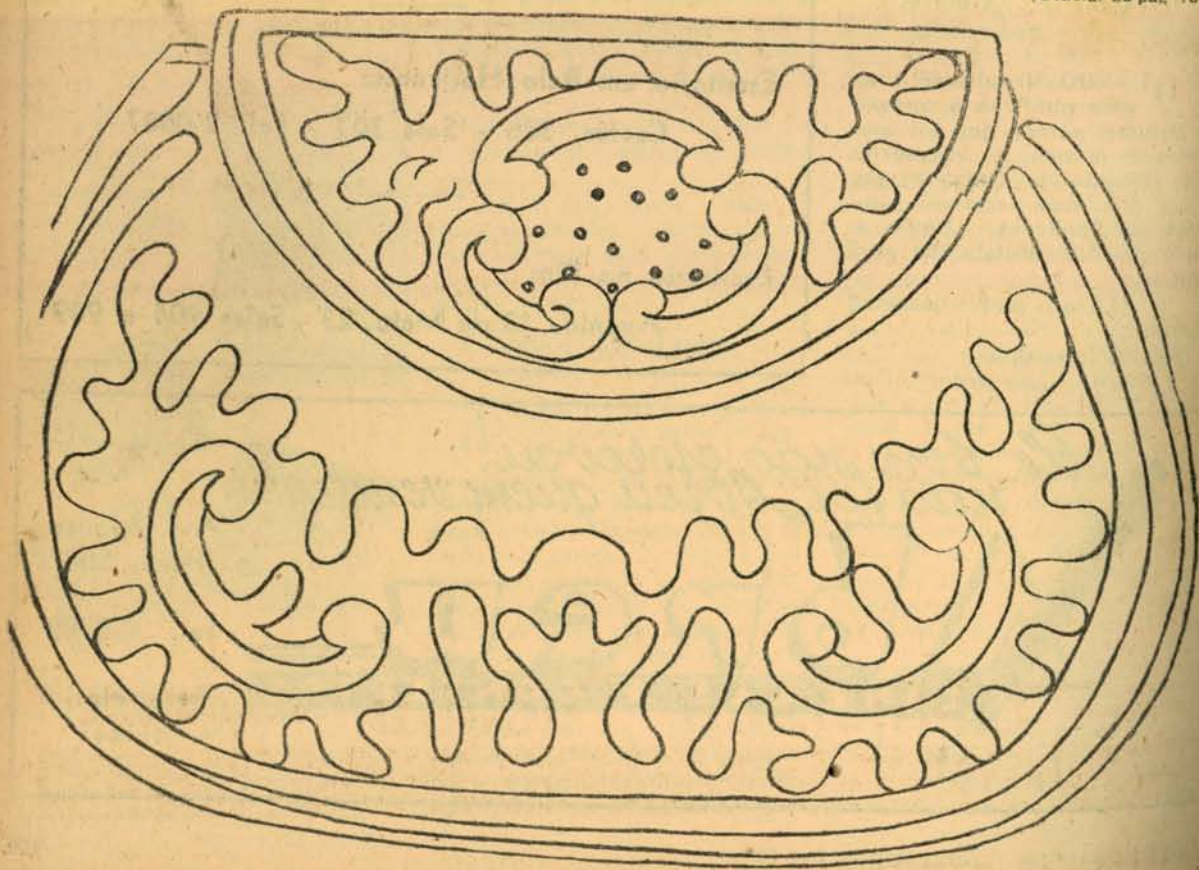
(Conclui na pag. 182)

— Aqui estou, Mamãe, vestida para a "soirée". Que tal você me acha? Elegante? Bonita?

— Um encanto, filhinha! Você já ouviu dizer que haja u'a mãe capaz de achar feia a sua filhinha querida?

— Você é um anjo, Mamãe. Entretanto, mesmo me achando bonita você poderá notar qualquer nota destoante em minha toalete.

— Bem, você tem razão. Deixe-me verificar: Nada há mais agradável para uma menina bonita do que saber que é alvo da admiração e dos elogios de todos. Um vestido de noite deve ser sempre ajustado ao corpo. O corte está perfeito! Tanto





Um presente para *Toda a vida:* — Olivetti!

A nova "OLIVETTI", sempre com as mesmas características de alta qualidade, que a fizeram mundialmente famosa, agora pode ser obtida a preços oficiais (1) e para ENTREGA IMEDIATA.

Compre pelo preço de HOJE a máquina de escrever que
AMANHÃ valerá muito mais!

(1) — Tabela de preços autorizada pelo S. L. D. P. I.

FRANCISCO LONGO

RUA CARIJÓS, 226 — FONE 2-0352 — C. POSTAL, 571
END. TELEGRÁFICO "SANLO" — BELO HORIZONTE

Grafologia



Direção de FÉBO

SOB a competente e criteriosa direção de Febo, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. Os interessados deverão anexar às consultas o cupom que publicamos, devidamente preenchido, e um envelope, sobrescrito e selado para a resposta, que será sempre anunciada nesta seção. As consultas deverão ser feitas em papel sem pauta, num mínimo de vinte linhas à tinta e sempre autografadas. Estas linhas podem ser de redação própria ou simples cópia.

A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FEBO — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

Consultas respondidas durante o mês de novembro

Mara Nascimento, Santos; Zaira Aguiar, Campos; Caixa 43, Campos de Jordão; Adilvia Garcia, Ituiutaba; Paulo Alves, Vitória; Maria Eunice Dias Moraes, Machado; Maria José Brandão, Capital; Cassandra Lee, Campo Grande; Dalva Nogueira Galvão, São Paulo; Jandira Soares, Marquês de Valença; Maria Pereira Paiva, Caxambu; Ana Dalva S. Simon, Casa Branca; Violeta Margarida, Três Pontas; Iris E. Alvarenga, Lavras; Teresa Orfanó, Alfenas; Rui Silva, São João d'El-Rei; Vicente Carmo Vieira, Esmeraldas; Carmen Garruti, Poços de Caldas; Maria Inês Leda Pinessi, Barbacena; Maria Bocchat e Delza Policarpo, São Fidélis; Hadir Pessôa, Cristalina; Geraldo Reis, Capital; Américo Pereira Pinto, Rio; Hellê Barreto Santos, São Lourenço; Daniel de Sousa Fillardi, Rio; Ena Arnellas Barroca, Itajubá; Vera Maria, Calambau; Sílvia Figueiredo, Caxambu; Urodeni Melo, Carangola; Maria do Carmo Pereira, São João d'El-Rei; Maria Dolores da Cunha Pimenta; São João Evangelista; Juventina Ramos de Oliveira, Capital; Dirce e Ecilda Policarpo, São Fidélis; Evelina Ribeiro Loures, Juiz de Fora; Maria Aparecida Sousa, Itajubá; Erei Dal Pianco, Caçador; Alcêa Rocha, Mendes; Conceição Pinto de Andrade, Goiânia; Maria Salomé Dias Moreira, Machado; Antônio Joaquim, Santos; Duarte Guedes, Capital; Ana Maria de Paiva, Varginha; Maria de Lourdes Said, Guaraci; Maria Nanci de S. Viana, Barra do Pirai; Leda Santos; Vanda Ramos de Almeida, Capital; Fernando Roberto Humaitá, São João da Boa Vista; Eni Pinto, Manhuassu; Maria da Conceição Alves Pereira, Capital; Jacira Buenos, Varginha; Miriam Moreira Dias Machado; Maria de Lourdes S. Pals, Santos; Leda Aguiar, Campos; Flor das Campinas, Capital; Alceu Raul de Campos, Pocomé; Zilá Mazzoni, Itajubá; Eugênia Monteiro de Barros, Capital; Clarice de Araujo Porto Brandão, Juiz de Fora; Rute Sansmiltat, Capital.

AVISO AOS CONSULENTES

Voltamos a avisar os nossos estimados leitores que as consultas para esta seção deverão vir acompanhadas de envelope sobrescrito e selado, para a resposta. Temos, em nossa redação, numerosas consultas retidas em virtude da falta dessa exigência, consultas estas que serão inutilizadas, caso não sejam completadas até o dia 31 do corrente mês de dezembro.

Também não serão atendidas as consultas que não sejam acompanhadas do cupom que vem sempre nesta seção, e das vinte linhas escritas à mão. Estas linhas podem ser de redação própria ou simples cópia de qualquer trecho literário, mas sempre feitas em papel sem pauta.

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico. Segue, também, o envelope sobrescrito e selado, para a resposta.

NOME
RESIDENCIA
CIDADE
ESTADO

NOITE DE FESTA

CONCLUSÃO

fiz essa carteirainha. Gostou?

— Mãezinha querida, você é a mais linda mãezinha do mundo! Agora tenho certeza de fazer sucesso!... Mas, não sejamos egoístas, Mamãe, vamos contar, aqui, como foi feita a minha carteirainha para que outras aproveitem a sugestão.

— Perfeitamente. Eis a explicação: Para a sua confecção, conforme já disse, bastam, apenas, um pedaço de veludo ou tafetá de 16 por 20 centímetros, e outro tanto para o forro. A tampa tem 4 centímetros e meio, mais ou menos, e é cortada juntamente com a parte posterior da carteira, formando uma só peça. De início, riscam-se os contornos sobre a fazenda e esboça-se o desenho para o bordado, todo a lantejoulas e cordões dourados, devendo este ser executado antes de se fazerem as costuras, como mostra o desenho. Unem-se as duas partes, forta-se a carteira. Se se desejar que ela tenha mais largura, basta que se prenda, entre a parte anterior e a posterior, uma tira da mesma fazenda, de dois ou três centímetros de largura. Um "clips" dourado fecha essa interessante carteirainha.

— Ai está, minha filha! E, agora, que já satisfez o seu pedido, beija-me e vai ao encontro de suas amiguinhas que já devem estar impacientes com a sua demora. Deus a acompanhe, meu anjo!

*

BENTINHO ESTA' NA TERRA! CONCLUSÃO

na Vitor e na Odeon, mais de cem discos.

Agora, parece que Betinho deu nó cego no cabresto do burrico junto à Inconfidência e vai ficar na terra deliciando a gente até quando a coceira de andarilho começar... Mas, enquanto a coceira não vem, vamos ligando, diárficamente, depois do almoço, a Inconfidência, para ouvir as sanfonadas do irmão do nosso Cumpadre Belarmino, que tantas saudades deixou no coração de seus fans...

Bentinho, velho. Solta o burrico, coitado, e fica conosco dumavez, compadre. Nós gostamos de você!

O óculo moderno para sol POLAROID

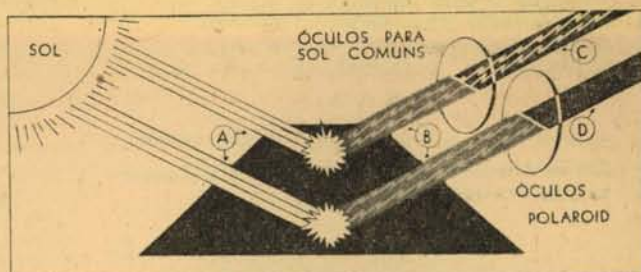
"a defeza contra o deslumbramento
da luz refletida"



INQUEBRAVEL

Para uso na praia, na cidade, no campo, nos esportes.

Os óculos POLAROID são construídos com um elemento controlador da luz. Este elemento contém milhões de pequeninos cristais precisamente alinhados, que neutralizam o deslumbramento da luz refletida, só permitindo a passagem da luz útil. A neutralização do deslumbramento permite a boa visão dos detalhes e da riqueza das cores.



A — a intensa luz do sol incide sobre uma superfície — água, areia, asfalto, vidraças, etc. B — Alguns raios ricocheteiam, produzindo o deslumbramento (reflexo); outros iluminam a superfície, revelando-lhe os detalhes (luz útil). C — com os óculos comuns para sol, tanto o reflexo como a luz útil são igualmente diminuídos na sua intensidade, porém, como o reflexo persiste, o seu deslumbramento prejudica a visão dos detalhes e das cores. D — Os óculos POLAROID neutralizando o deslumbramento do reflexo, dão conforto aos olhos porque permitem a boa visão dos detalhes e da riqueza dos coloridos.

EXPERIMENTE-OS... E VEJA A DIFERENÇA!

POLAROID*



T.M. REG. U.S. PAT. OFF BY POLAROID CORP. MARCA REGISTRADA

DIST. EXCLUSIVO: POLIMERCANTE DO BRASIL LTDA. — RUA DA ASSEMBLEIA, 104 — CAIXA POSTAL 3108 — RIO



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE DEZEMBRO DE 1946

PRÊMIOS: Uma obra literária para cada espécie de problemas, inclusive as palavras cruzadas, no total de nove prêmios, um oferecido pela Livraria "Cór" e os demais pelos organizadores do torneio e por ALTEROSA. A relação dos prêmios deixa de ser publicada por falta de espaço.

MESOCLÍTAS N.º 1 A 6

NATAL

Grato à gentil Moema

- 1 — Lá na torre da Matriz
Tange um sino jovial,
Dando esplêndido matiz
A esta noite sem igual.

Toda gente se bemdiz
Olvidando o velho mal,
Contemplando, bem feliz,
A criança do Natal. — 2

Vai o povo com regalo,
A seu "modo", esperançado, — 1
Assistir "Missa do Galo",

Celebrando com fervor,
Neste mundo desvairado,
O Natal do Salvador.

*

A minha espôsa:

- 2 — São os impetus do amor, "mulher", que geram
as grandes obras. — 2 — 1.

*

Ao futil "homem moderno"

- 3 — Na era da luz, do progresso
O "homem" perdeu o bom-senso: — 2
Vive qual fôsse um possessor,
E age com egoísmo intenso.

Sempre gracioso no trato, — 2
Faz-se passar por honrado
Quando não passa, de fato,
De um bom "sepulcro calado".

Sempre de tudo a falar,
Da estupidez faz alarde,
Nunca pensando em lutar
Por ser banal e covarde!

Jasbar (B.B.) — Capital

ANGULARES (SILABICAS) NS. 4 a 6

Ao amigo JECA

- 4 — Oh! Como é doce a ilusão
Que há na luz cristalina
Nos olhos de uma menina
— Espelhos do coração!

Tão pura, alheia à maldade,
Aguarda, cheia de ardor,
O dom notável do amor
Que fulga a felicidade.

Alegre, modos tão lhaños,
Por certo ignora a saúde
E a dor da realidade
Que vêm no curso dos anos...

Jasbar (B.B.) — Capital

- 5 — Num dia de trovoadas
Vi um raio arrebeitar
Pelo meio uma soberba
Árvore do Malabar.

- 6 — Em qualquer jogo de azar
Muito sofre um jogador,
Embora busque ocultar
A "revolta" interior.

Zigomar — B. Horizonte

ECLIPTICAS Ns. 7 e 8

Homenagem aos diretores e colabo-
radores de "Alterosa".

- 7 — Enlaçando nossos braços,
Eu fiz alto no jardim
Ao rumor brando de passos
Perceber junto de m'm.

Vejo os pombos carinhosos
E, na beira do caminho,
Vejo os pombos carinhosos
Se beijando junto ao ninho.

Disse então à minha amada:
— Vês, querida quanto ardor?
Como nós, a passarada
Também vive pelo amor...

— Como vós... eu vejo bem...
(Respondeu-me num queixume)
Como vós, êles também
Trocaram beijos... por costume! — 5

Jasbar (B.B.) — Capital

- 8 — A aparência muita vez bela,
Guarda, às vezes, muitas verrugas
Escondendo, numa donzela,
uma velha cheia de rugas. 2 — 2.

Frecor — B.B. — Capital

ENCADEADAS Ns. 9 e 10

Ao B.S., na pessoa do Jam

- 9 — Numa pequena canção
Fácil de se manobrar
Consigo esta cousa boa:
O calmo lago sulcar.

Gozando o aroma da brisa
E o encanto da natureza,
Ela, tranquila, deslisa
Ao gosto da correnteza.

Em tórno, os campos verdinhos,
As margens cheias de flores;
Os cantos dos passarinhos,
As fontes cantando amores.

Por cima, o céu muito azul,
Um pouco rubro ao poente,
Enquanto, o sol mui taful,
Vai sumindo lentamente.

E neste ambiente jocundo
Eu acho a vida tão bela
Que julga as d'ôres do mundo
Uma simples bagatela.

Jasbar (B.B.) — Capital

- 10 — Se você, Ana Maria,
fôsse mais obediente,
por certo não estaria
lamentando este acidente.

Na escola, dizia o mestre
em ciências naturais,
que numa **árvore silvestre**
há muitas moscas fatais.

Dizia que nas mutanças,
dentro dos galhos mais retos,
vivem terríveis tarantas,
mortal **gênero de insetos**.

Sendo assim, Ana Maria,
gravê na mente mais esta:
nunca mais suba, um só dia,
nas árvores da floresta.

Zigomar — Belo Horizonte

ENIGMAS Ns. 11 a 15

DOR DE MÃE

Homenagem às mães dos expedicioná-
rios mortos em defesa da Liberdade.

- 11 — Ó velhinha de cabeleira branca:
Tens o todo de santa e estás tão triste!
O silêncio os teus lábios atravança
E em teus olhos só lágrimas existe...

Ora, vamos! De vez da mente arranca
Essa dor sem limites que resiste
Sempre a tudo, e o pranto teu estanca,
Pois a vida nem só de dor consiste!

— Meu jovem, não "reprovo" essa insistência
Mas não sei se terás algum proveito
No "remate" da minha confidência...

Pode, acaso, um poeta compreender
Um coração de mãe, tão contrafeito,
Que na guerra seu filho viu morrer?

Jasbar (B.B.) — Capital

Aos adeptos do velho truque

- 12 — Se na "saudação de vassalo a rei"
Com habilidade a "letra" eu puzer,
Um problema, ao cabo, eu engendrarei,
Por demais "comum", que nem dá prazer.

Já se ao todo acima se lhe impuzer
"Movimento" alheio à tão velha lei,
Tal problema ao menos há-de trazer
Um melhor estímulo à nossa grei.

PALAVRAS CRUZADAS



(Um leve passatempo para a valente turma de Pará de Minas)

Zigomar — B.B. — Capital

CHAVES:

HORIZONTAIS: 1 — olha; 2 — erva aromática usada como tempero; 3 — espécie de pimenta vermelha; 4 — relvava; 5 — mandacala.

VERTICAIS: 1 — olha; 6 — erva aromática, usada como tempero; 7 — espécie de pimenta vermelha; 8 — relvava; 9 — mandacala.

Procurando sempre uma inovação
Regeitando os truques mui explorados
E plantando normas de grande efeito,

Colheremos logo, em compensação,
Frutos mil de esplêndidos resultados
Nesta marcha audaz ao que é perfeito...

Ao Kurban e Petrocelli

- 13 — —Caro amigo, olé! Vai bem?
— Qual o quê! Não vê meu porte?
— Vejo, s'm, que você tem
Um aspecto bom e forte.

— Mas a máscara recobre
Uma dor que tenho n'alma,
Que a poucos se descobre
E me faz perder a calma.

Num "impulso" do meu ser,
Em um baile me encontrei
Envolvendo uma "mulher"
De quem logo apaixonei.

Por azar, ou o que fôr,
No seu peito ela trazia
"Mágua" de inditoso amor
Que a fez esquiva e fria.

Eu notei seu desamor
E, seguindo a sã razão,
Procurei calar a dor
Dessa gran desilusão.

= Josias =

Alfaite

AVENIDA AFONSO

PENA, 526

Edifício MARIANA

LOJA 1

TELEFONE 2-0047

BELO HORIZONTE

Cumprimenta seus amigos e fregueses desejando-lhes Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

E porisso, fínda a festa
Resolvi não mais pensar
Nesse amor de que só resta
A saudade e algum pesar...

Ao deixar meu velho amigo,
Lêdo outrora, hoje descrente,
Fui pensando assim comigo: —
— Mal de amor... Pobre doente!

JASBAR (B. B.) — Capital

14 — Nem com lábia, "nem" com "velhacaria",
Nem mesmo de tocaia atrás de um tóco,
Impingir-me ninguém conseguiria
Esse velho cavalo que anda pouco.

Zigomar..

15 — Se alguém procurar no "vinho"
Da ventura o "sol" fagueiro,
Achará raio ligeiro
De um prazer fugaz, mesquinho.

FRECOR (BB) Capital

LOGOGRIFOS Ns. 16 e 17

16 — Quantos defeitos tem a pobre humanidade!
[— 5,6,7,9,8,3

De crimes, os mais vis, é plena a sua história,
Não podendo guardar a mais feliz memória
O seu maior pecado e a sua vil maldade.

Pecados contra Deus e em grande quantidade
[— 5,12,7,2,9

Comete-os sem pesar, que a vida é transitória
[— 1,6,8,9

E que há de vir, por "fim" a ação condenatória — 5,10,9,4
Devida tão somente à sua crueldade.

Sem jamais se derrear, mas antes orgulhoso
[— 11,8,3,10,3,4,9

Ainda continua, o homem pecador,
A profanar na terra o Todo Poderoso!

Desalmado, infiel, o homem sem amor,
Como fera voraz, qual lobo furioso,
Do próprio coração arranca o Benfeitor.

Frecor — B.B. — Capital

INVERNO

Aos principiantes

17 — A chuva,
— menina
traquina
do além —
vem leve
baillando,
cantando
também. — 1, 4, 5

Há risos
Na terra,
Da serra
Ao val,
No campo
Vasio,
No rio
Trivial. — 3,7,2

A fonte
Sequinha
Da minha
Fazenda — 5,4,6
Sufoca
Seu pranto
Num canto
De lenda.

Liberto
Do estio
Me rio,
Senhor, — 5,4,2
Reverendo
O prado
Ornado
De flôr.

O germen
Da vida
Descida
Do Eterno,
Atônito
Eu vejo
No beijo
Do inverno.

JASBAR

(B. B. - Capital)

CHARADAS Ns. 18 a 28

Minhas Trovas

Ao Alcobar

18 — Aquela meiga linguagem — 1
Da sua boca brejeira
E' como o beijo da aragem
Nas folhas da laranjeira.

Com sábio modo suspira — 2
Afaga e mostra afeição.
Mas, tudo é sempre mentira:
Mulher não tem coração...

Carinhos... juras de amor...
Depressa passam, risinhos — 1
Só têm a vida da flôr,
Deixando espinhos medonhos.

(Conclui na página 196)



ADQUIRA O SEU LOTE

NO MAIS CENTRAL E MAIS LINDO BAIRRO DA CIDADE

NINGUEM ignora que está surgindo em Belo Horizonte o mais central e o mais lindo dos bairros já construídos na cidade. Na antiga área da Universidade, magnificamente localizada entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, acham-se os excelentes lotes que a Prefeitura Municipal vem vendendo em hasta pública, realizada duas vezes por mês, com enorme afluência de interessados.

Magníficas vivendas começam a erguer-se nos lotes já vendidos. No centro dessa área será levantada a bela Praça Carlos Chagas que será a mais linda da Capital e adornada por um belo templo católico. Em suas proximidades será levantado um grande Grupo Escolar, além de quatro colégios para meninos e meninas: Sion, São Paulo, Jesuitas e Diocesano.

AO LADO DOS BAIRROS
DE LOURDES E SANTO
★ AGOSTINHO ★

DUAS VEZES POR MÊS SÃO
LEVADOS A LEILÃO 5 LOTES
NA PREFEITURA MUNICIPAL

O MAIS SEGURO E RENDOSO
EMPREGO PARA O SEU CAPITAL

LE'O, REIS & CIA. LTDA.

ENVIAM A SEUS DISTINTOS FREGUESES E AMIGOS, SINCERAS FELICITAÇÕES E FORMULAM OS MELHORES VOTOS DE BOAS FESTAS PELA PASSAGEM DE NATAL E ANO BOM.



COMPLETA SECÇÃO DE ALFALATARIA MEIA CONFECCÃO
ROUPAS PARA CRIANÇAS —
ROUPAS FEITAS — UNIFORMES — BONETS, ETC. PAGAMENTOS EM 10 PRESTAÇÕES

LE'O, REIS & CIA. LTDA.

Rua Tupinambás, 597 — Telefone. 2-4217
BELO HORIZONTE

Não se esqueça que é de sua própria conveniência utilizar os produtos garantidos por uma marca prestigiosa e fabricados por empresas de responsabilidade. Por isso, quando procurar adquirir os produtos de sua marca preferida, desconfie dos que procuram impor-lhes similares desconhecidos, desprestigiando a marca de sua preferência.



DR. CYRO CANAAN
Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José
OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS SIFILIS

Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diário, 12,30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 18 horas — Ed. Theodoro Ap. 74 — 7.º Andar — Avenida Afonso Pena, 398

BELO HORIZONTE

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA
(CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Prótese. Raios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI

CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180
Residência: Rua Fernando Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

PRESENTE DE NATAL

Conclusão

— Obrigada! Há pouco eu me perguntava por que diria você tudo isso sobre o Natal; agora o compreendo: Você não ignorava que o Natal seria um dia doloroso para mim. Ele o foi; agora, entretanto, não o será mais! Amanhã recordarei as suas palavras: "Este é o dia mais importante do ano: O mundo se aniquilaria sem ele!" E isto me servirá de estímulo.

— Peça à enfermeira para colocar, ao pé da cama, as suas meias — sugeriu ele — Talvez que, esta noite, Papai Noel se lembre de lhe deixar um presente. E agora, trate de dormir. Já falou demais.

— Boa noite, Dr. Keating — disse Patricia, retendo, a custo, as lágrimas — fui egoísta pensando só na minha solidão. O seu Natal também não será muito agradável, no meio dos doentes...

— Não obstante, essa é uma boa maneira de se passar o Natal. Sinto-me feliz em poder passá-lo assim. Que acha você? — Garanto-lhe que muita gente boa me inveja e ocuparia de bom grado, o meu lugar amanhã! Agora já vou... — Apertou-lhe a mão, recomendando:

— Não se esqueça de dizer à enfermeira para colocar as suas meias...

— Obrigada, Dr. Não esquecerei.

— Eu a chamo Patricia... — murmurou Jim, retendo entre as suas as mãos da moça — porque...

— Eu o sei. E' porque eu precisava de uma voz amiga... na Noite do Natal.

— E eu? Não acredita você que eu possa precisar de uma voz amiga... na Noite de Natal?

— E o merece — murmurou ela — Desejo-lhe bons sonhos na Noite Feliz... Jim.

As noites nos hospitais parecem mais longas que as demais e os primeiros alhores da manhã são sempre bem recebidos.

Patricia ao acordar, lembrou-se logo de que estava no dia de Natal. Esfregou os olhos e estendeu, sonolenta, o braço, para ver se a enfermeira não se esquecera de colocar as meias aos pés da cama, conforme ela recomendara. Um sorriso lhe iluminou as faces ao tocar a seda daquela peça. Sim, estavam ali, porém, certamente Jim não tivera tempo, ainda, de depositar nelas o seu presente. Em todo o caso, bateu-a com os dedos e sentiu que no fundo havia um papel dobrado. Tirou-o emocionada, acendeu o quebra-luz e leu:

— "Querida; não tive tempo de lhe comprar um presente de Natal, o Natal mais feliz de minha vida, porque estamos sob o mesmo teto. O ano-

CIA. IMOBILIÁRIA E CONSTRUTORA BELO HORIZONTE

(CICUBE)

CAPITAL CR\$6.000.000,00

DIRETORES

ODILON DIAS PEREIRA

ENG. CIVIL E DE MINAS

MARIO SOARES NOGUEIRA

ADVOGADO

OSMARIO SOARES NOGUEIRA

ENG. CIVIL E DE MINAS

PROJETA E CONSTRÓE:

em Belo Horizonte e em qualquer ponto do interior do Estado;

Executa obra de saneamento:

(água, esgoto e calçamento) nas cidades do interior;

Comércio de imóveis em geral:

compra, venda, arrematação, corretagens, financiamento, incorporações, loteamento e vendas a prestação.

Enderêço Telegráfico:
CICUBEL

Edif. Goitacazes - 1.º and.
BELO HORIZONTE

Caixa Postal, 281
Telefone 2-0725

ce presente que lhe posso oferecer hoje e o faço de coração é Jim Keating."

Patrícia, num assomo de felicidade, levou aos lábios o papel, dizendo, após beijá-lo: — Meu querido Jim!...

O coração lhe batia aceleradamente e ela levou algum tempo a se convencer de que tudo aquilo era realidade. Ultimamente sonhava tanto! Ergueu-se um pouco no leito para re-ler a mensagem. Não havia possibilidade de engano. A letra, via-a bem, era de Jim. Não restava a menor dúvida! Era uma declaração de amor por escrito. Talvez porque também por escrito, se iniciara a amizade de ambos. Tomou de uma caneta e escreveu logo abaixo:

— "Aceito sensibilizada, o presente, e, retribuindo, lhe ofereço Patrícia Weston."

Em seguida dobrou o papel e o guardou no seio, sobre o coração. Mas, de repente, terrível dúvida se apoderou do seu espírito: Conhecendo-a tão pouco, estaria Jim realmente apaixonado? Ou seria apenas compaixão o sentimento que o levava a pedi-la em casamento? Talvez se impressionasse demasiado com o seu isolamento e levasse a sua bondade ao extremo de se casar com ela para fazê-la feliz... Quem sabe se não seria influência do Natal? Em situação normal, talvez não pensasse em se sacrificar por ela!

Estava assim entregue a essas co-

gitações quando entrou a enfermeira. Saudou-a alegremente:

— Feliz Natal, senhorita Weston. Trago-lhe o café. O Dr. Orloff, hoje, não virá vê-la. O Dr. Keating virá atendê-la, entretanto, daqui há pouco.

Mal saíra a enfermeira, a porta se abriu de novo para dar entrada a Jim. Com os cabelos em desordem, cheirando a éter, um estetoscópio no bolso, dava a impressão de estar na luta há muitas horas. Talvez nem tivesse se deitado... Patrícia o notou emocionada!

Sorriu ao lhe estender a mão, porém o seu sorriso desapareceu ao ver a maneira estranha como ele a fitava. Não sabia como interpretar a sua atitude, diferente da da véspera. E' que o jovem médico temia receber uma negativa formal ao seu pedido e isso o transtornava! Ansiava pelo desfêcho e temia-o ao mesmo tempo! Notando a expressão grave que a moça adotara, tomou-a como uma negativa, e, desconcertado, tirou o relógio do bolso para verificar-lhe o pulso.

— Obrigada, Jim, pelo presente — disse Patrícia — mas...

Jim sentiu que lhe faltava a respiração. Colocou o relógio no bolso e profundamente pesaroso, disse:

— Está bem, Patrícia, eu fui um insensato! Devia ter pensado na possibilidade de você gostar de outro, ou então, mesmo que fosse livre, de não gostar de mim. Não há necessidade de explicações, querida. Hoje, sou

apenas seu médico. Diga-me como passou a noite. Bem? Ótimo! Agora, deixe-me examinar o coração... A proporção que ele ia examinando intenso rubor invadia as faces da moça. De repente, ela o viu levantar a cabeça alarmado.

— Que houve, Patrícia? Você esteve tossindo?

— Não — replicou ela — é essa a causa do meu transtorno. E tirou do seio o bilhete que ele lhe escrevera na véspera. Jim estreitou-a nos braços, ao ver a sua fisionomia irradiando felicidade.

— Mas Patrícia, eu julguei que você desprezava o meu amor...

— Você não me deu tempo para falar! Se vacilei foi apenas temendo que o seu amor não passasse de compaixão! — E, segurando, carinhosamente, as suas mãos, lhe alisava os cabelos desordenados.

— E' um maravilhoso presente de Natal, Jim! — E beijou o papel emocionada!

Contemplavam-se enamorados, enquanto Jim brincava com os caracóis negros de seus cabelos...

— Amar-nos-emos eternamente, não é verdade, querida?

— Sim, querido!...

— Não creio que lhe fizesse mal beijá-la... com muito cuidado! Que acha você?

Patrícia sorriu feliz e lhe respondeu: — Você deve saber melhor do que eu!... Não é você o médico?

★ A NOITE SANTA ★

NAQUELA noite um pobre saiu a implorar auxílio, batendo de porta em porta:

— Socorrei-me boas almas! Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso de acender o lume para aquecer minha esposa e o pequenino. Dal-me um pouco de brasa, pelo amor de Deus!

Mas era alta noite. Toda a gente estava a dormir, ninguém lhe respondia. De repente o homem avistou, ao longe, um clarão e, caminhando para lá encontrou uma fogueira acesa, e em volta dela um rebanho de carneiros brancos dormindo, e um velho pastor a guardá-los, também mergulhado no sono.

Quando o homem que andava em busca de brasas chegou ao pé dos carneiros, a bulha dos seus passos acordou três canzarrões que dormiam aos pés do pastor. As largas bôcas dos rafeiros abriram-se para ladrar; mas nenhum som saiu delas... O homem notou que o pêlo dos ferozes animais se eriçava e que as suas presas aguçadas luziam ao clarão da fogueira. E todos três se atiraram assanhados contra êle. Um abocou-lhe uma perna, outro a dextra, e o terceiro segurou-lhe pela garganta; mas as mandíbulas dos molossos ficaram inertes, e o homem não foi mordido.

Quis êle então aproximar-se mais do fogo para de lá tirar algumas brasas. Mas os carneiros eram tantos e estavam deitados juntinhos, que não havia como passar por entre êles. Foi-lhe forçoso pisá-los para avançar; e nenhum dêles acordou, nem se mexeu. Quando o homem chegou ao pé da fogueira, o pastor que dormitava em sua enxerga de peles, ergueu-se impetuoso e irado. Era criatura ruim e mal encarada. Ao ver ali o desconhecido, agarrou, lesto, uma enorme pedra e arremessou-a contra êle. O perigoso seixo partiu direito ao ho-



Selma Lagerlof

mem; quando, porém, ia atingi-lo, desviou-se e foi espatifar-se no chão.

— Compadece-te de mim, amigo, e deixa-me levar algumas brasas. Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso acender o lume, para agasalhar minha esposa e o pequenino.

O primeiro impulso do pastor foi o de uma recusa cruel; pensou, porém, nos cães que não tinham ladrado nem mordido, nos cordeiros que não tinham fugido, na pedra que não tinha querido ferir o homem. E sentiu um terror vago, indefinível.

— Leva o que quizeres — respondeu secamente.

Ora, o lume estava agora quase a apagar-se. Nem ramos a arder, nem achas grandes. Só havia um monte de brasas miúdas, e o homem não tinha pá, nem qualquer outra cousa em que pudesse levá-las. Ao vêr isso o pastor repetiu:

— Póde apanhar as brasas que quizeres!

Mas no íntimo regozijava-se, maldoso, certo que o homem não poderia levar um braseiro nas mãos nuas. Mas o outro abaixou-se, afastou as cinzas, tomou uma porção dos carvões incandescentes e pôlos numa aba da esfarrapada túnica. E as brasas não lhe queimaram as mãos, não lhe queimaram a vestia e ficaram a brilhar nelas como rútilos rubis. E o desconhecido partiu.

O pastor, vendo tudo isto, disse consigo:

— Mas que noite é esta, em que os cães não mordem, e os carneiros não se espantam, e a pedra não fere, e as brasas não queimam?

Foi ao encalço do homem e interrogou-o.

— Que noite é esta, em que até as próprias cousas se mostram inclinadas ao amor e à piedade?

O homem respondeu:

— É a noite de Natal, meu amigo, Jesus, salvador, acaba de nascer...

★ A JUSTIÇA DAS LEIS ★

CONCLUSÃO

Ninguém, entretanto, saberia disso, se a injustiça não voltasse, e agora não a suporto mais, porque recaí sobre a minha criatura. Só agora, porque me punem ainda, na cabeça de meu filho, e os próprios avós dêle, é que me animo, é que ouse falar. Por mim tive o meu prêmio, não me revoltaria, revoltou-me por meu filho. "Êle" me perdoará... Por mim, repito, ninguém o saberia. Não tenho, porém, o direito de sacrificar um inocente, o filho, como sacrifiquei o pai. Perdoe-me, pois, minha senhora. Perdoe-me pelo bem de seu filho, que eu ameji tanto, até isto que vê...

Não pôde continuar. Atirou-se sobre uma cadeira, a cabeça baixa, a chorar.

Dona Leonor, estava aturdida por aquêle affluxo incontinente de expressão, mas também comovida, lívida,

embora de olhos secos e enxutos. Travava-se uma luta no seu espirito. Seria verdade? Mas, então, seu filho, Pedro, o seu virginal Pedrinho, um exemplar de docilidade e de obediência, de compostura e de virtude, seria, teria sido aquêle que lhe descreviam, rebelde, insurgido, coagido apenas pelo amor, um amor de pecado, à submissão, em que encontrou a morte?... E se fôsse uma hábil intriga? Os mortos não se defendem... Um resto de orgulho soprou-lhe a desconfiança. Com a voz fria, balbuciou:

— Vá ver o seu filho... quero vê-lo...

O marido contemplava-a, a Dona Leonor, com olhos piedosos. Na sua virtude havia, sim, um laivo insuspeito de orgulho, e êsse era abatido. Criara um filho, filhos numerosos, que supunha espelhos de sua

abnegação, de seu sacrifício, de suas privações, de sua austeridade, na prática da lei, a lei suprema, a lei moral, a lei de Deus, e era uma dessas criaturas, a última, aquela em que resumira todo o seu coração, essa era, de além túmulo, quem lhe vinha envergonhar a face... Aquêle, que não podia expiar o seu pecado, êsse pecado tão grave, que recaía como sobre a própria cabeça, como uma condenação... Pior, se Deus o punisse a êle, por uma culpa que era também sua, que era dela também... E uma decepção, a de eloquentes anos de virtude, amargurou-lhe a alma em silenciosa aflição, amedrontada ainda mais do castigo que ao filho caberia... por causa dela.

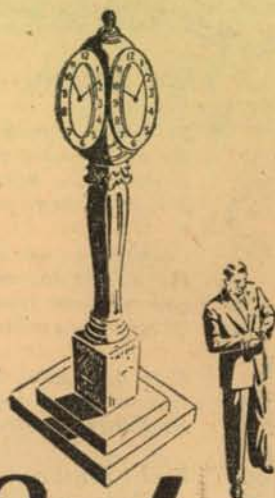
O coronel Botelho trouxera um livro e se pusera a ler, a seu lado: "Nascemos todos para amar. É a primeira lei de Deus, feita não

Pontualidade - Condição de bom êxito!

Em igualdade de condições vencem, nos seus empreendimentos, os homens que cultivam a pontualidade. ESKA, relógio suíço antimagnético, dá personalidade aos que o possuem por seus modelos elegantes e distintos. Com sua precisão tradicional, é o relógio das pessoas pontuais. Prime pela pontualidade nos seus encontros, usando um ESKA.



PANAM - Casa de Amigos



Eska

RELÓGIO SUÍÇO ANTIMAGNÉTICO

só para os homens, sua imagem na terra, senão também para todas as outras criaturas, brutos e plantas, que do mesmo modo crescem e se multiplicam. Por isso, os pecados de amor são os mais comuns e, assim, os mais perdoáveis. Quando eles são muitos e, parece, vão merecer o inferno, alcança, ao invés do céu, porque atrás deles, uma infração à moral, lei dada aos homens, há um serviço a Deus, na homenagem tácita outra lei divina, amorosamente cumprida.

Só assim se compreende a indulgência do Senhor, exaltando a Mulher Perdida, que afrontava à virtude de Israel "porque muito amou..." Outra houve, em Israel, da família dos Patriarcas, que prevaricou: mereceu a morte, o opróbrio, a fogueira; Deus lhe deu a suprema recompensa. Tamar fôra uma bela rapariga, mal casada, que aspirava, como todas as mulheres devem aspirar, a um filho, que é a razão divina da vida. O esposo não lho quis dar, e Deus puniu-o. O outro irmão espousa a cunhada viúva, segundo a lei, e, rebelde a ela, também não lho quis dar, esse filho: foi igualmente punido com a morte. Judá, o patriarca filho de Jacob, temendo a sorte do terceiro filho, retardou as núpcias da Selah, o seu último varão, premeditando, pelo perigo antevisto, iludir a lei. Vendo-se pu-

nido, embora inocente, quis Tamar, com um supremo opróbrio, provar ao santo ancião que era mais justa que a dele a lei do coração, a que dera Deus às suas criaturas. Esse filho, que era devido, ela o teria; a lei divina se havia de cumprir...

Um dia vai o Patriarca aos campos ver tosquiar as suas ovelhas, quando, de volta na encruzilhada de um caminho, com o véo, as jóias e os adereços de perdida, encontra uma mulher. E, mau grado dos anos, culpa da viuvez, é tentado. Peca, mas reconhece o devido, e, a pecadora, em penhor do que lhe prometera, um cabrito, deixa-lhe o anel, o bracelete, o cajado. Torna um serviço ao dia seguinte, com a paga, e já não encontra a mulher da encruzilhada. A informação, dizem que não há tal impureza no lugar. Tempos depois, o corpo de Tamar clama o escândalo; deixara-se corromper, e há de ser queimado. Mas a lei também deve punir o cúmplice, e Tamar confessa; fôra o varão a quem pertenciam aquele anel, aquele bracelete, aquele cajado. Judá reconheceu, tardiamente, com o seu pecado, o erro de sua justiça: porque não lhe dera o marido devido, fôra a própria virtude exposta à vergonha.

Abaixou a face e confessou: "ela é mais justa do que eu".

Deus rehabilitou a Tamar, vindo

Jesus a nascer dessa sua mesma descendência... Uma flor que olha o céu tem sempre, assim, uma raiz obscura, mergulhada no lodo. Os desígnios do Eterno são às vezes imprescritáveis, aqui, porém, são claros. Deus abate o orgulho, exaltando o amor, que os homens punem, injustamente..."

la prosseguir na leitura, mas a própria comoção dominou-o. A rapariga trouxera o filho pela mão, um lindo menino de seis anos, modestamente vestido, mas bem cuidado, sadio e forte. Os velhos cravaram os olhos no rostinho dele, prescru-tadores, e, logo após comovidos, pois que a indagação se tornara em lágrimas, que não permitiam mais ver a dúvida, se tinham a certeza... a inefável certeza! Era o retrato de Pedro, o pai, quando criança, como ele... O neto, o filho do filho... Pedro que renascera!

Abraçaram-se comovidos ao menino entre lágrimas menos amargas que as de arrependimento e de saudade, porque eram agora de alegria e de felicidade.

Cedendo ao marido a vez de aca-riar o neto, Dona Leonor se ergueu, olhou na face a rapariga envergonhada, e, entre compassiva e terna, estendeu os braços para abraçá-la:

— Minha filha... perdão-nos... Você é mais justa do que nós.



Soneto à Virgem Maria

*Sei que a Virgem, em sua compaixão,
Há de estender seus raios até mim.
E quando o mundo me disser que não,
Nossa Senhora me dirá que sim.*

*Comovida ante minha devoção,
Há de afastar-me do que fôr ruim.
Que perigos temer, ou aflicção,
Quem, pela vida, caminhar assim?*

*E se o mundo, afinal, risonho, um dia,
Conceder-me prazeres, à Maria,
Radiante, mostrarei meu coração!*

*E oh! ventura entre tôdas preferida:
— Poder menosprezar os bens da vida,
Se a Virgem, vendo-os, me disser que não!*

● ANITA CARVALHO ●

O SUAVE MILAGRE Conclusão

tempo uma viúva, mais desgraçada mulher, que tôdas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engeilhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho, secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, êsse Rabi que aparecera na Galiléia, e de um

pão no mesmo cesto fazia sete, e amava tôdas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundância maior que a Côte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E êsse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah, êsse doce Rabi, quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judéia como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galiléia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganím; Septimus, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar para que buscassem Jesus e o conduzissem, por seu mando, a Cesaréia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Septimus. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rôtas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apa-

nhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse êsse Rabi, que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh! filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do Rabi da Galiléia? Obed, é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazin até ao país de Moab. Septimus é forte, e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora conosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a quem descesse através das cidades até êste ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão róta?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh, mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, é que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh, meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléia, e curta a piedade dos homens. Tão róta, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado e me apontaria a morada do doce Rabi. Oh, filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com êle para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãosinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

Quem lançou a moda dos esmaltes coloridos?

• Seu nome é *Peggy Sage*. Ela surpreendeu o mundo feminino, quando criou a moda dos esmaltes coloridos, hoje complemento indispensável a uma toalete perfeita. Seu gênio criador é a inesgotável origem das mais exquisitas nuances, expressões de bom-gosto para as mãos fidalgas da Mulher...

Tons moderníssimos:

VINTAGE • SCARLET
PRAIA • TANNYPORT
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA



Peggy Sage

J.W.T.

★ SUSANA CASOU-SE... DE VERDADE! ★

CONCLUSÃO

Conway, amigo de Joan. Com eles estava também o coronel Max Felix, amigo de Bill, e padrinho do casamento. Horas mais tarde, teve lugar a cerimônia.

Joan estava belíssima. Era uma beleza que lhe vinha da alma, e que refletia toda a sua felicidade. Vestia um "tailleur" de "shantung" de cor natural, e usava chapéu de palha do mesmo tom, com orquídeas artificiais verdes. Do braço esquerdo pendia uma grande bolsa verde, que Joan trazia aberta e que estava cheia de orquídeas naturais. Era o seu original "bouquet". Ao seu lado estava Bill Dozier, "executive" do studio, com 39 anos de idade, e seu segundo marido.

Tudo correu dentro da maior calma, sem alarde e publicidade. Como há sempre um romance precedendo um casamento, é lógico que também ele existe no caso de Joan e Bill.

Bill vinha de se divorciar de sua primeira esposa, com quem estivera casado durante 17 anos. O seu caso com Joan, não foi de amor à primeira vista, mas o resultado de uma série de longas palestras sobre negócios.

O chefe William Dozier convidou a "estrela" Joan Fontaine para um jantar no restaurante fronteiro ao **estúdio**, afim de com ela discutir detalhes da sua nova película. Esse jantar marcou o início de muitos outros encontros quer no **estúdio**, quer no restaurante, e o assunto era sempre o mesmo: negócios...

Até que numa noite houve uma variação no assunto; os negócios foram colocados à parte para dar lugar ao amor. Daí então, tudo correu rapidamente até culminar com a fuga para o México. Os dois primeiros dias de lua-de-mel foram passados no "La Borda Hotel", em Tasco; foram depois para Acapulco, onde passaram três dias no "Los Flamingos Hotel".

Naturalmente, Bill e Joan não puderam ver muito do México, pois estavam interessados unicamente nos momentos que estavam vivendo. Sairam só uma noite para ir ao Ciro, famoso "night-club" mexicano, e visitaram apenas dois ou três amigos.

Voltaram em seguida para Hollywood, onde ficaram dois dias, antes de prosseguir na segunda parte da lua-de-mel. Visitaram

então New York e, durante seis dias compareceram a um interminável número de festas, "cocktails", e ainda assistiram à quase todas as peças em cartaz na Broadway.

Novamente em Hollywood, se instalaram na nova residência: uma casa rústica, simples e confortável, que Joan mobiliou com discrição, sem se utilizar dos móveis luxuosos que pertenceram à sua última casa. Depois de 4 meses de casados, eles continuam em lua-de-mel, e, diz Bill, "pretendemos prolongá-la durante 10 anos; só então viveremos como um casal comum".

"E durante esse tempo — acrescenta Joan — teremos pelo menos 3 filhos!"

— "Você é um homem de sorte! — diz Joan para Bill. "Você é uma pequena de sorte" diz Bill para Joan...

Por nossa parte, fazemos votos que a lua-de-mel da querida "estrela" dure mesmo 10 anos, coisa um tanto difícil em Hollywood...

E Susana casou-se... de verdade! Também... era um encanto irresistível...

A ROSEIRA SIMBÓLICA



Para gravar de uma fiel maneira,
o começo do nosso grande amor,
nós plantamos! — os dois — uma roseira;
plantamos — tendo a alma toda em flor...

E eu disse que queria (oh tristeza!)
que nosso amor guardasse a vida inteira
o perfume, o encanto e a pureza,
daquela tão simbólica roseira...

Mas o sol era firme e muito ardente,
e a planta de semente duvidosa!
E foi assim que, prematuramente,
morreu sem dar ao menos uma rosa...

E vi que teu amor, como eu queria,
imitou a roseira na verdade...
...E dêle só me resta hoje em dia
o mágico perfume da Saudade...

LUIZ OCTÁVIO

★ HOJE E AMANHÃ... ★

CONCLUSÃO

está velha! Mas não é que criou coragem e voltou, devendo aparecer brevemente numa super-produção? E o notabilíssimo Charles Boyer? Dizem que tem uma respeitável barriga e uma calva desoladora... Mas quem vê a barriga ou a calva? O cinema é um delicioso mistério...

Mas o tempo vence a técnica e anula o milagre da maquilagem, e os artistas murcham mesmo... São de carne e osso como a gente e não adianta...

Olhemos, por exemplo, a página em que se iniciou esta nossa conversinha mole sobre a velhice dos artistas, coitados.

Lá está o Gary Cooper, que é louco pela Bergman, se é! Vejam como o Fábio imagina o Cooper daqui há uns dez anos. Esse Fábio...

Vejam, agora, o **bobitão** Clark Gable — o último **xodó** da **sobre-humana** Greer Garson — como vai acabar... Nem a Zazú Pitts — lembram-se dela há uns 15 anos? Pois é... — nem a Zazú o querará mais!

E a vampiresca Marlene Dietrich? Olhem bem. Chupadinha da silva. Também é no que dá o vampirismo... Não servirá nem para os films **far-west** com o nosso velho amigo Berry.

Agora, a do sarong, sim a doce Lamour...

Contemplem o **espêto** que ela vai ficar... Mas ficará uma gracinha de felura, não é?

Bem, mas a conversa está longa demais. Ainda há muitos artistas para o Fábio mostrar como vão ficar... Mas isso é se vocês quiserem, está visto.

AS MANIAS DE RICHELIEU CONCLUSÃO

em que de Luynes, aconselhado pelos felicitadores, tinha metido certas ervas e pós no calçado e roupas de Luís XIII, para obter as boas graças do soberano.

Trazia sempre consigo uma bolsinha feita de ótima fazenda, e pendente do pescoço, na qual estava encerrado um pedaço de pergaminho, em que, de seu próprio punho, havia escrita com sangue humano uma fórmula de magia muito comum na Idade Média, e que livrava do assassinio.

Além disso, a bolsinha continha ainda um pedaço da unha do dedo polegar, um pequeno osso da cabeça de um veado, umas ervas aromáticas do Oriente, uma moeda cortada em forma de cruz, um escapulário de seda verde, uma pena de águia cortada em vários pedaços, uma opala, um topásio e um diamante.

Cada um desses objetos livrava-o, dizia ele, de algum malefício.

Ao fazer a toalete diária, tirava a bolsinha e entregava-a a um laçao, que nem um só momento podia afastar-se do seu lado.

Muito afeiçoado às essências e drogas, tinha sempre no toucador caixinhas e vidros com diversas. Cuidava esmeradamente as mãos, como uma mulher, lavando-as com uma mistura de leite, água da chuva e água de folhas de rosa.

Outra mania dele eram as jóias e a sua coleção de peitorais, era das mais magníficas.

Não raro, um ou outro desses peitorais, ia parar ao poder de bela corteza, a quem pagava, assim ternos favores, contando-se, a propósito, o caso do pároco da Notre Dame, proibir a entrada de Delauney, na sua igreja, ao vê-la ostentar ao peito uma cruz de ametista, que, dias antes, Richelieu usara em uma festa da corte.

Quis ver-se em Richelieu um epilético, mas isso não assenta em base sólida. A única coisa certa é que ele viveu em constantes aflições, desconfiando dos seus melhores amigos, suspeitando até do ar que respirava, e fazendo-se cercar de guardas e espíões, como um tirano que teme ser vítima de qualquer atentado.

Tinha sempre a seu lado toda espécie de armas, que diariamente experimentava, e muitos dos seus biógrafos asseguram que ele não sabia sem levar uma cota de malha milanesa, que o mais agudo estilista não perfuraria.

Em verdade, a figura de Richelieu, com as suas manias, superstições e fúrias, é bom tema de estudo para qualquer psicólogo.

MORTO PELAS GRANADAS...

CONCLUSÃO

havia sido até 3 de março. E cheguei à conclusão de que não havia mudado nem pouco nem muito.

VOLTA A MEMÓRIA

No dia 21 me enviaram, por ar, para Moscou e me instalaram num hospital de onde, mais tarde, me transferiram para o Instituto Central de Medicina Experimental e, aí, me conduziram à clínica de afecções nervosas. Nela permaneci de 4 de maio a 9 de setembro, aprendendo primeiro a andar com muletas, e, mais tarde, a não me valer delas.

O fugaz estado cadavérico me havia afetado a memória. Punha-me a ler; ao chegar ao fim de uma página esquecera os primeiros parágrafos de modo tão completo como se jamais os houvesse lido. Mas, graças aos desvelos do acadêmico N. I. Grashchenkov e aos seus auxiliares, a memória foi-se restaurando gradualmente até atingir a normalidade.

Em setembro me senti de novo plenamente bem e vigoroso, e runtei para a casa, ansioso por ver a família e os amigos de Dzheerhinsk. Passados dois meses e meio de descanso, resolvi que precisava fazer algo útil de minha segunda vida. E fui estudar no "Gorky", o Instituto Técnico Mercantil.

O SABOR DA MORTE

— Os médicos e os amigos costumam perguntar qual a minha impressão do fato de ter estado morto, que é que se sente. E, ao responder-lhes o que sempre respondo, mostram-se decepcionados. Que lhes respondo? Apenas o que senti: que caí ferido, que logo peguei no sono e que, finalmente, despertei. Isso, nada mais!

Cherepanov faz uma pausa e então sorri.

— Mas... bem, para o senhor, tenho uma pequena notícia a dar: a de que vou casar muito breve.

O professor Negovski, que publicou dois livros sobre as suas experiências para ressuscitar cadáveres na linha de frente, escreve:

"Morte clínica é o período de não mais de seis minutos imediatos ao instante da cessação das atividades respiratórias e de palpação cardíaca. Durante esse tempo o organismo não sofreu ainda nenhuma mutação irreparável. É possível reviver o coração mesmo depois de um período mais prolongado, mas o cérebro, em troca, não pode sobreviver à cessação da irrigação sanguínea depois de um lapso de mais de seis minutos.

"Aplicamos nosso método de revivescência em homens em estado de morte clínica, em dez casos. Em cinco, conseguimos ressurreição cabal. Mas, quatro dos feridos morreram de novo, quase imediatamente. Num só caso se conseguiu plena restauração à normalidade da pessoa ressuscitada: no de Cherepanov".

O professor Negovski acredita que são muitas as pessoas que poderiam ser resgatadas imediatamente da morte se se generalizasse a aplicação de sua técnica. Assim como crê que chegará o tempo em que a ciência descobrirá o meio de trazer de novo à vida as pessoas que tenham estado mortas por mais de seis minutos.

Entretanto, acha-se superlativamente ufano do seu êxito com Cherepanov e guarda como um tesouro uma carta que é assinada assim: "Seu filho adotivo, Valentin Cherepanov".

O MELHOR PRESENTE



... a felicidade de ouvir!

E V. poderá oferecê-la a um ente querido que sofre de surdez. Um aparelho TELEX - a devolução de um mundo perdido - o mundo dos sons!

PREENCHA ESTE CUPOM E REMETA-O
AO AGENTE MAIS PRÓXIMO DO

Solicite a remessa de detalhes
explicativos do aparelho TELEX e
respectivas condições de venda.

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____
Estado _____

CENTRO OTOPHÔNICO DO BRASIL

Av. Franklin Roosevelt, 84, 2.º andar
MATRIZ: Sala 202 - Tel. 22-6662 - Rio de Janeiro

FILIAIS:

BELO HORIZONTE Rua Carijós, 561 - 3.º and. - sala 308
SÃO PAULO... Rua Gal. Osório, 188 - 10.º and.
sala 1002

AGÊNCIAS:

UBERABA... Dr. Victor Mascarenha - Rua Sto.
Antonio, 12
UBERLÂNDIA... H. Agopian - Afonso Pena, 310
VARGINHA... Dr. Donato Valle
LAVRAS... João Costa Pinto - Farmácia Costa
Pinto
RIBEIRÃO PRETO Adolpho Maziero - Rua 7 de Se-
tembro, 43
GUARATINGUETÁ. Dr. Armando Alves Cavalheiro - Rua
São Francisco, 127

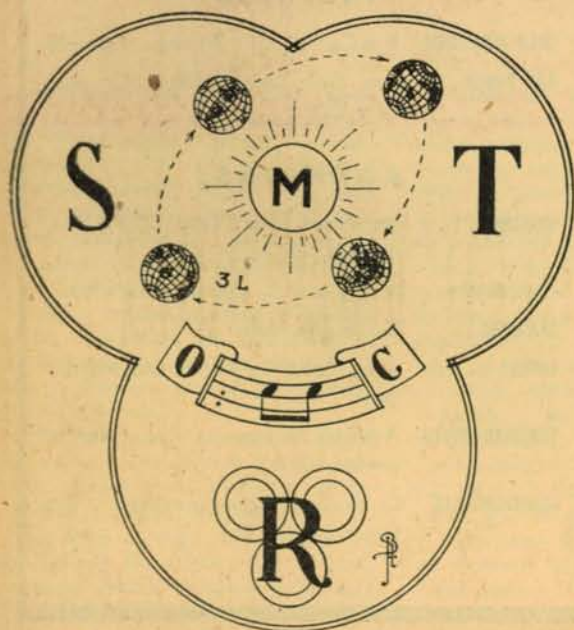
SIMBÓLICO N. 29

(Para os que preferem simbólicos mais fáceis)



ZIGOMAR (B. B.) — Capital

SIMBÓLICO N. 30

(Ao Junius, felicitando-o pela simpática iniciativa.
— JÁSBAR (B. B.) — Capital.

Mulher semelha-se ao vento
E é de inconstância maior: — 1
Varia a todo momento,
Principalmente de amor...

Jásbar (B.B.) — Capital

- 19 — Quem consegue com trabalho,
e sacrifício — 2
Qualquer coisa, com honor, — 2
Ferro velho, rebotalho,
ou precipício,
Tudo, tudo tem valor.
- 20 — O "preço" nunca se ajelta — 1
— Não conheço uma exceção — 2
Em sendo a obra mal feita,
Qualquer preço é uma extorsão.
- 21 — E' comum, na sociedade,
Sob a capa da bondade,
Esconder-se um criminoso;
Mas pundonor é virtude, — 2
"Sob" qualquer atitude, — 1
Sempre diz homem brioso.

Frecor — B.B. — Capital

- 22 — E' melhor não ter tamanho e ser bem pa-
parecido... — 2 — 2
Jásbar (B.B.) — Capital
- 23 — Soam docemente aos meus ouvidos os sinos
quando anunciam a hora sagrada do "an-
gelus". 3 — 1.
- 24 — A boubá insuficientemente tratada, quase
matou o meu tucano de peito branco. 2 — 2.
- 25 — A carne de "ouriço do mar" é abundante e
de excelente paladar. — 2 — 2.
- 26 — O homem do campo vê com "espanto" e "re-
volta" o abandono a que foi condenada a la-
voura. 2 — 2.
- 27 — Em compensação, vai haver chamada de
grandes quantidades de chefes políticos, do
interior, para as convenções partidárias. 2-2.
- 28 — Bom tempos aqueles em que minha mãe re-
comendava: Faça a refeição, com vagar, para
saborear o tutú com linguiça, à mineira (AI!
que saudade!) 2 — 1.

Polidoro — B.B. — Capital

CORRESPONDÊNCIA:

DR. JOSE XAVIER PEDRO DA VEIGA — Ouro Preto. A angústia de espaço não nos tem permitido a publicação das soluções dos problemas. Pretendemos fazê-la num dos próximos meses, ainda que com sacrifício de certo número de charadas. O seu interesse pela nossa modesta sessão muito nos desvanece e sensibiliza. Às ordens.

MOEMA — Boturobí — Recebido todos os trabalhos. Agradecidos pelas constantes gentilezas.

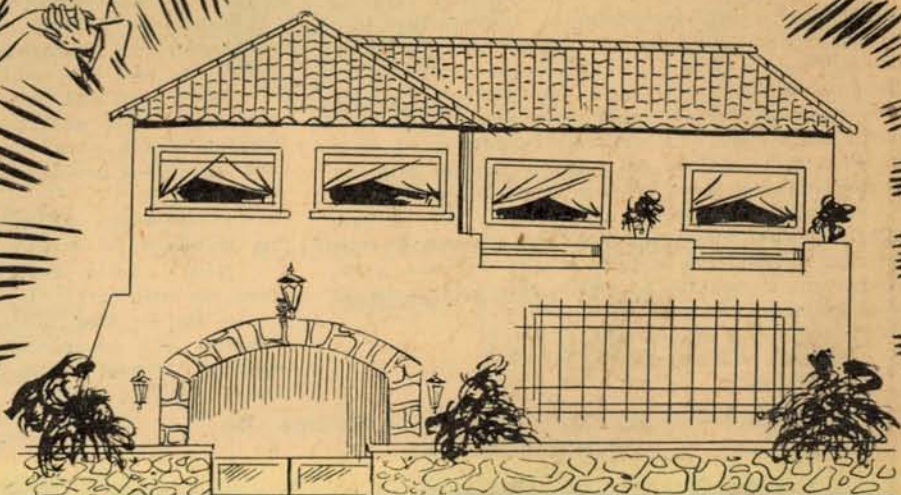
F. KURBAN — São Paulo — Recebidos os trabalhos e muito gratos pela preferência. Ao Jásbar, Zigomar e Valerio Vasco transmiti os seus abraços.

PROFESSOR JOÃO C. FRANCO — Itapetininga — São Paulo — As charadas vão ser examinadas. A colaboração literária foi encaminhada à redação da revista.

PUBLICAÇÕES: — Recebemos mais um número de "Mocidade", de Macaé, "Brasilidade", de Santos e dois números da revista "Edipismo e Palavras Cruzadas", que se publica em Aveiro, no velho e querido Portugal.

Realize imediatamente o sonho de seu lar próprio

CASAS E LOTES EM TODOS OS BAIRROS DA CAPITAL, A LONGO PRAZO SEM JUROS, COM A POSSE IMEDIATA DO IMÓVEL



Esta é a ocasião própria para adquirir o seu lote de terreno. Procure inteirar-se das facilidades que lhe são apresentadas pelos interessantes planos de venda da

"CARTEIRA DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO"
DA

Co. Mi. Te. Co., S.A.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO IMOBILIÁRIA NO EST. DE MINAS
CAPITAL REALIZADO: CR. \$3.000.000,00
RUA CURTIBA, 607 ~ C. POSTAL, 357 ~ FONE, 2-2513 ~ BELO HORIZONTE





LILITE

CONCLUSÃO



marido Metuel, parecendo ambos possuídos de grande júbilo.

Então, a princesa serviu-se de um ardil:

— Hozael vai bem — disse ela — e tenciono devolvê-lo amanhã. Mas, já que sabeis onde está o Messias, conduzi-me à sua presença, pois vim com o fim de adorá-lo.

Metuel, que era um homem simples e pouco inclinado a presumir o mal, respondeu:

— Conduzir-vos-ei, princesa Lilite.



Quando chegaram ao lugar onde se achava o menino, Lilite encheu-se de espanto. Ela esperava alguma coisa de extraordinário e magnífico, sem imaginar bem o quê, e via apenas uma choupana encostada ao rochedo e, dentro dessa choupana, um jumento, um boi, um homem que parecia um artífice, uma mulher do povo, bela sem dúvida, mas descorada e débil e pobremente vestida; e, na manjedoura, sobre palha, um menino que no primeiro momento lhe pareceu igual a muitos outros.

Todavia, tendo-se aproximado, viu os seus olhos e, nesses olhos, um olhar que não era de uma criança, uma doçura infinita e sobre-humana, e verificou que o estábulo só estava iluminado pela luz que emanava do menino.

Dirigiu-se à jovem mãe:

— Como vos chamais?

— Miriam.

— E vosso filho?

— Jesus.

— Parece ser muito manso.

— Às vezes chora, mas não grita nunca.

— Quereis permitir-me que lhe dê um beijo?

— Sim, senhora — respondeu Miriam.

Lilite inclinou-se e beijou Jesus na testa. Em seguida, perguntou:

— Então, este menino é o Messias?

— Vós o dissestes, senhora.

— E ele será o rei dos judeus?

— Foi para isso que Deus o enviou.

— Mas então ele fará a guerra, matará muitos homens e destronará o rei Herodes ou o seu sucessor?

— Não — respondeu Miriam — pois o seu reino não é deste mundo. Ele não terá guardas nem soldados; não possuirá palácios nem tesouros; não arrecadará tributos e viverá como o mais pobre dos humildes e dos pequenos; curará as enfer-

midades e consolará os aflitos, ensinará a verdade e a justiça; e é sobre os corações e não sobre os corpos que ele reinará. Sofrerá para nos apontar a recompensa do sofrimento; será o rei do amor, pois amará os homens e, aqueles que se acham atormentados por violentas paixões, dir-lhes-á como o seu pobre coração achará contentamento e alegria. Terá inesgotáveis misericórdias para todos os que, mesmo culpados, tiverem conservado esse dom de amor e essa virtude de sentir-se irmãos dos outros homens e de nunca se preferir a eles. E, sem dúvida, ele possuirá um trono...

— Ah! Enfim o confessais — interrompeu Lilite, resistindo ainda.

— ... Mas — retomou Miriam — esse trono será uma cruz. E' sobre uma cruz que ele morrerá para expiar os pecados dos homens e a fim de que Deus, seu pai, lhes tenha piedade.

Lilite escutava com assombro. Lentamente, volveu a cabeça para a manjedoura e notou que o menino olhava para ela. Dominada pela meiguice dos seus olhos profundos, deixou-se cair de joelhos, murmurando:

— Ninguém me havia dito essas coisas!

E adorou a Jesus.

Noun, a boa negra, também ajoelhada, chorava copiosamente.

— Sei — disse Lilite, erguendo-se — que o rei Herodes está procurando o menino para mandar matá-lo. Tomai o jumento (eu o pagarei ao seu dono) e fugi.



Pelos estreitos caminhos que serpream entre as colinas redondas, Jesus e sua mãe, José, Lilite, a escrava e o asno chegaram à planície.

Deixar-vos-á aqui. — disse a moça. — Sou a princesa Lilite, filha do rei Herodes. Lembrai-vos sempre de mim.

E, enquanto Miriam, montada no jumento que José guiava, e prendendo Jesus em seus braços, se afastava, pelo caminho a direita, Lilite seguia com os olhos, no meio da noite, a auréola que ornava a divina cabeça do menino.

No momento exato em que a pálida luz misteriosa desaparecia por trás de um bosque de sicômoros, eis que surge na estrada oposta, com o tropel de cem cavalos cujas ferraduras despedem centelhas, o esquadrão dos soldados romanos marchando com destino a Belém.

SERRARIA



CARPINTARIA

FÁBRICA DE
MÓVEIS E TACOS

A INDUSTRIAL

FUNDADA EM 1903



CAL, CIMENTO

E

OUTROS
MATERIAIS

AUGUSTO DE SOUZA PINTO & FILHOS LTDA.

INDUSTRIAS E CONSTRUTORES

AV. TOCANTINS, 809 — CAIXA POSTAL, 510 — END. TELEGR. "INDUSTRIAL"

TELEFONES: Escritório, 2-3733 — Carpintaria, 2-3174

BELO HORIZONTE

SERRARIA FILIAL: Barra do Cuyeté — E. F. V. M. — Rio Doce

Apresentação

CONCLUSÃO

blema do reflorestamento. Até lá, chegaremos.

Terminando, queremos esclarecer que, de princípio não iremos aventurar grandes tiragens. Não podemos iniciar com 200.000, que é a tiragem da revista propriamente dita.

Vamos começar modestamente com poucos exemplares e vamos aumentando se for o caso. Mesmo porque não podemos competir de saída com uma revista que já tem 7 anos de idade.

E agora, terminando mesmo, vamos pedir a nossos santos particulares a graça especial para manter a modesta seção fiel ao princípio que a desorienta: fidelidade ao passado.

Não adotamos o nosso nome pessoal de batismo, registro civil e crisma. O mundo dá muitas voltas, dando uma volta por dia. O tempo passa, a gente envelhece, fica sério e lá um dia, daqui a meio ou um século, pode a gente ser candidato a alguma coisa e então os nossos adversários irão nos combater com as próprias armas do nosso ridículo.

E assim, na firme esperança de não causar profundas irritações, e graves descontentamentos, aqui ficamos inteiramente penhorados e atentos.

PINHO MADEIRA

★ A Futurista ★



LINDOS MODELOS EXCLUSIVOS

*Aos nossos distintos fregueses
e amigos Feliz Natal e
Próspero Ano Novo*

AV. AFONSO PENA, 455 — ESQ. DE SÃO PAULO
BELO HORIZONTE

○ Banco do Distrito Federal S.A.

apresenta aos seus distintos fregueses
e amigos os seus melhores votos de

Feliz Natal e Próspero Ano Novo

SUCURSAL:

AV. AFONSO PENA N.º 737
BELO HORIZONTE

INAUGURADA A MATERNIDADE DO HOSPITAL DA FÔRÇA POLICIAL, DE MINAS

Presentes à solenidade o Interventor Federal e altas autoridades militares e civis — O brilhante discurso do capitão médico Dr. Altair Camargos, chefe do Serviço de Obstetria e Ginecologia do Hospital Militar

REALIZOU-SE, nesta Capital, em novembro último, com a presença do Interventor Federal e altas autoridades, a cerimônia inaugural da Maternidade do Hospital Militar.

O Capitão médico Dr. Altair Camargos, que há vários anos dirige com eficiência e rara dedicação, o Serviço de Obstetria e Ginecologia e sob cuja responsabilidade está agora a direção da Maternidade recém-inaugurada, pronunciou, na ocasião, o brilhante e incisivo discurso que temos o prazer de publicar:

Senhor Interventor,

Em nome do corpo clínico do hospital Militar, manifesto a nossa gratidão e contentamento, por terdes aqui convido ao convite para a inauguração da maternidade deste Hospital.

De todos os problemas sociais que se apresentam aos países civilizados e que preocupam os que põem consciência, inteligência e coração aos serviços de aumento da natalidade e da melhoria da raça, não há nenhum mais importante que a proteção da maternidade e da infância.

Os postos de puericultura e as maternidades são de importância capital na grande obra de assistência médico-social da mãe e do recém-nascido, de proteção incalculável sobre o futuro da saúde física e moral de uma nação de território vastíssimo como é o Brasil.

A diminuição crescente da natalidade, não pode passar despercebida aos governantes, considerando que um dos seus mais sagrados deveres é proteger as classes desafortunadas e principalmente a mãe pobre, que ao conceber, está contribuindo através de sua alegria, dor e sacrifício para o aumento do potencial humano de sua pátria.

Segundo nos informa Correia da Costa, o Brasil perdeu, em 1938, 323.618 crianças, no primeiro ano de vida ou sejam 876 por dia e 32 por hora!

Essa mortandade de significação catastrófica é, no entanto, evitável, pela ação conjunta de médicos, parteiros, pediatras e enfermeiras tecnicamente aparelhados, através dos postos de puericultura e das maternidades.

Compete ao Estado enfrentar o problema da natalidade e da mortalidade infantil. Numa frente de batalha, quando um Exército está na iminência de ser derrotado, compete ao Estado Maior enviar reforços e material qualitativo e quantitativamente suficientes para sobrepujar o inimigo, e, assim, assegurar a vitória.

Ao Estado também compete fornecer aos médicos abnegados que estão travando esta grande batalha em prol da eugenia, a aparelhagem técnica necessária, pois só assim seremos dignos de nós mesmos, dignos de um Brasil de irmãos fortes, coesos, unidos, como deve ser essa grande Pátria, onde se fala um só idioma e que tem a bênção do Cruzeiro do Sul.

No censo Hospitalar realizado de 1941 a 42, pelo D. N. S. do Ministério da Educação, foram recenseados, diretamente, 1.234 hospitais, que eram quantos existiam; gerais e especializados, casas de saúde e santas casas; estabelecimentos oficiais e particulares, militares e civis, filantrópicos e religiosos ou os de caridade; de finalidade lucrativa e de finalidade não lucrativa, enfim, inclusive hospitais e especializados para doentes mentais e nervosos, para tuberculosos e para lepra. Não foram incluídos nesta estatística, dados referentes a clínicas isoladas, ambulatórios e dispensários.

Verificou-se um total de 116.669 leitos do qual, para nervosos e doentes mentais, 84 instituições com 24.322 leitos, mais de 1/5 do total; para tuberculosos, 64 instituições e 5.561 leitos; para doentes de lepra, 35 instituições, na maioria hospitais-colônias, com 18.345 leitos. Doentes mentais, tuberculosos e leproso somam 48.228 leitos.

Os Hospitais gerais, em número de 885, têm 60.167 leitos; 54 maternidades, funcionando com 2.126 leitos; apenas; Hospitais de crianças, 31, com 1.814 leitos; 81 hospitais diversos a saber: de isolamento, pronto-socorro, otorrino-convalescentes, etc., compreendendo 4.334 leitos. Total 68.441 leitos, afóra doentes mentais, tuberculosos e lepra.

Médicos efetivos 7.127, sendo, de medicina geral 2.323

e fazem cirurgia, em geral, 1.855. Em serviço nos hospitais havia 305 dentistas, 337 farmacêuticos e 587 práticos de farmácia.

Os 68.441 leitos, divididos, fornecem 16 leitos por 10.000 habitantes ou 1,6 por mil habitantes.

Faltam-nos 34 leitos para cada 10.000 habitantes, atendendo a que a média de leitos satisfatória para um país, deve ser de 5 por mil habitantes ou 50 leitos por 10.000 habitantes, consoante os estudos mais autorizados, nos países mais adiantados em organização hospitalar.

A eloquência dos números referidos, dispensa qualquer demonstração sobre a realidade deficitária da assistência a doentes, em nosso país, em 1941-1942. E tudo isto, quanto à quantidade, e não se referindo à qualidade.

As enfermeiras padrão "ANA NERI", eram em 1942, aproximadamente, em número de 600 diplomadas, em todo o Brasil! Precisamos de 50.000 enfermeiras desse tipo; mais ou menos, uma para cada mil habitantes, quando tivermos no país, uma melhor organização hospitalar e mais completa organização de saúde.

Após o censo hospitalar, foram construídos e aparelhados tecnicamente, o Hospital das Clínicas, com 1.000 leitos e a Casa Maternal com 200 leitos, em São Paulo, a Santa Casa de Santos com 1.000 leitos e este Hospital Militar com 170 leitos, e ainda está sendo aparelhado.

Impõe-se ao reconhecimento público, os relevantes serviços que a maternidade "Hilda Brandão" vem prestando à mãe desvalida. Em meu nome e em nome do Serviço de Saúde da Fôrça Policial, quero apresentar agradecimentos ao Dr. Argeu Murta, DD. Chefe da 2.ª Clínica Obstétrica da Santa Casa, de quem me orgulho ser um dos assistentes, pela sua generosidade, permitindo-me internar naquela clínica e praticar as intervenções que viessem a necessitar as mulheres de militares que não pudessem se internar em quarto de classe. Os meus agradecimentos são extensivos à boníssima Irmã Alexina, esta Santa Irmã, que sempre esteve solidária com a mulher do soldado no doloroso transe da parturição, que apesar da superlotação da nossa enfermaria, nunca lhe faltou mais um colchão para se mandar pôr no chão.

Nos últimos 4 anos, isto é, no período de 1942 a 45, foram atendidos por mim, conforme consta dos relatórios apresentados à Diretoria deste Hospital 6.667 consultas, 400 chamados em domicílio, 202 curativos e 265 operações, das quais, 75 vezes por aborto incompleto com hemorragias e 24 vezes em casos de anemia aguda que exigiram transfusões num total de 6.465 cc. ou sejam 6 litros e meio de sangue.

O que é o consultório pré-natal?

Das maternidades modernas, o consultório pré-natal é o elemento básico essencial, que age profilaticamente, garantindo condições favoráveis a uma sábia, segura e consciente maternidade.

Ninguém mais que o médico especializado pode avaliar os benefícios que resultam para a mãe e para a criança de uma assistência pré-natal completa e oportuna.

E' através do consultório pré-natal que se previne a natimortalidade ou a prematuridade, que se evita o nascimento de crianças sífilíticas, fracas ou defeituosas; que se garante o parto espontâneo; que se preserva a vida e a saúde normal da mãe; que se prepara a mentalidade materna para assumir, dentre outras responsabilidades, a grande responsabilidade de educar o ser a quem dá vida, fazendo-o bom e forte, útil a si mesmo, à família, à sociedade e à Pátria.

E' ainda através do consultório pré-natal, que se procura atingir o grande objetivo de melhoria do capital humano no seu número e na sua qualidade.

A atuação do obstetra não se inicia na ocasião de parto. Começa muito antes, em tempo oportuno, e é necessário ao combate de todas as causas de agressão à mãe e ao feto. No consultório pré-natal a intoxicação gravídica, hipertensiva que contribui com 11% na cifra da natimortalidade é constantemente pesquisada e cuidadosamente combatida. Dentre as diversas causas, que, isoladas ou em concomitância com outras, são responsáveis pelo estado de desnutrição, destaca-se a deficiência alimentar. E' o estado de desnutrição responsável por mul-

(Conclui na página 208)

ESCOLAS DE ASTROS E ESTRELAS

CONCLUSÃO

ra, está na Globo e é Otávio Machado. Cresceu.

Mabel Tolentino, hoje afastada do rádio, também iniciou seus primeiros passos no programa infantil da PRC-7.

Maria Sueli, a primeira locutora comercial de Minas, foi lançada no "Programa do Garoto". Ouvia ela, no auditório, o programa, quando Afonso de Castro convidou-a a ler alguns anúncios. Foi um sucesso. E Maria Sueli é hoje uma das nossas melhores locutoras e radioatrizas.

O "Programa do Garoto" e "Gurilândia" são autênticas escolas de arte a serviço da precocidade infantil. E a dedicação, o esforço e a perseverança de Afonso de Castro e Rômulo Pais, são a garantia da permanente eficiência dessas escolas que jamais foram tão risonhas e francas como agora...



CONDECORAÇÕES BRASILEIRAS

DE 1822 a 1889 — durante o Império — houve no Brasil as seguintes Ordens: Cruzeiro e Rosa (para civis e militares); Aviz, Oristo e Sant'Iago (para militares); e condecorações de Campanha, as da Guerra do Paraguai, de 1865 a 1870, que se destinavam a militares e voluntários.

Caindo o Império a 15 de novembro de 1889, foram extintas todas as Ordens, quer para civis, quer para militares. Dessa data até 1932 muitas vezes se pensou em restaurar a Ordem do Cruzeiro, principalmente durante o governo do presidente Epitácio Pessoa. Entretanto só em 1933 foi ela restaurada pelo presidente Getúlio Vargas, que criou, novamente, em junho de 1934, a ordem do Mérito Militar, já existente, com outro nome, no tempo da Regência e do Império — destinada não só a militares como também a estrangeiros.

Durante a primeira grande guerra foi instituída a Cruz da Campanha de 1917-1918, pelo presidente Wenceslau Braz, para condecorar os que combateram na Europa.

Durante a guerra há pouco terminada, outras condecorações foram criadas.

CIGARROS

Selma

CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ



As HEMORROIDAS causam sérios distúrbios



As HEMORROIDAS, moléstia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irritadíssimo. Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre prisão de ventre, palpitação, tonteira, inapetência, dor e sensação de peso no reto. As PILULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS

IMESCARD, medicação de origem vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade nos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal congesta e irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das prodigiosas

PILULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD

Premiada com 1 milhão de cruzeiros

• a apólice numero 1.595.574 •

Realizou-se, no dia 31 de outubro ultimo mais um sorteio da Serie "B" do Empréstimo Mineiro de Consolidação. Outras apólices contempladas com premios menores

Realizou-se, no dia 31 de outubro último no auditório do Instituto de Educação, o 19.º sorteio de premios das apólices da Série "B" do Empréstimo Mineiro de Consolidação.

Ao ato, presidido pelo sr. Francisco Martins, Superintendente do Departamento da Despesa Variavel da Secretaria das Finanças, compareceram o sr. Abilio Barreto Filho, representando o prof. João Franzen de Lima secretario das Finanças, outras autoridades, convidados, representantes de associações de classes e grande número de pessoas.

AS APOLICES PREMIADAS

Por sorteio, efetuado por meio de máquinas "Fichet", foram premiadas as seguintes apólices:

Cr\$1.000.000,00 — 1.595.574; Cr\$100.000,00 — 1.307.079
 Cr\$ 50.000,00 — 1.746.210; Cr\$ 20.000,00 — 1.611.677
 Cr\$ 20.000,00 — 1.963.985; Cr\$ 10.000,00 — 1.087.352
 Cr\$ 10.000,00 — 1.829.742. Cr\$ 10.000,00 — 1.628.936

PREMIOS DE CR\$5.000,00

1.049.586 — 1.555.058 — 1.653.541 — 1.190.648 — 1.719.664

PREMIOS DE CR\$1.000,00

1.000.403 — 1.007.344 — 1.037.303 — 1.060.723 — 1.061.106 — 1.071.362
 1.074.176 — 1.084.560 — 1.106.233 — 1.110.831 — 1.121.370 — 1.134.642
 1.136.540 — 1.143.663 — 1.163.101 — 1.164.251 — 1.191.582 — 1.225.162
 1.230.367 — 1.242.833 — 1.249.771 — 1.262.978 — 1.317.263 — 1.329.929
 1.331.241 — 1.341.721 — 1.363.744 — 1.367.834 — 1.407.722 — 1.424.409
 1.427.825 — 1.436.910 — 1.459.016 — 1.519.355 — 1.528.768 — 1.601.706
 1.624.677 — 1.647.462 — 1.653.056 — 1.710.786 — 1.710.973 — 1.725.370
 1.732.082 — 1.754.066 — 1.765.202 — 1.769.657 — 1.786.738 — 1.833.676
 1.881.139 — 1.889.473 — 1.951.846 — 1.986.154 — 1.993.815 — 1.995.340
 1.999.103

NOTA — A numeração das apólices resgatadas ao par consta de uma relação à parte que será fornecida a todos os portadores que se dignarem de procurar no Departamento da Despesa Variavel, Secretaria das Finanças, e no Departamento da Fazenda de Minas Gerais — Rio de Janeiro, Banco Comercio e Industria de Minas Gerais e Banco Comercio e Industria de São Paulo.

O PREÇO DO CASAMENTO



Os cálculos relativos a um casamento nunca deveriam ficar para a última hora, quando se deseja evitar surpresas muito desagradáveis. Convém preparar tudo com a maior antecedência possível.

Quando a noiva, ou o noivo, já tem fixada a quantia que podem gastar com isso, cabe-lhes naturalmente elaborar um orçamento perfeitamente cabível nos limites da aludida quantia,

e parece que esse é o meio mais prático.

De fato, sempre há mais conveniência em fazer a lista das despesas para gastar uma determinada importância, do que em escolher tudo quanto se quer e no fim chegar à triste realidade de constatar que o orçamento excede vinte, cinquenta e cem vezes aquilo que se pode gastar.

Convém não esquecer de calcular os gastos a fazer com a roupa e os utensílios da viagem de lua de mel.

O enxoval não pode abranger exclusivamente a roupa do corpo, mas precisa incluir a de cama e mesa para ser completo e não oferecer surpresas desagradáveis mais tarde.

Toda noiva deve levar em consideração que executando ela própria todos os seus vestidos e roupas, poderá economizar uma quantia bastante apreciável.

E' bem verdade que presentemente ninguém se mune de enxovais suficientes para durar toda a vida. Agora tudo é provisório, e, por isso mesmo, escasso, reduzido, obedecendo a um espírito prático.

Ao cuidar-se do preparo do enxoval é também conveniente pensar-se o casamento será na estação quente ou fria, porque o de uma não servirá para a outra, salvo se lhe fizerem grandes modificações, o que acarretará despesas imprevistas.

Os imprevistos devem ser eliminados sempre que seja possível, mediante um orçamento metódico, paciente e tão completo quanto as circunstâncias o permitam.

A moça providente e econômica irá se enfrasando em todos estes assuntos com meses de antecedência, de maneira a verificar quais são os preços de cada coisa, conforme a qualidade escolhida e quais são as lojas onde isso tudo se vende mais em conta, porquanto, como se sabe, existe uma diferença bastante grande nos preços de uma casa para outra.

Uma coisa que se deve ter sempre em mente é que mais vale fazer um casamento mais simples, do que com certa figuração, mas de maneira a não ficar endividado, porque não há coisa mais lastimável do que logo no princípio da vida nova andar o casal apanhado por causa da perseguição dos credores. Quem tem dívidas não tem alegria — diz um adágio bem conhecido. E' exato. Geralmente quem gasta demais com a sua roupa, e anda endividado por isso, está sempre mal-humorado e de cara feia. Uma situação dessas para quem inicia a vida conjugal é sumamente desastrosa. Acresce que se o matrimônio começa com dívidas, estas o perseguirão sem tréguas, porque todas as probabilidades são para o contínuo aumento das despesas após o casamento. E os noivos prudentes calculam tudo isto muito bem antes de dar o passo para o desconhecido!

Artigos finos para homens

A casa dos bons artigos e melhores preços

Camisaria Alberto

Av. Af. Pena, 468

Casa da Borracha Ltda.

FILIAL

Rua Espírito Santo, 639

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

Rua do Senado, 11 e 12 — Telefones: Vendas 42-2014 e 42-2236 - Contabilidade 22-1074

FABRICA:

Rua General Bruce, 311 a 321 (São Cristóvão)
Telefone 28-5086 — RIO DE JANEIRO

Ensinar a ler e escrever a uma de tuas patricias, será uma grande obra de brasilidade. Brasileira; trabalha um pouco pela grandeza da Pátria de teus filhos, tirando outra brasileira das trevas do analfabetismo!

Sms.
Dentistas!



Em agradecimento à atenção e bom acolhimento que nos têm proporcionado, temos o prazer de cumprimentar-lhes, desejando-lhes um Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Contamos continuar merecendo a valiosa preferência com que nos têm distinguido.

Atenciosamente

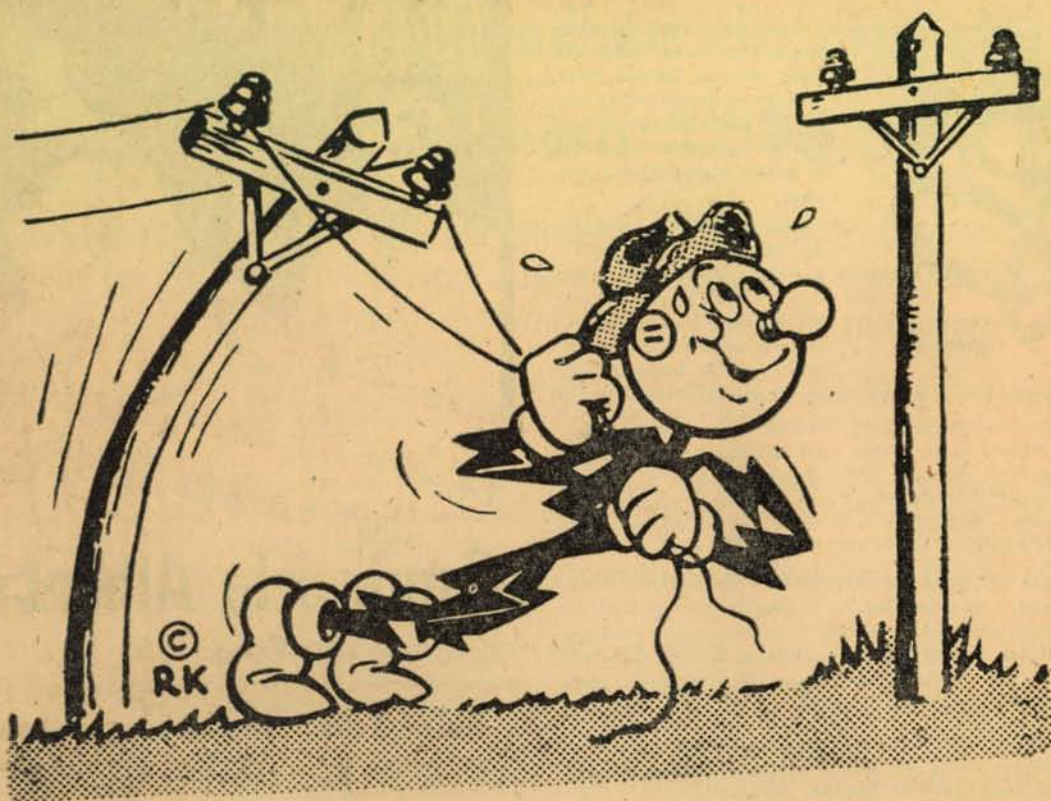
ODONTOTICA LIMITADA

End. Tel. "Odontótica" - Cx. Postal, 126



ODONTOTICA-LTDA.

TUPINAMBÁ, 397 - TEL. 2-6135 - B. HORIZONTE



SE BÔA VONTADE BASTASSE...

— A simples bôa vontade por mim sempre demonstrada para com os problemas e necessidades dos meus amigos desta cidade, nem sempre é suficiente para resolver as situações complicadas que se apresentam a toda hora.

Com efeito, se, na maioria das vezes, as soluções ficam na dependência única e exclusiva da chegada de novos materiais, que poderei fazer apenas com a minha classica vontade de servir bem? — pergunta "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TELEFONE 2.1200

Papai Noel dê também,
Um presente à minha Terra!
Um presente bem bonito:
nos dê Paz em vez de Guerra...

Luis Otávio

*

Saudade

Saudade... sombra, fantasma,
Coisa que bem não se explica:
— Algo de nós, que alguém leva.
— Algo de alguém, que nos fica...

Soares da Cunha

*

Conselho

És tolo, meu caro amigo,
em desprezar quem de te quer:
não é sempre que se encontra
sinceridade em mulher...

Albertina de Castro Borges

Carta a Papai Noel

Eu já cresci e estou um homem,
Papai Noel, amigo.
Sonhos e ideais não me consomem
mais a alma e o coração...
Comigo,
você não tem mais cotação...
Durante os anos,
os desenganos
e os homens me contaram a tapeação
do seu lindo passelo ao nosso lar...

E no Natal, nada mais sinto...
Papai Noel imaginário, eu mintro:
— Sinto louca vontade de chorar...

João Serrano

O REI ESCRAVO

Conclusão

do dormia na fazenda de Lourenço Nunes, àquela hora, a primeira da madrugada. Todos, não. Num quarto de torturas, dois negros quase moribundos, tinham os olhos entreabertos, olhos que não se fechavam já havia muitas noites, e que breve se cerrariam de uma vez para sempre. Alguém velava também, além deles, e de tempo em tempo chegava à janela da senzala, perscrutando o horizonte com ar inquieto. Era Cândida Rosa. Uma pequena luz acendeu-se e apagou-se três vezes no alto da montanha. O aviso combinado por Leôncio! A negrinha buscou a lanterna, repetiu o mesmo sinal e em seguida acordou os companheiros. Mela hora depois, cerca de cinquenta escravos desceram do morro a cavalo, comandados por Leôncio e Isidoro, o perneira, entrando sem dificuldade na fazenda de Lourenço Nunes. Havia uma expressão feroz no rosto daqueles negros! A revolta contra as injustiças, contida havia anos, explodia neles com a violência da torrente, num díque cujas comportas houvessem tombado de repente. Al de quem se interpusse entre eles! João Raimundo, despertado pelo ruído, saltou da cama, armou-se de clavinote e correu para fora ordenando aos escravos nagôs que contivessem os invasores. Uma decepção o esperava entretanto: os negros, que intimamente o odiavam, quase todos se haviam aliado a Isidoro e já se dirigiam para o quarto onde estavam Chico-Rei e Ambrosio.

O feitor seguido de Anselmo, armou alguns escravos que lhe haviam ficado fiéis e deu caça aos quilombolas, atirando contra eles. Caíram logo dois, morrendo no mesmo instante. O barulho era terrível! Ruidos de corrente e gritos excitados vinham da senzala onde estavam os negros da tribo de Chico-Rei, impossibilitados de participarem diretamente no acontecimento por causa das algemas que tinham nos pés... Leôncio engalfinhou-se com João Raimundo, conseguindo desarmá-lo. O feitor avançou para ele com tódá fúria, derrubando-o mais uma

vez e dando-lhe violentos pontapés no abdômem. O negro, reagindo sempre, levantou-se e caiu. Certo momento, João Raimundo puxou do cinto um enorme facão e levantou o braço para enterrá-lo no peito de Leôncio. O escravo que tinha bastante força, conseguiu detê-lo e, depois de alguns momentos de horrível luta, arrebatou a lâmina e fincou-a no peito do feitor. João Raimundo caiu moribundo no chão.

Enquanto isso, no quarto de castigos, Isidoro e seus negros arrebatavam o tronco que prendia Chico-Rei e Ambrosio, libertando a ambos. Tão torturados e fracos estavam eles que caíram no chão como dois trapos. Pressentindo que a vingança se estenderia a Dona Rosália, Chico-Rei murmurou debilmente:

— Protejam a Sinhá-moça!...

Entretanto, lá dentro da casa de Lourenço Nunes, Amarillis lutava para se ver livre de Dona Rosália, que obrigara a moça a ficar junto de si. Sabia que estaria perdida se não usasse a sobrinha como escudo, a sobrinha que os escravos amavam e a quem jamais haveriam de fazer mal.

— Deixe-me falar com eles, tia, insistia a moça. Os escravos gostam de mim e hão de obedecer-me.

Nesse momento a casa foi invadida, e a covarde mulher, de arma na mão, postou-se atrás da sobrinha, dizendo com ironia:

— Matem-me agora!...

E deu um tiro no peito do pobre Isidoro, que vinha na frente de todos com sua perna de pau. O velho tombou inundado em sangue. No mesmo instante, um escravo que empunhava o clavinote de João Raimundo, saltou para o lado e atirou em Dona Rosália, errando a pontaria. A senhora caiu desmaiada e, ao carregá-la para deitar num catre, Amarillis e Cândida Rosa verificaram que já era cadáver. Sofria do coração e o médico havia avisado



que uma emoção forte lhe poderia ser fatal. Amarillis começou a soluçar. Dona Rosália era irmã do seu pai e a moça estimava-a, apesar de tudo.

— Não chore mais, Sinhá-moça, dizia Cândida Rosa, abraçando Amarillis e cobrindo o corpo de Dona Rosália com um lençol. Tudo o que era pior já passou.

Deitaram Isidoro num canapé, afim de que Leôncio, metido a curandeiro, lhe examinasse a ferida, que parecia grave. Rodeado de seus negros, o velho pernetta sorriu tristemente:

— E' uma honra dar a vida pelo rei Alfai, disse ele.

Urgia aproveitar o tempo. Deveriam sair de Vila Rica o mais depressa possível, antes que a auro-ra raiasse. Leôncio fez um curativo no ferimento de Isidoro, verificando que o chumbo encravara numa costela e explicou a um negro o tratamento que deveria ser empregado. Improvisaram uma padio-la na qual deitaram o velho escravo com todo cuidado. Antes que o sol nascesse, e depois de enterrarem os companheiros mortos, os negros rumaram para o quilombo, carregando o seu chefe gravemente ferido. Por sorte, a fazenda de Lourenço Nunes ficava num lugar isolado, e até que a notícia dos acontecimentos chegasse ao vizinho mais próximo, havia tempo para fugirem e se esconderem no mato.

No dia seguinte, bem cedo, Amarillis mandou um mensageiro ao sítio do casal Rodrigues, com um recado. O marido e a mulher, que eram amigos de Lourenço Nunes, vieram imediatamente, tomaram as providências para o enterro de João Raimundo e Dona Rosália prometendo a Amarillis que ficariam na fazenda até a chegada do pai dela.

Duas semanas depois, tratados por Sinhá-moça Chico-Rei e Ambrósio se restabeleceram. Mais contente ainda ficou Amarillis ao saber que o velho Isidoro, apesar de acamado e ainda muito fraco, já estava fóra de perigo.

✱

Cêrca de vinte dias depois, Lourenço Nunes chegou a Vila Rica. Dois longos anos havia ficado na Europa! Amarillis contou ao pai o que havia sucedido, explicando-lhe as circunstâncias. Lourenço Nunes, bastante inteligente e humano, compreendeu tudo e lamentou a morte de Dona Rosália, pois, apesar de tão diferente dele, era sua irmã. Quanto a João Raimundo, uma grande surpresa o esperava. Ao examinar os trastes deixados pelo feitor, encontrou dentro de uma arca de três chaves, no meio de objetos de valor, a famosa pepita de seis quilos, causa de toda a tragédia.

Ficou assim comprovada a deslealdade de João Raimundo, em tão forte contraste com a nobreza de Chico-Rei. Amarillis pediu ao pai que não desse queixa de Isidoro ao governador e que não repreendesse os escravos.

— Eles são gente como nós, pai, disse ela. Por que tratá-los com tanta crueldade e injustiça?

No íntimo, Lourenço Nunes sabia que a filha tinha razão. Proibira de então em diante certos castigos e contratar a um feitor enérgico, porém, justo e tolerante. Daria mais autoridade a Chico-Rei, que era, sem favor, o melhor e mais eficiente de seus escravos.

Um ano depois Amarillis se casou com um fazendeiro paulista, dono de uma lavra em Vila do Carmo (10) o qual já gostava dela há muito tempo. As coisas pareciam ter voltado aos seus lugares.

✱

Lourenço retornou à Europa, deixando a fazenda entregue ao genro e à filha. Dois anos mais se passaram. Organizada e serena, corria agora a

vida dos escravos. Chico-Rei, ajuntando os vintem ganhos com seu trabalho dos sábados e feriados, comprara a liberdade do filho, pagando por ele o mesmo preço pelo qual havia sido arrematado. Livre, Ambrósio só tinha uma preocupação: trabalhar, ganhar dinheiro para comprar o mais depressa possível a liberdade do pai. Casara-se com Cândida Rosa, a quem Amarillis, como presente de núpcias concedera alforria. (11)

Vila Rica apresentava então um aspecto diferente. As grandes florestas virgens haviam sido derrubadas, e as montanhas, com seu dorso nu e queimado, falavam da grande e insaciável ambição do homem. Era incrível a quantidade de ouro encontrado em Vila Rica! Já esgotado no leito dos rios o metal era buscado então nos "taboleiros" e "gru-piars", quase sempre no flanco das montanhas. Esse cascalho de ouro era proveniente de algum antigo leito de rio abandonado havia séculos pelo curso da gua, desviado de seu primitivo rumo por alguma convulsão do globo. A terra vermelha da superfície era cavada até uma profundidade de dois a quatro metros, deixando à mostra uma dura e compacta massa onde se encontrava o cascalho de ouro.

Três anos depois, reunindo suas economias às do filho, Chico-Rei comprou a sua "carta de alforria". Com o auxílio de Cândida Rosa, pai e filho trabalhavam tanto quanto as forças permitiam. Algum tempo depois juntaram dinheiro suficiente para libertar Leôncio. E assim, em alguns anos a tribo inteira de Moçambique estava livre!

Muitas vezes ia o antigo escravo à fazenda de Lourenço Nunes, visitar Amarillis, que tanto o havia protegido. A menina transformara-se numa bela senhora, mãe de três filhos.

Chico voltou a ser outra vez o rei Alfai, Ambrósio o príncipe Cumbicc. Leôncio, o guerreiro Chípêra. Apenas o reino da tribo era outro e ficava nas vastas terras que rodeavam a mina do Palácio Velho comprada por eles. Muito ouro havia sido retirado dela. O sistema adotado era o das cooperativas, sendo o lucro dividido igualmente entre todos, reservando-se contudo uma parte dele para o "fundo de beneficência", destinado à compra da "carta de alforria" dos escravos de outras tribos. Como não tinham escrituração, o tesoureiro encarregado de guardar o dinheiro que os negros depositavam, marcava as quantias recebidas fazendo incisões num bastonete de madeira, que cada um deles possuía. A alforria de centenas de escravos foi comprada desse modo, com o método criado por Chico-Rei.

A "nação" de Alfai escolheu como protetoras Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia, fundou irmandades com esses nomes e construiu a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. E viviam todos felizes, amando e obedecendo àquele rei tão sábio e tão simples.

✱

As ruas de Vila Rica estavam cheias de gente naquela manhã do dia seis de janeiro. O velho Alfai, com sua tribo, ia celebrar a festa de reinado e todo mundo queria ver. Lá vinha o rei finalmente, acompanhado de toda a corte! A seu lado, vestida de rainha, ia a escrava com que Chico-Rei se casara. Usava um vestido rodado de cetim branco, faixa verde, corôa prateada na cabeça, bríncos e joias de ouro puro. Logo atrás, vinham os nobres da corte, empunhando bandeiras vermelhas e azuis, nas quais estavam pintadas as imagens do sol e da lua. Usavam calças brancas, faixas amarelas, cole-

“A PIRATININGA”

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

Capital inteiramente realizado Cr\$ 3.000.000,00

SEGUROS DE INCENDIO — ACIDENTES DO TRABALHO —
ACIDENTES PESSOAIS — TRANSPORTES MARITIMOS E TER-
RESTRES

SUCURSAL PARA O ESTADO DE MINAS GERAIS SOB A DIREÇÃO DE F. BRETAS BHERING

Rua da Bahia, 887-3.º andar-Caixa Postal 137-BELO HORIZONTE

te vermelho e tinham na cabeça um capacete des-
sa mesma cor, enfeitado com plumas brancas.

Ao chegar à praça, Chico-Rei instalou-se num
trono especialmente preparado. Rodeado pela Cór-
te, esperou então a chegada do “embaixador” que,
segundo o ritual, vinha como representante de um
poderoso chefe inimigo, que mantinha o príncipe
herdeiro como refém. Anunciado pelo rufar de
tambores, veio vindo lá do outro lado da rua o “em-
baixador”, acompanhado de seus homens, afim de
comunicar ao rei as condições impostas pelo inimi-
go para a libertação do príncipe. O recém-chegado
usava casaca preta, enfeitada de arminho, faixa
amarela, espada e chapéu de três bicos, ornado com
plumas.

Ao vê-lo chegar o Capitão, secretário do Rei
desembainhou a espada, tocando com ela o pesco-
ço do “embaixador”, que se ajoelhou, pedindo mer-
cê, no que foi acompanhado pelos seus homens.

Chico-rei, continuando a representar o seu pa-
pel, ordenou ao homem que se levantasse, pois pre-
feria conversar com ele em cordialidade. Iniciou-se
então entre os dois uma saudação, em língua afri-
cana: (12)

Embaixador — Andeza, afumuête (Como vai vos-
sa Alteza?)

Rei — Andez, uataté (Vou bem e Vossa Senho-
ria?)

Embaixador — Zamba quitissáva (Sem novidade
felicemente)

Rei — Uciátâte, uombêngo uatíáia (Folgo
muito com isso).

Depois de combinarem amistosamente o resga-
te do príncipe, o “embaixador” retirou-se, todo cheio
de medidas. Pouco depois então, já livre, surgiu
o príncipe Cumbize usando um traje de veludo azul
todo bordado a ouro, com capa de cetim vermelho,
gloriosamente montado num cavalo branco. O her-
deiro, recebido com gritos de alegria e rojões, foi
abraçado pelo rei, pela rainha e nobres da corte.

Logo após, em sinal de regozijo pela libertação
do príncipe, desfilaram todos pelas ruas de Vila Ri-
ca, exibindo danças africanas, ao som de clarins,
chique-chiques, atabaques (13) e agogôs (14). O cor-
tejo parou em frente à Igreja do Rosário onde iria

haver missa solene. Chico-Rei, acompanhado pela
rainha e pelo príncipe, entrou respeitosamente no
templo. Seguíam-no as antigas escravas, com as
saías brancas muito bem engomadas e as carapinhas
cobertas de ouro em pó.

Chico-Rei sentiu-se feliz ao orar a Deus. Esta-
va se realizando o grande sonho de sua vida: al-
viar o sofrimento de seus irmãos. Um dia, mais ce-
do ou mais tarde, os homens haveriam de se enten-
der melhor e se ajudariam uns aos outros, sem dis-
tinação de cor ou classe como ensinara Aquele que
morrera por todos...

Chegara à Europa, entretanto, a notícia do gran-
de número de escravos libertos pelo “fundos de be-
nificência”. Alarmado, o rei de Portugal, D. João
V, baixou um decreto proibindo as “cartas de alfor-
rias” compradas com dinheiro.

*

Quase dois séculos mais tarde, num dia do mês
de maio, uma mulher de feições docês e aristocrá-
ticas, em cujas veias corria sangue real, lia um do-
cumento, sentada junto de uma mesa. Seus olhos
claros iluminaram-se e foi sorrindo que ela pôs sua
assinatura no papel. Estavam quebradas de uma
vez para sempre, as algemas e as gargalheiras, os
“troncos” e as correntes: não mais haveria escravo
no Brasil.

A dama chamava-se Isabel, e apelidaram-na
“A Redentora”.

*

(1) *Almocrifes* — instrumento parecido com enxada,
usado em mineração. (2) *Carombês* — espécie de panela
de madeira. (3) *Gargalheira* — argola de ferro. (4) *Qui-
lombo* — agrupamento de escravos foragidos que se tor-
navam independentes. (5) *Acarajé* — comida africana.
(6) *Caruru* — comida africana. (7) *Umbanda* — feitor na
língua banto. (8) *Bacalhan* — chocote com cinco pontas.
(9) *Nzambi* — língua banto. (10) *Vila do Carmo* — Ho-
je Mariana. (11) *Alforria* — liberdade. (12) Diálogo for-
necido à autora pelo negro ex-escravo José Galdino (Zé
Dotô) de Sabará. (13) *Atabaques* — tambor. (14) *Ago-
gôs* — instrumento de percussão africano.

Noite de Natal



E' noite de Natal. Dos meus vizinhos,

Os filhos contam certo com presentes.

Mas os meus, pobresitos, inocentes,

Quando muito terão os meus carinhos.

Mesmo porque, não tendo sapatinhos,

Para deixar das portas nos batentes,

Não têm direito aos mimos reluzentes,

Que Noel distribui pelos caminhos.

A. B. Lopes Ribeiro

* * *

Inaugurada a maternidade do Hospital...

tos abortos. A profilaxia da sífilis, responsável por 26% na cifra da mortalidade, se faz através do consultório pré-natal. Nesta percentagem não estão incluídos os abortos. O tratamento bem orientado pode diminuir esta percentagem a 2,4%.

A verminose é, frequentemente, encontrada dentre as gestantes e cuidadosamente combatida. A vacinação anti-variolica deve ser feita. E' no consultório pré-natal que se prognostica a permeabilidade pélvica, que se verificam a presença de apresentações distócicas ou menos favoráveis, posições anormais, vícios esses que conduzem ao trabalho de parto prolongado, razão de 15% da natimortalidade. Muitos desses casos com manobras externas ou com prescrições médicas, podem modificar inteiramente, o prognóstico da parturição, transformando apresentações desfavoráveis em apresentações favoráveis.

Na maternidade pela ação conjunta de médicos e enfermeiras tecnicamente aparelhadas é que se previne a mortalidade devida a septicemia e a pneumonia por aspiração; consecutivas às infecções potencial e evidente que ocorrem por aí afora em parturientes assistidas por curiosas, que desconhecem os mais rudimentares princípios de assepsia e antissepsia. A ignorância destas mulheres muitas vezes bem intencionadas, é um dos fatores de maior relevância na justificação da natimortalidade elevada entre nós. A profilaxia da oftalmia purulenta do recém nascido, responsável por muitos casos de cegueira, é feita sistematicamente.

O principal objetivo da maternidade é evitar a morbilidade e mortalidade fetal e materna, é a obtenção de fetos vivos e saudáveis. Senhor Interventor, é na saúde do povo que reside a riqueza da nação.

No pósto de puericultura além do consultório pré-natal, funcionam o gabinete dentário e o lactário.

ASPECTOS DO NATAL NO MUNDO

EM Belém, na antiga Judéia, peregrinos vindos de todas as partes do mundo dirigem-se para a Igreja construída no lugar da choça onde nasceu Jesus.

Em Paris, armam-se nas *boulevards* barracos para a venda de brinquedos. Em frente a essas barracas desfila os *Pápa-Noel* parisienses que vão comprar brinquedos para seus filhinhos.

Nos Estados Unidos, em todas as casas, armam-se mesas para colocar os presentes trazidos pelos Reis Magos.

Em Berlim armam-se grandes pavilhões para a venda de brinquedos e guloseimas para o Natal. Nos subúrbios há mercados para a venda de árvores de Natal.

Em Moscou os populares se juntam nos lugares onde há presepejos armados e ficam horas esquecidas a contemplá-los.

Em Londres, nas vésperas do Natal, desembarcam os gansos importados da França para serem comidos na noite da festa.

Conclusão

A chefia do S.S. e a Diretoria do Hospital Militar são dirigidas por homens de inteligência lúcida, de percepção e apreensão extraordinárias, que compreendem muito bem o grande problema médico social da família do militar. Eles intercederam junto ao ex-comandante geral, ao atual governo do Estado, encontrando a melhor acolhida e recebendo o auxílio necessário para a instalação dessa maternidade. Eles não pouparam nenhum esforço para dotá-la de todos os recursos técnicos modernos como sejam: incubadora Hess, ressuscitador de Emerson, mesa de partos, bomba de sucção elétrica, aparelho para anestesia pelos gases de Heidbrink, etc., foram os melhores que se encontraram no país e no estrangeiro. Tudo isso, porém, foi feito não por motivo de ostentação, de se ter o melhor, de se ter a melhor maternidade de Minas, mas com o pensamento de se dar o melhor à mulher do soldado, que val ser mãe, na hora suprema, dá tudo até a própria vida, pela alegria do lar e grandeza da Pátria.

Espero que o Estado não falte nunca mais com o auxílio moral e material indispensáveis para manter a chama de idealismo dos organizadores e de todos que com o halo de brasilidade vêm patrocinando e colaborando nessa sagrada missão de proteger a maternidade e a infância na Força Policial.

Senhor Interventor, aqui está o que há de mais representativo no selo dessa gloriosa corporação, zeladora da ordem, para trazer-lhe e a todos os que propugnaram pela concretização desta velha aspiração da Força Policial, o seu reconhecimento, a sua gratidão.

Senhor Interventor Júlio Ferreira de Carvalho, prevejo-me do ensino para apresentar-lhe os protestos do meu elevado apreço e votos de sua felicidade pessoal.

SURDEZ

APARELHOS
GARANTIDOS

CASA DA LENTE

RUA DA BAHIA, 894
BELO HORIZONTE



Nas cidades, nas vilas, nas aldeias nas fazendas, em todos os recantos do Estado, FOLHA DE MINAS é o grande jornal que orienta, informa e esclarece os mineiros, que encontram sempre em suas colunas permanente veículo de defesa. Fora do Estado, é também considerável a sua difusão. Órgão que se orgulha de constituir uma expressão legítima da cultura mineira, permanentemente voltado para os altos interesses do Brasil, sempre o norteou o pensamento invariável de trabalhar pela coletividade, cuja confiança jamais desmereceu. Tem lutado com ardor e tem vivido com dignidade. Confortada pela preferência dos mineiros, FOLHA DE MINAS tem sabido refletir-lhes com justeza as aspirações.



Alterosa

Para a família do Brasil

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO
Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MATOS
Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO

ADMINISTRAÇÃO:
Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Caixa Postal, 279 — Endereço Telegráfico "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais

SUCURSAL NO RIO:
Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — Apartamento 1º
Fone 26-1881

SUCURSAL EM SÃO PAULO:
Diretor: Werther Farinello
Rua São Bento, 220 — 3.º andar
Fone 2-1512

ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números) . . . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$ 70,00
Estes preços são mantidos para todos os países do continente americano. Para a Europa e outros continentes, há um acréscimo de 80% na tarifa de assinaturas.

VENDA AVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum . . . Cr\$ 3,00
Números especiais . . . Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais . . . Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

SECRETÁRIO FUNDADOR — Teódulo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Anita Carvalho, Antonietta Torres Assumpção, Bahia de Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edson Pinheiro, Francisco Armond, Guilherme Figueiredo, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, José Lara, Joubert Guerra, sr. Leandro Dupré, Luiz Otávio, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araujo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Neyde Joppert, Nóbrega de Siqueira, Olga Obry, Oscar Mendes, Pedro Ribeiro da Franca e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araujo.

DESENHOS — Fábio Borges, Faria Junior, Érico de Paula, Rodolfo e Rocha.

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brelner Ltda.

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados. E não mantém correspondência com autores de trabalhos que não tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.



Caixa Postal

TERCIO BADARÓ — São Paulo — Nossos agradecimentos pelo trecho de sua missiva: "...para apresentar minhas congratulações à direção dessa excelente publicação, pois é das melhores, senão a melhor, entre as que são apresentadas ao público brasileiro." Sua assinatura foi anotada para começar com esta edição.

ELISA G. P. MOREIRA — Itanhandu — Não foi possível aproveitar o seu conto. Persevere e leia muito os bons autores.

CELIA SANTOS — Capital — Seu conto tem falhas irremediáveis. Leia muito os bons autores, antes de começar qualquer tentativa.

WANDIR MIRANDA — Capital — O seu conto e o desenho que o acompanhou não servem. Procure ler os bons contistas.

BÁSILIO MARTINS — Capital — O seu soneto se essente de inúmeras falhas, principalmente de métrica. Dai...

A. R. A. — Rio Casca — Impossível aproveitar seu "conto", cujo desenvolvimento é falho sob todos os aspectos.

ELEN LAURIE — Casa Branca — Seu conto não logrou aprovação. Selecione um tema e tente fazer outro trabalho.

MAURO H. CRUZ — Capital — Infelizmente, não é possível aproveitar o seu conto. Antes de novas tentativas, leia os bons contistas.

OCADÉ — Capital — O seu conto não serve. Mas você tem jeito. Persevere.

RUSSIA N. PERDIGÃO — Capital — Seu soneto apresenta algumas falhas de métrica que nos impedem aproveitá-lo. Tente novamente.

P. — Sergipe — O seu poema não merece publicação.

M. A. C. — Sergipe — As falhas de métrica de seu soneto estão por demais visíveis, razão por que não poderá aparecer. Que fazer?

LUÍZA MARIA — Capital — Seu conto possui defeitos irremediáveis. Procure ler os bons contistas.

PAULO RIBEIRO — Boa Esperança — "Rosa Mística" aprovado. Mandemos outros contos, pois as edições são preparadas com regular antecedência.

THEODERICK GASPAR DE ALMEIDA — Rio — Recebemos, com prazer, seu lindo poema dedicado à sua filha.

lhinha. Sairá, ilustrado. Continue honrando-nos com a sua colaboração.

OLIVEIRA E SILVA — Recebemos o seu soneto e vamos publicá-lo, com o máximo prazer.

YARA NATAN — Rio — Sua colaboração foi recebida, com o agrado de sempre. Quanto ao poema "Papal Noel decepçionador" lamentamos dizer-lhe que chegou tarde demais. Os números comuns de ALTEROSA são organizados geralmente com mês e mês de antecedência, e os especiais com dois e às vezes até três, devido ao demorado serviço das ilustrações e confecção de clichês. Somos gratos às elogiosas expressões para com esta revista e continuamos ao seu inteiro dispor.

LYCIO NEVES — Pernambuco — "Fuga" sairá. Agradecemos suas expressões amáveis para com ALTEROSA e continuamos ao seu dispor.

J. ABAUJO VIEIRA — Capital — Não nos é possível considerar o seu "caso" como conto. Poderíamos quando muito considerá-lo uma anedota... fraquinha. Acreditamos, no entanto, que o amigo possa produzir contos após atenta leitura dos bons autores. Quer experimentar?

OLAVO VITRAL — Capital — O seu conto não pode ser aproveitado: enredo banal e assim mesmo mal focalizado. Selecione um tema e tente outro conto. Se ficar bom, publicá-lo-emos com prazer.

EVE RIBEIRO LOURES — Juiz de Fora — Seu poema peca pela forma e pelo conteúdo. Não pode ser publicado.

LUIS OTAVIO — Rio — Recebemos suas novas trovas, que sairão.

LIA CASIS — Casa Branca — Uma história de árabes aventureiros no interior do Brasil é algo cinematográfico... Atente na vida real, que é tão rica de fantasia, e escreva outro conto, usando apenas um lado do papel... Sim?

J. P. BRAGA — Goiânia — Falhos na métrica e na rima, seus poemas são longos demais. Infelizmente, não merecem publicação.

NÓBREGA DE SIQUEIRA — Rio — Iniciamos, com prazer, a sua novela nesta edição. O conto que nos mandou é esplêndido mas não é inédito... Continue a honrar-nos com a sua valiosa colaboração.

Todos estamos convencidos!

este creme dental antisséptico ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.

agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.

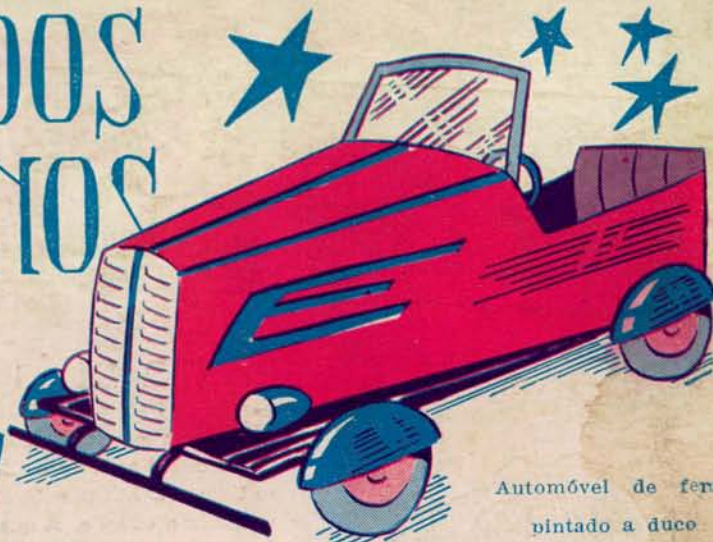


*basta um cm.
na escova
seca!*

BRINQUEDOS AMERICANOS

ACABAM DE CHEGAR DIRETAMENTE DOS EE. UU.

Loja Hollywood



Automóvel de ferro pintado a dúco

Acabamos de receber belíssimos brinquedos americanos, em variadíssimo sortimento que se acha exposto em nossas vitrines e estão sendo oferecidos a preços convidativos.

FACILITAMOS O PAGAMENTO
Para festas de Natal e Ano Bom

*

Velocípede com side-car, pintado a fogo



Ping-pong para jogos oficiais



Toucas para chuveiros e piscina em matéria plástica

*

Capas impermeáveis de matéria plástica

Loja Hollywood



Fabio

RUA DA BAHIA, 1052 - FONE - 2-4548 - BELÓ HORIZONTE